

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FALE – FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Sirlene Antonia Rodrigues Costa

**OS CLÍTICOS PRONOMINAIS EM CONTEXTOS DE  
REFLEXIVIDADE/PRONOMINALIDADE VERBAL  
NA FALA DA CIDADE DE CATALÃO-GO**

Belo Horizonte

2022

Sirlene Antonia Rodrigues Costa

**OS CLÍTICOS PRONOMINAIS EM CONTEXTOS DE  
REFLEXIVIDADE/PRONOMINALIDADE VERBAL  
NA FALA DA CIDADE DE CATALÃO-GO**

Tese de Doutorado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Minas Gerais.

**Área de Concentração:** Linguística Teórica e Descritiva

**Linha de Pesquisa:** Estudo da Variação e Mudança Linguística

**Orientadora:** Dr<sup>a</sup>. Aléxia Teles Duchowny

Belo Horizonte

2022

C837c Costa, Sirlene Antônia Rodrigues.  
Os clíticos pronominais em contextos de reflexividade/pronominalidade verbal na fala da cidade de Catalão-GO. [manuscrito] / Sirlene Antônia Rodrigues Costa. – 2022.

1 recurso online (302 f.: il., grafs., tabs., map., color.): pdf.

Orientadora: Aléxia Teles Duchowny.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 245-255.

Apêndices: f. 256-300.

Anexos: f. 301-302.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa – Português falado – Catalão (GO) – Teses.  
2. Língua portuguesa – Regionalismos – Catalão (GO) – Teses. 3.  
Língua portuguesa – Variação – Catalão (GO) – Teses. 4.  
Sociolinguística – Catalão (GO) – Teses. 5. Língua portuguesa –  
Pronomes – Teses. 6. Língua portuguesa – Verbos – Teses. I.  
Duchowny, Aléxia Teles. II. Universidade Federal de Minas Gerais.  
Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.798

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**OS CLÍTICOS PRONOMINAIS EM CONTEXTOS DE REFLEXIVIDADE/PRONOMINALIDADE VERBAL NA FALA  
DA CIDADE DE CATALÃO - GO**

**SIRLENE ANTONIA RODRIGUES COSTA**

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 09 de setembro de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Alexia Teles Duchowny - Orientadora

UFMG

Prof(a). Clézio Roberto Gonçalves

UFOP

Prof(a). Márcia Cristina de Brito Rumeu

UFMG

Prof(a). Vanessa Regina Duarte Xavier

UFCAT

Prof(a). Vânia Cristina Casseb Galvão

UFG

Belo Horizonte, 09 de setembro de 2022.



[10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



Documento assinado eletronicamente por **Vanessa Regina Duarte Xavier, Usuária Externa**, em 13/09/2022, às 08:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



Documento assinado eletronicamente por **Alexia Teles Duchowny, Professora do Magistério Superior**, em 13/09/2022, às 09:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



Documento assinado eletronicamente por **Vania Cristina Casseb Galvão, Usuária Externa**, em 13/09/2022, às 12:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



Documento assinado eletronicamente por **Marcia Cristina de Brito Rumeu, Professora do Magistério Superior**, em 14/09/2022, às 15:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1753313** e o código CRC **9287834C**.

Ao meu pai Fábio Mendes Rodrigues (*In memoriam*) e à minha mãe Jacira Alves Rodrigues, as minhas maiores referências de vida, de simplicidade e de sabedoria, conjugados, ao mesmo tempo, em dois seres únicos. Seus exemplos de abdição e amor aos filhos me orientam sempre nas minhas tomadas de decisões. Dedico.

## AGRADECIMENTOS

Um trabalho acadêmico não toma forma somente pelo empenho precioso do seu autor que, por direito, imprime a sua assinatura na capa e nas linhas que o compõem. Ele é resultado também da participação de muitos e muitas, às vezes, idôneos e anônimos, mas que são pessoas socialmente importantes, do ponto de vista da essência humana e que, generosamente, nos emprestaram os seus tempos e os seus saberes para que pudéssemos arquitetar este texto de tese! Àqueles e àquelas que estiveram conosco, o tempo todo, enquanto este texto ia sendo engenhosamente construído. O ato de agradecê-los, aqui, vai muito além do reconhecimento das suas importantes participações neste produto final, mas se encerra no mais profundo gesto de gratidão e de carinho por estas pessoas existirem no mundo e por fazerem parte da nossa vida.

Agradeço, de forma muito especial, às minhas duas orientadoras, a professora Dr<sup>a</sup>. Maria do Carmo Viegas, pessoa que me acolheu inicialmente no Programa da Pós-Graduação e que discutiu comigo os primeiros passos da pesquisa. Sua decisão, em aceitar que eu fosse sua orientanda, dava início da esta história.

Em segundo momento, e igualmente decisivas foram as contribuições, o carinho, a paciência, a delicadeza e a sabedoria da minha eterna orientadora, a professora Dr<sup>a</sup>. Aléxia Teles Duchowny, com a qual aprendi mais do que fazer pesquisa e escrever tese, o que não é pouco, mas, sobretudo, aprendi o sentido exato da palavra generosidade. A expressão pegar o orientando pelas mãos e fazer o impossível para que a pesquisa e a tese acontecessem, no seu papel de orientadora.

Aos meus amigos da vida e do coração, Arlete Mendes, Kátia Augusta Curado Cordeiro da Silva, Guido Carvalho, Hélvio Frank de Oliveira, Flávia de Paula, Shirley Elianny Rocha Mattos, Francisco Edilson de Souza, Silvair Félix dos Santos, o meu muito obrigada por estarem sempre comigo nos momentos de angústias e conquistas, em que eu me via sem rumo e por discutirem e projetarem comigo este texto.

Obrigada às minhas amigas irmãs de Belo Horizonte, Francys, Marina e Ana Carolina, que são as famílias que as Minas Gerais me presentearam neste doutorado!

Obrigada aos funcionários e aos professores do Poslin, por me acolherem tão bem nas dependências da Faculdade de Letras e do Programa da Pós-Graduação em Letras da UFMG, espaços inicialmente tão alheios ao meu transitar.

Agradeço, também, às pessoas que me acolheram e me ajudaram imensamente nas minhas idas e vindas à Catalão, Selma, Ana Maria do Nascimento e Isabela Cecília do Nascimento, amigas que a pesquisa me deu. São pessoas que, verdadeiramente, emanam luz, sabedoria e valores tão raros à vida moderna. Sem a ajuda dessas três grandes mulheres seria muito mais difícil encontrar aqueles e aquelas que se constituíram em sujeitos da pesquisa, os informantes.

Agradeço, de forma muito especial, aos que nos emprestaram suas falas, seu tempo, seus saberes linguísticos e de mundo, para que pudéssemos transformá-los em conhecimentos científicos. Pessoas que são, efetivamente, coautoras desse texto de tese. Suas falas é o que garante o colorido todo diferenciado ao que descrevemos em todas as páginas deste texto.

Também foram coautoras desse fazer científico meus colegas do Colegiado de Letras – Campus Central Nelson de Abreu Júnior da Universidade Estadual de Goiás que assumiram as aulas e as atividades que eram por mim desenvolvidas no Curso, nos momentos em que tive que me dedicar às disciplinas, à coleta de dados e à escrita da tese. A licença concedida pela Universidade, para que eu pudesse estar em Belo Horizonte cursando as disciplinas e depois cuidando da pesquisa, só me foi possível porque os meus colegas

acreditaram no meu potencial e compreenderam a importância do meu afastamento da Universidade, naqueles momentos.

Agradeço, ainda, à amiga Loçandra Borges, geógrafa e cartógrafa, professora da Universidade Estadual de Goiás, que confeccionou o mapa geopolítico de Goiás e de Catalão, que se encontra no corpo deste texto.

De igual modo, agradeço, imensamente, a Carolina Queiroz de Andrade, professora e estatística da Universidade de Brasília – UNB, denominada, por mim, de “Anjo”, pelas preciosas ajudas com o Programa Estatístico GoldVarb X, com os gráficos e tabelas que constam neste texto. Sem os seus preciosos saberes, acerca dos números e dos métodos de análise da Sociolinguística, certamente, seria bem mais difícil interpretar as informações contidas nos dados linguísticos e sociais coletados.

De igual modo, agradeço a profissional Renata Braudes pela dedicação e carinho empregados na formatação dessa tese, tornando-a mais apresentável e mais compreensiva do ponto de vista acadêmico.

Os saberes dessas pessoas, cada um a seu modo e área de conhecimento, foram fundamentais para que este texto pudesse ser concretizado. São préstimos profissionais tão preciosos e que tanto enriquecem e complementam os densos textos científicos, que se tornam impagáveis monetariamente. Todas estas profissionais são também coautoras deste trabalho.

Além destas pessoas justamente nominadas aqui, agradeço de forma muito especial à minha família, aos meus irmãos, cunhada, marido, filhos, genro, noras e netos. Obrigada por embarcarem comigo neste sonho de doutoramento. Sei que minha presença física fez falta, em muitos momentos importantes, mas, ainda assim, apostaram no meu propósito e na minha capacidade de produzir conhecimento e entenderam quando não pude estar com eles, mesmo nas ocasiões especiais e de família.



A língua não existe. O que existe, concretamente, são falantes da língua, seres humanos com história, cultura, crenças, desejo e poder de ação. A língua muda porque os falantes, todos, são dotados de extraordinárias capacidades cognitivas, de um cérebro que o tempo todo, a cada instante, está processando e reprocessando a língua, que é o mais importante vínculo de cada indivíduo com o universo que o rodeia e o mais importante cimento de construção da identidade de um grupo humano (BAGNO, 2011, p. 199).

## RESUMO

Esta tese de doutorado apresenta os resultados e as considerações acerca do estudo da variação e mudança dos clíticos pronominais *me*, *te*, *se* e *nos*, em contextos em que os verbos do Português Brasileiro indicam o sentido de reflexividade/pronominalidade. Para tanto, foram analisadas amostras de fala da cidade de Catalão-GO, a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista e das Teorias da Variação e Mudança Linguística. As análises linguísticas tiveram como referência a variável binária dependente: *presença* x *ausência* do clítico pronominal, nos contextos verbais especificados, considerando que a alternância dessas variáveis, na fala dos catalanos, é influenciada por fatores linguísticos e sociais. Assim, os objetivos gerais consistiram em analisar a estruturação dos clíticos pronominais, a partir das variáveis *presença* x *ausência* destes clíticos, em sentenças em que seus verbos principais se caracterizam por reflexivos/pronominais, tomando como referências a fala da cidade de Catalão-GO. Dentre os objetivos específicos, a pesquisa teve como propósito identificar se a *ausência* dos clíticos pronominais, nestes contextos verbais, se caracteriza por uma variação linguística ou se já pode ser considerada como sendo uma mudança linguística. Além disso, buscou-se verificar, em termos quantitativos e qualitativos, as possíveis interferências das variáveis independentes sobre as variáveis dependentes. Para tanto, os dados foram submetidos ao Programa Estatístico GoldVarb X que gerou resultados que possibilitaram proceder as análises linguísticas, representadas em gráficos e tabelas e interpretadas à luz das teorias. Estas análises se deram em 511 ocorrências verbais, num total de 133 verbos diferentes, obtidos das entrevistas realizadas com 24 informantes, 12 mulheres e 12 homens. Os informantes foram agrupados em três níveis de escolaridade (baixa, média e alta) e em três faixas etárias diferentes (jovens = 18 a 29 anos, adultos = 30 a 49 anos e adultos + = acima de 50 anos). Nota-se que os resultados indicaram que há, em Catalão-GO, uma mudança linguística em fase avançada, favorecendo a *ausência* dos clíticos pronominais, conforme também observado em outras regiões do Estado de Goiás. Além disso, os números demonstraram, ainda, que a escola tem forte influência para a preservação da regra geral que solicita a *presença* dos clíticos nestes contextos verbais especificados. No entanto, mesmo entre os falantes mais escolarizados verificamos que também ocorrem mudanças, embora esta se dê de forma mais lenta e menos expressiva.

**Palavras-Chave:** Sociolinguística Variacionista. Clíticos pronominais. Verbos reflexivos/pronominais. Fala. Catalão-GO.

## ABSTRACT

This doctoral thesis shows the results and considerations about the studies on the variation and changing of the clitic pronouns *me*, *te*, *se* e *nos*, in contexts where the Brazilian Portuguese verbs indicate a sense of reflexivity and pronominality. To do so, speech samples from the city of Catalão-GO were analysed based on the Variationist Sociolinguistic' theoretical and methodological assumptions and also based on the Variation Theories and Linguistics Changings. The linguistics analysis had the dependent binary variety as reference: *presence x absence* of clitic pronouns, in the specified verbal contexts, considering these variable alternation in the catalanos speech, it is influenced by linguistic and social factors. Therefore, the main objectives consisted in the analysis of the clitic pronoun structure analysis, beginning with the variables of presence x absence of these clitics, in sentences where its main verbs are characterized by the reflexive/pronominal, having as reference the speech in the city of Catalão-GO. Among the specific objectives, the research had as a goal to identify whether the absence of the pronominal clitics, in these verbal contexts, it is characterized by a linguistic variation or if it can already be considered as a linguistic change. Besides, we aimed at verifying, in quantitative and qualitative terms, the possible interferences of the independent variables on the dependent variables. Therefore, the data was submitted to the Statistic Program GoldVarb X which generated results that made it possible to proceed on the linguistic analysis, represented in graphics and charts interpreted on the light of theories. These analyses appeared in 511 verbal occurrences, in a total of 133 different verbs, obtained from the interviews with 24 interviewees, 12 men and 12 women. The informants were grouped in three schooling levels (low, middle and high) and in three different age groups (young = 18 to 29 years old, adults = 30 to 49 and adults+ = above 50). It is realized that the results indicated that there is and advanced linguistic change in Catalão-GO, favoring the absence of the clitic pronouns, also observed in other regions in the state of Goiás. Besides, the numbers also showed that the school has a strong influence on the preservation of the general rule that asks for the presence of clitics on these specified verbal contexts. However, even among the most schooled speakers it is verified that changes also occur, although this happens more slowly and less expressively.

**Key Words:** Variationist Sociolinguistics. Clitic pronouns. Reflexive/pronominal verbs. Speech. Catalão-GO.

## RESUMEN

Esta tesis de doctorado presenta los resultados y las consideraciones acerca del estudio de la variación y cambio de los clíticos pronominales *me*, *te*, *se* y *nos* en contextos en los que los verbos del Portugués Brasileño indican el sentido de reflexividad/pronominalidad. Para ello, se analizaron muestras de habla de la ciudad de Catalão (Goiás), a partir de los presupuestos teóricos y metodológicos de la Sociolingüística Cuantitativa Urbana o Variacionismo y de las Teorías de la Variación y Cambio Lingüístico. Los análisis lingüísticos tuvieron como referencia la variable binaria dependiente: *presencia* x *ausencia* del clítico pronominal en los contextos verbales especificados, considerando que la alternancia de esas variables, en el habla de los habitantes de Catalão, se ve afectada por factores lingüísticos y sociales. Por consiguiente, los objetivos generales consistieron en analizar la estructuración de los clíticos pronominales a partir de las variables *presencia* x *ausencia* de estos clíticos en oraciones en las que sus verbos principales se caracterizan por reflexivos/pronominales, tomando como referencias el habla de la ciudad de Catalão. Entre los objetivos específicos, la investigación tuvo el propósito de identificar si la *ausencia* de los clíticos pronominales, en estos contextos verbales, se caracteriza por una variación lingüística o si ya se puede considerar un cambio lingüístico. Asimismo, se buscó verificar, en términos cuantitativos y cualitativos, las posibles interferencias de las variables independientes sobre las variables dependientes. Para eso, se sometieron los datos al Programa Estadístico GoldVarb X, que generó resultados que permitieron realizar los análisis lingüísticos, representados en gráficos y tablas e interpretados a la luz de las teorías. Estos análisis se produjeron en 511 eventos verbales, en un total de 133 verbos distintos, obtenidos a partir de entrevistas con 24 informantes, 12 mujeres y 12 hombres. Se agrupó a los informantes en tres niveles de escolaridad (baja, media y alta) y en tres grupos de edades distintas (jóvenes = 18 a 29 años, adultos = 30 a 49 años y adultos + = mayores de 50 años). Se observa que los resultados indicaron que existe en Catalão un cambio lingüístico en etapa avanzada que favorece la *ausencia* de los clíticos pronominales, lo que también se observa en otras regiones del Estado de Goiás. Además, los números también mostraron que la escuela ejerce una fuerte influencia en la preservación de la regla general que solicita la *presencia* de los clíticos en estos contextos verbales especificados. Sin embargo, incluso entre los hablantes con escolaridad más alta, encontramos que también se producen cambios, aunque suceda de modo más lento y menos expresivo.

**Palabras clave:** Sociolingüística Cuantitativa Urbana o Variacionismo. Clíticos pronominales. Verbos reflexivos/pronominales. Habla. Catalão-GO.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|             |  |     |
|-------------|--|-----|
| Figura 1 –  | Mapa da Localização Geográfica de Catalão.....   | 41  |
| Quadro 1 –  | Síntese do tratamento dos verbos reflexivos/pronominais em Gramáticas Tradicionais .....           | 87  |
| Quadro 2 –  | Síntese comparativa do tratamento dos verbos reflexivos/pronominais em Gramáticas Descritivas..... | 91  |
| Quadro 3 –  | Os verbos reflexivos/pronominais em dicionários.....   | 92  |
| Quadro 4 –  | Modelo de Ficha de Registro do Perfil do Informante.....   | 98  |
| Quadro 5 –  | O perfil social dos informantes.....   | 99  |
| Quadro 6 –  | Os informantes da pesquisa e as variáveis sociais.....   | 100 |
| Quadro 7 –  | As pessoas do verbo/clítico pronominal.....  | 112 |
| Quadro 8 –  | A <i>classe semântica</i> dos verbos.....  | 121 |
| Quadro 9 –  | Estrutura morfológica dos clíticos pronominais.....  | 158 |
| Quadro 10 – | Outras pesquisas sobre os clíticos pronominais no Português Brasileiro.....                        | 193 |
| Gráfico 1 – | Resultado geral de <i>presença</i> versus <i>ausência</i> dos clíticos pronominais....             | 197 |

### Lista de quadros e figuras dos Apêndices

|            |   |     |
|------------|---|-----|
| Quadro 1 – | As principais normas de transcrição dos dados.....  | 262 |
| Quadro 2 – | Relação dos verbos pronominalizados ou passíveis de pronominalização transcritos do <i>corpus</i> ..... | 263 |
| Quadro 3 – | Classes semânticas dos verbos .....   | 269 |
| Figura 1 – | Principais fluxos migratórios no Brasil – 1950 a 1970.....  | 301 |
| Figura 2 – | Processos migratórios do Brasil – 1970 a 1990.....  | 302 |

## LISTA DE TABELAS

|             |  |     |
|-------------|--|-----|
| Tabela 1 –  | Comparação dos usos e não usos do <i>se</i> em Manhuaçu e Rio de Janeiro.....          | 148 |
| Tabela 2 –  | Percentuais de supressão dos clíticos pronominais.....                                 | 152 |
| Tabela 3 –  | Frequência dos pronomes nos grupos dos <i>reflexivos</i> e <i>não-reflexivos</i> ..... | 154 |
| Tabela 4 –  | <i>Presença x ausência</i> de generalização do <i>se</i> .....                         | 167 |
| Tabela 5 –  | Frequência da marca pronominal em contextos esperados.....                             | 177 |
| Tabela 6 –  | Frequência de realização da forma anafórica na cadeia sintagmática.....                | 178 |
| Tabela 7 –  | Posição do clítico pronominal na oração.....   | 179 |
| Tabela 8 –  | Pessoa do discurso.....  | 180 |
| Tabela 9 –  | Papel temático do Arg1.....  | 181 |
| Tabela 10 – | <i>Status</i> semântico do verbo em Kemmer (1993) e Pereira (2007).....                | 182 |
| Tabela 11 – | Quantitativo de <i>tokens</i> da voz reflexiva na Fala Goiana.....                     | 187 |
| Tabela 12 – | A voz reflexiva na Fala Goiana em contraste com os tipos de verbos.....                | 187 |
| Tabela 13 – | Efeito da variável <i>idade</i> .....  | 199 |
| Tabela 14 – | Efeito da variável <i>escolaridade</i> .....   | 203 |
| Tabela 15 – | Efeito da variável <i>tipos de discurso</i> .....                                      | 207 |
| Tabela 16 – | Efeito da variável <i>transitividade do verbo</i> .....                                | 211 |
| Tabela 17 – | Efeito da variável <i>tipos de clítico pronominal</i> .....                            | 215 |
| Tabela 18 – | Cruzamento das variáveis <i>escolaridade</i> e <i>idade</i> .....                      | 220 |
| Tabela 19 – | Efeito da variável <i>a pessoa do verbo/clítico pronominal</i> .....                   | 225 |
| Tabela 20 – | Efeito da variável <i>classe semântica do verbo</i> .....                              | 229 |
| Tabela 21 – | Efeito da variável <i>animacidade do sujeito</i> .....                                 | 231 |
| Tabela 22 – | Efeito da variável <i>sexo</i> do informante.....                                      | 233 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|        |   |
|--------|---|
| ALINGO | Atlas Linguístico de Goiás                          |
| IBGE   | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística     |
| IDHM   | Índice de Desenvolvimento Humano Municipal          |
| MD     | Morfologia Distribuída                              |
| OD     | Objeto Direto                                       |
| OMS    | Organização Mundial de Saúde                        |
| OI     | Objeto Indireto                                     |
| PB     | Português Brasileiro                                |
| SN     | Sintagma Nominal                                    |
| TDIp   | Transitivo Direto e Indireto Pronominais            |
| TDp    | Transitivas Diretas Pronominais                     |
| TGP    | Tradição Gramatical do Português                    |
| TIp    | Transitivos Indiretos Pronominais                   |
| UFCAT  | Universidade Federal de Catalão                     |
| UFG    | Universidade Federal de Goiás                       |
| UFMG   | Universidade Federal de Minas Gerais                |
| UFOP   | Universidade Federal de Ouro Preto                  |
| UFU    | Universidade Federal de Uberlândia                  |
| VALPE  | Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba   |
| VARSUL | Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil |
| VRM    | Voz Reflexiva Marcada                               |
| VRNM   | Voz Reflexiva Não Marcada                           |
| VRP    | Voz Reflexiva Prototípica                           |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>18</b> |
| <b>CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DE<br/>COMUNIDADE DE FALA PESQUISADA.....</b> | <b>26</b> |
| <b>1.1 O estado de Goiás no cenário nacional.....</b>  | <b>29</b> |
| <b>1.2 A formação populacional e linguística de Goiás.....</b>                                 | <b>36</b> |
| 1.2.1 Catalão no cenário goiano.....   | 40        |
| <b>CAPÍTULO 2 – CONTEXTUALIZAÇÃO DOS OBJETOS DE ESTUDO DA<br/>PESQUISA.....</b>                | <b>46</b> |
| <b>2.1 As nomenclaturas, conceitos e categorizações dos clíticos pronominais.....</b>          | <b>47</b> |
| 2.1.1 Quando <i>me, te, se</i> e <i>nos</i> são chamados de pronomes.....                      | 49        |
| 2.1.2 Quando o <i>me, te, se</i> e <i>nos</i> são chamados de clíticos.....                    | 53        |
| <b>2.2 Descrição das classes dos clíticos pronominais no Português Brasileiro.....</b>         | <b>53</b> |
| 2.2.1 Os reflexivos.....   | 56        |
| 2.2.2 Os recíprocos.....   | 61        |
| 2.2.3 Os inerentes.....  | 64        |
| 2.2.4 Os apassivadores.....  | 70        |
| 2.2.5 Os indeterminadores.....   | 73        |
| 2.2.6 Os ergativos.....  | 77        |
| 2.2.7 Os enfáticos.....  | 78        |
| <b>2.3 Os verbos reflexivos/pronominais.....</b>   | <b>79</b> |
| 2.3.1 O tratamento dos verbos reflexivos/pronominais em Gramáticas Tradicionais.....           | 83        |
| 2.3.1.1 <i>Celso Luft (1985)</i> .....   | 83        |
| 2.3.1.2 <i>Peres e Mória (1995)</i> .....  | 83        |
| 2.3.1.3 <i>Rocha Lima (2003)</i> .....   | 84        |
| 2.3.1.4 <i>Bechara (2009)</i> .....  | 84        |
| 2.3.1.5 <i>Cunha e Cintra (2013)</i> .....   | 85        |
| <b>2.4 O tratamento dos verbos reflexivos/pronominais em Gramáticas Descritivas.....</b>       | <b>88</b> |
| 2.4.1 Azeredo (2008).....  | 88        |
| 2.4.2 Bagno (2011).....  | 89        |
| 2.4.3 Neves (2011).....  | 89        |



|  |            |
|--|------------|
| 2.4.4 Perini (2016).....   | 89         |
| 2.4.5 Síntese comparativa dos verbos reflexivos/pronominais em dicionários do Português Brasileiro.....            | 92         |
| <b>CAPÍTULO 3 – OS MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....</b>  | <b>93</b>  |
| <b>3.1 A constituição do <i>corpus</i> da pesquisa – a etapa da coleta dos dados.....</b>                          | <b>94</b>  |
| <b>3.2 A seleção dos informantes da pesquisa.....</b>  | <b>97</b>  |
| <b>3.3 O perfil social dos informantes.....</b>  | <b>98</b>  |
| <b>3.4 Os instrumentos da coleta de dados – as entrevistas.....</b>  | <b>100</b> |
| <b>3.5 Os procedimentos de transcrição e separação dos dados.....</b>  | <b>103</b> |
| <b>3.6 A quantificação da amostra – as análises qualitativas e quantitativas.....</b>                              | <b>104</b> |
| <b>3.7 Os procedimentos de contagem dos dados.....</b>   | <b>106</b> |
| <b>3.8 As variáveis da pesquisa – o que considerar em uma pesquisa sociolinguística?.....</b>                      | <b>107</b> |
| 3.8.1 As variáveis dependentes.....  | 107        |
| 3.8.2 As variáveis independentes.....  | 108        |
| 3.8.2.1 <i>As variáveis linguísticas.....</i>  | 109        |
| 3.8.2.1.1 <i>A variável <u> pessoa do verbo/clítico pronominal</u>.....</i>  | 109        |
| 3.8.2.1.2 <i>A variável <u> posição do clítico pronominal</u>.....</i>   | 113        |
| 3.8.2.1.3 <i>A variável <u> tipos de clítico pronominal</u>.....</i>   | 115        |
| 3.8.2.1.4 <i>A variável <u> transitividade do verbo</u>.....</i>   | 119        |
| 3.8.2.1.5 <i>A variável <u> classe semântica do verbo</u>.....</i>   | 120        |
| 3.8.2.1.6 <i>A variável <u> tipos de discurso</u>.....</i>   | 124        |
| 3.8.2.1.7 <i>A variável <u> animacidade do sujeito</u>.....</i>  | 126        |
| 3.8.2.2 <i>As variáveis sociais.....</i>   | 127        |
| 3.8.2.2.1 <i>A variável <u> sexo</u>.....</i>  | 128        |
| 3.8.2.2.2 <i>A variável <u> idade</u>.....</i>   | 130        |
| 3.8.2.2.3 <i>A variável <u> escolaridade</u>.....</i>  | 133        |
| <b>CAPÍTULO 4 – AS PESQUISAS LINGUÍSTICAS E O APAGAMENTO DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....</b> | <b>136</b> |
| <b>4.1 Veado (1982) – O comportamento linguístico do dialeto rural de Minas Gerais.....</b>                        | <b>138</b> |
| <b>4.2 Lemle (1985) – Pronomes, anáforas, zero: observações sobre uma mudança linguística.....</b>                 | <b>141</b> |

|   |            |
|---|------------|
| <b>4.3 D’Albuquerque (1988) – A perda dos clíticos em um dialeto mineiro.....</b>   | <b>143</b> |
| <b>4.4 Nunes (1990; 1995) – O Famigerado Se e Ainda o Famigerado Se.....</b>  | <b>149</b> |
| <b>4.5 Lima (2006) – O percurso diacrônico das construções com o pronome “se” na Língua Portuguesa como um processo de gramaticalização.....</b>                        | <b>153</b> |
| <b>4.6 Pereira (2006) – Os pronomes clíticos no Português Brasileiro contemporâneo na perspectiva teórica da Morfologia Distribuída – MD.....</b>                       | <b>156</b> |
| <b>4.7 Bandeira (2007) – A presença e ausência de “se” nas posições de sujeito e objeto: um estudo variacionista com dados do VARSUL do Paraná.....</b>                 | <b>159</b> |
| <b>4.8 Pereira (2007) – Variação e mudança no uso dos pronomes reflexivos no português popular da capital paulista: uma abordagem funcionalista e cognitivista.....</b> | <b>165</b> |
| <b>4.9 Mello (2005; 2009) – Dois estudos do clítico “se”, na 3ª pessoa, na fala de João Pessoa-PB.....</b>  | <b>168</b> |
| <b>4.10 Barros (2011; 2016).....</b>  | <b>175</b> |
| <b>4.11 Outras pesquisas acerca dos clíticos pronominais em contextos de reflexividade/pronominalidade.....</b>   | <b>193</b> |
| <b>CAPÍTULO 5 – OS RESULTADOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS DA PESQUISA.....</b>   | <b>194</b> |
| <b>5.1 Os resultados das variáveis significativas estatisticamente.....</b>   | <b>196</b> |
| 5.1.1 1º Grupo de fatores por significância estatística – a variável <i>idade</i> .....   | 199        |
| 5.1.2 2º Grupo de fatores por significância estatística – a variável <i>escolaridade</i> .....  | 203        |
| 5.1.3 3º Grupo de fatores por relevância estatística – <i>tipos de discurso</i> .....   | 207        |
| 5.1.4 4º Grupo de fatores por relevância estatística – a <i>transitividade do verbo</i> .....   | 211        |
| 5.1.5 5º Grupo de fatores por relevância estatística – <i>tipos de clítico pronominal</i> .....   | 215        |
| <b>5.2 Cruzamento das variáveis <i>escolaridade e idade</i>.....</b>  | <b>220</b> |
| <b>5.3 As variáveis sem “significância” estatística.....</b>  | <b>222</b> |
| 5.3.1 A variável <i>posição clítico pronominal em relação ao verbo</i> .....  | 223        |
| 5.3.2 A variável <i>pessoa do verbo/clítico pronominal</i> .....  | 225        |
| 5.3.3 A variável <i>classe semântica do verbo</i> .....   | 228        |
| 5.3.4 A variável <i>animacidade do sujeito</i> .....  | 230        |
| 5.3.5 A variável <i>sexo</i> do informante.....   | 233        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>236</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>245</b> |

|   |     |
|---|-----|
| <b>APÊNDICES.....</b>   | 256 |
| APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....  | 256 |
| APÊNDICE B – Roteiro de entrevista.....   | 259 |
| APÊNDICE C – As principais normas de transcrição dos dados.....   | 262 |
| APÊNDICE D – Relação dos verbos pronominalizados ou passíveis de<br>pronominalização transcritos do <i>corpus</i> ..... | 263 |
| APÊNDICE E – Codificação dos dados totais.....  | 266 |
| APÊNDICE F – Dados transcritos, separados e catalogados de Catalão-GO.....  | 271 |
| <b>ANEXOS.....</b>  | 301 |
| ANEXO A – Principais fluxos migratórios no Brasil – 1950 a 1970.....  | 301 |
| ANEXO B – Processos migratórios do Brasil – 1970 a 1990.....  | 302 |

## INTRODUÇÃO

Este estudo intitulado: *Os clíticos pronominais em contextos de reflexividade/pronominalidade verbal na fala da cidade de Catalão-GO*, se fundamenta nas concepções teóricas que percebem a língua como uma organização construída por sujeitos que atuam ativamente nos diferentes espaços sociais. Neste sentido, a língua é percebida, então, como um recurso criativo, dinâmico e de interação entre os sujeitos que constituem uma sociedade e, são, ao mesmo tempo, constituídos por ela, linguisticamente e socialmente.

Assim, a partir desses princípios de língua, sujeitos e sociedade elegemos para o desenvolvimento desta pesquisa de doutorado a relação dos clíticos pronominais *me, te, se e nos*, e os verbos do Português Brasileiro subclassificados por reflexivos /pronominais, em especial, aqueles identificados nas amostras de dados coletadas e transcritos da comunidade de fala da cidade de Catalão-GO. A característica deste estudo é, então, a análise de dados reais de uso da língua, o Português Brasileiro, em aspectos gerais, e a fala goiana e catalana, em aspectos específicos, considerando-as como variantes do Português Brasileiro.

Os objetivos gerais desta tese é analisar a estruturação dos clíticos pronominais, a partir das variáveis binárias *presença x ausência* destes clíticos, em sentenças em que os verbos principais se caracterizam como reflexivos/pronominais, em dados reais de fala da cidade de Catalão-GO.

Dentre os objetivos específicos, esta pesquisa consistiu em comparar as orientações de algumas Gramáticas Tradicionais, Gramáticas Descritivas e dicionários brasileiros, acerca dos conceitos e nomenclaturas do que se entende por verbos reflexivos/pronominais; identificar se a *ausência* dos clíticos pronominais, nestes contextos verbais, se caracteriza por uma variação linguística ou se já pode ser considerada como sendo uma mudança linguística. Além disso, buscou-se verificar, em termos quantitativos e qualitativos, as possíveis interferências das variáveis independentes sobre as variáveis dependentes, a fim de averiguar se o apagamento do clítico pronominal está associado à função que essa partícula desempenha ou desempenharia, no caso de estar presente na sentença.

A pesquisa foi fundamentada nas orientações teóricas e metodológicas da Sociolinguística Variacionista, com base em Labov (2001; 2008) e nas abordagens da Variação e Mudança Linguística iniciadas por Weinreich, Labov e Herzog (2006) e ampliadas, posteriormente, por outros pesquisadores descritos ao longo desta tese.

Consideramos ser relevante registrar que os dados analisados foram coletados por meio de entrevistas, ocorridas na cidade de Catalão-GO, no período de março de 2019 a

novembro de 2021, num momento especialmente desafiador para a humanidade, visto que em janeiro de 2020 o mundo conhecia o Corona Vírus<sup>1</sup>, um vírus letal para muitos e que nos fez experimentar o caos sanitário, uma pandemia que levou a óbito milhares de pessoas. O mundo era surpreendido por uma doença altamente contagiosa, que acometia a todos, em maior ou menos medida, física e/ou emocionalmente, nos condicionando a isolamentos sociais não costumeiros aos tempos atuais e às nossas formas de organização social.

Se as atividades de coleta dados, comumente empreendidas nas pesquisas sociolinguísticas, de forma geral, já se caracterizam em tarefas naturalmente desafiadoras ao pesquisador, o que dizer quando essas tarefas necessitam ser realizadas em um momento de Pandemia, conforme o que enfrentamos? Não consiste em exageros afirmar que estes desafios se potencializaram, substancialmente, em proporções quase que imensuráveis, colocando, por muitas vezes, em risco a viabilidade da coleta dos dados e a concretização do projeto de pesquisa pleiteado por esta pesquisadora.

As adequações e readequações de convívio social, aos quais toda a sociedade teve que se submeter, em especial, nos momentos em que eram crescentes os casos de contaminação e mortes, com o uso de máscaras e higienização com álcool, com medidas de isolamento prescritas pelos diversos e severos decretos governamentais, limitando o ir e vir das pessoas, nos impuseram barreiras não previstas anteriormente, em especial quando essa situação caótica era ainda totalmente desconhecida por todos. Adaptar e vencer os desafios impostos pela pandemia foi, sem dúvida, a maior dificuldade enfrentada por esta pesquisadora para a concretização desta pesquisa. Contudo, entre um decreto governamental e outro, entre uma e outra etapa de imunização da população contra o vírus, entre uma e outra adaptação do projeto

---

<sup>1</sup> De acordo com a Organização Pan Americana de Saúde, no dia 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial de Saúde (OMS) comunicou a ocorrência de vários casos de pneumonia na cidade chinesa de Wuhan. Em 7 de janeiro de 2020 as autoridades de saúde comunicaram ao mundo que haviam identificado, nos seres humanos, um novo tipo de coronavírus, de contágio rápido e em muitos casos letal. Inicialmente o novo coronavírus foi nomeado de 2019-nCov. Em 11 de fevereiro de 2020 o mesmo vírus recebeu o nome de SARS-COV2, causador da doença o Covid 19. Em janeiro de 2020 a OMS declarou que o surto do coronavírus constituía uma emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). E, em 11 de março de 2020, a COVID 19 foi caracterizada como pandemia, em função da sua rápida expansão geográfica. Até a data atual, maio de 2022, o *site* da BBC NEWS, baseado nos documentos divulgados pela OMS estima que tenham ocorrido mais de 15 milhões de mortes em todo o mundo, em decorrência das complicações ocasionadas pelo coronavirus. Somente no Brasil, de acordo com os principais meios de comunicação, após mais de dois anos do surgimento da doença, faleceram mais de 666 mil pessoas. Os dados citados foram extraídos de *sites* e dos principais meios de comunicação, como: Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Disponível em: <<https://g1.globo.com/saude/coronavirus>>. Acesso em: 22 maio 2022.

inicial<sup>2</sup>, apresentamos aqui o que consideramos ser resultados concretos de uma pesquisa sociolinguística de base laboviana variacionista, realizada em um período pandêmico.

Com relação ao fenômeno linguístico pesquisado, ressaltamos que ao ler outros trabalhos, notamos que exemplos contidos da fala dos catalanos seriam similares aos de muitos outros brasileiros, quando o sujeito e o objeto são ao, mesmo tempo, Agente e Paciente da ação verbal, conforme ocorre com os verbos destacados nos exemplos de (01) a (04) transcritos:

- (01) **Inf.4:** eu parei de jogá futebol| mas hoje **eu me divirto** muito vendo futebol, né?| então assim| eu acompanho muitos campeonatos| é. . .| o Brasileirão. . . | a Libertadores. . . Campeonato Goiano mesmo. . . né? | o Carioca. . . | o Paulista. . . (ZGN-48AHA).<sup>3</sup>
- (02) **Inf. 16:** É assim. . . | na condição naquela época eu| em noventa e seis, noventa e seis eu  $\emptyset$  **formei**, eu fui pra lá em noventa em| então tipo assim. . . | é aquela condição| naquele momento eu muito jovem ainda| dezenove anos né? (FPR-50A+HA).
- (03) **Inf. 9:** às vez eu durmo até quatro| até cinco| até seis . . . mas geralmente eu fico na cama até sete e meia oito horas . . . devido as minhas dores |  $\emptyset$  **levanto**. . . faço um cafezin. . . se'eu achá qu'eu num tem que saí pra fazê alguma coisa. . . | se tivé limpado a casa no dia anterior eu vô e  $\emptyset$  **deito** novamente| inclusive nos dias frios| a I. e eu| porque agora ela num está trabalhano também. . . eu. . . ficava| voltava pra cama| ficava até oito. . . (AMN-64A+MM).
- (04) **Inf. 13:** Pouquinha coisa e minha mãe coitada| ela não podia dar| eu que **se virava** assim. . . eu tinha o quê? Oito anos| Aí eu  $\emptyset$  **lembro** o stop era caro né? aí e eu  $\emptyset$  **lembro** que minha mãe| material de escola esses trem assim| ela não dava. . . (AMGS-54A+MCM).

Os verbos destacados nos exemplos, e vários outros, de igual natureza, ora aparecem seguidos pelos respectivos clíticos pronominais, ora ocorre a categoria vazia  $\emptyset$ , das formas clíticas, em contextos em que, mesmo expressando sentido de reflexividade, solicitando, em alguma medida, a pronominalização verbal, ainda assim, ela não ocorre. Em muitos casos, o informante 'opta' por empregá-los sem os referidos clíticos, apesar de serem casos defendidos pela tradição gramatical por verbos "essencialmente pronominais".

<sup>2</sup> O Projeto de Pesquisa apresentado e aprovado pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos previa que a pesquisa seria realizada em três comunidades goianas de fala: São Miguel do Araguaia, Cavalcante e Catalão. Seguindo as orientações da Banca de Qualificação, em virtude da ocorrência da Pandemia, o Projeto foi adaptado para ser realizado somente na cidade de Catalão, em função da coleta já ter sido iniciada nesta comunidade.

<sup>3</sup> As letras indicadas no final de cada transcrição, entre parênteses, representam as iniciais dos nomes do informante; a idade; a faixa etária: J = jovem – 18 a 29 anos, A = adulto – de 30 a 49 anos, A+ = acima de 50 anos); o **sexo** (H = homem, M = mulher); o nível de **escolaridade** (B = baixa, M = média e A = alta).

Percebemos, também, que mesmo com a *ausência* de um clítico pronominal que, no caso, complementaria o seu sentido verbal, ainda assim, são formas totalmente funcionais, tanto do ponto de vista da viabilidade da comunicação, quanto da interação discursiva entre muitos falantes brasileiros, em especial, os catalanos.

Assim, a partir dos resultados estatísticos obtidos pelo Programa GoldVarb X, em função da variável dependente, a *presença x ausência* do clítico pronominal, nos contextos de reflexividade e pronominalização verbal, buscamos identificar que outras variáveis, linguísticas e sociais, teriam maiores influências para a promoção da variação e da mudança linguística do fenômeno pesquisado. As variáveis foram selecionadas levando em consideração as hipóteses projetadas, inicialmente, quando se deu a proposição desta pesquisa.

A hipótese principal, que norteou a pesquisa, foi a de que em Goiás e em Catalão, em específico, a *ausência* dos clíticos pronominais reflete uma mudança linguística em fase já acelerada, caracterizada pela flutuação, em especial do clítico *se*, que se encaminhou inicialmente da sua função originária de *clítico reflexivo*, para a função gramatical de *afixo verbal* e, por último, para o *apagamento*, e ainda, pelo seu completo desaparecimento, antes compondo, inclusive, os radicais de verbos como: *suicidar-se > suicidar*, *queixar-se > queixar*; *comportar-se > comportar* e outros (cf. D'ALBUQUERQUE, 1988; NUNES, 1995; LIMA, 2006; CASTILHO, 2010; BAGNO, 2011; BARROS, 2011; 2016; 2020; entre outros).

Neste sentido, consideramos que a língua falada por uma comunidade linguística é resultante de arranjos e rearranjos, feitos pelos autores sujeitos dessa língua, senhores dos seus dizeres e das suas escolhas lexicais, fonológicas, morfossintáticas e semânticas e pragmáticas, a partir das experiências sociais e culturais, vividas e somadas às suas expectativas e intencionalidades comunicativas, em contextos sociais e linguísticos específicos. Conforme reconhece Casseb-Galvão (2020, p. 47) “há um nível de organização linguística, o nível verbal, que atualiza a gramática e organiza o caos chamado língua, que é fluido, dinâmico e serve aos propósitos interativos de seus usuários”.

A partir da ideia desse caos organizado, consideramos os seguintes aspectos da variação e da mudança linguística para procedermos as análises dos dados:

- 1) uma variação e uma mudança linguística não são formulações aleatórias de um ou outro sujeito, mas são direcionamentos ordenados, orquestrados e aceitos pelos membros que compõem uma comunidade de fala;
- 2) as estruturas de uma língua incluem a diferenciação das regras heterogêneas que governam a variação e a mudança dos fenômenos linguísticos presentes na fala

dos membros da comunidade. Assim, o domínio dessa língua, pelo falante nativo, inclui o domínio das regras, ao mesmo tempo, heterogêneas e também de conhecimentos partilhados;

- 3) uma mudança linguística se inicia pelos princípios da variabilidade e da heterogeneidade;
- 4) fatores linguísticos e sociais estão intimamente interrelacionados e influenciam, diretamente, no desenvolvimento de uma mudança linguística;
- 5) são os informantes, sujeitos das suas escolhas e das suas formas de organizações linguísticas que, verdadeiramente, decidem os rumos das regras e estruturas da língua que falam.

Especificamente sobre à *ausência* do clítico pronominal, nos contextos verbais especificados, notamos que várias pesquisas realizadas, nos últimos anos, têm identificado uma crescente tendência ao *apagamento* dos clíticos, principalmente do *se*, na função reflexiva, por meio de diferentes processos de gramaticalização. O que não se percebe, ainda, é a existência de tantas pesquisas considerando também o apagamento dos demais clíticos: *me*, *te* e *nos*. Por isso, resolvemos, também, os investigar.

Sobre as motivações para escolha da comunidade de fala de Catalão-GO, relatamos dois aspectos especialmente relevantes:

- 1) a localização geográfica da cidade Catalão, em função da proximidade com o Estado de Minas Gerais, onde outras pesquisas já apontaram para o alto índice de *ausência* ou a baixa ocorrência clíticos pronominais entre os mineiros, nestes contextos verbais (cf. VEADO, 1982; LEMLE, 1985; D'ALBUQUERQUE, 1988; OLIVEIRA, 2006; LIMA, 2006; entre outros).
- 2) o desejo de ampliar as discussões e os resultados das pesquisas desenvolvidas por Barros (2011; 2016) e por outros autores que descreveram os apagamentos dos reflexivos pronomes, nos contextos verbais mencionados, no que se refere aos fenômenos da relação da reflexividade e da pronominalização em Goiás e no Brasil, com o intuito de colaborar com a ciência, com os registros e mapeamentos linguísticos do Português Brasileiro.

Neste sentido, Barros (2011, p. 13) ressalta que as variações quanto aos usos dos clíticos pronominais, no contexto da reflexividade, no português popular brasileiro, é mais do



que um processo de variação, mas que “indicam um processo de mudança acelerado com vias a um possível desaparecimento do pronome nessa função”. Ao enfatizar sobre a ocorrência do fenômeno, na fala goiana, a autora informa que “no dialeto goiano, o não uso do pronome nas situações em que o verbo o solicita é altamente recorrente. A verificação do fenômeno em dados de fala atesta, 84,30% de não marcação do reflexivo”.

Oliveira (2006) argumenta que o apagamento do clítico pronominal tende a ser uma característica do falar mineiro, enquanto que a neutralização se caracteriza por um fenômeno recorrente em todo o Brasil e já a inserção e a “duplicação”, em específico do *se*, parece ser um fenômeno típico nordestino. A autora, sugere, então, que o fenômeno da reflexividade e da pronominalização parece se caracterizar de forma diferente, em diferentes regiões do país. Ou que, pelo menos, ele se encontra em diferentes estágios dos processos de variação e mudança linguística, Brasil afora!

A hipótese que sustentou este argumento é bastante similar àquela postulada por Teixeira e Silva (2019, p. 07), ao investigarem o apagamento do *se* em Vitória da Conquista-BA, as autoras identificaram que

essa tendência de o clítico SE ser amplamente apagado em determinadas regiões e mantido em outras pode se tratar de um caso de gramaticalização. Ao ser exaustivamente usado, o SE ganha uma frequência bastante expressiva, o que ocasiona o seu desgaste até atingir o grau zero do processo, ou seja, o desaparecimento. Tanto a manutenção como o apagamento refletem momentos distintos da trajetória do SE, constituindo, assim, estágios do seu processo de mudança, no qual a repetição possui um papel primordial.

Embora as autoras tenham pesquisado a trajetória somente do clítico pronominal *se*, nós nos dedicamos a descrever a estruturação e o funcionamento também dos demais clíticos pronominais, *me*, *te*, *se* e *nos*, nos contextos verbais especificados, por entender que podíamos fazer importantes registros, que poderão, inclusive, refletir a realidade linguística de outras localidades brasileiras.

No intuito de alcançar o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa e confirmar ou refutar a hipótese principal projetada, esta tese foi organizada em 5 capítulos e mais um tópico dedicado às considerações finais dos objetos pesquisados.

No capítulo 1 dedicamos à contextualização sócio-histórica da comunidade de fala pesquisada, o Estado de Goiás, no cenário nacional e à contextualização da cidade de Catalão-GO, no cenário goiano. Neste capítulo discorremos também sobre a formação linguística e populacional do estado de Goiás e também da cidade de Catalão, objetivando situar o leitor pouco familiarizado com as informações sócio-históricas de Goiás e de Catalão, a fim de que

este possa identificar de que localidade espacial e temporal partimos para que fossem gerados os resultados das análises linguísticas apresentadas no último capítulo desta tese.

No capítulo 2 apresentamos os dois objetos da pesquisa, os clíticos pronominais e os verbos reflexivos/pronominais, bem como uma contextualização teórica destes objetos, as convergências e divergências de nomenclaturas, de conceitos e as subcategorizações dos clíticos pronominais *me*, *te*, *se* e *nos*, quando são chamados de pronomes e quando são chamados de clíticos. Além disso, conceituamos os diferentes tipos de clíticos a partir de alguns estudos linguísticos já realizados (cf. NUNES, 1991; 1995, MELLO, 2009). Da mesma forma, conceituamos também os verbos reflexivos/pronominais em Gramáticas Tradicionais, em Gramáticas Descritivas e em três diferentes dicionários brasileiros: Houaiss e Villar (2001); Borba (2002); Luft (2008).

No capítulo 3 descrevemos os métodos e procedimentos adotados para a condução da pesquisa. Para as pesquisas sociolinguísticas, de base variacionista, o *como* ela é conduzida, com que sujeitos e a partir de quais procedimentos de coleta, transcrição, separação, catalogação e análises dos dados se constituem em aspectos muito relevantes. Além disso, neste capítulo, apresentamos, também, as variáveis linguísticas e sociais adotadas como norteadoras deste estudo, assim como justificamos, a partir das hipóteses secundárias, o porquê selecionamos aquelas e não outras variáveis.

No capítulo 4 é apresentado um levantamento dos resultados de algumas pesquisas linguísticas realizadas, nos últimos anos, acerca do apagamento dos clíticos pronominais no Português Brasileiro, em especial, no estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná e na cidade de João Pessoa e no estado de Goiás, como os trabalhos realizados por Barros (2011; 2016; 2020) com relação à voz reflexiva neste estado. Os trabalhos da autora trazem conclusões relevantes para a nossa pesquisa e nos possibilitam fazer relações com os resultados das análises que desenvolvemos em Catalão-GO.

O capítulo 5 é destinado aos resultados quantitativos e qualitativos da pesquisa, em função das variáveis dependentes a *presença* e a *ausência* dos clíticos pronominais, nos contextos dos verbos reflexivos/pronominais identificados, nos registros de fala obtidos em Catalão. Neste capítulo foram apresentados, primeiramente, os resultados das variáveis linguísticas e sociais selecionadas pelo Programa GoldVarb X como mais significativas e possíveis influenciadoras para o favorecimento da *ausência* do clítico e, em consequência, ao desfavorecimento da preservação da regra geral que solicita a *presença* desses clíticos nos contextos verbais dos reflexivos/pronominais.

Os resultados percebidos apontam para um alto percentual de *ausência* do clítico pronominal, de 61% no número total dos 511 dados analisados, contra os 39% que indicam o conservadorismo da regra geral da *presença* destes mesmos clíticos. Logo, esses são resultados que indicam uma mudança linguística do fenômeno pesquisado, em Catalão, em estágio já avançado, com percentuais considerados como relevantes para o apagamento.

Por fim, nas considerações finais recuperamos as hipóteses da pesquisa e os variáveis linguísticas e sociais que favorecem as mudanças percebidas, apresentamos as nossas conclusões acerca do fenômeno linguístico estudado, as contribuições científicas da pesquisa e os possíveis rumos e perspectivas de estruturação dos clíticos pronominais, junto aos verbos reflexivos/pronominais, em Catalão e em Goiás.

## CAPÍTULO 1

### CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA COMUNIDADE DE FALA PESQUISADA

Quando o pesquisador propõe estudar uma língua, colocando como pano de fundo uma perspectiva social e as condições de uso dessa língua, ele assume, juntamente com as suas escolhas teóricas e metodológicas, que lidará com variáveis de diversas ordens, que vão além do fato linguístico em si.

Assim, a definição dos sujeitos da pesquisa e da comunidade onde a pesquisa de campo ocorreu, as demarcações dos espaço-temporais, são elementos que também fazem parte do movimento de escolhas e dos desafios que foram superados neste fazer científico.

Para Labov (2010, p. 10)

a prioridade dos estudos linguísticos não deve se centrar nos indivíduos em particular, mas nas comunidades de fala, tendo em vista que o comportamento do indivíduo é compreendido a partir dos comportamentos sociais. O indivíduo, nas investigações sociolinguísticas, não é visto como unidade de análise, mas como componente utilizado para representar modelos de fala social. Neste caso, *comunidade de fala* deve ser compreendida como um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos comuns.

Embora as pesquisas sociolinguísticas tenham comumente adotado a definição proposta por Labov, existem ponderações no sentido que de estas noções sejam ainda vagas e incompletas, em função de que é realmente difícil delimitar os limites que margeiam uma comunidade de fala de outra, já que os falantes transitam de um espaço físico para outro, além da não coincidência de outras demarcações físicas e geográficas.

Aqui adotamos a noções de comunidade de fala e de acordos linguísticos, explicadas pelos estudos sociolinguísticos que defendem a língua como construção social. Logo, considera-se que essa mesma língua se materializa no social e é resultante de “acordos” mais ou menos “pactuados” entre os membros que compõem as unidades sociais, no caso, as comunidades de fala.

Assim, é a comunidade de fala tem a função de regular os usos linguísticos, de selecionar e combinar o que será ou não utilizado por seus membros nas suas interações cotidianas. Os “acordos linguísticos” se dão, então, a partir das semelhanças e das diferenças dos sons, das palavras, das expressões e dos arranjos gramaticais que serão compartilhados

entre os falantes de um determinado sistema linguístico, conforme denominam Labov (2008) e Tarallo (2003), o *vernáculo*, que é a língua falada.

Silva e Moreira (2020, p. 203) explicam que “os sujeitos usuários dessas variedades ocupam espaços sociais específicos, num dado contexto sócio-histórico e transitam em diferentes situações comunicativas”. Logo, se torna desconfortável descrever fenômenos linguísticos, sem levar em conta alguns aspectos de contextualização dos espaços sociais em que o fenômeno é produzido.

Logo, são membros de uma mesma comunidade de fala aqueles que têm atitudes mais ou menos comuns com relação aos usos e comportamentos linguísticos adotados pelo grupo social. São eles que tomam decisões convergentes com relação às normas e padrões linguísticos a serem adotados pela comunidade. São, portanto, os falantes, pertencentes ao grupo social, quem define os processos das variações e das mudanças pelos quais passarão um determinado sistema linguístico. São os diferentes grupos sociais, com determinados comportamentos linguísticos, que compõem uma determinada comunidade de fala.

Para Labov (1968, p. 120), traduzido por Monteiro (2000, p. 39)

a comunidade de fala não se define por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas sobretudo pela participação num conjunto de normas estabelecidas. Tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamento avaliativo e na uniformidade de modelos abstratos de variação, que são invariantes, com relação aos níveis particulares de uso<sup>4</sup>.

Embora a demarcação do que, efetivamente, se constituem como sendo os limites de uma comunidade linguística, em função desses limites nem sempre serem simples e precisos definimos que a cidade de Catalão-GO seria a comunidade que nos forneceria os dados de fala utilizados para este estudo. Conforme é sabido, para uma pesquisa sociolinguística a definição da comunidade linguística, como fornecedora dos dados, se torna um fator importante.

A principal dificuldade do pesquisador que se propõe a fazer essa delimitação, está no fato de que, nem sempre, são coincidentes os limites das demarcações geográficas constantes nos mapas ou em outros instrumentos de identificação físico-geográfica e os costumes de língua adotados pelos membros dessa ou daquela comunidade. No nosso caso, em específico, o espaço físico de pesquisa se manteve nos limites do município, mais especificamente nos limites da

---

<sup>4</sup> O termo *comunidade de fala* está sendo adotado a partir de Labov (1968): “The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms; these norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity. (O trecho está traduzido na citação de Labov acima).

cidade de Catalão, o que acabou coincidindo, também, com os limites geográficos de demarcação da cidade, considerando os seus aspectos urbanos.

Bandeira (2007, p. 126), esclarece, em nota, que utilizou a noção de *speech community* para conceituar comunidade de fala, embora esta noção seja adotada normalmente para as demarcações de idioma.

considerando naturalmente o problema de saber o que realmente circunscreve uma comunidade de fala, que a noção de *speech community* aplica-se às regras de uso de um idioma, isto é, portugueses e brasileiros, por exemplo, fazem parte de uma mesma *comunidade linguística*, porque têm em comum o idioma português, no entanto, por diferirem quanto às regras de uso do idioma português, não partilham da mesma *comunidade de fala*, aquela em que seus membros “dominam “uma mesma variedade linguística”. O problema que daí surge é saber como se delimitam as fronteiras de uma variedade linguística.

Realmente, separar a noções de idioma, de variedade linguística e de comunidade de fala não consistem em tarefa simples. No entanto, entendemos que se constituem em objetos de interesse das pesquisas linguísticas, as maneiras, os arranjos e rearranjos ou os modos mais ou menos semelhantes que os usuários de um determinado sistema linguístico realizam com as palavras, moldando-as aos seus interesses discursivos, visando sempre o desfecho final da comunicação.

Em síntese, o que se considera, ao se proceder uma demarcação de uma comunidade de fala, são os aspectos sociais, os usos e os comportamentos linguísticos promovidos pelos arranjos gramaticais, semânticos e pragmáticos utilizados por seus membros, nas mais diversas situações de interação linguística.

Neste caso, tornou-se necessário considerar as particularidades linguísticas num âmbito maior, a região onde a comunidade está situada, por exemplo, e também as demarcações geográficas de município e de estado. No caso específico dessa pesquisa, foram consideradas como referência a demarcação geográfica, a noção de pertencimento territorial ao município, além dos aspectos urbanos que a reconhecem como cidade.

Dessa forma, a escolha da comunidade de fala de Catalão é justificada por três principais aspectos: a) por ser um município representativo da Região Sudeste do estado de Goiás, do ponto de vista do desenvolvimento social, econômico e educacional; b) por ser um município próximo ao estado de Minas Gerais, onde já foram realizadas outras pesquisas com resultados bastantes relevantes a favor do apagamento do pronome/clítico nos contextos da

reflexivação e da pronominalização<sup>5</sup>; c) por ser um município situado estrategicamente numa região que serviu como porta de entrada para os migrantes oriundos de outros estados, principalmente mineiros e paulistas, que vieram especificamente para Goiás ou para estados da Região Norte do país, durante os dois principais fluxos migratórios para o estado, de 1950-1970 e de 1970-1990 (cf. ISQUERDO; TELES, 2014).

### 1.1 O estado de Goiás no cenário nacional

Conta a história que a língua portuguesa em Goiás se iniciou, de forma mais sistemática, com o bandeirante paulista Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, que, de acordo com Palacín (1986), em 1682, à frente de uma bandeira chegou às cabeceiras do Rio Vermelho, em busca das famosas minas de ouro dos *Martínios*.

Em 1722, seu filho, de igual nome e apelido, seguindo a mesma trilha e a serviço do governo de São Paulo, chefiou outra bandeira, e, em 1726, após passagem e exploração do Sul e Sudoeste do Estado, criou o arraial de Santana, mais tarde, Vila Boa de Goiás.

A prosperidade da mineração, as riquezas vegetais e a qualidade do solo goiano, atraíram inúmeras outras bandeiras paulistas e portuguesas que, nos séculos XVII e XVIII, vieram para cá, com o objetivo de explorar as riquezas minerais e vegetais da terra e “caçar” índios, para serem vendidos como mão-de-obra escrava a outras regiões do país.

Luís Palacín (1989, p. 8), conhecido historiador goiano que se dedicou a descrever a história do estado de Goiás, relata que “nem bandeirantes e nem jesuítas vinham para fixar-se em Goiás. Levavam índios goianos para o sul e para o norte. Traçavam roteiros para mostrar o caminho, mas não vinham a Goiás para criar povoações”.

Neste mesmo sentido, Ribeiro (2004) informa que a grande esperança, inicialmente dos paulistas e, em seguida, também dos portugueses, com suas entradas pelo sertão, consistia em deparar-se com grandes minas de ouro, de prata ou de outras pedras preciosas que pudessem lhes garantir o sonhado enriquecimento econômico.

O ouro acabou aparecendo. Conta-se, ainda, que inicialmente, era possível encontrá-lo à flor da terra, para ser catado com bateias. Sobre essa *corrida do ouro*, Palacín (1986, p. 19) explica que

---

<sup>5</sup> Dentre os trabalhos realizados sobre o apagamento dos clíticos pronominais nos contextos verbais dos reflexivos/pronominais em Minas Gerais serviram de referência as pesquisas de Veado (1982), Lemle (1985), D’Albuquerque (1988) e Lima (2006).

a imagem de 12000 homens trabalhando freneticamente com os seus toscos instrumentos para extrair o ouro do leito do rio desviado, e poucas horas depois, ao romper-se o dique, arrastados pelas águas, bem vale como alegoria daqueles anos trepidantes: da instável simbiose entre a riqueza havida e a riqueza sonhada.

É sabido que o ouro atraiu multidões para o interior do país, no início do século XVII e XVIII, para Minas Gerais (1698), depois, para Mato Grosso (1719) e, tempos depois, para Goiás (1725).

A descoberta do ouro, nas terras que atualmente formam o estado de Goiás e o estado do Tocantins, se deu no ano de 1772, conforme argumentam Palacín e Moraes (2008, p. 24)

foi então que o Anhanguera (Bartolomeu Bueno da Silva), paulista que tinha vivido em Minas Gerais, juntamente com outros dois parentes, pediu licença ao rei para organizar uma bandeira que viesse a Goiás buscar minas de ouro. Se em Minas e em Mato Grosso tinha sido encontrado tanto ouro, argumentavam eles, em Goiás, situado entre esses dois, devia também existir ouro. Tal fato motivou o início do povoamento das Minas dos Goyazes, pelo “Anhanguera”.

Conforme explicam os historiadores e dentre eles, Luís Palacín (1972; 1994), à medida em que achavam novas minas ouro, se formavam também novos arraiais (povoados), em função do grande número de pessoas que se aglomeravam nas proximidades dessas minas, a fim de explorá-las. E foram esses arraiais que, mais tarde, deram origem à maioria das atuais cidades goianas.

Em poucos anos, regiões antes desabitadas, no interior do Brasil, tornaram-se densamente povoadas, como observa Ribeiro (2004). As pessoas debandavam para o interior de forma desordenada e descontrolada, gerando graves problemas sociais de toda ordem. No entanto, naquele momento, importava a esses aventureiros a esperança do enriquecimento desmedido. Os ricos vinham com toda sua escravaria, pleiteando grandes lavras; os remediados, com o que tinham, e os pobres, com uns poucos negros, com apenas um ou com nenhum, mas também tentando a sorte.

Foi um período de grandes agitações e desordens, por volta de 1755, quando as minas auríferas atingiram o seu ponto máximo de produção. Ao mesmo tempo, instaura-se em todo o estado um período de repressão e massacre dos “selvagens”. Foi uma fase cruel, de inúmeros e violentos ataques aos indígenas. Muitas tribos foram inteiramente dizimadas pelos invasores.

Ainda de acordo com Palacín (1972, p. 33),

tal como ocorreu primeiro em Minas e depois em Mato Grosso, a notícia do descobrimento de ouro em Goiás provocou imenso e súbito afluxo de pessoas à região,



conformando um tipo de povoamento que adquiria feições urbanas. A ocupação da época colonial em Goiás processou-se de forma impetuosa e violenta, o modelo da “corrida do ouro”. A onda anárquica e empreendedora caiu sobre o território dos goyazes, em pleno deserto da civilização branca, a mais de mil quilômetros do centro mais próximo.

Com a euforia do Ciclo do Ouro surgiram vários núcleos urbanos na região de Goiás, sobretudo em Barra, atual Buenolândia, e Santana, futura Vila Boa e atual cidade de Goiás. Em 1727, o ouro ainda era o principal atrativo para o deslocamento de aventureiros e para a fundação de arraiais<sup>6</sup>, conforme se lê em várias fontes, como por exemplo, em uma carta escrita em 1732, pelo governador de São Paulo, ao qual o território de Goiás pertencia. A carta foi citada por Palacín (1972, p. 30), da qual transcrevemos o trecho: “Na maior parte daquele País [Goiás] se acham formações que prometem boa pinta [bom teor aurífero], principalmente nos rios de Pilões e Meia Ponte, onde ao presente tem concorrido maior parte daqueles moradores”.<sup>7</sup>

Em torno de Santana, às margens dos rios e córregos próximos, os primeiros arraiais goianos surgiram rapidamente, por causa da mineração, dentre outros, os arraiais de Ferreiro, Anta, Ouro Fino, Santa Rita. Em 1731, foi fundada Meia Ponte, atualmente Pirenópolis. Quase ao mesmo tempo, seguindo o curso dos formadores do rio Tocantins, surgiram os primeiros arraiais do norte, dentre eles: Maranhão, Águas Quentes, Traíras, São José e Cachoeira. Na bacia do Araguaia formaram-se Crixás e Pilar, sendo que este último na época tinha o nome de Papuã.

A partir de 1734, entre o rio Tocantins e o sertão da Bahia, surgiram, dentre outros, os arraiais de Natividade, São Félix, Pontal, Porto Real, Arraias e Cavalcante. Houve, a seguir, um período de pouca descoberta de ouro e as buscas tornaram-se infrutíferas. Na década de 1740, formaram-se os três últimos arraiais expressivos do período do ouro, Carmo, Santa Luzia e Cocal, demonstrando que, em Goiás, no período colonial, a mineração e a formação dos núcleos urbanos estiveram interligadas.

Como já mencionado, durante o período da chamada corrida do ouro, a propagação da descoberta de uma terra nova cheia de ouro provocou uma grande atração de multidões heterogêneas, que venciam distâncias, perigos e sofrimentos no afã da aventura e do enriquecimento rápido.

---

<sup>6</sup> Arraial. do pref. *a-*, do ant. *reial*, hoje *real*, e suf. *-al*, scilicet tenda, depois “acampamento onde estivesse a tenda real” e depois “acampamento em geral” (cf. NASCENTES, 1953, p. 25).

<sup>7</sup> Carta do governador de São Paulo, Conde de Sarzedas, à Corte, 1732 (cf. PALACÍN, 1972, p. 30).

Até o fim do período colonial, a Província viveu submetida a um rigoroso regime de impostos e proibições, resultando em uma decadência geral, com epidemias, falta de trabalho, em razão da pouca ou nenhuma estrutura existente na Província para receber tantas pessoas ao mesmo tempo. As consequências foram catastróficas e se agravaram, ainda mais, com o esgotamento das minas auríferas.

O ouro encontrado em Goiás, segundo Tiballi (1991, p. 11), serviu como impulso para o processo inicial de ocupação, mas “a ocupação definitiva foi garantida pelos grupos sociais envolvidos com a atividade agropastoril”. Na verdade, o ouro foi o responsável pela vinda dos migrantes, mas não pela garantia da subsistência e da permanência daquelas pessoas em território goiano.

Com a independência do país, num processo bastante lento, forma-se uma outra mentalidade. A fixação do homem à terra e o desenvolvimento da agricultura e da pecuária marcam uma nova situação socioeconômica do estado de Goiás, a partir da segunda metade do século XX.

Na década de 1960, a construção de rodovias decorrentes da transferência da capital federal para Brasília, acelerou o povoamento do nordeste goiano. Em 1970, as notícias de terras fartas serviram de incentivo para um novo processo migratório em Goiás. Dessa vez, o Estado recebe uma grande quantidade de famílias vindas do estado de Minas Gerais e de outras regiões do país, que objetivaram trabalhar na terra, especialmente com a agricultura e a pecuária.

As lutas pela posse da terra provocaram novamente conturbações. A região continuava recebendo imigrantes nos anos subsequentes, grandes e pequenos fazendeiros, sobretudo, paulistas e mineiros que, na maioria das vezes, se apropriavam da terra por meio de invasões e demarcações aleatórias, consolidando-se a pecuária extensiva como atividade econômica predominante.

O movimento de ocupação, demarcação e de fixação do migrante, sobretudo, o paulista, em terras da região central do país, é descrito por Ribeiro (2004), que retrata a formação do povo brasileiro. Sobre a formação da população da região central o autor descreve em um capítulo denominado *O Brasil Caipira*, o modo de vida e as manifestações culturais dos colonizadores do Brasil Central.

Os pequenos arraiais tornaram-se cidades de grande ou médio porte, algumas permaneceram com características de cidade pequena, do interior, já outras, as mais próximas às capitais federal e estadual, têm se tornado grandes centros urbanos, como Anápolis, Jataí, Rio Verde, Catalão e outras.

No final do século passado e no início deste século, Goiás experimentou um processo de expansão econômica bastante acelerado em todos os setores. Vários municípios de economia, antes retraída, desestimulada, se expandiram fortemente em função de diversos fatores mas, principalmente, pela instalação de várias indústrias no Estado, ligadas, sobretudo, aos produtos agropecuários e seus derivados, pela construção e pavimentação de vias e estradas e também pela expansão do comércio local e de exportação. Com isso, se ampliaram os setores da educação, da saúde e de ofertas de serviços em geral.

Municípios de grande, médio e de pequeno porte, centros urbanos com características de cidade grande, cidadezinhas intimistas e interioranas, populações do campo, com hábitos e costumes ainda rurais, empreendimentos familiares e grandes empreendimentos industriais, formam uma simbiose que caracteriza a economia goiana, atualmente, onde convivem, concomitantemente, atividades ligadas à mineração, à produção agropecuária, à prestação de serviços e ao comércio varejista.

Para melhor compreender as possíveis influências de outros falares na constituição da fala goiana, foi preciso fazer um levantamento de como se deram os principais processos migratórios, responsáveis pela constituição do estado na perspectiva populacional e também linguística. Para tanto, foi necessário fazer um recorte temporal e a demarcação do período que se considerou relevante para a averiguação do fenômeno linguístico pesquisado. Dessa forma, optamos por considerar o período compreendido entre os anos iniciais do século XX, a partir de 1900, até o período atual.

Este recorte temporal é justificado por vários fatores, inclusive porque, como se sabe, o povoamento da região central do país se deu tardiamente e de forma bastante irregular, se comparado às outras regiões, como a Sul, a Sudeste e a Nordeste, por exemplo, e com relação a outros estados também, como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, entre outros.

Barbosa, Teixeira Neto e Gomes (2004) relatam que apesar da abundância de terra fértil e de boa qualidade e da facilidade de apropriação destas, o povoamento de algumas regiões do atual estado do Tocantins e do que era o antigo estado de Goiás, encontrou muitas barreiras. Mesmo com a chegada da Estrada de Ferro, considerada importante para a promoção do progresso na região sudeste de Goiás, os diversos entraves nas estruturas sociais, políticas e econômicas, existentes por aqui, ainda de modelos arcaicos, dificultaram muito os processos de industrialização e desenvolvimento econômico do estado.

Ainda de acordo com os autores, estas barreiras isolaram algumas regiões mais afastadas de outros centros mais avançados tecnologicamente e politicamente, especialmente o

norte de Goiás, o que acabou por retardar o povoamento daquela região e, por conseguinte, também o desenvolvimento dos aspectos econômicos e educacionais.

Sobre o povoamento tardio de Goiás-Tocantins, Barbosa, Teixeira Neto e Gomes (2004, p. 61) explicam que

o oeste de Goiás-Tocantins, situado entre os rios Araguaia e a atual rodovia BR-153, que constitui o que o economista e historiador Paulo Bertran chama por “Mesopotâmia Goiãna”, esperou quase duzentos anos para ser povoado, embora já fosse conhecido e explorado pelos primeiros bandeirantes que entraram em Goiás.

Por outro lado, por volta dos anos de 1960 e, sobretudo, a partir de 1970, os grandes estabelecimentos agropecuários – denominados por Sociedades Anônimas do Campo – “SAs do Campo” – começaram a se instalar em Goiás, com o surgimento das fazendas empresas, voltadas para a produção e exportação em grande escala de produtos vinculados ao agronegócio, o que provocou grande expansão populacional e o surgimento de várias cidades, em especial na região do Vale do Araguaia, conforme conhecemos hoje.

Portanto, conforme já mencionado em outros momentos, o final do Século XX e o início do Século XXI foi um período de grandes mudanças econômicas, políticas, sociais e inclusive na dimensão territorial do Estado de Goiás. Pode-se afirmar que, neste período, menos de um século, existiram pelo menos dois Estados de Goiás diferentes, com características econômicas, políticas, sociais e de dimensões geográficas distintas também.

No início do século XX o Brasil conhecia um Estado de Goiás grande territorialmente, porém com estruturas tecnológicas e industriais muito precárias, totalmente distanciado dos grandes centros do país. Socialmente, educacionalmente e economicamente, também muito limitado, com uma base econômica ligada, principalmente, à mineração exploratória, à agricultura e à pecuária rudimentares, também exploratórias e pouco produtivas economicamente.

Na atualidade, Goiás é um estado em crescimento acelerado, em todos os aspectos. Hoje, é o responsável por um grande volume de exportação, mundo afora, de grãos, como a soja, o milho e o sorgo e também dos derivados da cana-de-açúcar, como o etanol e o açúcar. Além disso, o estado exporta também uma grande quantidade de carne bovina. Por outro lado, se enganam aqueles que pensam que são exportados por Goiás somente produtos agrícolas. São exportadas, também, mão de obra especializada, formada nas indústrias do agronegócio e nas grandes universidades instaladas no estado.

Nesse pouco mais de meio século, não é exagero dizer que surgiu um outro estado de Goiás, e que este novo Estado guarda pouco daquele Goiás dos séculos anteriores, no que se refere ao desenvolvimento tecnológico e aos modos e meios de produção econômica.

No ano de 1942 ocorre o que talvez tenha sido o maior marco de uma nova perspectiva organizacional e política do Estado, a inauguração da cidade de Goiânia e a transferência da capital do estado de Vila Boa de Goiás para Goiânia. Este acontecimento foi marco para a entrada do estado para a modernidade, para o que muitos na época chamaram de “entrada para o progresso”. O advento da industrialização e da agropecuária mecanizada e de exportação de produtos agrícolas provocaram grandes mudanças nos meios de produção e no estilo de vida do povo goiano.

Além da qualidade dos solos goianos, fator importante para garantir a ampla produção agrícola iniciada na primeira metade do século XX e ampliada até a atualidade, com o surgimento das Sociedades Anônimas do Campo – as “SAs do Campo” –, o investimento em construções de estradas e rodovias foi um fator muito relevante para o desenvolvimento econômico e social do estado. A abertura e a pavimentação das Rodovias Federais BR-040, BR-050 e BR-242, no século anterior e, no século XX, a construção das chamadas rodovias de integração nacional e regional, as rodovias federais BR-153, BR-020, BR-060, GO-118, e as rodovias estaduais GO-164, TO-220, TO-230, entre outras, foram as principais responsáveis pelo grande impacto econômico e social ocorrido em Goiás e nos demais estados que compõem a região central do país, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e, atualmente, o Estado do Tocantins.

A abertura e pavimentação destas e de outras estradas e rodovias, além de promover o surgimento da maioria das cidades goianas, possibilitaram a estruturação das fazendas empresas que atuam fortemente no ramo do agronegócio, as “SAs do Campo”, que são, na atualidade, grandes potências modernas da produção agrícola e pecuária do Estado de Goiás. Que é o que ocorre também em outros estados do país, como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e outros mais.

A divisão do território goiano, mais especificamente a região Norte do Estado, dando origem ao estado do Tocantins, ocorrida em 5 de outubro de 1988, com a promulgação da atual Constituição Federal, quando os extensos 623.217,4 Km<sup>2</sup> pertencentes ao território do Estado, até aquele momento, passaram para os atuais 340.103,467 Km<sup>2</sup>, foi o outro grande acontecimento que impulsionou o surgimento de um novo Goiás.

Estes são dois acontecimentos históricos, a construção de Goiânia e a divisão do Estado, que aliados à modernização das atividades agropastoris, à abertura de importantes estradas que pudessem ligar uma região à outra e os processos de industrialização colocaram o

estado em outros cenários econômicos, políticos e sociais, o que justifica a referência anterior da existência de vários Goiás, em virtude da ocorrência das muitas mudanças socioeconômicas acontecidas no Estado em um curto espaço de tempo, de um século para outro.

Dessa forma, tornou-se necessário, em alguns momentos desta contextualização espacial e temporal, mencionar fatos que fazem parte da história do antigo Estado de Goiás, hoje, o atual Estado do Tocantins, em função dos recortes temporais e espaciais adotados. Portanto, não é possível mencionar fatos da história de Goiás, antes da divisão territorial, sem abordar também a história do surgimento do estado do Tocantins.

## **1.2 A formação populacional e linguística de Goiás**

Sobre a formação populacional do Estado de Goiás, conta a história que somente do século XX, em diante, é que o Estado se estruturou um pouco mais, com relação ao seu povoamento e ao processo de urbanização e que, apesar de alguns esforços dos governos da capitania de Goiás, em períodos anteriores, para que houvesse um desenvolvimento econômico e populacional mais consistente, não foram estes esforços que garantiram tais desenvolvimentos. Na verdade, o que a história descreve é que os esforços da colonização oficial, no que se refere aos processos de povoamento e colonização do estado, fracassaram completamente.

Barbosa, Teixeira Neto e Gomes (2004) comparam os dois tipos de impulsos para a ocorrência dos processos de povoamento de Goiás, as que se deram pelos esforços oficiais e aquelas que se deram pelos processos espontâneos de movimentação das pessoas para a região central do Brasil, oriundos dos movimentos migratórios para os estados que constituíam essa região, naquele momento, Goiás e Mato Grosso.

De acordo com Barbosa, Teixeira Neto e Gomes (2004, p. 71),

a colonização espontânea, que tem como característica principal, os imensos fluxos migratórios em Goiás-Tocantins desde meados do século XIX, intensificando até a metade do século XX, foi o mais importante fator de povoamento e, sobretudo, de urbanização que os dois estados conheceram ao longo da sua história.

Os fatos históricos dão conta de que foram mesmo os movimentos migratórios de paulistas, mineiros, baianos e maranhenses que garantiram o surgimento das atuais cidades existentes, em Goiás e também no que é atualmente o estado do Tocantins. De acordo com os autores, os fluxos migratórios penetravam os territórios goianos, e atualmente, tocantinenses

por duas portas de entrada, a sul abertas pelos mineiros e a norte pelos maranhenses e baianos, atraídos antes pela mineração, depois pela abundante expansão agrícola, iniciada com a política de interiorização do povoamento da região central do país, implementada pelo Governo de Getúlio Vargas, na Marcha para o Oeste, e ampliada, posteriormente, pelos movimentos da colonização espontânea.

No que se refere aos aspectos de formação populacional e linguística, retomando o foco da discussão que norteia este estudo, é importante relatar que no levantamento feito por Isquerdo e Teles (2014, p. 50-51), observaram que no mapeamento dos principais fluxos migratórios do Brasil, conforme mapas elaborados por Simielli (2006) que demonstram “dois fluxos de migração interna ocorridos no Brasil, 1950-1970 e 1970-1990, constituem em períodos de intenso povoamento das regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil”, segundo as representações feitas nos mapas (cf. ANEXO A; ANEXO B).

De acordo com estes mapas, o primeiro fluxo é caracterizado, principalmente, pelo movimento de brasileiros e brasileiras, vindos dos estados situados nas regiões litorâneas, sobretudo dos estados nordestinos, com sentido aos estados da Região Central e da Região Sul. Já no segundo, percebe-se a continuidade desse movimento, dos nordestinos e nordestinas, agora mais especificamente para os estados da Região Sul. Contudo, nota-se, também, uma intensificação de movimentos de pessoas de outras regiões, inclusive de paulistas, mineiros, gaúchos e outros, para as Regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil.

O levantamento dos fluxos migratórios no Brasil, realizado pela equipe composta por Isquerdo e Teles (2014), demonstra que os diferentes fluxos migratório trouxeram para o estado de Goiás outros falares, dentre eles, o baiano, o mineiro e o sulista, principalmente nos anos compreendidos entre 1950-1970 e entre 1970 e 1990, em decorrência de muitos fatores, dentre eles a mudança da Capital Federal – Brasília – para o Estado de Goiás e a criação da capital do Estado – Goiânia.

Nestes períodos, Goiás serviu para os migrantes, ora como estado hospedeiro, principalmente no primeiro fluxo, ora como rota de acesso a outros estados brasileiros, como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia, em função da sua estratégica posição geográfica, a região Central do Brasil.

Barbosa, Teixeira Neto e Gomes (2004, p. 59) também comentam sobre a grande quantidade de mineiros e maranhenses que vieram para Goiás-Tocantins no século XX. Os autores observam que

ao longo da sua história, duas regiões do país, ou melhor, dois estados brasileiros, foram os principais berços de onde saíram esses homens que deram fisionomia

humana a Goiás-Tocantins: Minas Gerais, no Sudeste do país, e Maranhão, no Nordeste. Eles dois respondiam por metade da população migrante aqui vivendo entre os anos de 1940 e 1960.

Ainda de acordo Barbosa, Teixeira Neto e Gomes (2004) vários fatores foram significativos para os processos migratórios para formação da Região Central do Brasil, dentre eles: a corrida do ouro, no período colonial, nos séculos XVII e XIX; seguida pela ocupação agropecuária tradicional; a colonização espontânea e oficial que deu início à formação dos pequenos povoados, na primeira década do século XX. Na segunda metade, deste mesmo século, foi a garimpagem de outras pedras preciosas, dentre elas a esmeralda e o cristal em rocha; a abertura de estradas e rodovias e, atualmente, a expansão das fronteiras agrícolas, com a vasta produção de soja e cana-de-açúcar e a pecuária melhorada produzida em imensas propriedades rurais de alta tecnologia

Vários outros fatores favoreceram, e ainda favorecem, a debandada de pessoas para a região Central do Brasil, como as mudanças econômicas e as elevadas taxas de desemprego em outros estados, os processos de industrialização da região e a criação de órgãos estatais direcionados ao desenvolvimento regional, que continuaram atraindo pessoas de outros estados brasileiros e de outros países para esta região Central.

Para Queiroz e Santos (2015, p. 21)

a compreensão da dinâmica dos fluxos migratórios atuais do Estado de Goiás passa pela compreensão das mudanças que a economia goiana apresentou nas últimas décadas, especialmente no que se refere ao desenvolvimento das potencialidades que permitiram o Estado ampliar sua capacidade de atração ao longo das décadas.

Conforme também descrito por Isquerdo e Teles (2014), os aspectos econômicos impulsionaram as migrações internas no país, marcando diferentes “ciclos” na história da formação populacional e linguística brasileiras. De acordo com os historiadores e com o levantamento feito por Isquerdo e Teles (2014, p. 67), a história da formação de Goiás e de outros estados da Região Centro-Oeste e Sudeste foi mesmo marcada pelo *Ciclo do Ouro* (Séculos XVII e XVIII) com o movimento dos bandeirantes paulistas para o interior do país.

Sobre a formação étnica da população que vive na Região Central do Brasil, Isquerdo e Teles (2014, p. 67) também menciona que

em consequência, sua população ainda concentra grandes contingentes de descendentes de paulistas e, sobretudo, de nordestinos que se deslocaram para essas cercanias para trabalhar nos garimpos e acabaram por se constituir a base étnica da população local.



Para Queiroz e Santos (2015), a partir dos anos de 1980, até o momento atual, as modificações das características da economia do Estado, passando de uma economia de tendência agrícola para uma economia de base industrial, tem atraído imigrantes e migrantes de diversos destinos. Logo, supõe-se que essas pessoas, que entram e transitam pelo Estado, têm deixado suas marcas, inclusive nos modos de falar dos goianos.

Assim, entende-se que o modo de falar dos goianos guarda traços linguísticos singulares que permitem referências à maneira de falar daqueles que aqui vivem. Tanto o é que é bastante comum, em situações cotidianas, o emprego de expressões como: *o falar goiano*, *o goianês* ou *o dialeto goiano*, *o jeito do goiano falar...* e tantas outras expressões adotadas pelos discursos produzidos pelas mídias locais, seja em uma perspectiva mais formal ou mesmo em tom humorístico, quando fazem menção aos modos peculiares dos goianos falarem o português.

A fim de ilustrar as argumentações acima, entendemos que é oportuno mencionar o *Dicionário Goianês: gírias e expressões típicas dos goiano*, publicado em 2017 pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com o objetivo de catalogar frases, expressões e gírias comumente faladas em Goiás.

Do ponto de vista científico, nota-se que nos últimos anos houve um crescente interesse acadêmico pela descrição, análise e documentações do Português Brasileiro, o que não foi diferente também com relação à fala dos goianos. A Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, a Faculdade de Letras da Universidade Federal de Catalão e as Faculdades de Letras da Universidade Estadual de Goiás têm produzido um amplo material que visa descrever e caracterizar a fala do povo goiano e suas particularidades lexicais, fonético/fonológicas e de estruturação gramatical.

Dentre os diversos trabalhos realizados em Goiás, a fim de exemplificar, em 2015 a Universidade Federal de Goiás, por meio do Projeto ALINGO – *Atlas Linguístico de Goiás: léxico-fonético*, publicou um importante estudo dialetológico que teve como objetivo o mapeamento e o registro de algumas particularidades das realizações lexicais e fonéticas do falar goiano.

Neste sentido, para exemplificar a respeito do que mencionamos, é oportuno citarmos uma matéria divulgada no dia 05 de junho de 2016, na seção de entretenimento *Magazine*, do jornal *O Popular*, um diário de comunicação de grande circulação regional, o jornalista Rodrigo Alves, no texto intitulado *Goianês: a maneira goiana de falar rende estudos sobre singularidades*, também descreve algumas das particularidades que caracterizam a fala dos goianos. Para o jornalista, “um dos traços mais marcantes do jeito goiano de ser, a maneira

de falar, é uma mistura com porções do interior paulista e muitas pitadas mineiras, mas sempre salpicada de autenticidade” (2016, p. 2). A referida matéria informa, ainda, que

associada às inegáveis raízes rurais, a maneira goiana de usar e ressignificar expressões - algumas que só existem regionalmente - já foi vista como vergonha no passado. Mas se essa característica era pejorativamente tachada de “caipirismo”, hoje já é vista como um sinal de orgulho.

Nesse mesmo sentido, de acordo com a matéria, a pesquisadora e professora da UFG Vânia Casseb-Galvão defende que, apesar do desenvolvimento socioeconômico do estado, “o rural permaneceu intacto na linguagem”, como também outras formas culturais do modo de ser e de viver do goiano.

Se por um lado a fala goiano é constituída nas suas singularidades, fonéticas/fonológicas, morfossintáticas, semânticas e lexicais, naquilo que nos identifica como falantes goianos que somos, por outro, também nos reconhecemos na nossa pluralidade, naquilo que nos identifica como povo brasileiro, como falantes de uma língua caracterizada como Português Brasileiro, constituída a partir dos contatos com outros falares registrados pela história da formação do português falado Brasil afora.

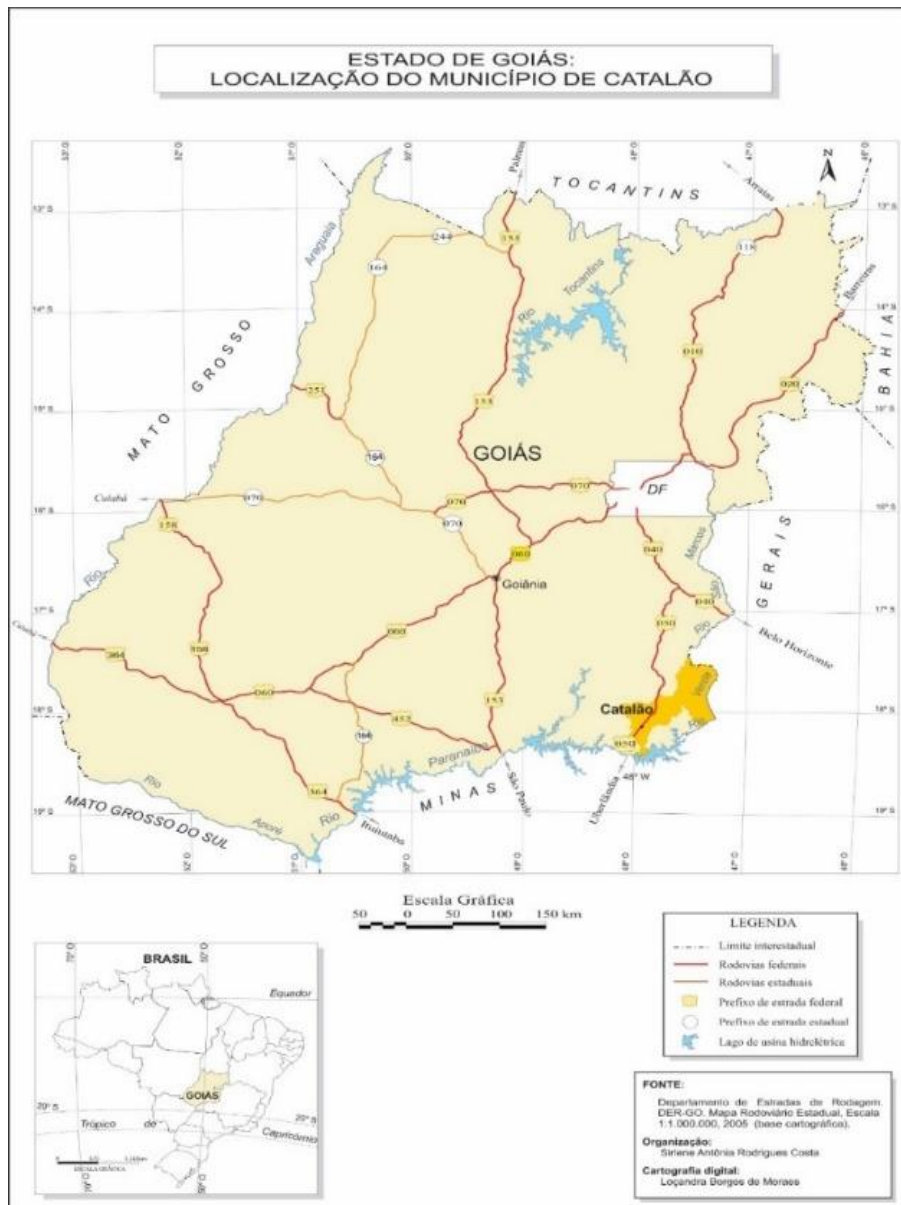
Referendando as palavras de Viegas (2011, 2013) que, ao descrever os falares mineiros, enfatiza que são singulares e são plurais, ao mesmo tempo. Assim sendo, acreditamos, também, que o falar goiano é singular no seu sentido de unicidade, naquilo que o identifica como particular e pertencente a um grupo ou a um povo, em termos sociolinguísticos, à uma comunidade de fala específica, no caso o povo goiano e, plural, naquilo que a torna semelhante a outros sistemas, nas influências e nas trocas linguísticas que ocorreram, e ainda ocorrem, naturalmente e normalmente, com outros falares.

### 1.2.1 Catalão no cenário goiano

Ao se pensar em estudo sociolinguístico, com atividades de pesquisa de campo e coleta de dados, há de se pensar, também, se a comunidade de fala escolhida corresponderá às condições para a realização da pesquisa empírica, no caso, o contato direto com o sujeito-informante. E ainda, se esta comunidade atenderá aos propósitos e aos outros aspectos relacionados às hipóteses e às orientações teóricas e metodológicas adotadas para dar formato à pesquisa pretendida (cf. LABOV, 1994, 2001, 2008; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006; TARALLO, 1990, 2003).

Com relação à sua localização geográfica, o município de Catalão se situa na Mesorregião Sudeste de Goiás – Região da Estrada de Ferro – e na Microrregião de Catalão, a 260 Km de Goiânia e a 314 Km de Brasília. Catalão possui uma área territorial de, aproximadamente, 3.820,295km<sup>2</sup>. Sua população, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2021, é de 113.091 pessoas. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM é de 0,766, considerado, portanto, um índice alto, se comparado a outras regiões do estado e do país. O mapa da localização geográfica do município, apresentado a seguir, possibilita uma melhor compreensão da localização físico-geográfico do Município:

Figura 1 – Mapa da Localização Geográfica de Catalão



Fonte: Departamento de Estradas da Rodagem. DER-GO. Mapa Rodoviário Estadual. Escala 1.1.000.000, 2005 (base cartográfica).

O município de Catalão está localizado na divisa entre os estados de Goiás e Minas Gerais, próximo às cidades mineiras de Araguari, Uberlândia e Uberaba, o que propicia o intercâmbio entre as populações naturais dos dois Estados, em especial, os trabalhadores e estudantes goianos e mineiros (cf. Mapa – Figura 1). Nesse intercâmbio, desde de sempre os trabalhadores goianos vão prestar suas habilidades profissionais às empresas situadas em cidades mineiras e vice-versa. No que se referem aos estudantes, também é observado que muitos goianos estudam em universidades mineiras e, essa movimentação também se dá do mesmo modo, muitos mineiros também frequentam as universidades goianas, em especial, as federais, como a Universidade Federal de Goiás – UFG e a Universidade Federal de Catalão – UFCAT e a estadual, a Universidade Estadual de Goiás – UEG, assim como muitos goianos frequentam as universidades mineiras, como a Universidade Federal de Uberlândia – UFU, a Universidade Federal de Minas Gerias – UFMG e a Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, por exemplo, entre outras.

Sobre a base econômica do município, esta é composta pelas indústrias automobilísticas que se encontram ali instaladas e pelas atividades ligadas à mineração, à produção agropecuária e ao comércio local. É uma economia, portanto, de base diversificada, tendo em vista que são muitas as fontes geradoras de emprego e renda do povo catalano. Contudo, conforme acontece em outros estados e em outros municípios brasileiros, Catalão também padece dos mesmos problemas econômicos que têm atingido o país, de forma geral, nos últimos anos e, em especial na atualidade, devido à crise sanitária provocada pela pandemia do Corona Vírus, além das questões sociais e políticas que tanto têm afligido os brasileiros como um todo, gerando um quadro de desigualdade social cada vez maior.

Inserido neste cenário socioeconômico e político, que atinge de uma forma ou de outra, todos os brasileiros, Catalão tem enfrentado, na atualidade, as mesmas crises e as mesmas dificuldades, no que se refere à instabilidade econômica, à geração de empregos e de condições de vida digna para as pessoas que ali vivem, apesar de ser considerado um município com boa capacidade econômica, se comparado com muitos outros municípios, goianos e também brasileiros.

Além disso, apesar do bom desenvolvimento social e econômico, ocorrido em anos anteriores, por outro lado, têm sido grandes os desafios enfrentados pelo município com relação à necessidade de conciliar a volumosa expansão industrial e demográfica e os prejuízos socioambientais ocasionados, principalmente, pela exploração mineral em grande escala.

As conversas com os sujeitos-informantes revelaram que são grandes as preocupações da população quanto aos impactos ambientais causados pelas mineradoras. De

mesma forma que se constituem em angústia, para estes mesmos catalanos, o risco do fechamento das mineradoras no município e a implicação dos impactos negativos, econômicos e sociais, na vida cotidiana dos moradores de Catalão. Estas percepções se fazem presentes nas conversas com os informantes e também com outros catalanos.

No que se refere à educação formal, o município possui várias escolas públicas e particulares que oferecem desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Já com relação ao Ensino Superior, existem sete instituições de ensino que oferecem, à população da cidade e àqueles que vivem na região, a formação superior, nas modalidades presencial e/ou à distância, sendo três com cursos presenciais e cinco polos de instituições particulares que oferecem cursos à distância. O antigo Campus Regional da Universidade Federal de Goiás se federalizou, passando a ser autônoma, a Universidade Federal de Catalão – UFCAT, a partir de março de 2018. Atualmente, a UFCAT oferece 28 cursos presenciais e dois à distância, 11 cursos de Mestrado e dois de Doutorado. No total, atende 3.400 alunos. Estas informações constam no *site* da Universidade.

Catalão conta ainda com instituições particulares de ensino superior, em nível de graduação e pós-graduação, nas modalidades presencial e à distância. Desse modo, entende-se que a Educação formal, ofertada no município, em linhas gerais, atende às principais necessidades educacionais dos catalanos.

Sobre a infraestrutura do município, esta é considerada também como boa, tanto com relação aos serviços públicos que são prestados à população, quanto com relação à estrutura de comércio, indústrias, agências bancárias, supermercado e outros tipos de serviços essenciais à vida moderna.

Com relação à formação populacional de Catalão e de toda a Região Sudeste do Estado, esta foi iniciada a partir da chegada dos bandeirantes paulistas e portugueses, no Século XVII e foi ampliada com inauguração da Estrada de Ferro, em 1913. Assim, é importante enfatizar que o município faz parte da rota das bandeiras que adentraram a Região Central do Brasil, no período denominando por “Ciclo do Ouro”.

Esta é uma informação bastante relevante quando o pesquisador propõe descrever aspectos linguísticos da fala goiana, em função do que têm sido observado por outras pesquisas que registraram que muitos fenômenos linguísticos se dão de forma diferente quando a descrição toma como referência as comunidades linguísticas situadas na rota das bandeiras, se comparadas às comunidades em que não receberam os bandeirantes portugueses e paulistas, como é o caso de maior ocorrência do “r” retroflexo e do registro de casos em vogais são

nasalizadas, entre outras, tal como era comum em períodos históricos anteriores (cf. COSTA, 2005).

Conforme relatam Barbosa, Teixeira Neto e Gomes (2004, p. 123) “a ferrovia, que acompanha, *grosso modo*, o antigo caminho dos bandeirantes que entraram em Goiás pela porta de Catalão, realmente mudou, transformou e deu origem a cidades, criou espaços produtivos novos e novas mentalidades” (grifos dos autores).

Naquele momento, o da chegada dos bandeirantes em Goiás, contam os historiadores que o lugar, onde está instalada a cidade de Catalão, foi utilizado como ponto de pouso para as bandeiras que vinham se instalar em outras regiões do Estado ou até mesmo em outros estados brasileiros, como demonstram os mapas que representaram os principais processos migratórios do Brasil (p. 16 – ANEXO A; ANEXO B). Por não considerarem que houvesse ouro e outros metais preciosos na região, pelo menos não nas camadas mais superficiais da terra, os bandeirantes não estabeleceram o lugar como moradia fixa, mas como um ponto de passagem e de descanso, uma espécie de ponto assistência aos viajantes.

Sobre a importância de Catalão para o desenvolvimento da Região Sudeste do Estado, Barbosa, Teixeira Neto e Gomes (2004, p. 123) afirmam também que

na região, a cidade de Catalão continua, contudo, sendo não apenas um dos mais importantes centros regionais é pólo da mineração de Goiás – na produção de fosfato –, mas agora também é pólo industrial – na fabricação de veículos utilitários e fertilizantes (*sic.*).

Chaud (1996), ao descrever os processos migratórios em Catalão, relata que o município passou por três ciclos de produção econômica: o da agricultura, impulsionado pela construção da ferrovia; o ciclo da agropecuária, impulsionado pela construção das rodovias que possibilitaram o transporte dos produtos agrícolas dos insumos necessários para o manejo nas lavouras e no campo e o último, o ciclo da mineração e indústria, impulsionado pelos programas governamentais que objetivaram o desenvolvimento do estado de Goiás e da região Centro-Oeste como um todo.

As atividades econômicas exercidas no município foram se ampliando e se complementando, paulatinamente, à medida que a região se desenvolvia em diversos aspectos, mas, sobretudo no que se refere à abertura de estradas e rodovias. Atualmente, o município de Catalão tem como base econômica, concomitantemente, a produção agropecuária, a mineração, a indústria e o comércio. Ressalta Chaud (1996) que em função do grande desenvolvimento de toda a região Sudeste de Goiás e da diversidade de atividades produtivas existentes no

município, Catalão atraiu migrantes de vários estados brasileiros, mas em especial, mineiros, paulistas e gaúchos.

Dessa forma, acredita-se que, principalmente os mineiros e os paulistas tenham contribuído, fortemente, para a formação de traços linguísticos falados atualmente em Catalão. Dos mineiros, em virtude da proximidade com o estado de Minas Gerais e em função da vinda de vários mineiros para Goiás, principalmente, no período do segundo fluxo de migrantes, e dos paulistas, devido à grande quantidade de paulistas que vieram para Goiás, tanto no período do *Ciclo do Ouro*, quanto no segundo momento, motivados pelas produções ligadas ao agronegócio.

Em 1953, ao descrever as áreas dialetais do Português Brasileiro, Antenor Nascentes já registrava a forte influência do falar mineiro, paulista e gaúcho (sulista), na Região Sudeste do Estado de Goiás, tanto que o pesquisador identificou o falar daquela região como sendo caracterizado pelos falares mineiro/sulista.

Logo, acreditamos também que o apagamento dos clíticos pronominais, em contextos em que ocorrem os verbos reflexivos/pronominais, pode ser pensado, também, pelo ponto de vista do contato linguístico, dos catalanos com os mineiros e paulistas.

É evidente que esse fator não poderá responder sozinho pela formação linguística dos goianos e dos catalanos, tendo em vista que outras populações também vieram para o estado e para a região do município, em momentos anteriores e atuais, conforme já mencionamos. No entanto, também não podemos ignorar totalmente tal fato, o dos possíveis contatos.

O capítulo objetivou apresentar a comunidade de fala pesquisada, por meio de um recorte sócio-histórico, que caracterizou do estado de Goiás e o município de Catalão, a fim de situar o leitor acerca de qual espaço físico, político e social estamos partindo.

Além disso, buscamos apresentar algumas informações relacionadas às possíveis e principais influências linguísticas e de povoamento do Estado e do Município, com a preocupação de sempre relacionar a língua que estudamos, o Português Brasileiro, a fala goiana e catalana, e os aspectos linguísticos e sociais que podem ter contribuído para a sua formação e caracterização, tal qual falamos hoje.

## CAPÍTULO 2

### CONTEXTUALIZAÇÃO DOS OBJETOS DE ESTUDO DA PESQUISA

No capítulo 2 apresentamos os dois objetos da pesquisa, os clíticos pronominais e os verbos reflexivos/pronominais, bem como uma contextualização teórica destes objetos, as nomenclaturas, os conceitos e as subcategorias dos clíticos pronominais *me, te, se e nos*, quando são chamados de pronomes e quando são chamados de clíticos. Além disso, conceituamos os diferentes tipos de clíticos a partir de vários estudos linguísticos. Da mesma forma, conceituamos também os verbos reflexivos/pronominais em Gramáticas Tradicionais, em Gramáticas Descritivas e em três diferentes dicionários brasileiros: Houaiss e Villar (2001); Borba (2002); Luft (2008).

Os identificamos como dois objetos de estudo por dois fatores: primeiro por se tratar de duas unidades gramaticais distintas, os clíticos pronominais e os verbos reflexivos/pronominais. Segundo, porque ao longo das atividades de pesquisa teórica, notamos que ao falar de um, era preciso se esbarrar nos conceitos e nas regras de funcionamento do outro. Neste sentido, eles se tornam unidades indissociáveis, principalmente quando são abordados na perspectiva da descrição.

Desse modo, julgamos pertinente considerá-los como sendo duas unidades, morfossintática e semanticamente, distintas, mas sem, contudo, nos furtar da noção de bloco, de junção, de entrelaçamento de sentidos, denotada pela relação entre os clíticos pronominais e os verbos reflexivos/pronominais. Os dois, juntos, constituem o fenômeno linguístico a ser descrito neste trabalho de pesquisa.

Assim, tomamos como objeto de estudo os clíticos pronominais que, normalmente, acompanham os verbos reflexivos/pronominais e os próprios verbos do Português Brasileiro que compõem essas duas subcategorias verbais, uma subclassificação feita pelas Gramáticas Tradicionais (cf. ALMEIDA, 1999; ROCHA LIMA, 2003; BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2013; entre outros).

Conforme mencionado na introdução deste texto, constam, ainda, entre as gramáticas, dicionários e outros materiais destinados à prescrição e à descrição do Português Brasileiro, grandes confusões de conceitos e nomenclaturas acerca destes dois objetos de estudo, em função das suas complexidades funcionais, sobretudo no Português Brasileiro.



Assim, é oportuno informar que, até que tomemos posições mais definidas a respeito dos conceitos e nomenclaturas a serem adotados neste texto, acerca do que é chamado pela literatura por verbos reflexivos/pronominais no Português Brasileiro, esses serão referenciados com nomenclaturas duplas, separados por barras. Para as partículas que normalmente acompanham esses tipos verbais adotamos os termos clíticos pronominais em referência a esses complementos.

Este capítulo está dividido em duas partes que visam apresentar estes dois objetos de estudo. A primeira visa discorrer sobre alguns conceitos e nomenclaturas acerca dos clíticos pronominais que, via de regra, se fazem presentes nos contextos em que são empregues os verbos de natureza reflexiva/pronominal. Já a segunda é dedicada às discussões acerca do que as Gramáticas Tradicionais<sup>8</sup>, de cunho mais prescritivo, e as Gramáticas Descritivas, de abordagem mais aberta, explicam sobre as subcategorias verbais denominadas por verbos reflexivos/pronominais.

Sabe-se que um dos intuítos de uma pesquisa científica é mesmo o de promover levantamentos e comparações acerca das convergências e divergências teóricas e metodológicas existentes sobre o assunto estudado. Na verdade, apresentar as várias formas de perceber um dado objeto, a partir de pontos de vista diferentes, garante aos interessados a possibilidade de escolhas, de posicionamentos e de respostas a possíveis indagações ainda não totalmente esclarecidas.

## **2.1 As nomenclaturas, conceitos e de categorizações dos clíticos pronominais**

Desde a introdução deste texto temos mencionado sobre as controversas e os descompassos apresentados pelas Gramáticas Tradicionais com relação aos conceitos e às classificações acerca do que vem a ser os verbos das reflexivos/pronominais. De igual modo, nota-se que é também dificultoso conceituar as partículas, geralmente monossilábicas, que, via de regra, acompanham os verbos que podem ser pronominalizados. Sobre essas, as referidas partículas, uns as denominam por pronomes, outros por pronomes anafóricos, e ainda outros por clíticos ou por clíticos anafóricos. Por uma questão teórica e metodológica que serão apresentadas em toda extensão deste texto, adotamos a nomenclatura de clíticos pronominais para as partículas que acompanham os verbos que podem ser pronominalizados. Isso não quer

---

<sup>8</sup> O termo “Gramática Tradicional” está sendo empregado aqui tomando como base o conceito adotado por Mattos e Silva (1989, p. 4) que em síntese, a define como sendo aquela que estabelece “as regras, consideradas as melhores, língua escrita, com base no uso que dela faziam aqueles que a sociedade considerava e considera os seus mais “bem acabados” usuários, os chamados “grandes escritores”, tanto poetas, quanto prosadores.”

dizer que não tem havido esforços dos linguistas e gramáticos para montar os quebra-cabeças envolvendo os clíticos pronominais no Português Brasileiro. Pelo contrário, estas conceituações e definições têm custado, àqueles que se aventuram a encará-los, muitas inquietações.

Pereira (2006, p. 12) inicia a apresentação da sua tese de doutoramento lembrando que os “pronomes clíticos são objetos estruturalmente simples – quase sempre monossilábicos que existem nas línguas naturais. Estes pequenos objetos deleitam e infernizam os linguistas que se aventuram a encará-los”. E o assunto é mesmo complexo! Aliás, os assuntos são realmente complexos! Os esforços desta pesquisadora se somarão aos dos demais estudiosos que também se aventuraram pelas trilhas dos clíticos pronominais e dos verbos de natureza reflexiva e pronominal.

Diante do exposto, antes de seguirmos para as próximas seções deste capítulo, consideramos que é preciso esclarecer dois pontos: o primeiro, consiste em explicar que o nosso propósito aqui não é o de sanar todas as dificuldades de nomenclaturas e conceitos, seja com relação aos verbos reflexivos/pronominais, seja com relação aos clíticos pronominais, numa tentativa extrema de buscar consensos teóricos ou verdades absolutas sobre os dois temas. No entanto, nosso foco é descrever como os dois fenômenos linguísticos pesquisados ocorrem na comunidade de fala de Catalão-GO, a fim de contribuir com os debates relacionados à compreensão e aos mapeamentos da língua portuguesa produzida pelos goianos, em específico, e pelos brasileiros, em geral.

Teixeira e Silva (2019, p. 119), ao discutirem sobre as variações semânticas (des)uso do clítico *se* no português falado em Vitória da Conquista, elencam as várias designações que os clíticos pronominais têm recebido em função da ausência de consenso das teorias, quanto ao seu estatuto e à sua natureza.

Por obra da ausência de consenso quanto ao estatuto e à natureza do SE, o item tem recebido diferentes designações (*pronome, clítico, partícula, índice, símbolo, afixo*) e, simultaneamente, diferentes propostas de classificação (*reflexivo, recíproco, passivo, indeterminado, inerente, expletivo, ergativo, médio, oblíquo* etc.).

Estendemos essa diversidade de designações e classificações encontradas pelos autores em referência ao ‘*se*’ e aos demais clíticos pronominais *me, te, se* e *nos*, em função de serem estas as mesmas designações e classificações aplicadas pelos gramáticos e linguistas aos demais pronomes, nos contextos em que estes sejam de sentido correspondente ao clítico pronominal *se*.

Assim, adotamos, aqui as indicações que fazem Teixeira e Silva (2019) ao apresentarem os conceitos de clítico e de pronome que estas formas receberam, por parte de alguns pesquisadores, na tentativa de conceituá-las e explicar seus funcionamentos no Português Brasileiro. Os próximos subtópicos objetivam apresentar algumas definições e conceitos atribuídos pelos pesquisadores aos clíticos pronominais.

### 2.1.1 Quando *me*, *te*, *se* e *nos* são chamados de pronomes

Cunha (1986), Bechara (2009), Carvalho (2011) e muitos outros gramáticos, costumeiramente, ao iniciarem suas explicações acerca do que é pronome, nos lembram que esta é uma tarefa difícil, “por se tratar de uma classe de palavras extremamente heterogênea” (cf. CARVALHO, 2011, p. 173).

De forma geral, ao definir a classe dos pronomes os gramáticos e os dicionaristas que o fazem seguem alguma das quatro linhas: a) a tradicionalista; b) a relacional; c) a estruturalista; d) a funcional (cf. CARVALHO, 2011, p. 173).

Desde os antigos estudos tradicionais de 1540, com a Gramática de João de Barros – *Gramática da língua portuguesa*, aos dias atuais, os dicionários e as gramáticas que trabalham com uma perspectiva mais tradicional, o pronome é percebido como a classe gramatical que tem a função básica de substituir um substantivo (nome), ou até mesmo de substituir uma frase inteira ou um parágrafo. Alguns gramáticos tradicionalistas utilizam a expressão *representar* ao invés de *substituir*, mas a ideia é a mesma, aquele elemento gramatical que pode estar no lugar de algo ou alguém.

Outros os definem como elementos de função relacional das pessoas gramaticais ou das pessoas do discurso, além da função de substituto, (cf. CÂMARA Jr., 1956; LUFT, 1985; CARVALHO, 2011) Sobre a definição de pronome, Carvalho (2011, p. 91) observa que alguns destes gramáticos e dicionaristas transcrevem literalmente a definição de pronome de Said Alí: “Palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso.”

Sobre a concepção dos estruturalistas, com relação à definição dos pronomes, a ideia é de que ele não tem uma significação própria, e que é um elemento móvel na sentença e que a sua significação está associada a outros elementos, baseada na noção de *debreantes*, que são unidades gramaticais que só tem sentido na referência da mensagem. Conforme demonstra Jakobson (1963, p. 177) *apud* CARVALHO, 2011, p. 179)

os pronomes pessoais são símbolos-índices, isto é, são símbolos porque se associam ao objeto representado, e são índices porque estão numa relação existencial (“de mostração”) com o objeto que representam. Os pronomes seriam códigos que se reportaria à mensagem (C/M), assim como o nome próprio seria código (C/C), isto é, o nome próprio não tendo uma significação geral, só se definiria reportando-se ao próprio código de uma língua.

Nesta definição dos estruturalistas, novamente se faz presente a ideia da representação, no caso, dos nomes. Assim, ele não poderá ser entendido como código porque o sentido que o termo expressa estará sempre condicionado à ideia de representação de alguém ou de algo.

Na concepção dos funcionalistas, o pronome é o termo que adquire no contexto a função dêitica ou a função anafórica-catafórica. Neste sentido, esta definição abarca uma perspectiva pragmática da linguagem, no caso, a função dêitica, e uma perspectiva sintática, por meio das noções de anáfora-catáfora. No segundo sentido se faz presente, novamente, a função de representação sintática, de elemento substituto, a partir das noções de anáfora-catáfora, “por terem a função de representação sintática, substituem elementos do enunciado e podem, por isso, ser considerados substitutos. Já os pronomes na função dêitica não substituem coisa alguma” (cf. CARVALHO, 2011, p. 179-180).

Porém, no primeiro sentido, esta função não se apresenta, considerando que a função do dêitico não é a da representação, mas da função extratextual. Estes são conceitos contidos em Benveniste (1995), no *Problemas de Linguística Geral*, vol. I.) nome sempre lembrado quando o assunto é o conceito dos pronomes.

Carvalho (2011, p. 180) comenta que nenhuma das concepções citadas exclui a outra, elas se complementam em alguns sentidos e destaca que o conceito funcional possibilita

uma compreensão mais detalhada e profunda da natureza do pronome, ao considerar de um lado a função dêitica e, de outro, a função anafórico-catafórica, que permitem-nos distinguir, no pronome, os “indicadores”, que remetem à situação extratextual, e os “substitutos” que são endofóricos (grifos do autor).

Mattoso Câmara Jr. (1956; 1976) adota no primeiro texto – *Dicionário de fatos gramaticais*, o conceito relacional defendido por Said Ali (1964), e no segundo – *História e estrutura da língua portuguesa*, conceitua o pronome como substituto do nome no contexto linguístico, mas acata também a função dêitica, ao referir-se ao ambiente extralinguístico do pronome.

Ao estabelecer um paradigma dos pronomes do Português Brasileiro, a maioria das gramáticas descritivas classificam as formas fonológicas /me/, /te/, /se/ e /nos/em pronomes oblíquos de *formas átonas* por desempenharem funções de *objeto direto e objeto indireto*.

Castilho (2010, p. 474) sintetiza a discussão afirmando que para “definir o estatuto categorial dos pronomes, é necessário examinar suas propriedades discursivas, semânticas e gramaticais e também sua gramaticalização” e apresenta suas propriedades como classe gramatical. De acordo com o autor, do ponto de vista semântico-discursivo, os pronomes possuem duas propriedades: “1) representam as pessoas do discurso pelo caminho da dêixis; 2) permitem a retomada ou antecipação de participantes pelo caminho da foricidade (anáfora e catáfora)”.

No entanto, a partir do ponto de vista gramatical, de acordo com o autor, a classe dos pronomes possui propriedades morfológicas de caso, de pessoa e número, e de gênero. Essa marcação de caso é a propriedade que diferencia os pronomes pessoais dos demais. Assim, os pessoais são: os nominativos (*eu, tu, ele, nós*), os acusativos-dativos nas formas de (*me, te, se, nos*) e os dativos (*mim, ti, si, lhe*), herdados no latim vulgar.

Do ponto de vista sintático, Castilho (2010, p. 475) recorre à Gramática Greco-Latina de Apolônio Díscolo e relata que o pronome apresenta, então, neste aspecto, duas propriedades: “a de *proximidade* ou *adjacência*, quando a forma acompanha o substantivo, e a de *substituição*, quando a forma substitui o substantivo”.

Com base em todas essas perspectivas Castilho (2010, p. 475) apresenta o quadro dos pronomes pessoais do Português Brasileiro na atualidade, nas modalidades formal e informal da língua. As formas investigadas *me, te, se* e *nos* estão listadas entre os que pertencem à modalidade formal do Português Brasileiro, na função de complemento do verbo, assim distribuídas: *me* – na 1ª pessoa do singular, *te* – na 2ª pessoa do singular, *se* – 3ª pessoa do singular e do plural, *nos* – na 1ª pessoa do plural.

Na norma não padrão, numa perspectiva informal, a forma *me* também se apresenta na função de complemento do verbo, na 1ª pessoa do singular. As demais formas dos pronomes átonos, *te, se* e *nos*, não se apresentam no quadro formulado, no que se refere à norma não padrão da língua, o que quer dizer é que estas formas estão perdendo, de acordo com o autor, o traço de pessoa, o traço de reflexividade, o traço de apassivação, o que tem provocado uma desidratação das suas funções, gerando, assim, um processo de omissão dessas formas até o seu total desaparecimento por processos de gramaticalização.

Ilari *et al.* (2002, p. 74) informam que na Nomenclatura Gramatical Brasileira – NGB, o termo “pronomes” aplica-se a uma variedade de formas e cita as classificações dadas

à esta classe gramatical: os pessoais, os possessivos e os indefinidos. Nos exemplos apresentados pelos autores as partículas *me, te, se, nos, lhe, lhes*, são do tipo pessoais porque possuem o “traço comum de *identificar de forma pura*”, a “pessoa gramatical” (grifos dos autores). E são exatamente estes, os classificados como pessoais átonos, que nos interessam aqui.

Carvalho (2011, p. 244), ao explicar sobre a colocação dos pronomes átonos, também apresenta os conceitos de pronome e clítico. De acordo com o autor, “chama-se clítico qualquer item oracional átono, do qual a pronúncia depende de outro item com acentuação própria” e o compara com as preposições. Para o autor, “o pronome pessoal átono é um clítico dependente do verbo”, e com a finalidade de ilustrar a explicação apresenta o verbo *morrer*, na 3ª pessoa do singular, acompanhado pela partícula *se*, nas três diferentes posições (próclise, ênclise e mesóclise). Aqui, o autor não faz referência às funções *reflexivas* e *recíprocas* desses clíticos pronominais.

Nesse mesmo sentido, Azeredo (2008, p. 258) descreve estas partículas como pronomes átonos e reforça que o funcionamento destes pronomes está sujeito a um conjunto complexo de fatores, “as formas *me/te/nos/vos*, por sua vez, podem desempenhar função acusativa (complemento do verbo transitivo direto) ou função dativa (na expressão de papéis semânticos de destinatário – *Ela me devolverá o livro* –, ou do experienciador ou ser afetado – *Ocorreu-nos uma dúvida*” (grifos do autor).

Ao definir os verbos pronominais, Azeredo (2008, p. 278) reforça a ideia da denominação dos pronomes e informa sobre a sua obrigatoriedade junto a esses tipos de verbos.

Chamamos **pronominal** ao verbo que se emprega obrigatoriamente combinado com o pronome reflexivo: *arrepender-se, comportar-se* (ter comportamento), *despedir-se*, (= cumprimentar na hora de sair), *furtar-se*, (= evitar, fugir a) *orgulhar-se, queixar-se, sair-se* (= atuar, comportar-se) – (grifos do autor).

Em linhas gerais, pode se dizer que as gramáticas citadas ou outras de abordagens semelhantes, estas partículas são classificadas como *pronomes átonos reflexivos* ou *recíprocos*, desempenham as funções: *objeto direto, objeto indireto, partícula representativa de sujeito indeterminado*, quando o verbo “faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou” (BECHARA, 2009, p. 313).

Em Cunha (1986, p. 282-283), no que se refere especificamente ao clítico pronominal *se*, o autor informa que este é um pronome reflexivo “quando o objeto direto ou

indireto representa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o sujeito do verbo”, ou um pronome recíproco, quando indica “que a ação é mútua entre dois ou mais indivíduos”.

### 2.1.2 Quando o *me*, *te*, *se* e *nos* são chamados de clíticos

A partir da segunda metade do século XX, com o surgimento e a ampliação dos conceitos de *clitização*, não somente para o *se*, mas para as palavras que necessitam de outras para se realizarem linguisticamente, aquelas que não têm funcionalidade isoladamente, sem o apoio dos seus hospedeiros (cf. KAYNE, 1975; ZWICKY, 1977 apud OLIVEIRA, 2006).

Oliveira (2006) denomina as partículas que via de regra acompanham os verbos reflexivos/pronominais por “pronomes clíticos” ou “clíticos pronominais” e, com base em Kayne (1975 apud OLIVEIRA, 2006) considera três propriedades: (i) pronomes clíticos são fonologicamente deficientes e, por isso, obrigatoriamente adjungidos a um hospedeiro; (ii) o hospedeiro do clítico pronominal tem que ser necessariamente um verbo; (iii) os clíticos pronominais, em geral, não apresentam ordem fixa, com relação ao seu hospedeiro.

Ainda de acordo com Oliveira (2006) duas outras propriedades diferenciam o Português, em especial o Português Brasileiro, das demais línguas românicas: (i) o reduzido número de pronomes críticos no Português Brasileiro atual e (ii) o predomínio da próclise, independente do contexto de realização.

Nunes (1995) em seu estudo sobre o *Ainda Famigerado Se*, denomina as formas que, normalmente, acompanham os verbos do tipo reflexivo/pronominal de clíticos anafóricos e, em nota informa que o *se*, naquele estudo representaria todos os clíticos anafóricos independente de número e de pessoa.

Assim, conforme demonstrado, existem entre as teorias as possibilidades e justificativas de denominação destas partículas por “pronomes” ou por “clíticos”, optamos por empregar a dupla denominação de clíticos pronominais.

## 2.2 Descrição das classes dos clíticos pronominais no Português Brasileiro

Já há algum tempo que as pesquisas linguísticas, em especial aquelas que se dedicaram à descrição da partícula pronominal *se*, vêm questionado o reducionismo à função reflexiva dessa partícula, tal como é feito por algumas Gramáticas Tradicionais (cf. CUNHA, 1986; BECHARA, 2009; ROCHA LIMA, 2003).

O que essas pesquisas enfatizam é que no Português Brasileiro o *se* adquire outras funções expressivas, que vão além da reflexividade (cf. MONTEIRO, 1994; NUNES, 1995, FREITAG, 2003; OLIVEIRA, 2006; PEREIRA, 2006; MELLO, 2009). Dentre os gramáticos que ampliam esta concepção do clítico pronominal, dito reflexivo, podem ser citados Azeredo, (2008), Castilho (2010), Ilari *et al.* (2002), Bagno (2011), Neves (2011), entre outros.

Não é difícil de ser percebido, pelos usuários mais atentos do sistema linguístico do Português Brasileiro que nas sentenças de (05) a (08) a partícula *se* possui sentidos expressivos diferentes, que são construídos a partir da sua relação com os demais elementos linguísticos que integram essas sentenças e que, somados aos contextos pragmáticos como: quem, quando, onde e por que diz determinada estrutura, os *se* ganham sentidos e funções bastantes diversificadas:

- (05) Maria **se lava** no rio todas as manhãs<sup>9</sup>.
- (06) Os irmãos **se abraçaram** depois de tantos anos longe!
- (07) Você **se entristece** por qualquer motivo!
- (08) Ele **se ferrou** com o aumento da inflação!

Dessa forma, atribuir a todas essas sentenças as mesmas noções de *reflexividade*, somente a partir do esquema (SN1+V+SN1), significa reduzir-lhes seus aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Nunes (1995), Oliveira (2006), Mello (2005; 2009) argumentam que no nosso português existem vários *se*, com sentidos diferenciados e que, por isso, não é possível chamar todos, igualmente, por *reflexivo*, como fazem a maioria das Gramáticas Tradicionais.

Antes disso, Carvalho (1990, p. 2) denomina o pronome *se* por “uma palavra oblíqua dissimulada”. Já Nunes (1995) o adjetiva por famigerado, no texto intitulado por: *Ainda o famigerado se*. Tais adjectivações atribuídas à partícula *se* dão, exatamente, pelas diversas funções que ela adquire no nosso vernáculo.

Do mesmo modo, Teixeira e Silva (2019, p. 121) relatam que “a aptidão do pronome clítico *Se* tem dado margem a estudos que abordam, principalmente, problemas relacionados à passivização, à indeterminação do agente e à reflexivização, três de suas nuances mais frequentes”, desempenhadas pela partícula na nossa língua.

---

<sup>9</sup> Os exemplos de (05) a (08) foram elaboradas por nós.



O fato é que, a depender do contexto discursivo, esses clíticos pronominais átonos ganham mesmo outras características, outras funções, que extrapolam as noções da reflexividade e da reciprocidade, comumente apresentadas pelas Gramáticas Tradicionais.

Assim, devido a essa diversidade de funções que os clíticos pronominais adquirem nos diferentes contextos linguísticos, o próximo tópico é dedicado a caracterizar os sete tipos ou sete funções diferentes desempenhadas pelos clíticos pronominais do Português Brasileiro: *me*, *te*, *se* e *nos*, a partir de uma subclassificação feita inicialmente por Nunes (1995), adotada posteriormente por Cyrino (2000), Bandeira (2007), Mello (2009), Teixeira e Silva (2019), entre outros.

É adequado esclarecer que o clítico pronominal *vos* não compõe o quadro dos clíticos pronominais investigados pela razão de que este praticamente já não faz mais parte do paradigma pronominal adotado no Português Brasileiro. Ou seja, muito raramente a 2ª pessoa do plural é empregada no vernáculo brasileiro da atualidade. Talvez ele ainda se faça presente em algum texto literário ou em alguma letra de música de composição mais antiga. Na atualidade, mesmo nestas tipologias textuais mencionadas, o referido pronome tem uso muito restrito na maioria das regiões do Brasil.

A apresentação a seguir pretende delimitar, estabelecer parâmetros ou mesmo, conforme metaforiza Mello (2009, p. 97) “fechar o cerco”, para esclarecer o que está sendo entendido por clítico pronominal dos tipos: a) *reflexivo*, b) *recíproco*, c) *inerente*, d) *apassivador*, e) *indeterminador*, f) *enfático*, g) *ergativo*. No entanto, é importante enfatizar que embora tenhamos empregado a maioria das nomenclaturas adotadas por Nunes (1995, p. 207), para nomear as subclasses dos clíticos pronominais, não os subdividimos em: *ex-ergativos* e *quase-inerentes*, conforme faz o autor. Outro ponto divergente, é que consideramos os *reflexivos* e os *recíprocos* como subclasses distintas, o que também não o faz Nunes.

Outro aspecto que diferencia a nossa pesquisa da de Nunes (1995) é que o foco do autor é somente sobre o clítico pronominal *se*, enquanto nós nos dedicamos a descrever as formas *me*, *te*, *se* e *nos*. Da mesma forma que também não utilizamos a subclasse dos clíticos pronominais denominados por *médios*, como faz Barros (2011; 2016), por exemplo.

Além das definições de Nunes (1995) serão observadas as definições de outros autores, a fim de se obter uma melhor compreensão do fenômeno estudado, como: D’Albuquerque (1988), Galves (1996), Cyrino (2000), Ilari *et al.* (2002), Perini (2003), Bandeira (2007), Bagno (2011), Neves (2015), Castilho (2010), entre outros.

As definições para os verbos reflexivos/pronominais e para os clíticos pronominais estudados, também foram observadas nas concepções dos dicionários de Luft (2008); Houaiss e Villar (2001); Borba (2002), quando estas são tratadas nos referidos dicionários. O que não significa dizer que concordamos sempre e com as todas as definições apresentadas por estes materiais. Contudo, em níveis de comparação todas as concepções são igualmente valiosas. Sobre a escolha destes dicionários, em específico, esta foi motivada por serem dicionários bastante conhecidos nas universidades brasileiras, comumente citados em trabalhos de linguística.

### 2.2.1 Os reflexivos

Em linhas gerais, os clíticos pronominais do tipo *reflexivo* se caracterizam por serem aqueles que devolvem ao sujeito<sup>10</sup> o efeito da ação praticada por *ele mesmo*. Ou seja, ele complementa o sentido de um verbo em que o sujeito pratica uma ação sobre *si mesmo*, sobre o seu corpo, físico ou mental. São classificados como pronomes do caso oblíquo e desempenham nas sentenças as funções de *objeto direto*, *objeto indireto* ou *de indeterminar o sujeito*, diferente dos clíticos pronominais de caso reto que desempenham a função de sujeito (cf. CAMACHO, 2003; NEVES, 2011; NUNES, 1995; BARROS; CASSEB-GALVÃO, 2016).

Para Nunes (1995, p. 204), o *se reflexivo* “refere-se ao clítico que realiza o papel temático de argumento interno”. Assim sendo, de acordo com Bandeira (2007, p. 72) a partir de Mioto *et al.* (2004) explica que, “o *se* é argumento e não adjunto do verbo que o “exige” e, no exercício desse papel temático, favorece a interpretação do sentido reflexivo”.

Em nota, Bandeira (2007, p. 72) argumenta que na teoria gerativista o argumento e adjunto são constituintes diferentes, e essa diferença se dá em função da estrutura argumental do verbo. E continua a autora, “os argumentos são necessários e suficientes para a composição de uma cena que tem por núcleo um verbo, e os adjuntos, os constituintes que não podem ser argumentos do verbo”.

Os clíticos pronominais do tipo *reflexivo* integram a forma mais básica dos pronomes que possuem esta propriedade de retornar ao sujeito o efeito da ação praticada por ele mesmo, tanto é que a maioria das gramáticas colocam num mesmo pacote, os reflexivos e os demais tipos de pronomes que possuem, mais ou menos, as mesmas características, a da

---

<sup>10</sup>Adotamos a concepção de sujeito sintático aquele constituinte da sentença que possui as seguintes propriedades: (i) é expresso por um sintagma nominal; (ii) figura habitualmente antes do verbo; (iii) determina a concordância do verbo; (iv) é pronominalizável; (v) pode ser elidido (cf. CASTILHO, 2010, p. 289).

reversão da transitividade da ação verbal (cf. CUNHA, 1986; BECHARA, 2009; ROCHA LIMA, 2003)

Barros (2016, p. 172) explica que

a reflexividade é uma noção semântica relativa a correferencialidade na determinação da agentividade e do afetamento, realizada linguisticamente no português, entre outros meios, pela configuração oracional na voz reflexiva, cuja forma prototípica, pressupõe uma estrutura biargumental em que o sujeito (Arg1) e o objeto (Arg2) referem-se à mesma entidade no mundo.

Assim, de acordo com a autora, quando ocorre o preenchimento da casa do Arg2 por um clítico pronominal *reflexivo*, “essa marca morfológica indica a correferencialidade entre objeto e sujeito e a simultaneidade entre papéis semânticos de Agente e Paciente”. Para ilustrar o acúmulo da simultaneidade das funções de Agente de Paciente, a autora cita o exemplo (09), o qual transcrevemos:

(09) E na Copa do Mundo, você sabe, em 82 foi o Roberto. **O Careca se machucou** e veio o Roberto na última hora. O Emerson foi cortado no último momento (em 2002). Sempre acontece, sempre acontece alguma coisa. (Séc. XX, PB, OR, CP *Corpus do Português*) – (grifos da autora).<sup>11</sup>

Barros (2016) explica que a ação do verbo praticada pelo sujeito recai sobre o próprio sujeito por meio do reflexivo pronominal *se*. Ou seja, o próprio Careca cometeu o ato de *se machucar*, mesmo que acidentalmente. O que ocorre é que, na mesma proporcionalidade, atribui ao sujeito a “responsabilização” pelo ato de *se machucar*, mesmo que a ação tenha sido, talvez, provocada por um terceiro qualquer. Somente pela leitura do enunciado, a interpretação possível e única é de que o Careca tenha machucado *a si próprio*.

Luft (2008, p. 12-13), ao definir os verbos pronominais, informa que esses verbos vêm verbos “acompanhados de pronome oblíquo da mesma pessoa do sujeito, por isso dito “reflexivo” (reflete o sujeito) *eu me arrependo, tu te arrependes, etc*” (grifo do autor).

A partir da estruturação sintática das sentenças, o autor apresenta cinco exemplos de construções do português, com ênclise e próclise, estruturadas com verbos *pronominais/reflexivos*, considerando a natureza do verbo e o tipo do seu complemento, qual seja: OD (objeto direto) e OI (objeto indireto).

(10) O caçador **feriu-se** – (S V OD).<sup>12</sup>

<sup>11</sup> O exemplo (09) foi transcrito de Barros (2016, p. 172).

<sup>12</sup> Os exemplos de (10) a (14) foram transcritos de Luft (2008, p. 12-13).

- (11) Os amigos **se cumprimentaram** – (S V OD).  
 (12) Eu **me levanto cedo** – (S V OD).  
 (13) O corredor **se riu** da proposta – (S V OI).  
 (14) Ninguém **se queixou** do tratamento – (S V OD).

Além disso, Luft (2008, p. 12-13) observa que verbos da mesma natureza da sentença, como *queixar-se*, *arrepender-se*, não ocorrem “**nunca** sem pronome reflexivo” (grifo nosso). E lembra, ainda, que as Gramáticas Tradicionais as classificam em: *reflexiva simples*; *reflexiva recíproca*, *reflexiva dinâmica* (a última exprime o dinamismo do sujeito em si mesmo); *reflexiva enfática* (estilística ou metafórica); *reflexiva essencial* ou *obrigatória* (porque o verbo não se usa nunca sem o pronome reflexivo), respectivamente.

Nota-se que as sentenças acima são, inicialmente, todas classificadas como *reflexivas*. Além disso, justifica que esse dicionário traz uma apresentação diferente dos demais, tendo em vista que “todas essas construções são consideradas “transitivas diretas pronominais” (**TDp**).

Luft (2008, p. 12-13) destaca, ainda, que outros dicionários não apresentam a ocorrência da transitividade indireta dos verbos *arrepender-se (de)*, *jactar-se (de)*, *queixar-se (de)*, por exemplo, representada por **TDp(I)**, como o faz este.

E continua Luft (2008), ao afirmar que há também os casos em que o *reflexivo* é objeto indireto, às vezes não registradas em outros dicionários. Assim, a classificação dos verbos denominados por pronominais, ao que se refere à transitividade podem ser: transitivos indiretos pronominais (**TIp**), como também há os casos em que “o objeto indireto, sendo a mesma pessoa do sujeito, refletindo-o, deve assumir a forma reflexiva (se) *Alguém arroga-se direitos*; classificação do verbo: transitivo direto e indireto pronominal (**TDIp**)” (grifos do autor).

Houaiss e Villar (2001, p. 2.412) trazem a definição de *reflexivo* como sendo

aquele em que o sentido reflete ou reflexiona ao sujeito; que se volta sobre si mesmo; GRAM: cujo sujeito e objeto (este representado por um pronome reflexivo) referem-se ao mesmo ser (diz-se de verbo); GRAM: que é usado como complemento de um verbo, tendo referência idêntica à do sujeito (diz-se de pronome); que, ligando a certos pares de elementos de um conjunto, se verifica quando esses dois são idênticos (diz-se de relação).

Os dois dicionários mencionados focam no sentido dos verbos para definirem o fenômeno da reflexividade e a pronominalidade verbal. No entanto, no que se referem aos

clíticos pronominais estes são mencionados como acompanhantes de tais verbos, no entanto, não são definidos, nem explicado os seus funcionamentos.

Com relação a Borba (2002) este não define o fenômeno da reflexividade, nem nomeia os verbos como reflexivos/pronominais.

Oliveira (2006) relata que a reflexividade é, por si mesma, resultado de um processo de gramaticalização, em função do percurso que este clítico pronominal percorreu para se chegar à forma tal qual o conhecemos atualmente, como um recurso de correferência.

Ao explicar as conclusões de Oliveira (2006), acerca dos processos da gramaticalização dos clíticos pronominais do tipo *reflexivo*, Jacob (2004, p. 2) argumenta que

no percurso da gramaticalização, a estratégia discursiva para marcar enfaticamente tal co-referência entre dois argumentos da proposição converte-se numa regra mecânica, segundo a qual a co-referência entre o sujeito e outro argumento requer uma forma específica, que se converte de um elemento enfatizante num mero pronome.

Com o emprego na terminologia constelação, adotada por Nunes (1995) para se referir ao “se reflexivo”, Jacob (2004, p. 3) reforça a ideia de que “a reflexividade corresponde a uma constelação gramaticalizada, e o pronome reflexivo uma marca gramaticalizada da correferência entre o sujeito e outra posição argumental da proposição”.

Enfatiza o autor que essa correferência pode estabelecer-se:

(i) com o objeto direto:

(15) *Pedro se vê no espelho.*<sup>13</sup>

(16) *Eu me machuco com uma faca.*

(ii) com complemento indireto:

(17) *Pedro se dá três horas para resolver o problema.*

(iii) com qualquer posição argumental que possa ocorrer na proposição:

(18) *Pedro está contente consigo.*

O apagamento dos clíticos pronominais, seja os do tipo *reflexivos* ou os dos demais tipos, nos contextos verbais estudados, serão melhor discutidos no capítulo 5 desta tese.

Neves (2011, p. 449), na seção dedicada às funções dos pronomes pessoais, também discorre sobre pronomes pessoais átonos, dividindo-os em: a) *reflexivos* e b) *recíprocos*, sendo que os primeiros desempenham a função de *objeto direto* ou *objeto indireto*, e os segundos

---

<sup>13</sup> Os exemplos de (15) a (18) foram transcritos de Jacob (2004, p. 3).

podem desempenhar as funções de: *sujeito + objeto direto*; *sujeito + objeto indireto* e apresenta uma série de exemplos, contextualizando os dois tipos: os reflexivos e os recíprocos.

a) *Reflexivos*:<sup>14</sup>

- (19) Assim como **ME olho** no espelho, a fim de saber se estou em ordem, experimento também a voz, para ouvir se tenho bom timbre (AM)-OD.
- (20) O rapaz **SE matou** com um tiro na cabeça (CNT)-OD.
- (21) Quando de novo se fez silêncio para que outro orador falasse, Tibério **SE deu** o luxo duma reminiscência em voz alta (ICN)-OI.
- (22) Verdades é que **me dei** grandes chances (PV)-OI.

b) *Recíprocos*: (sujeito + objeto direto; sujeito + objeto indireto)<sup>15</sup>

- (23) Valdo, tudo é possível, **nós NOS** amamos (CCA)-S+OD.
- (24) **Os dois SE** olharam, caminharam mais alguns passos e se viravam ao mesmo tempo, como se fosse coreografado (AVL)-S+OD.
- (25) Na mesa, **todos SE** entreolharam (A)-S+OD.
- (26) E convoco a todos a que, filhos do mesmo Deus, **NOS** demos, uns aos outros, as graças e as mãos (ME-O)-S+OI.

Esses tipos de *reflexivos*, conforme os exemplos (19) a (22), as teorias denominam por reflexividade simples, reflexividade verdadeira ou reflexividade pura. Os demais, de (23) a (26), são denominados por *reflexivos recíprocos*.

Assim, a exemplo de D'Albuquerque (1988, p. 115), consideramos por *reflexivos* os clíticos pronominais e os verbos pronominais “essencialmente e acidentalmente pronominais”, entendendo que: “se o objeto direto reflexivo em verbos acidentalmente pronominais pode ser omitido, passa ser omitido também nos essencialmente pronominais”.

Perini (2003, p. 279), a partir do exemplo (27), explica que *Guilherme* e o *reflexivo se* são correferentes, “*Guilherme* é o SN1, mencionado na regra, e o clítico pronominal *reflexivo* é o SN2”:

---

<sup>14</sup> Os exemplos de (19) a (26) foram transcritos de Neves (2011, p. 455-456, grifos da autora).

(27) Guilherme **se penteou**.

Assim, com base nos conceitos apresentados, transcrevemos dos dados coletados em Catalão-GO, os exemplos de (28) a (30) ilustram a nossa concepção de clíticos pronominais do tipo *reflexivos*:

- (28) **Inf.1:** Assim, nesses últimos três anos de mestrado eu **me banquei** assim| tipo, aluguel em Goiânia| então eu fui bolsista| depois o teatro também já me deu algum retorno financeiro| coisas que foram importantes até esse ano assim pra eu ficar **me mantendo**| mays agora que eu tô mais em Catalão (**DSP-25JHAC**).
- (29) **Inf.4:** eu **me formei** em mil novecentos e noventa e quatro | eu fiz Letras na UFG Catalão| hoje UFCAT, né? português e francês| é. . . acredito que são uns dos melhores cursos| que são oferecidos| aqui na nossa região| pelo. . .| pela. . . abertura que **se dá**, né?| (**ZGN-48AHA**).
- (30) **Inf.2:** Eu já **me deparei** com algumas pessoas aqui| estudioso| tipo assim. . . tem faculdade| eu conheço um rapaz que ele é engenheiro civil e ele trabalha num posto de gasolina (**MER-19JMM**).

Em síntese, adotamos o posicionamento de que caracterizamos como clíticos pronominais do tipo *reflexivos*, aqueles que acompanham os verbos cuja pronominalização coincide a agentividade e a passividade em um mesmo sujeito gramatical, no sentido de correferentes, em especial, quando o sujeito se encontra no singular (cf. PERINI, 2003).

### 2.2.2 Os recíprocos

Embora Nunes (1995) proponha a subclassificação do clítico pronominal *se* como *reflexivo* (*recíproco* ou não) em função do critério adotado por ele ser a identificação *do papel temático do argumento interno do verbo*, conforme os gerativistas, nós preferimos diferenciar os *reflexivos* dos *recíprocos*, por entendermos que um mesmo clítico pronominal pode ser do tipo *reflexivo* ou *recíproco*, a depender do contexto linguístico em que ocorre e das suas relações morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas.

Neste sentido, defendemos que os verbos *casar*, *amar*, *machucar*, *ferir* e tantos outros de igual natureza, podem ter o sentido de *reflexivo* ou *recíproco*, a depender das relações contextuais que o verbo estabelece com as outras palavras das sentenças, das noções

semânticas, discursivas e pragmáticas que ele adquire, além de outros fatores, conforme se observa nos exemplos (31) e (32):

(31) Eu **me machuquei** com a faca.<sup>16</sup>

(32) Eles **se machucaram** com a faca.

No exemplo (31) não há dúvida de que o sujeito da ação (eu) praticou, sobre *si mesmo*, sobre o seu próprio corpo, a ação de *se machucar* com a faca, enquanto que no exemplo (32), por si só, sem outras complementações contextuais, torna-se uma sentença ambígua, tendo em vista que não fica evidente se o sujeito da ação, representado pelo pronome pessoal (eles) *se machucaram*, reciprocamente, uns cometendo a ação de *machucar* sobre os outros, ou se cada um que compõe o sujeito (eles) tenha *machucado a si mesmo*.

Neste mesmo sentido, Bechara (2009, p. 176) explica essa ambiguidade adotando os termos “reflexividade pura” e “reflexividade recíproca”, por meio dos exemplos com os verbos *banhar* e *amar*. Esta explicação feita por Bechara será melhor detalhada no item: 1.3.1.4.

Ainda sobre as explicações acerca da ambiguidade, muitas vezes contida nos enunciados reflexivos e recíprocos, em especial aqueles com o clítico pronominal *se*, Mioto *et al.* (2004, p. 217), com base no exemplo (33):

(33) Os meninos **se machucaram**.

Comentam que

*Se é ambíguo quanto às interpretações reflexiva e recíproca. Tanto é possível a interpretação em que cada menino machucou a si mesmo, quanto aquela em que um menino machucou o outro. No primeiro caso estamos frente ao se reflexivo e, no segundo, ao se recíproco (grifos do autor).*

Essa ambiguidade do *se*, em contextos *reflexivos* e *recíprocos*, é tratada por muitos pesquisadores, entendendo que os contextos linguísticos e situacionais das produções discursivas se encarregam de resolvê-la. Mioto *et al.* (2004, p. 217) a chamam essa ambiguidade de “unidades léxicas comprometidas na construção” e que sua compreensão exige interpretação contextual que vão além de “valores de língua”.

<sup>16</sup> Os exemplos (31) e (32) foram elaborados por nós, a fim de ilustrar o porquê preferimos diferenciar os clíticos pronominais do tipo *reflexivo* dos do tipo *recíproco*.



Assim, entendemos conforme Bechara (2009) e Neves (2011) que se faz necessário distinguir os clíticos pronominais dos tipos *reflexivo* e *recíproco*, porque o sentido do segundo nem sempre está contemplado no sentido do primeiro.

A fim de explicar o posicionamento assumido por nós, para distinguir os *reflexivos* dos *recíprocos*, adotamos alguns argumentos assumidos por Mello (2009) que, com base em Lichtenberk (1985) e Kemmer (1993), entende que para que os clíticos pronominais sejam subclassificados como *recíprocos* estes devem ocorrer em um contexto de reciprocidade, para tanto, é necessário que haja pelo menos dois participantes, A e B, e que a relação de A para com B é idêntica à relação de B para com A. Isto é, esta relação ocorre na mesma proporcionalidade. Assim, nos contextos de reciprocidade se fazem presentes duas entidades, A e B, sendo, então, dois Agentes e dois Pacientes, A e B desempenham, ao mesmo tempo e, proporcionalmente idênticos, os papéis de Agente e Paciente, conforme exemplos de (34) a (37) transcritos dos dados analisados:

- (34) **P:** O jeito que eu faço é. . .| eu não discuto com eles esses assuntos. . .  
**Inf.7:** Não tem como, né?| vocês vão **se machucar** demais| (**JGP-33AMA**).
- (35) **Inf.1:** Ah, até hoje... é que *a gente se conheceu* justamente no programa| ela era coordenadora e eu era bolsista (**DSP-25JHAC**).
- (36) **Inf. 7:** Nós duas formamos juntas| *a gente se conheceu* na graduação de Ciências Sociais, os nossos pais já **se conheciam**| a mãe dela e *os meus pais* já **se conheciam**| e ai *a gente* não **se conhecia**| *a gente se conheceu* na graduação e ai nunca mais deixou de ser amiga (**JGP-33AMA**).
- (37) **Inf. 9:** conheceu uma mulher lá| de Araguari uma moça de novo| num sei se era goiana| mays foi lá in Uruana| **Ø casaram**| o **Ø amasiaram**| num sei| tiveram essa filha que deu pra ele a oportunidade da paternidade (**AMN-64A+MM**).

Nos exemplos, os verbos *machucar*, *conhecer*, *casar* e *amasiar*, acompanhados ou não do clítico pronominal, com sujeito plural expresso (*vocês*, *a gente*, *nós duas*) ou manifesto pela desinência verbal (*am*) possibilitam ao falante do Português Brasileiro compreender que os sujeitos envolvidos tiveram participação recíproca no evento discursivo enunciado pelo verbo, ou seja, todos os sujeitos realizaram e, ao mesmo tempo, sofreram os efeitos da ação denotada pelo verbo da sentença.

Dito de outra forma, nos casos em que há vários sujeitos envolvidos na ação, os papéis temáticos de Agentes e Pacientes, dessa ação praticada e sofrida, ocorrem na mesma

proporcionalidade para todos, como em (37) e (38), por exemplo, em que os sujeitos são plurais (*eles e nós*):

- (38) **Inf. 9:** nesse dia, né?| qu'le Ø escondeu| qu'ele tava namorand| não| esse negócio da psicóloga foi depois| que tava namorando| no casamento| bem próximo dessa data| qu'eles. . . | Ø encontraram| que nós nos encontramos, né? nós quatro| aí ele . . . | não| falô mais nada| (AMN-64A+MM).

Nota-se que nas sentenças com os clíticos pronominais do tipo *recíproco*, o sujeito é sempre pluralizado ou tem o sentido de plural, como em *a gente*, fazendo referência a nós, por exemplo, já que a ação é de uns sobre outros, mutuamente, ou sobre *si mesmos*. Logo, por estas e outras particularidades entendemos que era necessário diferenciar em nossas análises os dois tipos: os *reflexivos* e os *recíprocos*.

Porém, como esses casos de ambiguidade do *se*, citados acima, não consistem no foco das nossas discussões aqui, entendemos que nos bastaria somente a apresentação das justificativas do porquê assumimos o posicionamento de distingui-los e não promover uma teorização mais ampla e aprofundada a este respeito. Este é um assunto a ser retomado em outras pesquisas, talvez!

### 2.2.3 Os inerentes

Para conceituar o *se* como inerente Nunes (1995) recorre ao conceito que a Gramática Tradicional adota para os denominados por “essencialmente pronominais”, aqueles casos em que os clíticos pronominais são “fossilizados” ao verbo. Para esta subclassificação o autor abandona os critérios gerativistas e adota a ideia de que tais verbos estão sempre acompanhados pelo clítico pronominal, mesmo que estes não exerçam, necessariamente, uma função sintática. Para tanto, os divide em três grupos distintos: os verbos que contêm uma noção de reflexividade no radical, os que parecem ter perdido suas contrapartes transitivas e os que sofreram um processo de agentivação, como: *suicidar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*, respectivamente.

Nunes (1995) adota como critério para classificar os pertencentes à subcategoria dos *inerentes* aqueles verbos, cuja entrada nos dicionários seja registrada com o clítico pronominal acoplado a ele. Para tanto, Nunes os divide em três grupos: 1) aqueles que encerram uma noção de reflexividade no radical, como em: *suicidar-se e se autodenominar*; 2) os ergativos que parecem ter perdido suas contrapartes transitivas, como: *arrepender-se*; 3) os

verbos do segundo grupo que sofreram processo de agentivação, denominados por “ex-ergativos”, como: *demasiar-se*, *esbaldar-se*, *dedignar-se*, *dignar-se*, *atrever-se* e *queixar-se*.

Inicialmente, esse era também um dos critérios cogitados por nós para subclassificar estes clíticos. No entanto, percebemos que alguns dicionários não fazem referência à reflexividade (cf. LUFT, 2008), por exemplo, enquanto outros confundem os conceitos de reflexividade e ergatividade (ou voz média), como é o caso do dicionário Houaiss e Villar (2001). Desistimos, então, de percorrer por esse caminho.

Cunha e Cintra (2013) e Mello (2009) adotam também outros critérios que caracterizam o *me*, *te*, *se*, *nos* como *inerentes*. Dentre os critérios adotados pelos autores um deles é a modificação de sentido quando o verbo, a princípio, aparece acompanhado pelos clíticos pronominais, comparadas às mesmas formas verbais, quando o falante “opta” por empregá-las sem os referidos clíticos. Ou seja, quando o verbo é empregado acompanhado pelo clítico pronominal, tem um sentido específico, já quando ele é utilizado, sem esses clíticos pronominais, este mesmo sentido não é mais recuperado. Neste caso, os exemplos de (39) a (43), com os verbos *tornar* e *tornar-se*, *mudar* e *mudar-se*, extraídos dos dados coletados por nós, ilustram tal diferenciação de sentido.

- (39) **Inf. 6:** e aí depois **se tornou** o tema da minha. . . | monografia| através da minha experiência no PIBID| dum trabalho com o imaginário do cine:ma| dentro da escola (**ICN-30AMA**).
- (40) **Inf. 6:** u’a planta que você acha que nunca era comestível ela é| **se torna** um prato gostoso. . . | então a gente tem que. . . | brincá| é u’a brincadeira| tem que sê leve. . . | (**ICN-30AMA**).
- (41) **Inf. 13:** Éh! aí eu não consegui| aí eu não consegui aí eu| eu |fiz de novo| daí **tornei** fazê de novo| Aí eu tirei oitenta e oitenta e | oitenta e sete ponto não sei o que lá (**AMGS-54A+MM**).
- (42) **Inf. 13:** E outra coisa| o meu cansaço corporal **mudou**| eu não fico se| e eu não Ø sinto cansado mais (**AMGS-54A+MM**).
- (43) **Inf. 1:** e eu acho que a mudança também| é| por mays que eu **me mudei** pra Goiânia que não é tão longe, mas é uma mudança de perspectiva sim, nem todo catalano é muito de sair (**DSP-25JHA**).

Por outro lado, a defesa da obrigatoriedade do uso do clítico pronominal, em verbos subclassificados como “essencialmente pronominais”, adotada pelas Gramáticas Tradicionais, contrapõe-se às conclusões das pesquisas de Veado (1982), D’Albuquerque (1988), Lima (2006), Bandeira (2007), Pereira (2007), Mello (2005; 2009), Bagno (2011), Graça (2016),

Barros (2011; 2016) e tantos outros, de que existem diversos falares Brasil afora, como alguns falares paulistas, mineiros e goianos, por exemplo, que empregam sem o respectivo clítico pronominal os verbos que as Gramáticas Tradicionais defendem que **nunca** devem ser utilizados sem tais partículas.

Se assim também entendêssemos, concordaríamos que as construções com os verbos subclassificados como *essencialmente pronominais*, elaboradas por muitos falantes brasileiros, sem os clíticos, conforme já observamos em muitas ocorrências de falas coletadas e transcritas no nosso banco de dados, estariam “erradas” do ponto de vista gramatical. Ao contrário disso, defendemos que tais construções são perfeitamente gramaticais e comumente usuais entre os falantes de algumas regiões no Português Brasileiro.

Logo, tornou-se, necessário, então, resolver mais esse impasse, considerando o que Nunes (1995) e as Gramáticas Tradicionais apresentam como caracterização dos clíticos inerentes e a nossa defesa de que o falante pode “optar” por não os empregar sem os clíticos, mesmo em contextos com os verbos defendidos como “essencialmente pronominais”, e ainda assim, serem totalmente funcionais.

Para Bagno (2011, p. 587)

infelizmente, a TGP e seus seguidores não reconhecem os novos papéis desempenhados pelo *se* no PB e condenam qualquer uso não tradicional como “erro”, numa atitude que despreza a possibilidade de examinar a língua sob uma ótica científica. <sup>17</sup>

Tentamos, dessa forma, buscar em D’Albuquerque (1988, p. 117-119) explicações que pudessem nos ajudar na elaboração de critérios mais coerentes com o que temos defendido desde a proposição desta pesquisa. Assim, para a autora, quando “há grande previsibilidade semântica do objeto” de um verbo comumente empregado pelos falantes de uma comunidade de fala, e neste verbo está implícito os papéis temáticos de Agente e Paciente, como sendo o mesmo sujeito, a tendência intuitiva do falante é prever que a reflexividade está contida no próprio verbo, logo, “a superposição de papéis é sentida como tão óbvia que a marca da reflexividade se torna desnecessária ao ponto de esvair-se”.

Para explicar essa superposição de papéis D’Albuquerque (1988, p. 117-119) se refere ao verbo *casar*, o fato de ser Agente e Paciente o mesmo sujeito, o que muda da condição de solteiro para casado, *que* ao dizer *eu casei*, por exemplo, torna-se “óbvia semanticamente

---

<sup>17</sup> As siglas GTP e PB foram empregues por Bagno (2011, p. 587) e significam, respectivamente, Tradição Gramatical do Português e Português Brasileiro.

que a reflexividade morfológicamente marcada perde a funcionalidade”. Ou seja, do ponto de vista do falante dizer: *eu me casei* ou *eu casei*, semanticamente implica, de modo semelhante, na mesma informação, a mudança de *status* de solteiro para casado.

Porém, conforme bem ressalta a autora, todos nós sabemos que o Agente da ação efetiva do verbo *casar* não é exatamente do próprio sujeito. Ela é, via de regra, exercida por uma pessoa constituída e autorizada, socialmente, para a realização de tal ato, *casar alguém* (um padre, um pastor, um juiz de paz). Então, semanticamente, o sujeito da ação de *eu (me) casei*, não é o próprio eu casado, tendo em vista que ela é realizada por um outro sujeito externo ao ato em si, no caso, o celebrante do evento.

Bandeira (2007, p. 82) pondera que ao considerar como sujeito Agente e Paciente da ação da sentença *eu (me)casei*, o *eu* como sujeito e o clítico *me*, como objeto, como coincidentes nos seus papéis temáticos, ocorre um processo de reflexividade. Dessa forma, tanto Oliveira e Sousa (1953) quanto D’Albuquerque (1988), consideram que tal referência “dá ao *se* inerente o mesmo tratamento que confere ao *se reflexivo*: o de objeto”.

Assim, ressurgem, então, aquela confusão conceitual observada no dicionário Houaiss e Villar (2001), a de denominar os clíticos pronominais do tipo inerente, nos mesmos moldes dos do tipo reflexivo. Esse também não se apresentou, para nós, um bom critério de reconhecimento dos inerentes.

A partir dessa coincidência conceitual, Bandeira (2007) contraria os posicionamentos de Oliveira e Sousa (1953) e de D’Albuquerque (1988) e adota o critério de que o *se* inerente continua sendo [-argumental]” (grifos da autora).

Bagno (2011, p. 583) com base na descrição das vozes verbais, faz distinção entre a voz reflexiva e os verbos que são acompanhados pelos clíticos pronominais e que, no entanto, o sujeito não é de fato nem Agente e nem Paciente da ação, são aqueles verbos que a tradição gramatical chama de “verbos pronominais”. Bagno (2011, p. 183-184) opta, no entanto, por chamá-los de pseudorreflexivos. E enfatiza o autor: “uma vez que rejeito qualquer tipo de “equivalência” entre as construções ativas, passivas e com clíticos-sujeitos *se*, hospedo esses verbos na casa dos pseudorreflexivos.”

Para explicar os conceitos de pronome inerente Azeredo (2008, p. 278 -279) recorre a ideia de *cristalização* e *semicristalização* do pronome junto aos verbos. Quando ocorre esse processo, a voz reflexa, que é um processo sintático, deixa de existir e o verbo passa a ser pronominal, que é um processo morfológico. O autor ilustra a afirmação com os verbos: *comportar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*. Nestas ocorrências, o clítico pronominal é ‘parte integrante do verbo’ ou ‘inerente ao verbo’.

No entanto, pode haver o emprego da forma pronominal, sem o clítico pronominal, lembra o autor. Neste caso, ocorre a *semicristalização*. O fenômeno é bastante comum com verbos que expressam sentimentos, como em: *alegrar-se, indignar-se, aborrecer-se*, ou com aqueles que indicam movimento ou mudança de estado, como: *estreitar-se, estender-se, romper-se, iluminar-se*.

Para Azeredo (2008, p. 175) “a *semicristalização* é característica das construções em que o sujeito participa do processo verbal, mas não o deflagra”. Participa, mas, sem, necessariamente, provocá-lo. São aqueles verbos que “não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada”. Se encaixam nestes casos, de acordo com os autores, os clíticos pronominais que acompanham os verbos “*batizar-se, chamar-se, formar-se*”.<sup>18</sup>

Os exemplos de (44) a (46), extraídos dos dados coletados, ambos com o verbo *chamar*, com e sem o clítico pronominal, nos pareceram adequados para ilustrar o conceito de *semicristalização* adotado por Azeredo (2008, p. 175):

- (44) **Inf. 2:** Igual| tenho uma prima que **Ø chama** S.| converso com ela quando eu vou na casa da minha tia| tirando isso. . . (MER-19JMM).
- (45) **Inf. 6: me chamo** I., nasci e cresci aqui em Catalão...| é. . . na minha casa somos eu e minha mãe e tem meu irmão| só que ele não mora mais com a gente (ICN-30AMA).
- (46) **Inf. 4:** eu sô casado| atualmente...| eu sô casado...| minha esposa **se chama** R.| eu tenho u’a filha| I.| eu creio que. . . dentro de. . .| de um ano e meio| dois anos| ela já tá **se formando** já| (ZGN-48AHA).

Na verdade, os critérios adotados por Bagno (2011), para definir os verbos e os clíticos “*pseudorreflexivos*”, e por Azeredo (2008) para explicar a *semicristalização* verbal, se assemelham aos critérios adotados por Bechara (2009) para diferenciar os reflexivos dos verbos pronominais.

O que Bagno (2011) denomina por “*pseudorreflexivo*” é o que é comumente conhecido por voz média, entendida como o meio termo, entre a voz ativa e a voz passiva. Quando os verbos são acompanhados pelos clíticos pronominais, mas esses últimos não

<sup>18</sup> Com relação ao verbo *formar* o classificamos como *reflexivo* por considerar que a ação do sujeito é mais efetiva para a concretização do ato dele *se formar*. Já com relação ao verbo *chamar*, ao nosso ver, alguém é que chama o sujeito por . . . e não ele próprio se chama. O verbo *batizar* não consta entre os dados coletados.

exercem nenhuma função sintática. A função desses clíticos é, então, a de elemento de realce da afetividade presente na situação apresentada.<sup>19</sup>

Assim, nos baseamos, então, nestes conceitos, de “*cristalização*” e “*semicristalização*”, defendidos por Bechara (2009) e dos verbos “pseudorreflexivos”, nomeados por Bagno (2011), para delimitar como critério de identificação dos clíticos pronominais do tipo inerente, serão considerados aqueles que aparecem expressos ou não, junto ao verbo, mas sem nenhuma função sintática. Seu papel é ou seria, então, somente o de realçar a afetividade referente ao sujeito.

Se encaixam, nesses casos, as situações em que se percebe a “*intenção*” do falante em privilegiar a função sintática do sujeito (em detrimento das funções de objeto direto ou indireto), a função semântica de Agente (em detrimento da função de meta e receptor) e a função pragmática de tópico (em detrimento da de foco) – conforme enfatiza Bagno (2011).

Para o autor, do ponto de vista sintático, esses apagamentos dos clíticos pronominais no Português Brasileiro se dão devido a uma maior afetividade discursiva, que se correlaciona com um enrijecimento da ordem dos constituintes nos sintagmas, levando à gramaticalização da ordem SVC. Este aspecto será melhor explorado no capítulo 5 dessa tese, quando serão apresentados os resultados da pesquisa.

Além disso, foram considerados como clíticos do tipo inerente aqueles casos em que o emprego do clítico pronominal define o sentido do verbo, em relação à forma não prominomializada, como os verbos *mudar* e *mudar-se*, *tornar* e *tornar-se*.

No entanto, é oportuno esclarecer que nos casos em que coincidiram de um clítico pronominal possuir o sentido de elemento de realce, devido ao destaque do sujeito por meio da afetividade e, ao mesmo tempo, o pronome expressar um sujeito indeterminado, quando não for possível recuperar o referente, foram observadas na ocorrência da fala o elemento de maior destaque, o elemento em que o contexto apresenta como sujeito, para, então identificar o tipo de clítico pronominal. Ou seja, foi analisado qual é ou qual seria, nos casos do apagamento dos clíticos pronominais, o elemento de maior relevância, se um possível clítico de sentido *inerente* ou se um do tipo *indeterminador*.

O exemplo (47) ilustra a explicação do parágrafo:

<sup>19</sup> De acordo com Bagno (2011, p. 590) “a estilística clássica chama de afetivo qualquer elemento de linguagem que exprime o interesse pessoal do escritor ou locutor, ou aspectos subjetivos do seu pensamento, cujo emprego suscita um conjunto de associações emotivas. A psicologia chama de afetividade o conjunto de fenômenos psíquicos experimentos e vivenciados na forma de emoções e sentimentos.

- (47) **Inf. 10:** então *cê* tem que Ø **conformar** com isso| se hoje eu tô muito melhor do que eu tava na infância| e eu sou feliz com o que eu tenho agora|olha o luto já passou| até a psicologia aceita um luto| no máximo dois anos| agora é vida pra frente| nada vai trazê ela de volta| e ficar Ø **lamentando** e tomando tarja preta| não vai adiantar nada| quanto mais rápido **a gente** Ø **conformar** com isso| melhor é pra gente que ficou vivo| É aí ela| ela fica é claro| mays não tá idoso? e só ele não vai melhorando não| ele vai piorando| o quadro é esse| tem que Ø **conformar** (SMC-51A+MA).

No exemplo foram empregues os verbos *lamentar* e *conformar* que, em linhas gerais, possibilitam analisar o *se* que acompanharia esses verbos como do tipo inerente, em função do sentido afetivo dos dois verbos.

No entanto, o sujeito é de referência ampla, de referente não recuperado especificamente *cê* (você), *a gente*, um *alguém*, que não se sabe exatamente quem é, um você, um *alguém* qualquer. Nesses casos, e em outros semelhantes, o clítico pronominal, se estivesse presente, teria a função de contribuir, ainda mais, para essa indeterminação do sujeito, concordando com os pronomes pessoais *você*, *eles*, *elas* e *a gente*.

Assim sendo, nestes casos, foi considerado que houve o apagamento do clítico pronominal do tipo *indeterminador*, de sujeito não-pessoa específica, conforme melhor explicado no item 2.2.5.

#### 2.2.4 Os apassivadores

Assim como os demais tipos de clíticos pronominais, os do tipo *apassivadores* também são de definição bastante complexa e divergente nos diferentes materiais de análise linguística. Nunes (1995) não adota critérios para a classificação do *se* dos tipos *apassivador* e *indeterminador*, por já tê-los definido em estudos realizados anteriormente, em Nunes (1990; 1991). Nesses estudos o autor conclui que no Português Brasileiro as construções com o *se* apassivador vêm sendo substituídas por construções com *se indeterminador* e que o *se apassivador*, de acordo com o autor, somente encontrado na modalidade escrita culta da nossa língua, que se pauta pela norma europeia.

Nunes (1990, p. 162) ressalta que o “*se apassivador* detematiza a posição de sujeito, satisfaz seus traços anafóricos, sendo ligado por um expletivo em cadeia com o argumento interno, ou pelo próprio argumento interno alçado para a posição de sujeito”.

O que encontramos, na maioria das Gramáticas Tradicionais, são as definições atribuídas à *passiva sintética* ou à *partícula apassivadora*, com base nos critérios de



*identificação* das vozes *ativa* e *passiva*. Dessa forma, a partícula serviria de demarcação da passividade sujeito na *passiva sintética*, conforme o exemplo: *Vende-se casas* (voz passiva) > *Casas são vendidas* (voz ativa). Certamente, todos aqueles que tiveram a oportunidade de estudar as vozes dos verbos, pelo viés da Gramática Tradicional, faz esse percurso quando o assunto é *voz passiva* ou *partícula apassivadora*.

No entanto, conforme observa Bagno (2011), desde 1908 aos dias atuais, as discussões acerca dos critérios adotados pela tradição gramatical, para a subclassificação desse grupo de clíticos pronominais e das construções ditas *voz passiva* ou *passivas pronominais*, no Português Brasileiro, vêm sendo colocadas à prova.

Bagno (2011, p. 806), com base na Gramática: *Dificuldades da Língua Portuguesa* de Said Ali (1908), reformulada em (1919), tece uma série de comentários acerca das incoerências da tradição gramatical com relação a estes critérios. Observa Bagno (2011, p. 806) que “enquanto Said Ali tenta reunir critérios sintático e semântico para estudar o problema, a prescrição tradicional separa os dois critérios”, além de não considerar os aspectos pragmáticos dos fenômenos linguísticos, em especial na modalidade falada, segundo o autor. Os exemplos (48) e (49), citados por Bagno e transcritos aqui por nós, o possibilitam tecer uma série de comentários relacionados a estas incoerências:

(48) Na casa de Ivone **se come** demais.<sup>20</sup>

(49) Na casa de Ivone **se come** carne demais.

De acordo com Bagno (2011) a TGP classifica como “indeterminação do sujeito” o exemplo (48), por este ter como referente algo ou alguém que não se quer determinar, isto é, o sujeito do verbo *comer* não pode ser totalmente recuperado, enquanto que no exemplo (49), em que a palavra *carne* é o sujeito da estrutura, na voz passiva, composto por um verbo transitivo direto. Contudo, com essa classificação, a TGP opera com dois critérios distintos, na primeira, adota um critério semântico e na segunda, um critério sintático. Para o autor, isso consiste em um paradoxo, tendo em vista que a única diferença entre elas é na primeira o verbo é intransitivo e na segunda é transitivo direto, tendo *carne* como objeto direto do verbo *comer*. Assim, nos dois casos o *se funciona* como um sujeito indeterminado.

E continua Bagno (2011, p. 807)

---

<sup>20</sup> Os exemplos (48) e (49) foram transcritos de Bagno (2011, p. 806, grifos nossos).

todos os estudos científicos empreendidos em torno desse tema de Said Ali até hoje, têm se empenhado em demonstrar a urgente necessidade de interpretar o *se* nessas orações como um recurso de que a língua dispõe para indicar a *indeterminação do sujeito*. A nomenclatura que ainda usa conceitos como “se apassivador”, “passiva sintética” e “passiva pronominal” é inteiramente descabida e tem que ser abandonada de uma vez por todas, junto com a concordância bizarra que ela implica (grifos do autor).

Para nós, assim como foi para Bandeira (2007) e também para Mello (2009), a caracterização dos clíticos pronominais dos tipos *apassivador* e *indeterminador* nunca foi uma tarefa fácil. No entanto, isso se torna, ainda mais complicado, após as considerações de Said Ali (1964) e de Bagno (2011).

Após várias explicações, exemplificações, comparações, Bagno (2011, p. 812) conclui que – “não existe voz passiva “sintética” ou “pronominal” no português brasileiro contemporâneo” (grifos do autor).

Era preciso decidir como nós nos posicionaríamos, diante de tanta divergência teórica e metodológica, com relação aos tipos de clíticos pronominais, em especial, aqueles chamados por *apassivador* e *indeterminador*.

Adotamos, então, para caracterizar os clíticos do tipo como *apassivador*, a exemplo do que faz Mello (2009, p. 104), apoiada em Vilela e Koch (2001, p. 181), que defendem que, “de modo geral, o *se* apassivador é assim caracterizado por estar associado a um verbo que denota uma ação assumida pelo falante a partir do paciente, sendo o agente estruturalmente facultativo”.

Assim sendo, classificamos como *passivas* as estruturas organizadas a partir de um verbo transitivo direto, que concorda com a expressão de sujeito que funciona como sujeito passivo da construção, como em (50), embora não seja possível prever, de forma segura, que o falante tenha projetado um sentido de passividade do sujeito, tendo em vista que o clítico pronominal *se* se refere a *alguém fala*, uma 3ª pessoa do singular.

- (50) **Inf. 6:** se a gente fô pensá isso em ações positivas| de coisas boas| *pequenas ações se tornam* multiplicadoras| que impactam milh| dezenas| centenas| milhares| milhões| bilhões de pessoas as pequenas esferas nu’a só em **se torna** um corpo enor:me| cheio de células| nós somos células, né? | que **se multiplicam**| umas morrem| nascem otras| então a gente é um corpo vivo e ativo| por isso que *a gente* tem que **se nutri**| de boas ações. . .| de bons livros| boas leituras. . . (**ICN-30AMA**).

Embora Menon (1994) e Bagno (2011) enfatizem que casos parecidos com o exemplo acima, quando há o emprego da 3ª pessoa do singular ou do plural, de forma

generalizada, estes devem ser tratados como recursos para a indeterminação do sujeito e não somente como voz passiva, no Português Brasileiro. Isso porque, de forma geral, o que tem sido observado é que a passiva é pouco usual no Português Brasileiro contemporâneo na modalidade escrita e é, ainda menos, na modalidade falada da língua, quando o falante procura se adequar às normas intuitivas de concordância sintática, semântica e pragmática, no momento da execução da fala e não, necessariamente, às normas prescritas pelas gramáticas tradicionais que explicam e defendem o uso da voz passiva com a absoluta concordância entre o sujeito e o verbo (cf. MENON, 1994; BANDEIRA, 2007; BAGNO, 2011; entre outros).

Neste mesmo sentido, Bagno (2011, p. 807) reforça que

o caráter marcadamente nominativo do *se*, ou seja, sua propriedade de ser sujeito é tão forte no PB que os falantes só o admitem como acusativo (isto é, como *objeto direto*) em construções na voz reflexiva, com grande inclinação a só reconhecerem essa reflexividade quando se trata de sujeito com traço semântico [+ animado] – (grifos do autor).

Logo, acreditamos que não serão encontrados nos registros de fala que obtivemos tantos casos de ocorrência da passividade do sujeito demarcada pelo clítico pronominal, uma vez que os brasileiros tendem cada vez mais atribuir a um sujeito, principalmente [+animado] e [+ humano] o papel de Agente da ação praticada, numa perspectiva reflexiva e menos de passividade.

### 2.2.5 Os indeterminadores

Também com relação aos clíticos pronominais do tipo *indeterminador*, percebe-se que ocorrem muitas confusões acerca dos seus conceitos e caracterização no Português Brasileiro. Tanto é que existem uma série de estudos dedicados exclusivamente a entender o funcionamento dessa subcategoria pronominal na nossa língua, dentre eles, podem ser citados os de Menon (1993; 1994), Nunes (1990; 1991).

Menon (1994, p. 135-138), em um *corpus* constituído por 68 entrevistas, pertencentes ao projeto NURC/SP, relata ter identificado no Português Brasileiro doze variantes de constituição de indeterminação do sujeito. São elas: *a gente, eles, eu, formas nominais* (FNs), *se, você, vocês, nós, voz passiva sem agente* (VPSA), *voz passiva sintética* (VPSSINT), *verbo na 3ª pessoa do singular* (ØV3PS) e *verbo na 3ª pessoa do plural* (ØV3PP).

O autor entende que o não preenchimento do espaço que antecede um verbo de 3ª pessoa do singular ou do plural que, normalmente, solicita um clítico pronominal se configura

como um caso de indeterminação do sujeito, quando não for possível recuperar o referente, conforme ocorre no exemplo (51)<sup>21</sup> com relação aos verbos *cortar*, *tirar* e *lavar*.

(51) Agora **se cortam** as folhas quer dizer  $\emptyset$  **tira** os talos **se lava** bem essas folhas e . . . (exemplo DID/ 11/14/505 M2, da autora).

Neste sentido, Carvalho (2011, p. 339) também caracteriza como recurso de indeterminação do sujeito na nossa língua o emprego do verbo em 3ª pessoa do singular ou do plural, com ou sem o clítico pronominal *se*. Nestes casos, quando acompanhados da partícula *se* de indeterminação, podem ser empregues verbos transitivos indiretos, intransitivos ou verbos de ligação, como em (52) a (54):

(52) **Precisa-se** de operários.

(53) **Vive-se** bem aqui.

(54) Ali, naquele sitio, **fica-se** tranquilo o tempo todo.<sup>22</sup>

Quanto ao conceito de sujeito indeterminado, apontado por Carvalho (2011), não vamos entrar em detalhes no que se refere à ideia da inexistência de núcleos, nestes casos, porque esse não é o foco da nossa discussão aqui. No entanto, é oportuno mencionar que, no nosso entender, nem sempre isto ocorre desta forma. Para nós se o *se* ou o  $\emptyset$  ou as formas *a gente*, *vocês*, *eles*, podem todos ser recursos de indeterminadores do sujeito, a depender do contexto linguístico, como podem também ser núcleos de SN, mesmo nos casos de indeterminação do sujeito.

Porém, essa é uma discussão a ser ampliada em um outro momento. Aqui, nos basta registrar que não concordamos com essa definição, até mesmo por entender que esse é um recurso muito recorrente e bastante produtivo do Português Brasileiro, em especial na modalidade falada da língua.

Para Nunes (1991), no Português Brasileiro o *se* se caracteriza como *indeterminador* quando o verbo aparece na 3ª pessoa do singular, conforme em (55) e *apassivador* quando o verbo é transitivo direto e se encontra na 3ª pessoa do plural, como em (56):

<sup>21</sup> Exemplo retirado de Menon (1994, p. 248).

<sup>22</sup> Carvalho (2011, p. 339) explica que “o sujeito é *indeterminado* quando não tem núcleo, isto é, o sujeito existe, mas é omitido (não há núcleo expresso).

(55) **Aluga-se** casa – *indeterminador*.

(56) **Alugam-se** casas – *apassivador*.

No tópico anterior já discorremos sobre a dificuldade em adotar somente o critério da pessoa do verbo, singular e plural, conforme proposto por Nunes (1991) e pela tradição gramatical, para distinguir as características do *se* *apassivador* e do *se* *indeterminador* (cf. SAID ALI, 1964; BECHARA, 2009; BAGNO, 2011). Por isso, preferimos não percorrer por este caminho.

Mello (2009), ao caracterizar o *se* *indeterminador*, lembra que na nossa língua é bastante estreita a relação entre as estruturas passivas e indeterminadas, tendo em vista que ambas são usadas, normalmente, para diminuir ou eliminar o papel do Agente (quando não se quer ou não se pode indicar o Agente), entendendo que os dois valores podem coexistir em uma mesma construção.

Maurer Jr. (1951, p. 58 *apud* MELLO, 2009, p. 105) demonstra que é bastante difícil separar o sentido dos dois tipos de clítico pronominal, em especial, quando “a ideia de Agente pessoal indefinido pode surgir em uma forma passiva, mesmo quando ela tem sujeito, desde que não se anuncie o Agente”. E conclui com a citação da sentença:

(57) **Vendem-se** flores.

Neste sentido, Bagno (2011, p. 808), ao explicar o conceito de reflexividade agramatical, informa que “a ordem dos termos na sentença é fator crucial para determinar o *status* do clítico se pronome reflexivo ou índice de indeterminação do sujeito” e cita o exemplo encontrado em uma pesquisa realizada por ele em (2000):

(58) Direito mesmo é um tipo de curso arcaico. . . ele não modifica faz muitos anos. . . nada foi modificado aquilo lá parece que é uma tradição. . . um curso tradicionalista . . . como foi há muito tempo atrás, entende? existia o curso de Direito. . . **havia uma preocupação de se formar os doutores.** . . bacharéis. . . mas ele ficou estacionou (NURC/SP/062) – (grifos do autor).

Bagno (2011) explica que o verbo *formar* empregue antes do substantivo *doutores* obedece a ordem adotada pelo Português Brasileiro de SVC, demonstrando que o falante entendeu o *se* como sujeito, como:

(58a) **se formar** os doutores  
 S V C

Neste caso, se o verbo *formar* viesse depois de *os doutores*, “haveria a possibilidades de interpretação do verbo como reflexivo”.

(58b) havia uma preocupação dos doutores se formarem  
 S V C

O autor enfatiza, ainda, que a ordem sintática pode, inevitavelmente, provocar uma modificação semântica e pragmática dos enunciados. Enquanto no exemplo (58a) o falante entende que a preocupação é de um sujeito indeterminado (a sociedade brasileira, o sistema educacional, o Estado) tinha que criar um corpo de bacharéis, em (58b) a preocupação é dos próprios doutores bacharéis de se formarem a si mesmos.

Assim sendo, a sintaxe do verbo no enunciado é que vai determinar se o *se*, nestes casos, devem ser interpretados como indeterminador do sujeito, como *reflexivo* ou como *apassivador*.

Quanto a nós, também preferimos seguir por este caminho, analisar cada enunciado que traz como sujeito um Agente indeterminado, quando não se pode recuperar quem foi o autor da ação, por meio do emprego dos recursos de indeterminação do sujeito (cf. MENON, 1994), identificando se o clítico pronominal empregue ou apagado se constitui em sujeito indeterminado ou se caracteriza como reflexivo ou, ainda, se manifesta como *apassivador*.

Por tudo que já foi discutido, até aqui, a nossa intuição linguística de falante do Português Brasileiro indica que serão encontrados, nos dados transcritos por nós, muitos casos que poderiam ser caracterizados, a princípio, como casos de indeterminação do sujeito, seja por meio do emprego do clítico pronominal, seja pelo emprego de indeterminadores como *a gente*, *nós*, *eles*, entre outros, ou mesmo pelo emprego de um substantivo que dá a ideia de um sujeito indeterminado, seguido do apagamento ou não, do clítico pronominal. No entanto, somente após observar a relação destes elementos com outros elementos linguísticos é que será possível caracterizá-los como indeterminadores, conforme os fragmentos de fala (60) e (61):

(59) **Inf. 1:** isso desde os anos 50| até o fim da ditadura assim e só que *a gente foi se ludibriando*| eu acho, não sei . . . *mays Catalão* é uma cidade que tem assim uma qualidade de vida| as pessoas assim| acho que *ela* tá entre as cidades melhores **pra se viver**| porque tem uma faculdade| isso é um atrativo

muito grande| mays *elas* vão embora assim| porque não têm como Ø **prosperar** assim. . . (DSP-25HJA).

- (60) **Inf. 6:** porque é u'a competição muito grande|vejo o suicídio como um sintoma| ele é um sintoma| muito triste| extremamente triste| onde tem que se| tê esse tempo| e a questão do tempo do relógio| que suga. . .| e *a gente* vai só fazeno as coisas e não pára pra. . .| **se olhá** pra dentro de verdade| **se conectá** com outras. . .| com outros elementos realmente são| politicas públicas| efetivas. . .| e *a gente se cuidá* mais. . .| é. . . olhá pro otro| se olhá| olhá pro outro| e *todo mundo se cuidá* junto| e| esse auto cuidado, né? para além do corpo físico| mais também| preenchê essas questões existenciais. . . (ICN-30AMA).
- (61) **Inf. 6:** |todas as plantas tem um prana| qu' é energia vital| que todos nós *seres* temos| então *a gente se alimenta* desse prana| então a minha relação co'a| com o alimento. . .| ela é sagrada mesmo | então *a gente* tem que **se nutrí** se *você* tá consciente| do que *você você tá se nutrindo*. . .| a sua saúde é outra| então aí *a gente*. . .| levá consciência do qu' a *gente* tá comendo e trazê essa consciência também pra nosso alimento| então é u'a troca, né? u'a planta que *você* acha que nunca era comestível ela é| (ICN-30AMA).

## 2.2.6 Os ergativos

De acordo com Nunes (1995, p. 204) o *se* ergativo “é um operador lexical que se detematiza a posição de sujeito de verbos intransitivos”. Dessa forma, por meio do processo de agentivação o sujeito de uma oração passa, então, a ser interpretado como *tema* ou *paciente* da ação – refere-se ao papel temático relacionado ao argumento que representa o elemento que sofre os efeitos de uma ação.

Bagno (2011) comenta que os processos de ergatividade têm aumentado bastante no Português Brasileiro, em função do desaparecimento da voz média, em construções organizadas em sintagmas verbais do tipo intransitivo.

E continua Bagno (2011, p. 586) nos casos ergativos “o objeto não é explicitado porque, de fato, ele ocupa a posição de sujeito, enquanto o agente real da ação não é enunciado”. Os exemplos (62) a (64) ilustram a ergatividade no Português Brasileiro:

(62) o pneu furou - *alguém ou algo furou o pneu;*

(63) a porta abriu - *alguém ou algo abriu a porta;*

(64) o vidro quebrou - *alguém ou algo quebrou o vidro.*

Nos exemplos acima o sujeito parece agir, praticar a ação. No entanto, o sujeito é quem sofre a ação praticada por alguém ou algo. Estes são casos bastante comuns no Português Brasileiro, mas que para um falante do Português Europeu podem parecer como agramaticais, devido ao fato de que, para esses falantes, pode parecer que falta algo, nota-se um lugar sintático vazio, em função do apagamento do *se*, antes reflexivo, ocupando a função de sujeito. Nós, brasileiros, expressamos tranquilamente sentenças como: *vou operar amanhã* ou invés de: *vou me operar amanhã*.

Vilela e Koch (2001) defendem que o processo de ergatividade ocorre em construções intransitivas, em que não se reconhece o Agente da ação verbal, em situações em que o objeto direto desempenha a função de sujeito, podendo atingir tanto os temas [+animados] quanto os [-animados].

O exemplo (65), transcrito dos dados de Catalão, contribui para ilustrar o que está sendo chamado de clítico pronominal do tipo *ergativo*:

- (65) **Inf. 17:** | É dessa grossura óh! nada arrancava podia andá meio de ou| altas vezes pisava em um caco de vidro| o caco de vidro **Ø quebrava** e o peito| o trem não entrava no pé te juro era| era cascudo mesmo que é pé| pé de toddy mesmo| pé no chão (**MHS-30AHM**).

### 2.2.7 Os enfáticos

Para caracterizar o *se*, do tipo enfático, Nunes (1995, p. 206) recorre ao conceito de índice de espontaneidade, empregue pela Gramática Tradicional. O autor explica que o *se* enfático “funciona como um operador lexical que geralmente reflete a fusão de dois papéis temáticos”, de Agente e Beneficiário, como *aproveitar-se*, *utilizar-se*, *lograr-se* e *senhorear-se*, de Agente Experienciador, como em *resolver-se*, *recusar-se*, *determinar-se* e *decidir-se*, ou outros verbos, como *encontrar-se*, *parecer-se*, *vencer-se*, *temer-se*, acarretando “um rearranjo sintático, com inserção de preposição na estrutura do verbo”.

Mello (2009, p. 106) cita Said Ali (1957) para afirmar que alguns verbos, especialmente os intransitivos, são acompanhados por um pronome que tem a função de enfatizar “uma participação intensa do sujeito na ação, não para instaurar um sentido novo à construção pronominalizada”. No exemplo (66) dizer: *vida que se segue* x *vida que segue*, tem o mesmo valor expressivo.

- (66) **Inf. 22:** É vida que **se segue**| fila anda {risos}.



### 2.3 Os verbos reflexivos/pronominais

De modo geral, os verbos classificados como reflexivos/pronominais são estruturas em que a ação verbal expressa pelo verbo afeta, em menor ou maior proporcionalidade, o sujeito agente e paciente da ação descrita, conhecidos por serem biargumentais, isto é, são verbos que necessitam de dois argumentos para comporem a cena enunciativa completa: um na função de Sujeito (S) Agente e outro na função de objeto (O) Paciente, conforme os exemplos acima.

Estes e outros exemplos, de igual natureza, constituem-se em casos que a maioria das Gramáticas Tradicionais e dos dicionários do Português Brasileiro recomendam o uso “obrigatório” dos pronomes oblíquos, quando há uma simultaneidade de papéis semânticos desempenhados pelo sujeito (cf. CUNHA; CINTRA, 2013; ROCHA LIMA, 2003; BECHARA, 2009). De acordo com estes autores, e tantos outros, da tradição gramatical, quando este elemento desempenha, ao mesmo tempo, os papéis de Agente e de Paciente da ação descrita pelo verbo da sentença, há, nestes casos, uma solicitação da presença do pronome que faz referência, ao mesmo tempo, ao Sujeito/Agente e ao Sujeito/Paciente.

Teixeira e Silva (2019, p. 121) argumentam que as gramáticas tradicionais e os manuais da língua portuguesa comumente tratam “o fenômeno da reflexividade como a inversão da transitividade da ação verbal”. Os autores ressaltam que, de acordo com estas gramáticas e com estes manuais, “a ação expressa pelo verbo não passa para uma outra pessoa ( $A \rightarrow B$ ); reverte-se à pessoa do próprio sujeito ( $A \rightarrow A$ ), que é, simultaneamente, agente e alvo dessa ação. Destarte, uma construção reflexiva poderia ser assim esquematizada: [SN1+ V + SN1]”, (cf. TEIXEIRA; SILVA, 2019, p. 121), embora contra-argumentem que, na prática, as explicações não sejam tão simples assim, o esquema acima auxilia numa orientação inicial do que se trata o fenômeno aqui estudado.

Sobre o comportamento dos clíticos pronominais, nos contextos verbais especificados, Oliveira (2006), ao investigar o comportamento do clítico pronominal *se* no Português Brasileiro Contemporâneo percebeu que a referida forma pronominal possui dois tipos de comportamento. O primeiro se refere à sua realização lexical, quando este pode ser: a) suprimido; b) neutralizado na forma da 3ª pessoa; c) inserido; d) duplicado. E o segundo tipo de comportamento, quando a forma pronominal pode ser duplicada com outras formas verbais, conforme os exemplos (67) a (71):

(67) Eu \_\_\_conformei com a decisão dele.<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Os exemplos de (67) a (71) foram transcritos de Oliveira (2006, p. 01).

- (68) Eu **se** conformei com a decisão dele.
- (69) Ele **se** ressuscitou.
- (70) Ela **se** conformou-se com a decisão dele.
- (71) Ele **se** aproveitou muito **pra ele**.

Conforme menciona Oliveira (2006, p. 01), em alguns falares do Português Brasileiro, “o apagamento do *se* parece ser uma característica do falar mineiro, a neutralização é um fenômeno panbrasileiro e a inserção bem como a “duplicação” do *se* é um fenômeno nordestino” (grifos da autora).

O que se percebe, especificamente nos casos que se referem ao apagamento do clítico *se*, ou dos demais clíticos pronominais, comumente utilizados nestes contextos verbais específicos é que, quando o falante “opta” por não os empregar, este claramente contraria as recomendações prescritivas da maioria das gramáticas do Português Brasileiro, no tange à ideia da “obrigatoriedade” do uso dos clíticos pronominais que, em tese, teriam que acompanhar os verbos de natureza reflexiva/pronominal.

Nota-se que essa obrigatoriedade é invocada pelas gramáticas, especialmente aquelas que possuem cunho mais prescritivo, em que essa obrigatoriedade comumente aparece nos tópicos destinados às definições, orientações e às recomendações sobre os verbos reflexivos/pronominais, na norma culta da língua. O caráter obrigatório, dos usos dos clíticos pronominais com estes verbos vem expresso por adjetivos e expressões de forte sentido impositivo, como “*essenciais*”, “*essencialmente pronominais*”, “*verbos obrigatoriamente combinados com pronomes*”, “*objeto fossilizado ao verbo*”, “*intrinsecamente pronominais*” (cf. ALMEIDA, 1999; ROCHA LIMA, 2003; AZEREDO, 2008; CUNHA; CINTRA, 2013).

Neste mesmo sentido, D’Albuquerque (1988, p. 97), ao analisar a perda do clítico pronominal no dialeto mineiro, inicia seu texto observando que também lhe causou estranhamento o fato de em algumas regiões de Minas Gerais, frequentemente, os mineiros usarem estes verbos desprovidos de clíticos pronominais e a maioria das gramáticas afirmar que são verbos subclassificados como “essencialmente pronominais”, como *arrepender-se*, por exemplo, serem assim chamados por **nunca** aparecerem conjugados sem os respectivos pronomes ou ainda pelo *se* ser percebido como parte integrante desse tipo de verbos (cf. ALMEIDA, 1999; ROCHA LIMA, 2003; AZEREDO, 2008; CUNHA; CINTRA, 2013).

E é exatamente a ocorrência deste fenômeno, o apagamento dos clíticos pronominais e os arranjos e ajustes feitos pelos goianos, em específico, os pertencentes à

comunidade de fala de Catalão-GO, quando se trata de construções do Português Brasileiro em que o verbo principal da sentença pertença à subcategoria dos reflexivos/pronominais, é o que se propõe investigar esta pesquisa.

Em outros termos, esta tese tratará, embora em menor medida, de algumas complexidades que permeiam os assuntos referentes aos pronomes reflexivos/clíticos e suas diferentes funções e propriedades. E ainda, discutirá sobre as realizações no Português Brasileiro dos verbos denominados por reflexivos/pronominais, a partir das funções gramaticais, os aspectos morfossintáticos, e de alguns aspectos semânticos envolvendo os verbos pesquisados.

Sabemos que são temáticas bastantes caras, os clíticos pronominais e suas relações com os verbos que as solicitam, a qualquer pesquisador que projeta investir em discussões que envolvam os conceitos de pronominalização, de referenciação ou referencialidade verbal e as estas palavrinhas, tão pequenas, mas ao mesmo tempo tão funcionais em um sistema linguístico qualquer, como os pronomes ou dêiticos, conforme definidos por Bechara (2009).

Said Ali (1964, p. 59) ao iniciar um capítulo sobre a descrição do clítico pronominal *se*, ressalta que “eis um problema interessante cuja explicação por longo tempo se andou buscando em um histórico não menos problemático”. E ainda, como bem denomina Nunes (1995, p. 201), em referência do clítico pronominal *se*, “Ainda o famigerado *se*”.

Ainda sobre as complexidades envolvendo os clíticos pronominais, Pereira (2006, p. 12) também inicia a apresentação da sua tese lembrando que os “pronomes clíticos são objetos estruturalmente simples – quase sempre monossilábicos – que existem nas línguas naturais. Estes pequenos objetos deleitam e infernizam os linguistas que se aventuram a encará-los”.

Do outro lado, também não menos complexas, estão as divergências de definições, de conceitos e de nomenclaturas acerca do que vêm a ser verbos reflexivos/pronominais, listados pelas gramáticas, normativas e descritivas, e pelos dicionários que se aventuram tratar do fenômeno da reflexividade e da pronominalização verbal no Português Brasileiro.

Sobre a complexidade de nomenclaturas e conceituações, relacionadas a estas subcategorias verbais, os argumentos de Lenharo (2014, p. 18) nos parecem oportunos e ilustrativos. A pesquisadora inicia sua tese apresentando um levantamento sobre a diversidade de nomenclaturas registradas nas gramáticas e dicionários do Português Brasileiro, utilizados para nomear os verbos desta subcategoria verbal. São nomenclaturas como: “verbo pronominal”, “verbo reflexivo”, “verbo pronominal reflexivo e recíproco”, “verbo pronominal

propriamente dito”, “verbo obrigatoriamente reflexivo”, “verbo verdadeiramente reflexivo”, “verbo com clítico SE inerente”, entre outras”.

Lenharo (2014; 2017) atribui as dificuldades de se realizar determinados estudos linguísticos, entre outros fatores, à diversidade de terminologias e de conceitos adotados pelos estudiosos da Linguística ao descreverem e conceituarem certos fenômenos, o que acaba dificultando, também, a definição e o reconhecimento do que vem a ser verbos reflexivos/pronominais.

Neste sentido, a pesquisadora destaca, ainda, dois aspectos que certamente acentuam esta dificuldade: “i) vários autores podem atribuir conceitos diferentes para um mesmo fenômeno; ii) autores diversos podem empregar termos distintos para descrever o que é essencialmente o mesmo fenômeno diferente” (LENHARO, 2014, p. 18).

Graça (2016, p. 23) também ressalta a grande variedade de rótulos que recebem os verbos que, via de regra, são realizados com o acompanhamento dos clíticos pronominais. De acordo com a pesquisadora

a definição e delimitação dos verbos, cuja descrição inclui um clítico, com base em gramáticas tradicionais, descritivas e em dicionários, apresenta uma grande variedade de rótulos. As denominações incluem: “verbo pronominal”, “verbo reflexivo”, “verbo pronominal, reflexivo e recíproco”, “verbo pronominal propriamente dito”, “verbo essencialmente pronominal”, “verbo acidentalmente pronominal”, “verbo pseudoreflexivo”, “verbo com clítico inerente”, entre outros (cf. CUNHA; CINTRA, 2013; NEVES, 2011; BORBA, 2002; BECHARA, 2009; BAGNO, 2011).

Neste mesmo sentido, Teixeira e Silva (2019), com base em Camacho (2003), ressaltam que o fenômeno da reflexividade, no entanto, envolve uma complexidade muito maior do que revela a tradição gramatical. Explicar as suas ocorrências, observando as suas diversidades, não é nem simples, nem tranquilo e muito menos confortável, do ponto de vista científico. Porém, necessário!

A exemplo dos levantamentos feitos por Lenharo (2014) e Graça (2016), aqui também se percebe a necessidade da elaboração de um quadro demonstrativo/comparativo a respeito das definições e conceituações envolvendo a subcategorização dos verbos reflexivos/pronominais, identificadas nas gramáticas prescritivas, nas gramáticas descritivas, nos estudos linguísticos e nos dicionários consultados para a efetivação desta pesquisa.

Os referidos quadros se encontram no final deste capítulo, após as discussões teóricas a respeito das convergências e divergências conceituais dos verbos

reflexivos/pronominais, presentes nos diferentes materiais de estudos do Português Brasileiro consultados.

### 2.3.1 O tratamento dos verbos reflexivos/pronominais em Gramáticas Tradicionais

Este tópico tratará das definições e denominações mais recorrentes nas Gramáticas Tradicionais, comumente utilizadas como material de apoio por aqueles que desejam ampliar seus conhecimentos sobre a estruturação e o funcionamento da língua portuguesa brasileira. Para tanto, foram analisados materiais que, frequentemente, são adotados pelas escolas brasileiras, nas disciplinas de Língua Portuguesa e áreas afins.

É importante mencionar que a ordem de citação destes materiais se deu de forma a contemplar a cronologia das suas publicações e que o critério de escolha, além de serem materiais adotados nas escolas, o de constar nos seus sumários os assuntos que envolvam, em alguma medida, os clíticos pronominais denominados pela maioria delas como reflexivos e os verbos classificados como reflexivos/pronominais.

#### 2.3.1.1 Celso Luft (1985)

A gramática escrita por Celso Luft (1985, p. 133) apresenta o conteúdo inserido no tópico denominado por voz reflexiva e o define a partir da coincidência entre sujeito agente e sujeito paciente, “quando sujeito é agente e paciente ao mesmo tempo”.

O autor apresenta quatro subcategorizações para estas construções verbais:

- a) *simples*: machucar-se, ferir-se, conhecer-se (a si mesmo);
- b) *recíproca*: abraçar-se, falar-se, conhecer-se (uns aos outros);
- d) *dinâmica*: rir, ir-se, partir-se (pronome sem real função lógico-sintática); partícula expletiva;
- d) *pronominal*: *queixar-se, atrever-se, arrepender-se*. Onde o pronome é um objeto fossilizado, integrado à forma verbal, que nunca aparece sem ele; daí o nome de verbo pronominal.

#### 2.3.1.2 Peres e Mória (1995)

Peres e Mória (1995, p. 419-420) dividem os verbos que são acompanhados por clíticos pronominais em três tipos: a) “os verbos com pronome clítico anticausativo, que são os predicados que indicam processos que não possuem um argumento com a função semântica de Causador”. Para essa subclasse de verbos os autores apresentam os exemplos: “*abrir-se,*

*afundar-se, assustar-se, descontrolar-se, deslocar-se, mover-se e partir-se*”. b) “Os verbos intrinsecamente pronominais são aqueles que se usam sempre com uma forma de pronome pessoal concordante em pessoa e número com o sujeito, sem que tal pronome tenha qualquer valor semântico”. Para essa subclasse são apresentados os exemplos: “*abster-se, apaixonar-se (por), condoer-se (de), queixar-se e suicidar-se*”. c) Os verbos de conjugação pronominal são divididos entre os “que existe correspondência semântica entre sujeito e complemento (em geral) directo”, e os de conjugação reflexa, que são “uma das modalidades da conjugação pronominal, que abarca também os casos em que não se verifica a mencionada correspondência semântica”. São exemplos dessa subclasse os verbos: *prejudicar-se* e *envolver-se*.

### 2.3.1.3 Rocha Lima (2003)

Rocha Lima (2003, p. 145) comenta que “na voz reflexiva, os verbos se conjugam como na ativa, acompanhados de pronomes oblíquos de cada pessoa. Eu me ajoelho, tu te ajoelhas, ele se ajoelha ...”. Ao definir *reflexividade, apassivação e reciprocidade*, o autor afirma que “são reflexivos os pronomes pessoais átonos (objeto direto e indireto) quando pertencem à mesma pessoa do sujeito da oração: o agente e o paciente são um só, porque o sujeito executa um ato reversivo a si mesmo” (ROCHA LIMA, 2003, p. 145).

Sobre os clíticos pronominais, o gramático enfatiza que “há verbos a que se ligam pronomes átonos, inseparáveis, que se tornam parte integrante deles, como *suicidar-se, condoer-se, apiedar-se, ufanar-se, queixar-se, vangloriar-se*, etc. São pronomes sem função, portanto, *fossilizados*.”

### 2.3.1.4 Bechara (2009)

Bechara (2009, p. 176), ao abordar sobre o pronome *se*, na construção reflexiva, informa que “a reflexividade consiste, na essência, na inversão (ou negação) da transitividade. Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente)”. eis um problema interessante cuja explicação por longo tempo se andou buscando em um histórico não menos problemático. Para ilustrar a noção de reflexividade o autor recorre aos exemplos (72) e (73):

(72) João **se banha**.

(73) João e Maria **se amam**.

A partir dos exemplos Bechara (2009, p. 176) diferencia reflexividade “simples” da reflexividade “recíproca”. Para o autor, no primeiro exemplo, “a nossa experiência de mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: João banha o filho pela manhã. Já “reflexividade recíproca” ocorre a primeira hipótese”.

E continua Bechara (2009, p. 176),

o significado do verbo *amar* e a nossa experiência de mundo que, em geral, tratando de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B, permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de “reflexividade”; acreditamos que a oração quer expressar que “João ama Maria” e que “Maria ama João”. Então, não mais se trata de “reflexividade pura”, mas de “reflexividade recíproca”.

Ainda sobre a reflexividade, no item: As vozes do verbo, Bechara (2009, p. 222) enfatiza que

na voz reflexiva a forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), 1) podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito); 2) podendo atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco); 3) podendo indicar movimento do próprio corpo ou mudança psicológica (reflexivo dinâmico); 4) podendo expressar sentido de ‘passividade com *se* (reflexo passivo); e) podendo expressar sentido de impessoalidade (reflexivo de indeterminado), conforme as interpretações fornecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere: 1) Eu *me* visto, tu *te* feriste, ele *se* enfeita, 2) Eles *se* amam, nós *nos* carteamos; 3) Ela sentou-*se*, ela zangou-*se*; 4) Alugam-*se* casas; 5) Assistiu-*se* a festas. O verbo empregado na voz passiva propriamente dita diz-se *pronominal*.

É importante destacar que o autor comenta que nos discursos mais informais, às vezes o falante elimina o pronome de muitos verbos que a norma padrão exige seu emprego, como *aquecer, chamar, gripar, machucar, formar, aposentar, classificar*, etc. Também, segundo o autor, pode ocorrer o contrário, alguns verbos que não são pronominais, na variedade informal da língua, podem aparecer acompanhados por pronomes como, por exemplo: *sobressair, aludir, desabafar, acordar, consultar, mudar* (de local), *avultar, simpatizar-se, antipatizar-se*, entre outros.

### 2.3.1.5 Cunha e Cintra (2013)

Os gramáticos Cunha e Cintra (2013, p. 421-422) já fazem distinção entre os verbos reflexivos e os pronominais. Para os autores,

na voz reflexiva o verbo vem acompanhado de um pronome oblíquo que lhe serve de objeto direto ou, mais raramente, de objeto indireto presente representa a mesma pessoa que o sujeito. Assim:

(74) Eu me lavo (ou lavo-me).

(75) Ele se deu o trabalho de vir a minha casa (ou deu-se).

O verbo reflexivo pode indicar também a reciprocidade, isto é, a ação mútua de dois ou mais sujeitos:

(76) Pedro, Paulo e eu **nos estimamos (estimamo-nos)** [= mutuamente].

(77) Os dias **se sucedem (sucodem-se)** [= um ao outro] calmos.

Muitos verbos são conjugados com pronomes átonos, à semelhança dos reflexivos, sem que tenham exatamente o seu sentido. São os chamados VERBOS PRONOMINAIS, de que podemos definir dois tipos:

- a) os que só se usam na forma pronominal, como:
 

|            |             |
|------------|-------------|
| apiedar-se | queixar-se  |
| condoer-se | suicidar-se |
- b) os que se usam também na forma simples, mas esta difere ou pelo sentido ou pela construção da forma pronominal, como, por exemplo:
 

|                          |                       |
|--------------------------|-----------------------|
| debater [= discutir]     | enganar alguém        |
| debater-se [= agitar-se] | enganar-se com alguém |

Os gramáticos destacam, ainda, a reflexividade verbal como a coincidência do objeto direto ou indireto com a pessoa ou coisa representada pelo sujeito e fazem distinção entre as duas formas verbais, argumentando que

distingue-se, na prática, o verbo reflexivo do verbo pronominal porque ao primeiro se podem acrescentar, conforme a pessoa, as expressões em *mim mesmo*, *a ti mesmo*, *a si mesmo*, etc. Quando o reflexivo tem valor recíproco, as expressões reforçativas *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, *a si mesmo*, etc. Quando o reflexivo tem valor recíproco, as expressões reforçativas passam a ser *um ao outro*, *reciprocamente*, *mutuamente*, etc.

(78) Feri-me **a mim mesmo**.

(79) Amavam-se **um ao outro** – (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 882, grifos dos autores).

Ao citar as definições feitas por Cunha e Cintra (2013, p. 882-883) de que “o facto expresso pelo verbo [é]... praticado e sofrido pelo sujeito”, Marçalo (2007, p. 2) afirma que ao se definir a reflexividade, conforme explicado pelos gramáticos e por outros autores que dão o mesmo direcionamento às concepções de reflexividade, entendendo “está-se no domínio referencial e não é tanto ao verbo que se aplica o critério de reflexividade, mas sim aos referentes de seus complementos em função F1 e F2”.



Ainda sobre a dificuldade das gramáticas tradicionais em conceituar os reflexivos/pronominais, Marçalo (2007, p. 3) continua afirmando que

o panorama que nos é facultado pelas gramáticas de molde tradicional sobre este assunto apresenta-se algo confuso, dado que o termo “reflexivo” é usado para classificar alguns pronomes, os verbos que são por eles acompanhados e, eventualmente as próprias frases em que ocorrem. Os critérios que permitiriam caracterizar e subclassificar as diferentes construções são variáveis de autor para autor e nem sempre adequadamente explicitados. Apesar de tudo, podemos apresentar uma série de características recorrentes em quase todas as gramáticas de português de cariz tradicional.

Nota-se pelo comentário de Marçalo (2007) que, de forma geral, os gramáticos do Português Brasileiro definem tanto os reflexivos quanto os pronominais como sendo aquelas construções verbais conjugadas acompanhadas por um pronome átono e cita as formas fonológicas: /me/, /te/, /se/ e /nos/. Esse pronome referirá, obrigatoriamente, à mesma pessoa do sujeito.

No *quadro 1* abaixo apresentamos uma síntese das ideias defendidas por algumas Gramáticas Tradicionais acerca dos conceitos dos verbos reflexivos/pronominais.

Quadro 1 – Síntese do tratamento dos verbos reflexivos/pronominais em Gramáticas Tradicionais

| Autor                | Síntese   |
|----------------------|---|
| Celso Luft (1985)    | São os verbos em que o sujeito é agente e paciente, ao mesmo tempo, da ação expressa pelo verbo. São de reflexividade <i>simples</i> , <i>recíproca</i> , <i>dinâmica</i> e <i>pronominal</i> .   |
| Peres e Mória (1995) | Os verbos que são acompanhados por pronomes são a) os com pronome clítico anticausativo; b) os intrinsecamente pronominais e c) os de conjugação pronominal – os de correspondência semântica entre sujeito e complemento (em geral) directo”, e os de conjugação reflexa.  |
| Rocha Lima (2003)    | Define <i>reflexividade</i> , <i>apassivação</i> e <i>reciprocidade</i> , “são reflexivos os pronomes pessoais átonos (objeto direto e indireto): o agente e o paciente são um só, o sujeito executa um ato reversivo a si mesmo. Os pronominais, são verbos a que se ligam pronomes átonos fossilizados, inseparáveis, que se tornam parte integrante deles.   |
| Bechara (2009)       | A reflexividade consiste, na inversão (ou negação) da transitividade, ou seja, a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente). Diferencia reflexividade “simples” da reflexividade “recíproca. O autor comenta ainda que no estilo informal, às vezes o falante elimina o pronome de muitos verbos que a norma padrão exige seu emprego. Também pode ocorrer o contrário, alguns verbos que não são pronominais, na variedade informal da língua, podem aparecer acompanhados por pronomes. |

|                       |   |
|-----------------------|---|
| Cunha e Cintra (2013) | Fazem distinção entre os verbos reflexivos e os pronominais. Na voz reflexiva o verbo vem acompanhado de um pronome oblíquo que lhe serve de objeto direto ou, mais raramente, de objeto indireto [presente representa a mesma pessoa que o sujeito. O verbo reflexivo pode indicar também a reciprocidade, isto é, a ação mútua de dois ou mais sujeitos]. Dos chamados PRONOMINAIS, de que podem se definir dois tipos: os que só se usam na forma pronominal, o que se usam também na forma simples, mas esta difere ou pelo sentido ou pela construção da forma pronominal. |
|-----------------------|---|

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

## 2.4 O tratamento dos verbos reflexivos/pronominais em Gramáticas Descritivas

### 2.4.1 Azeredo (2008)

Azeredo (2008, p. 277-278) ao abordar sobre a reflexividade pronominal, faz a distinção entre duas vozes: voz média e voz reflexiva, sendo que a voz reflexiva está contida na voz média. Segundo o autor, na voz reflexiva o sujeito exerce dois papéis temáticos, simultaneamente, o de agente e de ser afetado, no caso dos verbos de ação, o sujeito da ação verbal é expresso pelo pronome reflexivo.

Assim como ocorre no exemplo (80):

(80) Pedro **se machucou** na brincadeira.

O pronome reflexivo *se* se encarregou de desfazer uma possível ambiguidade com relação ao ser afetado. No caso em questão, não fica nenhuma dúvida de que Pedro é, ao mesmo tempo, o agente e o ser afetado por sua ação, diferente do que seria se o exemplo fosse:

(81) Pedro **machucou** seu irmão na brincadeira.

Por outro lado, de acordo com o autor, quando a construção se dá com um verbo de sentimento, o sujeito não desempenha o papel de agente, mas de ser afetado, como ocorre no exemplo (82):

(82) As pessoas não **se incomodam** com as outras.

#### 2.4.2 Bagno (2011)

Ao definir a voz reflexiva Bagno (2011) a caracteriza pela presença dos clíticos oblíquos: *me, te, se, nos*, e enfatiza que é preciso fazer a distinção entre os verbos na voz reflexiva e os verbos que apresentam o clítico sem que o sujeito seja de fato o Agente e Paciente da ação. Aqueles em que, de acordo com Bechara (2009, p. 223) “não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada”, os chamados pronominais pela tradição gramatical. Ao citar o exemplo de alguns desses verbos como: *atrever-se, arrepender-se, queixar-se, comportar-se, despedir-se, batizar-se, chamar-se, formar-se* entre outros, Bagno (2011, p. 583) os denomina por “verbos pseudorreflexivos.

#### 2.4.3 Neves (2011)

Neves (2011, p. 468-469) ao tratar dos usos dos pronomes no Português Brasileiro relata, de forma sucinta, que “as formas oblíquas reflexivas dos pronomes pessoais fazem parte de determinados verbos, denominados pronominais”, e ilustra com exemplos retirados de textos literários em que são empregues verbos como: *admirou-se, chateou-se, me decepcionei, silenciou-se, se bronzeavam, tranquilizar-se, se zangar* e diversos outros.

Ainda de acordo com a autora (2011, p. 455-456) “os pronomes pessoais átonos e recíprocos têm as mesmas formas para o objeto direto e para o objeto indireto”. O que difere a construção da forma reflexiva da forma recíproca é que na primeira o sujeito, normalmente, vem expresso, já na segunda, o sujeito geralmente é oculto. Como por exemplo:

(83) O rapaz **se matou** com um tiro na cabeça.

(84) Na mesa, todos **se entreolharam**.

#### 2.4.4 Perini (2016)

Perini (2016) classifica os verbos em somente como reflexivos, não emprega a terminologia verbos pronominais. No tópico destinado a discutir a pessoa gramatical e a pessoa do discurso, o autor apresenta os pronomes reflexivos do Português Brasileiro e, em seguida subcategoriza os reflexivos em: *verbos com sujeito e objetos idênticos, recíprocos, reflexivos e formas enfáticas*. Nas definições do autor, os verbos reflexivos são também usados para

expressar a reciprocidade, ou seja, quando o sujeito e o objeto são partes simétricas de um evento ou estado: o papel temático do sujeito vale também para o objeto, e vice-versa, considerando a mesma ação ou evento.

Embora não tenha definido de forma clara, a partir dos exemplos e das explicações, é possível deduzir que Perini se refere aos pronominais como sendo a subcategoria “sujeitos e objetos idênticos”. Nas definições do autor essa subcategoria ocorre “quando objeto de uma oração é entendido como referencialmente idêntico ao sujeito da mesma oração, o objeto é expresso pela forma reflexiva”. Os exemplos apresentados pelo autor para ilustrar a conceituação desta subcategoria foram: “Eu me olhei no espelho” e “O Luizinho se considera um gênio” (PERINI, 2016, p. 348).

Perini (2016, p. 350) afirma que muitos falantes do Português Brasileiro usam as formas verbais, que facultam o uso dos pronomes reflexivos, sem empregá-los. “A tendência parece ser generalizar a ergativa às custas da construção com reflexivo ou seja, generaliza-se a construção sem o emprego do pronome”.

Por outro lado, conforme comenta Perini (2016), no Português Brasileiro alguns verbos continuam exigindo o emprego dos pronomes reflexivos em todas as suas variedades. São exemplos que ilustram esta afirmação verbos como: *se posicionar*, no sentido de defender um ponto de vista, *se compor*, *se dar*, *se achar*, *se virar*, *se abrir*, *se mostrar*, *se tratar*, *se refazer* e inúmeros outros.

Para estes casos, parece não ser possível propor a aposição entre as variantes o uso e o não uso dos pronomes reflexivos. Caso isso ocorra, o sentido passa ser outro, não converte com as formas em que ocorre emprego dos pronomes, por isso as discussões apresentadas adiante se referem às formas verbais do Português Brasileiro em que este uso seja facultativo.

Assim, a conjugação pronominal ocorre quando o pronome oblíquo está relacionado com o pronome pessoal ou sujeito equivalente. E ainda, esses verbos podem ser classificados, de acordo com a maioria das gramáticas, em pronominal reflexivo ou pronominal recíproco.

(85) Eu **me penteio**.

(86) Carlos e Olavo **se cumprimentaram**.

O primeiro caso se dá quando a ação recai sobre o sujeito da sentença, já o segundo, quando a ação se refere a dois ou mais sujeitos de forma mútua ou recíproca:

Além disso, os verbos pronominais podem ser classificados como *essenciais*, os que ocorrem somente na forma pronominal e como *acidentais*, os que podem ocorrer na forma pronominal ou não pronominal, a depender do contexto.

Observa-se, porém que esses conceitos não são nem simples, nem evidentes e, muito menos, claros. Ou ao contrário, são apresentados de forma muito simplista e superficial pelas gramáticas, quando, nas aplicabilidades linguísticas envolvem aspectos muito mais complexos. Contudo, como se sabe, nem mesmo a noção de sujeito, em muitos casos, se dá de forma simples e evidente.

Quadro 2 – Síntese comparativa do tratamento dos verbos reflexivos/pronominais em Gramáticas Descritivas

| Autor          | Síntese   |
|----------------|---|
| Azeredo (2008) | Distingue voz média e voz reflexiva, sendo que a reflexiva está contida na voz média. Na voz reflexiva o sujeito exerce simultaneamente os papéis temáticos, de agente e de ser afetado, no caso dos verbos de ação, o sujeito é expresso pelo pronome reflexivo. Com um verbo de sentimento, o sujeito não desempenha o papel de agente, mas de ser afetado.   |
| Neves (2011)   | Afirma que as formas oblíquas reflexivas dos pronomes pessoais fazem parte de determinados verbos, denominados pronominais, e ilustra com exemplos retirados de textos literários em que são empregues verbos como: <i>admirou-se, chateou-se, me decepcionei, silenciou-se, se bronzeavam, tranquilizar-se, se zangar</i> e diversos outros.   |
| Bagno (2011)   | Caracteriza-se pela presença dos clíticos oblíquos: <i>me, te, se, nos</i> , e enfatiza que é preciso fazer a distinção entre os verbos na voz reflexiva e os verbos que apresentam o clítico sem que o sujeito seja de fato o Agente e Paciente da ação. Aqueles em que não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada, os chamados pronominais pela tradição, como: <i>atrever-se, arrepender-se, queixar-se, comportar-se, despedir-se, batizar-se, chamar-se, formar-se</i> entre outros, denominados por “verbos pseudorreflexivos”.   |
| Perini (2016)  | O autor subcategoriza os reflexivos em: <i>verbos com sujeito e objetos idênticos, recíprocos, reflexivos e formas enfáticas</i> . Os reflexivos são também usados para expressar a reciprocidade, ou seja, quando o sujeito e o objeto são partes simétricas de um evento ou estado: o papel temático do sujeito vale também para o objeto, e vice-versa, considerando a mesma ação ou evento. Os falantes do Português Brasileiro usam as formas verbais, que facultam o uso dos pronomes reflexivos, sem empregá-lo. A tendência parece ser generalizar a ergativa às custas da construção com reflexivo – ou seja, generaliza-se a construção sem o emprego do pronome. Por outro lado, alguns verbos continuam exigindo o emprego dos pronomes reflexivos em todas as suas variedades. São exemplos que ilustram esta afirmação verbos como: <i>se posicionar</i> , no sentido de defender um ponto de vista, <i>se compor, se dar, se achar, se virar, se abrir, se mostrar, se tratar, se refazer/</i> |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

### 2.4.5 Síntese comparativa dos verbos reflexivos/pronominais em dicionários do Português Brasileiro

Quadro 3 – Os verbos reflexivos/pronominais em dicionários

| Autor                   | Síntese  |
|-------------------------|--|
| Houaiss e Villar (2001) | Definem a reflexividade como sendo a ocorrência de um verbo que expressa o sentido da ação que reflete ou reflexiona ao sujeito que a pratica. Essa ação se volta sobre o sujeito, sobre <i>si mesmo</i> . Neste caso, o sujeito e o objeto referem-se ao mesmo ser, usado como complemento de um verbo, com referência idêntica e na mesma proporcionalidade, tanto ao sujeito, quanto ao objeto. |
| Borba (2002)            | Não define o fenômeno da reflexividade, nem nomeia os verbos como reflexivos/pronominais.  |
| Luft (2008)             | Informa que os verbos pronominais vêm “acompanhados de pronome oblíquo da mesma pessoa do sujeito, por isso dito “reflexivo” (reflete o sujeito) <i>eu me arrependo, tu te arrependes, etc.</i> Além disso, os caracteriza a partir do complemento verbal: OD (objeto direto) e OI (objeto indireto).  |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Este capítulo teve como objetivo apresentar os objetos de estudo que investigamos, os clíticos pronominais e os verbos reflexivos/pronominais do Português Brasileiro, a partir de alguns materiais, algumas Gramáticas Normativas, algumas Gramáticas Descritivas e alguns Dicionários da Língua Portuguesa. Estes materiais foram escolhidos por serem de uso frequente nas escolas e universidades brasileiras, logo, são geralmente conhecidos por aqueles que se dedicam a estudar a estruturação e caracterização da língua portuguesa brasileira.

Assim, os principais critérios para a seleção dos materiais é que fossem de fácil acesso, de uso comum nas escolas e universidades e que tratassem dos assuntos pesquisados, listados entre os demais, em seus sumários. É evidente que existem outros materiais que também seriam acessíveis e passíveis de consultas, porém, assim como foi necessário ter um ponto de partida, foi igualmente importante promover a delimitação dos materiais que seriam consultados, a fim de garantir a viabilidade da pesquisa.

Conforme exposto em toda a extensão deste capítulo, notamos que esses objetos apresentam conceitos divergentes acerca dos objetos de estudo, o que não inviabilizou que fossem investigados e descritos, mas ao contrário, o progresso científico se concretiza, também, na divergência conceitual e na diversidade

A nossa perspectiva é de contribuir para a compreensão da estruturação e caracterização do fenômeno, no Português Brasileiro, de forma geral, e no falar goiano e catalano, de forma específica.

## CAPÍTULO 3

### OS MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Os estudos sociolinguísticos de base variacionista são caracterizados pelas análises linguísticas a partir da consideração de um conjunto de fatores, associados ao indivíduo-sujeito, que se encontra inserido em um contexto sociocultural específico, numa comunidade linguística. Logo, via de regra, são esses elementos que compõem o conjunto das variáveis pertencentes à língua e aos indivíduos que a falam e a escrevem.

As variáveis linguísticas são aqueles fatores associados às ocorrências de fala e escrita, relativos à sua constituição fonético-fonológica, morfossintática, semântica, discursivo-pragmática da língua, em si, portanto, internos a ela. Já as variáveis sociais são os fatores que constituem o perfil social do indivíduo-sujeito, como: *sexo, escolaridade, idade, origem do informante*, de natureza externa ao sistema linguístico (cf. MOLLICA; BRAGA, 2003).

Para a Sociolinguística, a língua é, ao mesmo tempo, resguardada pelas características linguísticas singulares, de cada indivíduo-sujeito, por um lado e, por outro, é na coletividade, nas comunidades de fala, que os traços desta língua se preservam ou se modificam, a depender das escolhas individuais, somadas às escolhas coletivas da comunidade (cf. LABOV, 2008; MONTEIRO, 2000; BANDEIRA, 2007).

São esses aspectos individuais, somados aos aspectos sociais, o que torna uma língua, ao mesmo tempo, singular e plural. Singular naquilo que a caracteriza enquanto estrutura ímpar, na sua forma de organização fonética/fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical e pragmática, e plural, naquilo que a torna heterogênea e variável.

Para Tarallo (1990, p. 61)

Fatores linguísticos e sociais encontram-se intimamente relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações que privilegiem um ou outro aspecto, não obstante bem construídas, não darão conta do rico montante de regularidades que podem ser observadas através dos estudos empíricos do comportamento linguístico.

Assim, seguindo as orientações teóricas e metodológicas da Sociolinguística Variacionista esta pesquisa buscou se pautar pelos seguintes aspectos: a) escolha da comunidade de fala a ser pesquisada, b) seleção prévia do perfil dos informantes; c) coleta dos dados linguísticos, seguida pela atividade de separação do que é pertinente ao fenômeno pesquisado; d) codificação, digitação, quantificação e representação em gráficos, tabelas e

quadros que demonstram os resultados quantitativos e qualitativos obtidos pelos estudos e análises dos materiais linguísticos pesquisados.

Ainda sobre os procedimentos metodológicos das pesquisas sociolinguísticas, Mello (2009) enfatiza que para qualquer análise linguística, que tenha como base a variação, é necessário que se explicita minuciosamente os passos e o trajeto metodológico percorridos para as análises.

Cristianini (2007, p. 43) também explica que “cada uma das formas de utilização da língua compõe uma variedade que é determinada basicamente pelas circunstâncias de “quem?” utiliza a língua, “quando?”, “como?”, “por quê?”, “com quem?”, “em que situação?”, “onde?”, a língua é utilizada” .

Portanto, a partir das concepções elencadas acima, este capítulo objetivou descrever os principais caminhos traçados e percorridos para que se chegasse aos resultados que serão apresentados adiante, no capítulo 5. Portanto, buscamos, aqui, narrar ou descrever, ou as duas coisas, o ‘como’, o ‘onde’, ‘com quem’, ‘em que espaço geográfico’ e ‘em que circunstâncias’ a pesquisa foi realizada, o *modus operandi* que a tornaram concreta.

### **3.1 A constituição do *corpus* da pesquisa – a etapa da coleta dos dados**

A exemplo do que ocorreu em outras etapas desta pesquisa, o *como* proceder para a obtenção dos dados de fala e o *como* analisá-los, solicitou de nós posicionamentos e tomadas de decisões. Assim, seguindo os pressupostos metodológicos das pesquisas sociolinguísticas, optamos também por coletar os dados, *in loco*, e também por realizar análises quantitativas e qualitativas (cf. FISHER, 1974; TARALLO, 2003; LABOV, 2008; GUY; ZILLES, 2007).

A Sociolinguística laboviana traz como procedimentos de pesquisa as atividades de coleta e análises de dados, a partir de modelos quantitativos, atentando sempre para os critérios que a caracterizam como pesquisa sociolinguística, como o rigor metodológico, a seleção dos informantes, o tratamento dos dados, entre outros. Para Labov (2008, p. 62), “os meios empregados para coletar os dados interferem nos dados coletados”.

Seguindo as orientações de Guy e Zilles (2007, p. 20), esta pesquisa foi subdividida em três fases distintas: “i) a coleta de dados; ii) redução e apresentação de dados; iii) a interpretação e explicação de dados”. A atividade da coleta de dados se deu pelo contato direto com os informantes, quando foram estabelecidas relações de proximidade e de confiança mútua, entre a pesquisadora e esses sujeitos.



Os dados foram coletados por meio de entrevistas, gravadas e, em seguida, transcritas uma a uma, num constante ouvir e transcrever, ouvir e conferir. Após a transcrição, passamos para a redução e constituição das amostras, quando selecionamos, no montante das transcrições, os fatos linguísticos que foram submetidos às análises. Esta separação foi realizada de forma bastante criteriosa e, manualmente, dado a dado, linha por linha, a fim de garantir a viabilidade da pesquisa.

Conforme Guy e Zilles (2007, p. 24), a grande dificuldade do pesquisador, nessa etapa, é encontrar uma forma eficiente de resumir as amostras coletadas, tirando o que não é pertinente à pesquisa e preservando aquilo que é relevante, que apresenta uma visão geral do fenômeno pesquisado, sem, contudo, “distorcer significativamente os dados originais nem obscurecer fatos importantes”.

Após a redução das amostras, chegamos à última etapa, a da interpretação e explicação dos dados. Sabemos que os números apresentados em uma pesquisa variacionista, por si só, dizem pouco. Mas são as interpretações do pesquisador, fundamentadas nas teorias existentes, acerca do fenômeno estudado, o que propicia a confirmação ou o refutar das hipóteses da pesquisa.

Ainda a respeito da etapa da coleta dos dados, é oportuno e salutar ponderar alguns outros aspectos vividos por nós, naquele momento. O contato direto com os informantes foi, ao mesmo tempo, dificultoso e prazeroso. Dificultoso pelos condicionantes diversos e adversos, previstos e imprevisíveis, ocasionados durante essa atividade de coleta de dados.

Por outro lado, tornou-se prazeroso estar com as pessoas da comunidade pesquisada. Conhecer aquelas pessoas, suas percepções, impressões e expressões sobre o mundo, e sobre si mesmos e a sociedade, consistiram em experiências ímpares, intransferíveis. Os ganhos ocasionados, em termos de conhecimento, durante a realização do trabalho da coleta dos dados, *in loco*, superaram as dificuldades e os percalços encontrados.

O contato direto com os informantes nos oportunizou o registro e a recuperação de fatos que não foram exatamente gravados pelos microfones do gravador, como gestos, sorrisos, posturas e comentários, que não são percebidos senão pelo contato direto com as pessoas. Estas são informações que, adicionadas às gravações puderam elucidar aspectos que, por vezes, somente os números não conseguiram esclarecer. O que não significa dizer que aquelas pesquisas que optam pelas consultas aos bancos de dados, pré-existentis, armazenados nas universidades, nos departamentos de linguística e que os disponibilizem para consultas, por exemplo, tenham valores científicos menores. Não se trata disso! O que se quer dizer é que, o contato com os informantes propicia saberes e informações únicos que, de outro modo, talvez

não seriam possíveis. Dessa forma, justificamos o porquê de optamos pela coleta dos dados, desde o início, e ainda porque mantivemos esta proposta, mesmo com as dificuldades geradas em decorrência da Pandemia do COVID 19.

Dito isso, relatamos que os dados da pesquisa foram obtidos por meio de entrevistas, realizadas com os informantes na cidade de Catalão, no período de março de 2019 a novembro de 2021. No entanto, é oportuno registrar que foram necessárias diversas interrupções às idas e vindas a Catalão e, por conseguinte, à realização das entrevistas, em função da ocorrência da Pandemia do Corona Vírus. A primeira dessas interrupções do trabalho de campo ocorreu de março de 2020 até março de 2021, quando o mundo se tornou, então, pandêmico, momento em que iniciávamos as primeiras coletas de dados. Naquela ocasião, diante do caos sanitário vivido pela humanidade, coletar dados, se tornou, além de muito perigoso, para o pesquisador e para os informantes, estar em contato com um maior número de pessoas passou a ser proibido pelos inúmeros decretos institucionais que, necessariamente, limitavam o nosso ir e vir.

De igual modo, ainda neste mesmo contexto pandêmico, os outros momentos subsequentes também foram muito desafiadores. De abril de 2021 a agosto, do mesmo ano, ainda em função da ocorrência da Pandemia do COVID 19, no Brasil e no Mundo, o contato com as pessoas exigiu de todos muita cautela, devido ainda a existência de um grande número de casos de contaminações e mortes pelo vírus. Diante da situação caótica vivida pela humanidade, a recomendação da Secretaria Mundial da Saúde (OMS) e das instituições locais, ligadas aos órgãos de saúde e às vigilâncias sanitárias, era sempre para que fizéssemos isolamentos sociais, restringindo, ao máximo, o contato entre as pessoas.

Se as atividades de entrevistas e de coletas de dados já são, por si só, consideradas complexas e desafiadoras, o que dizer quando elas precisam ser realizadas em um momento de pandemia mundial, como este que temos vivido? Este foi, sem a menor possibilidade de dúvida, o maior desafio desta pesquisa. A adequação aos protocolos de segurança e prevenção de contágio, conforme recomendados pelas autoridades das áreas da saúde, da epidemiologia e da vigilância sanitária, praticamente desconhecidos por todos nós, até aquele momento, tornaram as atividades de entrevista e de coleta de dados, particularmente difíceis.

Contudo, as visitas a Catalão e as entrevistas foram sendo retomadas, aos poucos, em agosto de 2021, após a maioria da população brasileira ser imunizada, por meio de vacinas e, por consequência, a diminuição do número de casos de contaminação e mortes, registradas no Brasil e no Mundo, conforme dados estatísticos apresentados, diuturnamente, pelos órgãos

sanitários vinculados às secretarias de saúde, através dos principais meios de comunicação locais, regionais e mundiais.

Assim, após um trabalho de reorganização do planejamento das atividades de coleta de dados e do cronograma de pesquisa, foi constituído um banco de dados com mais de 15 horas de entrevistas gravadas, com 24 informantes, homens e mulheres, nascidos e residentes em Catalão-GO, por toda a sua vida e que não tenham se afastado da cidade por longos períodos, superior a dois anos. O tópico 3.3, reservado à descrição do perfil dos informantes, traz informações mais detalhadas a respeito das pessoas que, de fato, conferem sentido à realização deste trabalho científico.

### **3.2 A seleção dos informantes da pesquisa**

Os informantes da pesquisa foram selecionados após diversas idas e vindas à cidade de Catalão e após ter sido traçado, previamente, um perfil sócio-histórico, a partir dos fatores sociais: *sexo*, *idade* e *escolaridade* do informante, conforme orientam as teorias sociolinguísticas (cf. TARALLO, 2003; PAIVA, 2003; LABOV, 2008).

O recrutamento de pessoas, em uma comunidade em que, a princípio, é desconhecida pelo pesquisador, por si só, já consiste em uma tarefa normalmente desafiadora. Aqueles que coletam dados *in loco* sabem que os sentimentos de desconfiança e de insegurança são, naturalmente, presentes durante as atividades de coleta de dados. Em se tratando de um momento adverso, num contexto de pandemia, essas dificuldades se multiplicaram, substancialmente.

Para que fosse possível concretizarmos essa etapa da coleta de dados, foi necessário recorrermos à participação de quatro pessoas, residentes e bastante conhecidas na cidade de Catalão. Uma é a professora e pesquisadora Isabela Cecília do Nascimento, que atua em atividades ligadas à Secretaria da Cultura e à comunidade de jovens. Ana Maria do Nascimento, uma ex-funcionária da Prefeitura, aposentada e que, atualmente, presta serviços de ajuda humanitária às famílias catalanas mais fragilizadas socialmente. A Secretária da Cultura do Município, Patrícia Rosa Castro. Por último, a comerciante Selma Mendes Marra. Essas pessoas nos ajudaram nos contatos e nas apresentações entre nós e os informantes.<sup>24</sup>

Este pequeno relato, acerca das informações que descrevem como se deu o recrutamento dos informantes. É importante destacar que antes deste contato inicial, nós e os informantes não nos conhecíamos.

---

<sup>24</sup> Os nomes das pessoas foram citados com os seus consentimentos.

As informações a respeito do perfil dos informantes foram registradas na Ficha de Registro do Perfil do Informante, que teve como finalidade armazenar as informações a respeito dos informantes em um material de fácil acesso às consultas e análises. A referida Ficha foi elaborada com base em outros modelos gerais, com as respectivas adaptações para atender as especificidades e os objetivos desta pesquisa, conforme o modelo abaixo.

Quadro 4 – Modelo de Ficha de Registro do Perfil do Informante

**Informante n° \_\_\_\_\_**

|  |   |
|--|---|
| Nome:  | Idade:  |
| Pai:   | Naturalidade do pai:                                  |
| Mãe:   | Naturalidade da mãe:                                  |
| Data de nascimento:  |   |
| Local de nascimento:   |   |
| Profissão (atividades profissionais):  |   |
| Escolaridade:  | Naturalidade:   |
| Estado civil:  | Naturalidade do cônjuge: (se o informante for casado) |
| Particularidades de articulação: (somente para os casos com particularidades aparentes e influenciadoras na qualidade de fala produzida) |   |
| Breve histórico de vida:   |   |
| Data da entrevista:  |   |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Nota: As informações registradas no quadro acima contribuíram para a interpretação dos dados da pesquisa e foram utilizadas exclusivamente com esta finalidade.

Além da Ficha, outros documentos de registros de informações do perfil dos informantes também foram gerados. São documentos que fazem parte dos compromissos éticos estabelecidos entre esta pesquisadora e cada um dos informantes. Dentre estes documentos, o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido, elaborado seguindo as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais – o COEP/ UFMG.

### 3.3 O perfil social dos informantes

Participaram da pesquisa um total de 24 informantes, selecionados a partir de critérios comumente estabelecidos pelas pesquisas sociolinguísticas. Neste caso em específico, o informante deveria ser catalano, de nascimento ou de permanência, antigos moradores da cidade de Catalão, ou seja, pessoas que tenham vivido ali a maior parte das suas vidas, que não tenham se ausentado da cidade por um período superior a dois anos e que possuam um perfil conforme os critérios estabelecidos nas variáveis sociais: *sexo, idade e escolaridade*.

Assim, destes 24 informantes, 12 são mulheres e 12 são homens, em atendimento à variável *sexo*. Para a variável *idade*, foram selecionadas oito pessoas de três idades diferentes: Jovens - de 18 e 29 anos; adultos - de 30 e 49 anos e adulto + com idade superior a 50 anos.

Para atender à variável *escolaridade*, os informantes também foram divididos em três grupos: os de baixa escolaridade, aqueles que estudaram até o ensino fundamental, primeira e segunda fase, os de média escolaridade, aqueles que concluíram o Ensino Médio e os de alta escolaridade, aqueles que concluíram o Ensino Superior ou a Pós-Graduação.

No *quadro 5* apresentamos uma síntese dos perfis sociais observados para a escolha dos informantes.

Quadro 5 – O perfil social dos informantes

| Faixa Etária                                     | Sexo                   | Escolaridade                                       |
|--|------------------------|--|
| <b>J</b> - Jovem - idade entre 18 e 29 anos      | <b>M</b> - 12 mulheres | <b>B</b> - Baixa - Ensino Fundamental              |
| <b>A</b> - Adulto - idade entre 30 e 49 anos     | <b>H</b> - 12 homens   | <b>M</b> - Média - Ensino Médio                    |
| <b>A+</b> - Adultos com idade superior a 50 anos |                        | <b>A</b> - Alta - Ensino Superior ou Pós-Graduação |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

As pessoas que voluntariamente participaram das entrevistas, contribuindo com a pesquisa por meio dos seus costumes linguísticos, foram denominadas por informantes, conforme também o faz Labov (2008). É importante destacar também que cuidamos para que a identidade de cada informante fosse preservada. Para tanto, foram utilizadas as letras iniciais maiúsculas, em referência aos seus nomes e sobrenomes. Além disso, cada participante recebeu um número, de 1 a 24 – (**Inf.1, Inf.2 . . .**), que o representa sempre que for necessário citar um fragmento da sua fala, retirada dos dados, ou fazer uma referência nas tabelas e gráficos que expõem os resultados e as análises. Assim, organizamos a representação de cada informante da seguinte forma: SAR-25JMB – as letras iniciais do nome da pessoa, a *idade*, a *faixa etária*, neste caso **J** = jovem, o *sexo*, **M** = mulher, e a *escolaridade*, no caso do exemplo, escolaridade baixa = **B**. No *quadro 6* abaixo apresentamos as informações detalhadas a respeito do perfil social dos informantes.

Quadro 6 – Os informantes da pesquisa e as variáveis sociais

| nº Inf. | Informantes | Sexo | Faixa etária | Escolaridade |
|---------|-------------|------|--------------|--------------|
| 01      | DSP         | H    | Jovem        | Alta         |
| 02      | MERM        | M    | Jovem        | Média        |
| 03      | JGM         | M    | Jovem        | Média        |
| 04      | ZGN         | H    | Adulto       | Alta         |
| 05      | DVC         | H    | Adulto       | Alta         |
| 06      | ICN         | M    | Adulto       | Alta         |
| 07      | JGP         | M    | Adulto       | Alta         |
| 08      | LVC         | M    | Adulto       | Baixa        |
| 09      | AMN         | M    | Adulto +     | Média        |
| 10      | SMC         | M    | Adulto +     | Alta         |
| 11      | CAGB        | M    | Adulto +     | Baixa        |
| 12      | CC          | H    | Adulto       | Baixa        |
| 13      | AMG         | M    | Adulto +     | Média        |
| 14      | CBM         | H    | Jovem        | Baixa        |
| 15      | DEO         | M    | Jovem        | Baixa        |
| 16      | FPR         | H    | Adulto +     | Alta         |
| 17      | MHS         | H    | Jovem        | Média        |
| 18      | MMP         | H    | Adulto +     | Média        |
| 19      | FGR         | M    | Adulto       | Alta         |
| 20      | LCR         | H    | Jovem        | Média        |
| 21      | LGN         | H    | Adulto       | Média        |
| 22      | LMO         | H    | Adulto +     | Baixa        |
| 23      | LVPC        | M    | Jovem        | Baixa        |
| 24      | MRG         | H    | Adulto +     | Baixa        |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Nota: As colunas representam, respectivamente: o número atribuído a cada informante, as letras iniciais dos nomes dos informantes, o sexo: **H** = homem, **M** = mulher; a faixa etária: Jovem = **J** (com idade de 18 a 29 anos) Adulto = **A** (com idade de 30 a 49 anos e Adulto + = **A+** (com idade acima de 50 anos). Sobre a escolaridade foram utilizados os seguintes níveis: **B** = baixa, **M** = média e **A** = alta.

### 3.4 Os instrumentos da coleta de dados – as entrevistas

Relatamos que, inicialmente os dados foram coletados por meio de três instrumentos de coleta de dados: entrevistas orais gravadas, teste de produção induzida e aplicação de questionário com questões fechadas. Justificamos que a utilização de três instrumentos de coleta de dados se deve ao fato de que nos resguardamos para o caso de não aparecerem nos registros de fala gravados dados suficientes para o procedimento das análises, a ocorrência dos verbos reflexivos/pronominais, por exemplo. Assim teríamos materiais, embora escritos, mas que nos possibilitariam seguir com a pesquisa, sem a necessidade de outras coletas.

No entanto, como este estudo teve como foco as amostras de registros de fala, os demais dados, provenientes dos testes de produção induzida e dos questionários serão utilizados em momentos posteriores, quando o foco das discussões e análises será a língua na modalidade

escrita ou até mesmo como instrumento, de possíveis comparações, sobre a ocorrência do fenômeno estudado, nas modalidades falada e escrita.

As entrevistas que realizamos se caracterizaram por entrevistas semiestruturadas, isto é, que seguiram uma espécie de roteiro na proposição dos assuntos abordados, mais ou menos planejados, tendo em vista que a proposta era de uma conversa com trocas de informações a respeito de assuntos do cotidiano, a fim de criar condições de naturalidade, para o surgimento, ao máximo, de falas mais espontâneas e naturais. No entanto, apesar desse empenho para que as falas se tornassem mais espontâneas, menos vigiadas, ainda assim, sabemos que a própria situação de gravação, somada à ideia de conceder uma entrevista, para alguém desconhecido, já cria, por si só, um ambiente de certa formalidade.

Muito embora as entrevistas sejam um modelo de ferramenta de coleta de dados considerada como produtivas e confiáveis, ainda assim, todo pesquisador, ao lançar mão desse tipo de ferramenta, tem ciência de que podem ocorrer situações em que o fenômeno pode ser camuflado e que seu registro seja dificultado, em virtude de uma produção menos natural, com certo policiamento ou a monitoração, por parte do informante.

A este respeito, Labov (2008, p. 63) observa que

o método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada. A fala da entrevista é formal – não por qualquer medida absoluta, mas em comparação com o vernáculo da vida cotidiana. Em seu conjunto, a entrevista é uma fala pública – monitorada e controlada em resposta à presença de um observador externo.

Já para Tarallo (2003), as entrevistas sociolinguísticas têm por objetivo minimizar o efeito negativo que a presença do pesquisador pode trazer com relação à quebra da naturalidade, comum às situações de coleta de dados. O autor sugere, ainda, que no momento de entrevistas sejam abordados assuntos que proporcionem a narrativa, sobretudo, aquelas que envolvam experiências pessoais dos entrevistados, a fim de se buscar a maior naturalidade possível. A hipótese é que, se o informante se envolve, emocionalmente, com o *que* relata, menor será a preocupação e o monitoramento do *como* relata. E é exatamente essa situação de naturalidade o que interessa aos pesquisadores da Sociolinguística.

Para Labov (2008, p. 244) em uma situação de entrevista, é natural que o entrevistador não encontre somente *vernáculo*, uma vez que a situação de entrevista, por si só, já pode romper com alguns padrões linguísticos próprios da fala espontânea. Porém, mesmo nessas situações, é preciso que o pesquisador busque o *vernáculo* do uso, que se trata do “estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento de fala”.

Após discutir os axiomas comuns encontrados em projetos de pesquisa, o autor informa que se entende por *vernáculo*, ao explicar o *paradoxo do observador*: “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática”. E foi esse conceito que adotamos para prosseguirmos com as nossas entrevistas, mesmo que não tenhamos realizado uma observação sistematizada conforme propõe Labov (2008), à medida do possível, buscamos promover situações de conversas, de diálogos, para o surgimento de situações de fala que mais se aproximassem das falas cotidianas dos catalanos entrevistados.

Mesmo sabendo que, às vezes, é difícil promover sempre uma situação ideal de espontaneidade, em contextos de entrevistas, é preciso superar os obstáculos próprios que podem ser criados, por meio da adoção de “vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja”, conforme orienta Labov (2008, p. 244). Contudo, apesar das dificuldades que lhes são inerentes, as entrevistas continuam sendo uma ferramenta bastante utilizada nas pesquisas sociolinguísticas, de forma geral, e também para as de natureza variacionista.

Para a gravação das entrevistas utilizamos um gravador de mão, com bateria, do tipo – *Gravador Digital Zoom H1n – Handy Recorder – Mic X/Y*.

O tempo médio de duração, de cada entrevista, foi de aproximadamente, 38 min., variando de informante para informante. A de maior duração foi de 1 hora e 19 min. e a de menor tempo de 14 min., **Inf. 9** e **Inf. 21**, respectivamente.

Com relação aos assuntos que abordamos, esses versaram sobre os conhecimentos pessoais dos sujeitos-informantes, seus estilos de vida, suas rotinas, suas memórias de infância e juventude, e, ainda, sobre os acontecimentos que marcaram suas vidas, como acidentes, machucados, decepções, projetos de vida e outros assuntos que foram surgindo durante as entrevistas com os informantes, com a finalidade de que estes empregassem os verbos reflexivos/pronominais do Português Brasileiro, com ou sem o referido clítico pronominal, observando sempre os princípios éticos e científicos que caracterizam pesquisas de natureza linguística, defendidas pelos órgãos brasileiros que regulamentam as envolvendo seres humanos, neste caso, em específico, o COEP/ UFMG – Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais<sup>25</sup>. O roteiro dos assuntos/temas que direcionaram as entrevistas que realizamos se encontra no APÊNDICE B.

---

<sup>25</sup> O Projeto de Pesquisa foi protocolizado no COEP/UFMG sob o CAAE nº 35698820.2.0000.5149, aprovado conforme o Parecer nº 4.453.514 1435155, com Comprovante de Recepção nº. 1435155.



### 3.5 Os procedimentos de transcrição e separação dos dados

Os dados foram transcritos de acordo com as normas ortográficas do Português Brasileiro, quando tentamos reproduzir, na transcrição escrita, ao máximo, a “intenção” comunicativa do informante, respeitando, quando possível, as características da norma falada produzida por ele. Tentamos adotar os procedimentos de transcrição, da modalidade falada para a modalidade escrita, conforme sugerido por Cagliari (2001, p. 115), fazendo assim uma transcrição “fonográfica”<sup>26</sup>, o que significa dizer que tentamos transcrever, à medida do possível, algumas ênfases, alongamentos de vogais, apagamentos fonológicos, simultaneidades de voz. As principais normas de transcrição dos dados estão apresentadas no APÊNDICE C.

Sobre a atividade de separação dos dados, relatamos que essa se deu em três etapas:

- a) uma leitura geral e uma separação manual dos dados transcritos, buscando destacar as ocorrências com verbos reflexivos/pronominais, com a *presença* clíticos pronominais: *me*, *te*, *se* e *nos* como complemento dos verbos;
- b) em seguida, foram separados os casos em que os contextos verbais solicitam os clíticos, mas o informante ‘optou’<sup>27</sup> por não os empregar;
- c) e, por último, houve uma redivisão dos dados, observando as funções dos clíticos pronominais de acordo com os contextos sintáticos em que ocorrem ou que deveriam ocorrer e que, no entanto, o informante ‘optou’ por apagá-los.
- d) dos verbos selecionados do *corpus* foram listados, em ordem alfabética. 133 tipos verbais da língua portuguesa, dentre aqueles que, ou foram pronominalizados pelos informantes ou foram empregues em contextos de reflexividade em que a pronominalização era possível de ocorrer, mas que, no entanto, o informante ‘optou’ pela *ausência* do clítico pronominal (cf. BANDEIRA, 2007; MELLO, 2009).

<sup>26</sup> Por escrita fonográfica, Cagliari (2001, p. 115) define como sendo um “sistema de escrita baseado no significante e depende essencialmente dos elementos sonoros de uma língua para poder ser lido e decifrado”.

<sup>27</sup> As palavras “escolha”, “opção”, “optou”, em algumas ocasiões aparecem grafadas entre aspas. Isto ocorre quando estas palavras expressam o sentido de que os usos linguísticos são controlados por normas e regras estabelecidas nos acordos sociais. Logo, as “opções” e “escolhas”, feitas pelos usuários de um sistema linguístico não são livres das normas, acordos e aprendizados sociais que regem as produções linguísticas. Há sempre, então, a necessidade de adaptação e adequação linguística, respeitando as normas, as regras e os contextos específicos, visando o princípio básico da língua, a comunicabilidade.

### 3.6 A quantificação da amostra – as análises qualitativas e quantitativas

Para esta pesquisa o programa estatístico escolhido para a produção dos dados valores e cruzamentos dos resultados estatísticos foi o programa GoldVarb X, por este ser um tipo de programa estatístico bastante utilizado em pesquisas que adotam as metodologias da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas.

O Programa Estatístico GoldVarb X consiste em um Programa Estatístico Computacional elaborado por Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005)<sup>28</sup> que tem a capacidade de processar um grande volume de dados linguísticos, a partir de um número considerável de variáveis linguísticas e sociais.

De acordo com Berlinck e Biazolli (2018, p. 268) a partir do uso do Programa podem ser feitas análises linguísticas “univariadas (ou unidimensionais) multivariadas (ou multidimensionais) e tabulações cruzadas”.

Conforme explicam Guy e Zilles (2007) as análises univariadas se caracterizam pela testagem de uma variável independente, sob uma variável dependente. Neste caso, os resultados aparecem em forma de frequências absolutas e relativas. Já com relação as análises multivariadas Berlinck e Biazolli (2018) comentam que estas consistem em avaliações em que a variável linguística é influenciada por muitos elementos do contexto, ou múltiplas variáveis independentes. Assim, os objetivos deste tipo de análise é medir os efeitos e os significados dos efeitos, das variáveis independentes sobre as variáveis dependentes. Neste caso, os resultados são tabulados em pesos relativos, entre as variáveis selecionadas com maiores significância para a ocorrência do fenômeno estudado pelo programa. Já com relação às variáveis ‘sem significância’ estatística a referência de medida são os pesos aproximados, os valores que deveriam ser considerados se a variável fosse considerada como significante. Na tabulação cruzada, observamos as relações – ou a falta delas – entre as variáveis independentes, a fim de confirmar ou refutar resultados dessas variáveis analisadas separadamente.

Berlinck e Biazolli (2018, p. 268) explicam também que o Programa é rodado em seis etapas subsequentes: geração do arquivo de dados, checagem da codificação, geração do arquivo de condições, análise univariada, análise multivariada e tabulação cruzada.

É importante informar, também, que antes das etapas de rodagem dos dados pelo Programa, é necessário que sejam feitas as suas codificações de acordo com as variáveis que serão analisadas. Esse é um trabalho manual, de análise e verificação contextual de todos os

---

<sup>28</sup> Outras informações acerca do desenvolvimento do Programa Goldvarb X podem ser encontradas no site: Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em: 16 jul. 2022.

dados linguísticos e a colocação dos códigos referentes a cada variável linguística e social. É etapa de intensos trabalhos e que exige muito conhecimento teórico, por parte do pesquisador. É preciso que ele saiba identificar em cada dado as informações que caracterizam. É, sem dúvida, uma atividade chave de caracterização de cada dado a ser analisado. Neste sentido, se o dado é codificado equivocadamente pelo pesquisador ocorrerão falhas na interpretação dos resultados, o que poderá implicar, inclusive, em invalidação dos resultados da pesquisa.

Dessa forma, para que as análises e os resultados da pesquisa se aproximem, ao máximo, da realidade dos traços produzidos no dia-a-dia da comunidade de fala pesquisada, foram necessários procedimentos de pesquisas de aspectos qualitativos e quantitativos, pois se a base quantitativa abstrai os fenômenos linguísticos em termos numéricos, a base qualitativa tem a função de reinseri-los na realidade a que pertencem, compreendê-los à luz de seu contexto. Para Sankoff (1988), desenvolver análises quantitativas e qualitativas, numa perspectiva de complementação de recursos de pesquisa, significa dar aos fenômenos estudados uma abordagem interpretativo-descritiva.

Com base nisso, analisamos os dados linguísticos, extraídos das gravações das entrevistas, a partir da comparação e do cruzamento das informações contidas nas variáveis linguísticas e sociais, e que representam, ao mesmo tempo, as amostras individuais, mas se constituem, também, em amostras de como a comunidade pesquisadas se comporta linguisticamente.

Além disso, por essa ser uma pesquisa amparada teoricamente e metodologicamente nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, tornou-se necessário que os dados linguísticos fossem analisados também por parâmetros quantitativos, conforme Labov (2008), Calvet (2002), Guy e Zilles (2007) e outros.

As pesquisas variacionistas comumente recomendam sobre a importância de submeter os dados às exposições numéricas, aos cálculos, às porcentagens e aos controles sistemáticos de fatores que contribuem para a compreensão dos fenômenos da variação e da mudança linguística que, se dão de forma sistematizada, por regras e acordos, estabelecidos no uso da língua (cf. GUY; ZILLES, 2007, p. 48).

Ao responder sobre o porquê realizar análises quantitativas nas pesquisas de variação linguística, Guy e Zilles (2007, p. 73) justificam que “a variação linguística, entendida como alternância entre dois ou mais elementos linguísticos, por sua própria natureza, não pode ser adequadamente descrita e analisada em termos categóricos ou estritamente qualitativos”. Assim, é necessário submeter os dados a valores numéricos, para que possam ser apuradas as informações contidas nestes valores e interpretadas pelo linguista.

Contudo, entende-se que desenvolver análises da variação e mudança linguística, a partir das perspectivas qualitativas e quantitativas, além da garantia de maior credibilidade científica, possibilita conhecer realidades sociais que ultrapassam as questões da variação em si, além de viabilizar “o entendimento de questões de identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre tantas outras”, (cf. GUY; ZILLES, 2007, p. 73).

Por outro lado, é importante lembrar também que, embora os programas estatísticos se constituam em recursos de caráter relevante para o manuseio numérico das informações contidas nos dados, eles, por si só, não conseguem fazer as leituras e interpretações linguísticas sobre o que nos dizem os números. As análises, as generalizações, a padronização e as conclusões correm por conta e por responsabilidade do linguista/pesquisador. Daí a importância da associação dos parâmetros qualitativos e quantitativos, nas pesquisas linguísticas. Entende-se que estes são recursos complementares e ampliadores das análises e dos resultados expressos nos e pelos dados.

Após obtidas as informações numéricas, a submissão destes dados aos cálculos e porcentagens, relacionados ao conjunto de fatores considerados relevantes, os linguísticos sociais, os resultados foram interpretados com foco naquelas informações que indicam as tendências dos comportamentos dos clíticos pronominais em contextos com os verbos reflexivos/pronominais, conforme está demonstrado no capítulo 5 desta tese.

### **3.7 Os procedimentos de contagem dos dados**

Num primeiro momento foram separados 528 dados. Destes, após a exclusão dos *knock-outs*, este número caiu para um número de 511 dados. Ao todo, foram computados 17 *knock-outs*, em função de variáveis consideradas na contagem, mas que não tiveram ocorrências ou foram em quantidades pouco expressivas que não comportam tabulações e gerações de resultados.

É adequado explicar que os *knock-outs* consistem em um fator *knock-outs* que apresenta frequência categórica de 100% e 0% das ocorrências. Neste caso, estas ocorrências foram excluídas dos cálculos, por representarem dados categóricos, tendo em vista que o programa estatístico não trabalha com fatores sem variação. Contudo, estes serão relatados e discutidos na interpretação dos resultados.

### 3.8 As variáveis da pesquisa – o que considerar em uma pesquisa sociolinguística?

#### 3.8.1 As variáveis dependentes

A variável dependente investigada neste estudo é binária, em virtude de se basear na oposição entre a *ausência* x a *presença* dos clíticos pronominais: *me*, *te*, *se* e *nos*, em contextos em que ocorrem os verbos reflexivos/pronominais, do Português Brasileiro. São construções em que, via de regra, se espera que ocorra o uso de um clítico pronominal, em função da especificação do verbo utilizado. Porém o informante pode “optar” por não o empregar, a depender de algumas circunstâncias internas e/ou externas à língua.

Nos exemplos de (87) a (91), transcritos do conjunto de dados obtidos nas entrevistas realizadas em Catalão, observamos que ora é identificada a *presença* do clítico pronominal, ora é verificado um vazio fonológico, marcado pela *ausência* da partícula que, conforme as Gramáticas Tradicionais deveria aparecer acompanhando os verbos de tais naturezas, os reflexivos/pronominais (cf. ALMEIDA, 1999; ROCHA LIMA, 2003; BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2013).

- (87) **Inf.1:** Eu acho que eu era, apesar deu sempre ter tido uma característica mais caseira um pouco, eu já **me machuquei** algumas vezes| essa cicatriz aqui { {mostrando um sinal na perna} }|que eu caí de bicicleta| – (DSPM- 25JHA).
- (88) **Inf.1:** É... | assim, eu ainda consegui fazer coisas no *online*, no virtual, uma parte do teatro **se adaptou** assim a essa realidade, mas é muito diferente assim, tanto em perspectiva de ganho financeiro| quanto também de fazer, né| o teatro é a arte do encontro e cê tá proibido disso, mas assim, é canalizar as energias pra voltar, né? – (DSPM-25JHA).
- (89) **Inf.7:** Sim, eles Ø **reúne**, mas lá não é assim, as pessoas são mais frias? São/ mas quando faz amizade, é uma amizade mais sincera| eles não **se entregam** pra qualquer pessoa, mas eles criam aquele grupo de amigos e saem, fazem reunião em casa, tanto é/ quando eu fui lá/ fiquei com o pessoal da igreja, né? – (JGP-33AMA).
- (90) **Inf.6:** grave não/ mas eu já.../ Ø **machucava** demais. . .| ralava||caia/ u’a vez esfolei o queixo/ acho que foi um dos mais.../ feios { {ininteligível} } qu’eu caí de cara no chão.../ ai ficô tudo inchado/ roxo/ que dentro de mim ficô tudo machucado assim... { {apontando para a parte interna do lábio inferior} } – (ICN-30AMA).
- (91) **Inf.7:** É::/ lá não tem, mas tem tanta coisa boa| ai gente/ tem aquele/ como é que chama? Que é um pão com carne/ que tem até em São Paulo/ que eles

fazem aquel/ aquele/ que eles cortam aquela carne assim oh {{ gesticulação }} e coloca no pão, como é Ø **chama** aquilo? – (JGP-33AMA).

E são essas circunstâncias, esses contextos, internos e externos à língua, denominados por alguns autores como fatores (cf. MOLLICA; BRAGA, 2003) e, por outros, como variáveis (cf. LABOV, 2008). São estes fatores ou estas variáveis o que passamos a apresentar, nos próximos tópicos.

### 3.8.2 As variáveis independentes

Conforme já especificado, as variáveis independentes estão divididas em linguísticas e sociais, seguindo a caracterização e as especificidades das pesquisas sociolinguísticas de base variacionista (cf. LABOV, 2008; MOLLICA; BRAGA, 2003).

Dessa forma, a pesquisa foi organizada a partir das análises de 10 variáveis independentes, destas sete são as variáveis linguísticas e três se classificam por variáveis sociais: *sexo, idade e escolaridade*.

É oportuno mencionar que as pesquisas variacionistas entendem que as variáveis não devem ser tratadas de forma isolada, com foco somente em si mesmas e, tampouco, serem descritas de forma categórica e fechada, mas que elas são complementares, se inter cruzam e agem em diferentes direções, funcionando como elementos facilitadores ou dificultadores para a ocorrência, o apagamento, a variação e a mudança dos fenômenos linguísticos.

Nos próximos subtópicos descrevemos as variáveis independentes selecionadas por nós, para que esta pesquisa se tornasse realidade. Acreditamos que são esses os possíveis fatores que podem estar contribuindo para a *presença* ou a *ausência* do clítico pronominal, nos contextos dos verbos reflexivos/pronominais, na comunidade de fala de Catalão-GO.

Evidentemente que existem outros possíveis caminhos de análises. Outros pesquisadores poderiam escolher estas ou até outras variáveis que julgassem pertinentes às suas propostas de estudo. Nós, no entanto, entendemos que as escolhas que fizemos nos darão as respostas às questões de pesquisa que propusemos e, por conseguinte, confirmarão ou refutarão as nossas hipóteses, acerca do fenômeno linguístico estudado.

### 3.8.2.1 As variáveis linguísticas

Os dados foram descritos, tabulados e comparados, entre si, a partir de sete variáveis linguísticas, a saber: *pessoa do verbo/clítico pronominal*, *posição do clítico com relação ao verbo*, *tipo de clítico pronominal*, *transitividade do verbo*, *traço-semântico do verbo*, *tipo de discurso* e *a animacidade do sujeito*.

É oportuno mencionar que os clíticos pronominais que normalmente acompanham estas estruturas verbais, no Português Brasileiro são realizados fonologicamente pelas formas /*me*/, /*te*/, /*se*/, /*nos*/, conforme atestam Galves (1986; 1996; 2001), Monteiro (1991), Silveira (1997), Nunes (1995), Pereira (2006), Bandeira (2007), Mello (2005; 2009), Barros (2011; 2016) e tantos outros que se dedicaram a compreender o funcionamento e a estruturação dos clíticos pronominais no Português Brasileiro. São estes e outros pesquisadores que nos ajudaram a compreender a estruturação e o funcionamento dos clíticos pronominais no Português Brasileiro, em outras comunidades de fala, para assim também compreender a estruturação do clítico pronominal na comunidade de Catalão-GO.

Passemos, então, à descrição das variáveis linguísticas independentes, selecionadas, a partir daquilo que acreditávamos, no momento da proposição da pesquisa, como sendo os parâmetros importantes para a descrição das relações entre os clíticos pronominais e os verbos reflexivos/pronominais naquela comunidade de fala.

#### 3.8.2.1.1 A variável *pessoa do verbo/clítico pronominal*

Diferente do que ocorre com a maioria dos trabalhos daqueles que se propõem a analisar as ocorrências dos clíticos pronominais, nestes contextos verbais, optam por investigar somente os usos ou apagamentos do *se*, pronome de 3ª pessoa, do singular ou do plural, o que já é, por si só, muito dificultoso, devido à diversidade de funções que a partícula *se* desempenha na nossa língua. Ela pode ter uma função apassivadora, indeterminadora, reflexiva, condicionadora e muitas outras, o que faz dela um objeto de estudo bastante concorrido entre os pesquisadores, exatamente pelas inúmeras possibilidades investigativas que o *se* ocasiona. Assim, ao longo dos anos muita gente buscou compreender o funcionamento do *se* no Português Brasileiro (cf. NUNES, 1995; LEMLE, 1985; LIMA, 2006; BANDEIRA, 2007; MELLO, 2005; 2009).

Aqui, optamos por observar a *presença* e a *ausência* também dos demais pronomes pertencentes ao quadro pronominal do Português Brasileiro: *me*, *te*, *se* e *nos*, a fim de verificar

em qual pessoa há maior incidência para o apagamento e em qual delas há maior conservação desse elemento.

Com relação à pessoa do verbo/clítico a nossa hipótese é que o maior número de ocorrência do clítico seja em sentenças em que o verbo possui desinência de 1ª pessoa do singular - *me*, e o sujeito gramatical correspondente, *eu*.

Além disso, intuímos, também, que ocorra o favorecimento para a manutenção da regra geral que solicita a *presença* do clítico, nestes contextos verbais, os dos reflexivos/pronominais, devido às relações de emotividade do sujeito (o informante) com a descrição de acontecimentos que o envolvam ou que envolvam fatos marcantes da sua vida. A demarcação do objeto serviria, assim, como um reforço ou uma evidenciação do papel de agente desse sujeito gramatical. Os resultados, apresentados adiante, nos indicarão se são procedentes ou não, as nossas inferências.

Os exemplos (92) a (97), transcritos das entrevistas realizadas em Catalão, ilustram como identificamos as pessoas dos verbos/clíticos pronominais:

- (92) **Inf.1:** Meu nom' é D. P.| eu tenho 25 anos| eu sou formado em Ciências Sociais| **me formei** aqui na UFG de Catalão| fui pra Goiânia na UFG fazer um mestrado na área de performances culturais| eu sou licenciado| então já trabalhei com aulas, né?| (DSP-25JHA) – **1ª pessoa do singular (eu) – me**.
- (93) **Inf. 12:** Meu nome| meu nome é C. e eu sou nascido em vinte e nove do nove de setenta e cinco. Moro aqui já desde que| eu nasci desde não  $\emptyset$  **mudei** pra lugar nenhum, só  $\emptyset$  **mudei** dum bairro para o outro (CC-45AHB) – **1ª pessoa do singular (eu)**.
- (94) **Inf. 2:** Eu acho que no mundo que a gente tá vivendo| *a gente* tem que **se aventurar** um pouco, mas eu sou uma pessoa assim que não gosto muito de dar a cara não, eu gosto mais de. . .| na minha| ter um certo tipo de rotina também não tenho, mas. . . (MERM-19JMM) – **a gente (sujeito indeterminado)**.
- (95) **Inf.1:** Eu acho que eu era, apesar deu sempre ter tido uma característica mais caseira um pouco| *eu* já **me machuquei** algumas vezes| essa cicatriz aqui [[mostrando a cicatriz no braço]] | que eu cai de bicicleta| é:uma outra é de quando eu tinha um ano de idade| era médio assim| acho que como meu irmão era mais brincalhão e mais fora de casa assim| *ele*  $\emptyset$  **machucou** mais. . . talvez (DSP-25JHA) – **1ª pessoa do singular (eu) – me e 3ª pessoa do singular (ele)**.
- (96) **Inf.5:** que meu pai seis da manhã ia e voltava nove da noite| minha mãe trabalhava na| no banco| mesma coisa...| ficava só mais eu minha irmã e a moça, né? que olhava assim na época...| ou as vezes u'a tia minha que passava umas férias aqui depois...| mais assim...| era bem poca gente, né? [trecho



incompreensível] queren| foi... legal| num foi ...| foi bem| mays *eu* **Ø lembro** disso, sabe? meu pai minha mãe trabalha: no (DVC-38AHM) – 1ª pessoa do singular (eu).

- (97) **Inf.7:** *Nós* duas **Ø formamos** juntas, *a gente se conheceu* na graduação de Ciências Sociais, *os nossos pais* já **se conheciam** (JGP-33AA) – 1ª pessoa do plural (nós), sujeito indeterminado, 3ª pessoa do plural (eles) – *se*.

Foram observados, também, os casos em que o informante fez a concordância entre o clítico pronominal e o verbo, diferente do que é usualmente proposto pela organização gramatical da norma padrão do Português Brasileiro, como, por exemplo: *nós se entendemos*, *nós se mudemos*, *eu que se virava*.<sup>29</sup> . Nestas situações, foi respeitada a pessoa do SN principal, no caso, a pessoa do sujeito gramatical referida pelo informante. Em *nós se mudemos* fica evidente pelo uso do pronome pessoal reto *nós*, e pela desinência verbal *emos* que a intenção do informante é fazer referência ao sujeito *nós*. No exemplo: *eu que se virava*, o informante faz referência ao sujeito gramatical *eu*. Assim, respeitamos as combinações nominais e verbais feitas pelo informante, a partir da observação do uso de outros elementos linguísticos presentes na fala produzida.<sup>30</sup>

- (98) **Inf. 12:** Não, só **Ø mudei** dum bairro pro outro| que aconteceu com um fato entre a família e *nóis* teve de **Ø mudar** de um bairro para o outro. Que meu pai não| não gostou na época por causa que aconteceu {{trecho incompreensível}} um fato com o irmão dele| aí *nóis* teve de **Ø mudar** de um bairro para outro (CC-45AHB).

Já nos casos em que o sujeito é *a gente*, conforme exemplo (98), bastante recorrente no Português Brasileiro, via *de* regra, a combinação se dá com o clítico pronominal *se*, correspondendo ao pronome tônico de primeira pessoa *nós* ou ao sujeito indeterminado generalizado, *a gente* seres humanos ou *a gente*, as pessoas em geral. Dessa forma, optamos por considerá-lo separado do pronome *nós* e ainda, separamos o *a gente* quando este se refere à 1ª pessoa do plural, *nós* (eu incluso aos demais sujeitos da ação) tendo em vista que no Português Brasileiro a forma átona correspondente para *nós* é *nos* e não *se*.

Por outro lado, notamos que acompanhando a expressão *a gente*, na função de sujeito, o *se*, no caso em questão, também não corresponde integralmente à 3ª pessoa, nem do

<sup>29</sup> Os exemplos foram elaborados por nós, a fim de ilustrar uma possível concordância não formal feita pelo informante.

<sup>30</sup> Talvez essa não tenha sido a melhor escolha, se considerarmos os casos de generalização do *se* ou mesmo as regras de concordância verbal comumente adotadas pelos falantes da norma não padrão da língua, por exemplo, mas foi a que julgamos mais adequada, no momento de interpretação dos resultados.

singular, nem do plural. Assim, consideramos o *se*, separadamente, quando este esteve acompanhando o sujeito *a gente* em duas situações. Na primeira, quando faz referência a nós (eu sujeito + os demais sujeitos da ação) e *a gente* em referência ao sujeito indeterminado, conforme os exemplos (99) e (100).

Veado (1982, p. 23) observa que a forma *a gente* é altamente recorrente no dialeto rural pesquisado por ela, normalmente quando no grupo de pessoas referidas inclui o sujeito da fala, no caso, *quem* fala, *quem* conduz a narrativa. De acordo com a autora, “a forma *a gente* incorporou-se ao dialeto rural de tal forma que já está se *sobrepondo* especialmente à forma “nós”, quando equivalentes” (grifos da autora).

(99) **Inf. 11:** Ah! até hoje. . . é que *a gente se conheceu* justamente no programa| ela era coordenadora e eu era bolsista (**DSP-25JHA**).

(100) **Inf. 6:** minha alimentação é muito boa| porque eu vejo na alimentação...| como uma nutrição energética| porque os alimentos...| frutas...| verduras...| leguminosas | tudo. . .| todas as plantas tem um prana| qu’ é energia vital| que todos nós seres temos| então *a gente se alimenta* desse prana | (**ICN-30AMA**).

Dessa forma, identificamos nos dados sete pessoas do clítico pronominal, a depender da pessoa do sujeito da sentença, conforme o *quadro 7* abaixo:

Quadro 7 – As pessoas do verbo/clítico pronominal

| Pessoa do pronome                                       | Pronome sujeito do caso reto                 | Pronome sujeito do caso oblíquo – átono |
|---|--|---|
| 1ª pessoa do singular                                   | <i>eu</i>                                    | <i>me</i>                               |
| 2ª pessoa do singular                                   | <i>tu</i>                                    | <i>te</i>                               |
| 3ª pessoa do singular                                   | <i>ele/ela/você</i>                          | <i>se</i>                               |
| A gente   | <i>nós = eu + outros</i>                     | <i>se</i>                               |
| Você, vocês, a pessoa, a gente, os brasileiros e outros | <i>sujeito indeterminado - sujeito geral</i> | <i>se</i>                               |
| 1ª pessoa do plural                                     | <i>nós</i>                                   | <i>nos</i>                              |
| 3ª pessoa do plural                                     | <i>eles, elas, vocês</i>                     | <i>se</i>                               |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O pronome pessoal de 2ª pessoa do plural *vós*, assim como o seu correspondente átono *vos* não foram elencados aqui como propósito de estudo, em virtude de que seu uso é, praticamente inexistente no Português Brasileiro e, em especial na fala goiana. Esse clítico aparece somente em textos bastante formais, na modalidade escrita.

Para propiciar a tabulação no Programa Goldvarb X a variável *pessoa do clítico pronominal* foi enumerada da seguinte forma: 1 = *me* (1ª pessoa do sing.); 2 = *te* (2ª pessoa sing.); 3 = *se* (3ª pessoa do sing.); 4 = *nos* (1ª pessoa do pl.); 5 = *se* (3ª pessoa de pl.); 6 = *se* (em referência ao *a gente = nós*) e 7 = *se* (em referência ao sujeito indeterminado = *você, vocês, a pessoa, a gente, os brasileiros* e outros).

Assim, essa variável foi composta por sete variantes, analisadas a partir da identificação do sujeito gramatical de cada sentença. Assim é o sujeito gramatical e as desinências verbais dos verbos contidos na sentença o que define a pessoa do clítico pronominal.

#### 3.8.2.1.2 A variável *posição do clítico pronominal*

Embora sabendo que a regra geral adotada pelos falantes do Português Brasileiro, no que se refere à posição dos clíticos pronominais com relação ao verbo da sentença é mesmo a próclise, decidimos investigar o comportamento dessa variável por duas finalidades: a) comparar os resultados encontrados na comunidade de fala de Catalão com outros resultados obtidos por outras pesquisas que analisaram a posição dos clíticos do Português Brasileiro (cf. MARTINS, 1994; NUNES, 1995; GALVES, 2001; BANDEIRA, 2007; MELLO, 2005; 2009); b) gerar registros estatísticos da colocação pronominal, conforme ocorre em Catalão, como forma de contribuição, com futuras pesquisas, que tenham como temática o estudo fenômeno da colocação pronominal.

Nesse mesmo sentido, assim como sabemos que ocorre a preferência dos brasileiros pela próclise, também sabemos que um dos traços que diferencia o Português Brasileiro atual, em especial na modalidade falada, do Português Europeu, é a colocação pronominal. Eles, os europeus, dão preferência para a ênclise, como principal forma de colocação dos pronomes, enquanto nós adotamos como regra o emprego da próclise, conforme ilustram os exemplos de (101) a (104):

(101) As pessoas **me comoveram** com suas histórias (PB).<sup>31</sup>

(102) As pessoas **comoveram-me** com suas histórias (PE).

(103) Maria **se esqueceu** de ir ao supermercado (PB).

(104) Maria **esqueceu-se** de ir ao supermercado (PE).

<sup>31</sup> Os exemplos de (101) a (104) foram elaborados por nós.

A respeito dessa diferenciação, Said Ali (1964) enfatiza que a pronúncia brasileira vai diferir da lusitana, principalmente, no que se refere à colocação pronominal, porque as nossas falas espontâneas não coincidem exatamente com as falas dos portugueses, nesse aspecto.

Castilho (2010, p. 483-484) explica que “ao longo da história do português, observou-se certa mobilidade de colocação dos clíticos pronominais predominando, inicialmente, a ênclise, até o século XIV, começando, então, o domínio da próclise, até o século XVI”. Ainda nesse mesmo sentido, continua o autor: “focalizando os tempos modernos, vê-se que o português europeu predominantemente enclítico, ao passo que o PB é predominantemente proclítico.”

No entanto, já percebemos que nos dados coletados existem ocorrências com o emprego da ênclise, embora sejam bem poucas, porque a grande predominância entre os brasileiros é mesmo para a próclise. Contudo, ainda assim, elas existem. Daí, julgamos que não seria adequado apenas ignorá-las. Além disso, entendemos que ficaria meio vago, uma espécie de lacuna, discutir sobre clítico pronominal sem, no entanto, fazer referência de como se dá, efetivamente, a colocação pronominal naquela comunidade de fala. Dessa forma, optamos por descrevê-la.

O fragmento (105) ilustra registros de ocorrência da ênclise entre os dados de Catalão-GO:

(105) **P.:** aposentadorias| como é que você vê essa questão da sua aposentadoria? Ou da aposentadoria geral no Brasil? Como é que você se posiciona com relação a isso?

**Inf. 6:** falo assim. . .| da minha geração dos anos noventa pra cá...| é muito diferente| se'a gente fô pensá, né?. . . eu| minha mãe por exemplo| é aposentada| pra ela foi difícil...| pará de trabalhá| mais ela nunca parô| ela sempre foi buscano otras ocupações, né?| mays hoje em dia ela viaja mais...| tem ter| tempo pra **dedicar-se** mais a si mesmo, né?| acho que aposentadoria...| ela vem mais pra isso| e talvez a nossa geração tenha mais oportunidade de fazê mais coisas que talvez as anteriores não tinham| que viviam só po traba:lho. . . (**ICN-30AMA**).

Em defesa da preferência dos brasileiros para a adoção da próclise, Perini (2008, p. 119), em nota, comenta que o exemplo (106), entre outros, com estrutura semelhante, não faz parte da nossa forma cotidiana de escrever e, muito menos, de falar:

(106) \* Toninho **ajudou-me**.

O autor comenta que não está considerando, evidentemente, “os fatos do português padrão ou do europeu, onde é possível uma frase muito próxima dessa”. E continua, “a saber, antes do verbo principal: *ele me ajudou, ele tem me ajudado, me ajuda aqui*. Essa é a posição do clítico em português brasileiro falado” (grifos do autor).

No entanto, embora a nossa intuição nos direcione para um possível resultado em que deverá ser confirmado que, massivamente, os catalanos “optam” pelo emprego da próclise, conforme ocorre com os brasileiros, em geral, com a alta preferência pelo emprego da próclise em detrimento à ênclise, nos contextos com os verbos reflexivos/pronominais, resolvemos averiguar também essa variável, por dois motivos: primeiro por, efetivamente, apurar em percentuais e em pesos relativos, a frequências desses usos por estes falantes e, segundo, como forma de gerar registros linguísticos oficiais com relação à posição da colocação pronominal no Português Brasileiro falado em Catalão-GO. Estas informações poderão contribuir com outras pesquisas que tenham como propósito a colocação dos clíticos pronominais na nossa língua.

### 3.8.2.1.3 A variável *tipos de clítico pronominal*

A proposta da subcategorização dos tipos do clítico pronominal parte da divisão apresentada por Nunes (1990; 1991; 1995), que subcategoriza os diferentes usos e funções do *se* em nove subclasses distintas: reflexivo (recíproco ou não), *se* ergativo, *se* inerente, *se* índice de espontaneidade, *se* apassivador, *se* indeterminador e *se* médio. A estas sete subclasses, comumente descritas pela literatura existente, o autor informa que acrescentou outros dois tipos: *se* ex-ergativos e *se* quase-inerentes.

Aqui, consideramos sete subclasses dos clíticos pronominais, conforme explicado no capítulo 2. Quais sejam: os *reflexivos*, os *recíprocos*, os *inerentes*, os *apassivadores*, os *indeterminadores*, os *ergativos* e os *enfáticos (expletivos)*, conforme subcategorizações propostas por Nunes (1995), Mello (2005; 2009) e Teixeira e Silva (2019).

Dessa forma, não foram considerados, por nós, os clíticos pronominais dos tipos *ex-ergativos* e *quase-inerentes*, conforme propõe Nunes (1995), em função da pouca clareza desses conceitos na explicação do autor, e devido à inexistência de dados coletados que caracterizem tais tipos.

Outro aspecto que este estudo difere também da proposta de Nunes (1995) se dá com relação ao clítico estudado pelo autor, no caso, o *se*, correspondente às terceiras pessoas verbais, do singular ou do plural, e os estudados por nós, as formas: *me*, *te* e *nos*.

Além disso, foram analisados também o *se* dos casos em que o sujeito é *a gente*, tanto correspondendo ao oblíquo *nós*, em que o *eu* é incluso às outras pessoas pronominais, e o *a gente* fazendo referência a alguém indeterminado, de forma generalizada, pessoas quaisquer ou os conhecidos sujeitos indeterminados, como nos exemplos (107) e (108):

(107) **Inf.1:** Ah, até hoje. . . é que *a gente se conheceu* justamente no programa, ela era coordenadora e eu era bolsista (**DSP-25JHAC**).

(108) **Inf.2:** Eu acho que no mundo que *a gente* tá vivendo| *a gente* tem que **se aventurar** um pouco. . . (**MER-19JMM**).

Um dos objetivos específicos verificado a partir das análises dessa variável consiste em averiguar se o apagamento do clítico pronominal está associado à função que essa partícula desempenha ou desempenharia, se estivesse presente na sentença, em contextos em que o sujeito é indeterminado, por exemplo, ou se essa *ausência* é favorecida nos contextos em que o clítico pronominal possui função *reflexiva* ou *recíproca*, ou mesmo se os apagamentos identificados não estariam condicionados, necessariamente, a este fator linguístico.

Dessa forma, o que buscamos investigar, por meio das análises dessa variável, é se a função desempenhada pelo clítico pronominal influencia para que o informante “opte” por empregá-lo ou não.

Conforme descrição demonstrada no capítulo 2, apresentamos no subtópico destinado às análises dos *tipos dos clíticos pronominais*, exemplos extraídos dos dados de fala de Catalão que ilustram como realizamos a verificação desta variável:

#### *a) Os reflexivos*

Para Mello (2009, p. 97) o clítico pronominal classificado como *reflexivo* é aquele que “tem como função principal recambiar a ação verbal para o mesmo sujeito que a pratica”. O sujeito é o centro de uma ação verbal transitiva, que parte dele, mas que não sai do seu âmbito de ação, algo como dele para com ele. Numa imagem ilustrativa, metafórica, o descrevemos como uma espécie de ação circular, do sujeito para o próprio sujeito, que implica em agentividade e passividade de um mesmo ser gramatical. Nunes (1995, p. 204) explica que nessa função “o pronome realiza o papel temático como argumento interno”.

- (109) **Inf. 2:** igual eu tenho um primo que ele passou por isso| a minha avó falava, “aí suicídio, depressão”. . . | imitando a voz a avó e meu primo lá de noite todo **se cortano** – (MER-19JMM).

*b) Os recíprocos*

Embora alguns autores considerem a reciprocidade contida na reflexividade, como Nunes (1995), por exemplo, outros consideram que nos casos de sujeito composto, observa-se que grau de afetação e de agentividade nem sempre estão garantidos na mesma proporcionalidade para todos os envolvidos na ação descrita. Assim, no exemplo (110) notamos o verbo *formar* (*formamos*) e *conhecer* têm sentido reflexivo e recíproco, respectivamente:

- (110) **Inf.7:** Nós duas  $\emptyset$  **formamos** juntas, a gente se conheceu na graduação de Ciências Sociais, *os nossos pais* já **se conheciam** – (JGP-33AMA).

As diferenças entre os tipos *reflexivo* e *recíproco* foram apresentadas no capítulo 2 desta tese.

*c) Os inerentes*

São os clíticos pronominais caracterizados por acompanharem os verbos da sentença que adquirem um novo sentido quando são pronominalizados, com relação às formas não pronominalizadas (cf. CUNHA; CINTRA, 2013), como por exemplo os verbos: *mudar-se*, *mudar*.

Nestes casos, o clítico pronominal é *inerente* ao verbo, ao seu radical (cf. NUNES, 1995).

- (111) **Inf. 1:** e eu acho que a mudança também| é| por mays que *eu me mudei* pra Goiânia que não é tão longe, mas é uma mudança de perspectiva sim, nem todo catalano é muito de sair é muito de ficar longe dos pais| de se mudar assim. . . – (DSP-25HJA).

- (112) **Inf. 4:** eu... eu desconheço| é... assim bem próximo as pessoas que| que. . .  $\emptyset$  **suicidaram**, né? então assim... | eu tenho... até pouco conhecimento de| de pessoas próximas que... foram... que... são suicidas, né? é... eu tenho muito conhecimento e me chamou muita atenção de| de estudar os suicídios na Bíblia, né? e... eu já andei pesquisando bastante na Bíblia, né? – (ZGN-48AHA).

d) *Os apassivadores*

As estruturas passivas são construídas a partir de verbos transitivos diretos que têm sua concordância determinada pela expressão que funciona como sujeito passivo da construção: *vende-se casas, compra-se ouro*.

- (113) **Inf. 6:** se a gente fô pensá isso em ações positivas| de coisas boas| pequenas ações **se tornam** multiplicadoras| que impactam milh| dezenas| centenas| milhares| milhões| bilhões de pessoas as pequenas esferas nu'a só em **se torna** um corpo enor:me| cheio de células| nós somos células, né? | que se multiplicam| umas morrem| nascem otras| então a gente é um corpo vivo e ativo| por isso que a gente tem que se nutri| de boas ações. . .| de bons livros| boas leituras. . . (**ICN-30AMA**).

e) *Os indeterminadores*

Para Nunes (1995, p. 212) o *se* indeterminador “detêm o papel temático reservado ao argumento externo de uma construção”. Quando o sujeito não quer ou não pode ser identificado, é um sujeito com a ideia de generalização do sujeito. Para Mira Mateus *et al.* (2003) o pronome preenche a categoria vazia de sujeito. Ex.: *observa-se, comenta-se*. . .

- (114) **Inf. 4:** eu não tenho feito u'a dieta vegetariana bem a. . .| a contento/ do. . . do que **se espera**| né? (**ZGN-48AHA**).

f) *Os ergativos*

Conforme definido por Nunes (1995, p. 204) o pronome do tipo ergativo é “um operador lexical que detematiza a posição de sujeito de verbos intransitivos”. Pela ergativização, o sujeito sintático de uma oração é interpretado como *tema* e *paciente*, que atingem os sujeitos (+ animado) quanto aos (-animado).

- (115) **Inf. 17:** | É dessa grossura óh! nada arrancava podia andá meio de ou| altas vezes pisava em um caco de vidro| o caco de vidro **Ø quebrava** e o peito| o trem não entrava no pé te juro era| era cascudo mesmo que é pé| pé de toddy mesmo| pé no chão (**MHS-30AHM**).



g) *Os enfáticos*

Esse tipo de clítico se caracteriza, para alguns como o que é conhecido pela Gramática Tradicional como índice de espontaneidade (cf. NUNES, 1995). Para outros ele é descrito como voz medial expletiva (cf. CÂMARA JR., 2015). Alguns o denominam por *pronome de realce*, com verbo intransitivo (cf. BECHARA, 2009). Já Pereira (2007, p. 175) explica que esse tipo de clítico “não faz parte da valência do verbo”.

Luft (1985) caracteriza o *se* enfático como sendo aquele caso em que o clítico pronominal tem a função de transitivizar o verbo que antes era intransitivo, sem o clítico. Este serve, então, para realçar ou reforçar o sentido do verbo, mas sem alterá-lo na sua essência significativa, se este não fosse pronominalizado. O exemplo (116), transcrito de Nunes (1995, p. 206) e (117) e (118) transcritos de Luft (1985, p. 105) ilustram o tipo de clítico pronominal *enfático*:

(116) Ele **se riu** compulsivamente.

(117) Ela **se riu** bastante naquela festa.

(118) Eles **se foram** para outra esfera da vida.

Dos dados coletados destacamos o fragmento (119) que exemplifica o tipo de clítico *enfático*

(119) **Inf. 1:** mays Catalão é uma cidade que tem assim uma qualidade de vida| as pessoas assim| acho ela tá entre as cidades melhores pra **se viver** porque tem uma faculdade| isso é um atrativo muito grande| mays *elas* vão embora assim| porque não têm como Ø prosperar assim . . . (DSP-25JHA).

#### 3.8.2.1.4 A variável *transitividade do verbo*

Assim como ocorre em outras pesquisas, relacionadas ao fenômeno do apagamento do clítico pronominal (cf. D'ALBUQUERQUE, 1988; VEADO, 1982; MATTOS e SILVA, 1996; LIMA, 2006; MELLO, 2009; TEIXEIRA; SILVA, 2019 e tantos outros pesquisadores), há o consenso de que os verbos intransitivos precisam de somente um argumento para preencher o espaço reservado ao complemento desse tipo de verbo. Este complemento, normalmente, é um SN e desempenha a função de sujeito da sentença.

Por outro lado, é também consenso, entre gramáticos e linguistas, que os verbos transitivos exigem dois complementos para que o seu sentido do predicado fique completo. Neste caso, normalmente ocorre um argumento formado por SN, mais um outro SN ou um sintagma preposicionado.

Assim, o que se pretendeu investigar, por meio dessa variável é, se nos contextos em que o verbo é intransitivo haveria uma maior incidência ao apagamento do clítico pronominal. A hipótese inicial era de que sim, os contextos de intransitividade possibilitam melhores condições para o apagamento, devido a não necessidade de completude do sentido do verbo, como nos exemplos de (120) a (122):

(120) **Inf.4:** eu. . . eu desconheço| é... assim bem próximo| pessoas que| que. . . Ø **suicidaram**, né? então assim . . . | eu tenho. . . até pouco conhecimento de| de pessoas próximas que. . . foram . . . que. . . são suicidas, né? É . . . eu tenho muito conhecimento e me chamou muita atenção de| de estudar os suicídios na Bíblia, né? e... eu já andei pesquisando bastante na Bíblia, né? – (**ZGN-48AHA**).

(121) **Inf.6:** a nutrição é outra| que quando você põe u'a energia. . . | aquela energia vem de volta. . . | e ela te nutre de tal maneira| que atingem outros níveis da nossa existência| que que é...? o físico...| o emocional. . . | o energético...| o espiritual...| porque nós somos um universo, né?| tudo é energia| então vai. . . | preenche vários tipos de energia| então nós somos nutrição| então a gente tem que **se nutrí**| se você tá consciente| do que você é| você tá *se nutrindo*...| – (**ICN-30AMA**).

(122) **Inf.9:** |então eu já fico focada naquilo... | as vez eu durmo até quatro até cinco até seis mas geralmente eu fico na cama até sete e meia| oito horas . . . devido as minhas dores | Ø **levanto** . . . faço um cafezin. . . se'eu achá qu'eu num tem que saí pra fazê alguma coisa. . . se tivê limpado a casa no dia anterior eu vô e Ø **deito** novamente. . . inclusive nos dias frios a Isabela e eu| porque agora ela num está trabalhano também. . . eu. . . ficava| voltava pra cama. . . ficava até oito . . . (**AMN-64A+MM**).

### 3.8.2.1.5 A variável classe semântica do verbo

A fim de analisar a classe semântica dos verbos reflexivos/pronominais, listados nas entrevistas orais gravadas foi necessário buscar na literatura parâmetros teóricos e metodológicos referentes a essas subcategorias verbais.

Para tanto, inicialmente, consideramos a tipologia elaborada por Kemmer (1993). Além disso, foram adotadas também as adaptações feitas por Pereira (2007), que acrescentou à tabela de Kemmer: *outros atos de fala e passiva e impessoal*. A exemplo do que fizeram

Teixeira e Silva (2019, p. 129), aqui também adotamos a terminologia: *indeterminação do agente*, em substituição à terminologia *passiva e impessoal*, por entender que a denominação adotada por Teixeira e Silva, especifica mais adequadamente a classe dos verbos que adquirem esse sentido, ou seja, quando o agente não é determinado.

Para as autoras citadas, a propriedade que distingue os verbos, entre si e, ao mesmo tempo, os separa em subgrupos é a atividade exercida ou sofrida pelo Agente. Em outras palavras, o ponto de referência para denominar se um verbo pertence a um ou a outro grupo é a atividade do Agente, em relação às ações por ele praticadas ou sofridas sobre seu corpo. São verbos que referem às ações físicas intencionais ou não intencionais, com alguma medida de envolvimento de um sujeito, seja executando-as, seja sofrendo-as, sobre seu corpo.

A proposição da análise da variável – classe semântica do verbo encontra-se respaldada pela hipótese de que se existem variações para a *presença versus ausência* dos clíticos pronominais nestas subcategorias verbais, as escolhas dos usuários deste sistema linguístico para o uso ou não uso destes clíticos pronominais poderiam estar motivadas pelo maior envolvimento da atividade do Sujeito/Agente na ação expressa pelo verbo, no intuito de reforçar a participação duplicada desse sujeito, no duplo papel temático de Agente e Paciente da ação.

Dessa forma, após feitas as adaptações mencionadas, o quadro abaixo apresenta as classes semânticas dos verbos que consideramos para procedermos com as análises:

Quadro 8 – A *classe semântica* dos verbos

|    | <b>Classe semântica</b>     | <b>Caracterização do verbo</b>   | <b>Exemplos</b>  |
|----|-----------------------------|--|--|
| 1. | cuidado corporal            | Ação executada pelo Agente sobre <i>si mesmo</i> , sobre seu corpo                 | <i>adornar-se, banhar-se, barbear-se, enfeitar-se, lavar-se, pentear-se, vestir-se</i>                 |
| 2. | movimento não translacional | Mudança na configuração do corpo, sem que o Agente mude a sua localização espacial | <i>abaixar-se, virar-se, esticar-se, inclinar-se</i>   |
| 3. | mudança na postura corporal | Mudança na configuração do corpo em relação a uma localização                      | <i>ajoelhar-se (no altar) deitar-se (na cama)<br/>levantar-se (do sofá)<br/>sentar-se (na cadeira)</i> |
| 4. | Movimento translacional     | Movimento através do espaço  | <i>aproximar-se<br/>distanciar-se, ir-se<br/>mover-se, mudar-se</i>                                    |

|     |                                 |  |  |
|-----|---------------------------------|--|--|
| 5.  | Média de emoção                 | Processos/estados mentais emotivos   | <i>alarmar-se, alegrar-se, arrepender-se, assustar-se, chocar-se, consolar-se, constranger-se, deleitar-se, embaraçar-se, enfurecer-se, entristecer-se, envergonhar-se, importar-se, incomodar-se, ofender-se, revoltar-se, satisfazer-se, zangar-se</i> |
| 6.  | Média de cognição               | Processos/estados mentais cognitivos   | <i>decidir-se<br/>esquecer-se<br/>lembrar-se, dar-se conta, pensar consigo mesmo.</i>  |
| 7.  | Ato de fala emotivo             | Ato de fala de natureza emotiva  | <i>gabar-se<br/>lamentar-se<br/>queixar-se<br/>vangloriar-se</i>   |
| 8.  | Outros atos de fala             | Atos de fala de natureza declarativa   | <i>confessar-se<br/>culpar-se<br/>declarar-se<br/>proclamar-se</i>   |
| 9.  | Média indireta                  | A entidade agente é comumente ou necessariamente o participante recipiente ou beneficiário da ação | <i>apropriar-se<br/>apossar-se</i>   |
| 10. | Eventos naturalmente reflexivos | Ações ou estados em que o sujeito e objeto são correferentes                                       | <i>formar<br/>casar<br/>machucar</i>   |
| 11. | Eventos naturalmente recíprocos | Ações ou estados em que a relação entre os participantes é normalmente ou necessariamente mútua    | <i>abraçar-se, brigar um com o outro, casar-se, competir, conversar, cumprimentar-se, encontrar-se, parecer-se,</i>  |
| 12. | Eventos espontâneos             | Processos que tipicamente são percebidos como ocorrendo sem a iniciação direta de um Agente        | <i>criar-se<br/>desenvolver-se<br/>originar-se, estragar-se, transformar-se, recuperar-se,</i>   |
| 13. | Indeterminação do Agente        | Ações ou processos que envolvem um agente não expresso   | <i>O livro se vende bem<br/>Isso não se faz<br/>Como se diz!</i>   |
| 14. | Estado/<br>mudança de estado    | Engloba basicamente o verbo <i>chamar</i> e os copulativos <sup>32</sup>                           | <i>chamar-se, tornar-se,<br/>transformar-se</i>  |
| 15. | Outros                          | A associação com o clítico pronominal constitui expressão cristalizada                             | <i>Foda-se<br/>Que se dane!<br/>Se vira!</i>   |

Fonte: Adaptação da proposta de Kemmer (1993); Pereira (2007), Teixeira e Silva (2019).

Os exemplos transcritos dos dados de fala coletados ilustram como organizamos esta subcategorização:

<sup>32</sup> Por verbos copulativos (cf. MIRA MATEUS *et al.*, 2003) indica-se a seguinte lista exemplificativa, também denominados por verbos predicativos, verbos de cópula ou por verbos de ligação como: *andar, continuar, estar, ficar, parecer, permanecer, revelar-se, ser, tornar-se*. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/sobre-os-verbos-copulativos-ou-predicativos/34417>>. Acesso em: 21 mar. 2022.

- (123) **Inf. 6:** minha alimentação é muito boa| porque eu vejo na alimentação...| como uma nutrição energética| porque os alimentos...| frutas...| verduras...| leguminosas | tudo...| todas as plantas tem um prana| qu' é energia vital| que todos nós seres temos| então a gente **se alimenta** desse prana| então| a minha relação co'a| com o alimento...| ela é sagrada mesmo| des' do prepa;ro...| **(ICN-30AMA) – Cuidado Corporal.**
- (124) **Inf. 9:** as vez eu durmo até quatro até cinco até seis mas geralmente eu fico na cama até sete e meia oito horas . . . devido as minhas dores |  $\emptyset$  **levanto.** . . . faço um cafezin. . . se' eu achà qu' eu num tem que saí pra fazê alguma coisa. . . se tive limpado a casa no dia anterior eu vô e  $\emptyset$  **deito** novamente. . . inclusive nos dias frios a isabela e eu| porque agora ela num está trabalhano também. . . eu. . . ficava| voltava pra cama. . . ficava até oito **(AMN-64A+MM) – Mudança na postura corporal.**
- (125) **Inf. 10:** Eu resolvi parar pra| pra cuidar do meu filho, ele tinha quatro anos quando eu parei e agora| porque minha mãe é idosa e eu não tenho quem me ajuda e ficava na mão de babá e aí é difícil, não é? Eu| eu resolvi  $\emptyset$  **casar** já com trinta e sete anos **(SMC-51A+MA) – Outros atos de fala de natureza declarativa.**
- (126) **Inf. 12:** Meu nome| meu nome é C. e eu sou nascido em vinte e nove do nove de setenta e cinco. Moro aqui já desde que| eu nasci desde| não  $\emptyset$  **mudei** pra lugar nenhum, só mudei dum bairro para o outro **(CC45-AHB) – Movimento Translacional.**
- (127) **Inf. 10:** Tive ele com quarenta e um| quer dizer se eu já tenho| eu já tinha vivido tanta coisa na minha vida| podia dar uma pausa pra criar ele. Eu acho que| eu não **me arrependo**, ele tá com nove anos, mas eu falo que ano que vem eu vou voltar e talvez eu atue na área da| sei lá vamos ver né? **(SMC-51A+MA) – Média de Emoção.**
- (128) **Inf. 9:** mesmo eu preocupada com o mundo lá fora| porque eu **me preocupo**, Sirlene. . . é igual você. . . | esse coração qu' e a gente qué trazê todo mundo . . . mais eu num sô na:da Sirlene| eu num tenho| nada mais que um. . . um vencimento de aposentada com uma. . . eu sendo'a única provedora. . . mays. . . eu tento contribuí um pouquinho pra|pra vê se muda pra'quele vizinho| pra'quele amigo. . . **(AMN-64A+MM) – Média de Emoção**
- (129) **Inf. 4:** casado| eu sô casado| atualmente...| eu sô casado. . .| minha esposa **se chama** R.| eu tenho u'a filha| I.| e ela tem um filho já de| de outro relacionamento| M. A.| nós moramos...| os quatro na mesma casa| e... e eu tenho u'a outra filha também H.| de um... de um otro casamento...| e hoje ela já está com...| com vinte e três anos de idade| **(ZGN-48AHA) – Estado/Mudança de Estado.**
- (130) **Inf. 13:** Pouquinho coisa e minha mãe coitada ela não podia dar| eu que **se virava** assim eu tinha o quê? Oito anos e eu queria uma roupa, queria uma calça jeans de primeira nem era| era stop né? **(AMGS-54A+MM) – Expressão Cristalizada.**

- (131) **Inf.1:** então é uma coisa política mesmo que eu vejo e... mas Catalão é uma cidade que tem assim uma qualidade de vida, as pessoas assim| acho que ela tá entre as cidades melhores **pra se viver**, mas que falta muita coisa pra mim enquanto jovem (**DSP-25JHAC**) – **Indeterminação do Agente**.
- (132) **Inf. 13:** Aí eu **Ø lembro** o stop era caro né? aí e **eu lembro** que minha mãe| material de escola esses trem assim| ela não dava| não dava porque não tinha condição de dar né? E não importava também (**AMGS-54A+MM**) – **Média de Cognição**.

Os exemplos acima foram retirados do banco de dados, com o objetivo, neste tópico, de ilustrar como foram procedidas as análises referentes aos aspectos semânticos dos verbos encontrados nas entrevistas.

#### 3.8.2.1.6 A variável *tipos de discurso*

Conforme Mello (2009) optamos por investigar esta variável considerando a organização discursiva do informante dividindo as falas das entrevistas em quatro tipos, a partir da subdivisão proposta por Tavares (2003), que por sua vez se fundamenta em Givón (1993).

Assim, para os tipos de discursos, adotamos a divisão: narração, descrição de vida (relato de vida), outras descrições e argumentação.

- a) **Narração:** O informante conta fatos ocorridos, com riqueza de detalhes, enumerando os elementos comuns das narrativas: tempo, espaço, personagens, enredo sequencial com verbos no presente ou no pretérito perfeito.

- (133) **Inf. 9:** é.. | eles tinham u'a chácara bem grande e u'a fazendinha mais embaixo| e o essa. . . | quintal dela parecia uma chácara. . . | dent' de Três Ranchos| então. . . | eu vendia| e saia correndo | **eu não Ø lembro** de nunca eu tê levado nenhuma penca de banana o um pé de alface| mas as vezes é porque é tant| tantas coisas na cabeça qu'eu num **Ø lembro**, né? mays eu não **Ø lembro** | mays eu ficava tâ:o feliz {{ênfase}} com'o dinheiro pra levá| pra comprá aquilo que precisava, né? porque faltava muita coisa| as vezes| o açúca| o querosene. . . porque não tinha luz elétrica. . . | quand' a gente morava lá em baxo| é. . . não tinha pão. . . | na época| depois que a gente **Ø mudô**| quase antes da gente vim| em setenta e dois| eu acho que in setenta apareceu u'a padaria lá| um paderin com u'a portinha| (**AMN-64A+MM**).

- b) **Descrição de vida (relato de vida):** Relato de fatos ocorridos envolvendo o informante em tempo passado, normalmente com verbos no pretérito imperfeito.

(134) **Inf. 6:** grave não| mas eu já| Ø **machucava** demais| ralava| caia| u'a vez esfolei o queixo| acho que foi um dos mais. . .| feios {{ininteligível}} qu'eu caí de cara no chão| ai ficô tudo inchado| roxo| que dento de mim ficô tudo machucado assim. . . {{apontando para a parte interna do lábio inferior}}| não sei não sei que| que impacto que foi esse...| os professoras na época ficaram preocupadas| mas eu num fiz na:da| mi'a mãe passô aquele...| antigamente usava mercúrio, né?| passô mercúrio| sicratrizô...| (**ICN-30AMA**).

(135) **Inf. 4:** eu tive condições de tê u'a vida...| mais saudável| e.... também u'a outra questão| em relação aos hábitos alimentares| é o fato de que| em dois e doze| **eu me tornei** vegetariano, né? sô| hoje eu sô vegetariano já há oito anos| e... tenho tido assim| dentro desse...| desse processo| dos hábitos alimentares...| eu tenho tido...| muito êxito| porque...| nem mesmo vontade| de comê carne eu sinto...| então assim...| eu tenho...| eu tenho feito u'a dieta vegetariana bem a...| a contento| do... do que se espera. né? (**ZGN-48AHA**).

c) **Descrição:** se caracteriza por descrição do fragmento de fala em que o informante descreve em detalhes objetos, pessoas, lugares. A preocupação aqui é descrever detalhar uma realidade, mas não a sua própria vida.

(136) **Inf.7:** Nossa, a França é maravilhosa pra comida| Sim, *eles reúne*, mas lá não é assim, as pessoas são mais frias? são| mas quando faz amizade, é uma amizade mais sincera, eles não *se entregam* pra qualquer pessoa, mas eles criam aquele grupo de amigos e saem, fazem reunião em casa, tanto é| quando eu fui lá| fiquei com o pessoal da igreja, né? e ai eles tem até esse costume, porque protestante aqui não bebe álcool| lá não| o pessoal sai da igreja| do culto vai pra casa de alguém as vezes, as vezes tem um coquetel, um vinho ou até uma cerveja| pessoal| ou vodka| pessoal bebe assim bem socialmente| o cristão, né? agora os outros não| os bares lá são maravilhosos, lá era bem boêmia {{risos}} (**JGP-33AMA**).

d) **Argumentação:** característico por expor posicionamentos ou pontos de vista acerca de fatos ou situações ou acontecimentos diversos.

(137) **Inf. 9:** mesmo eu preocupada com o mundo lá fora| porque eu **me preocupo**| Sirlene. . . é igual você| esse coração qu'ea gente qué trazê todo mundo| mays eu num sô na:da Sirlene| eu num tenho| nada mais que um| um vencimento de aposentada com uma| eu sendo'a única provedora| mays| eu tento contribuí0 um pouquinho pra|pra vê se muda pra'quele vizinho| pra'quele amigo (**AMN-64A+MM**).

A proposição de analisar os tipos de discursos, relacionando-os com a variável dependente *presença x ausência* do clítico pronominal, é justificada pela convergência entre as teorias sociolinguísticas de que em situação de descontração discursiva, o entrevistado tende a fazer um uso linguístico mais aproximado do seu *vernáculo* cotidiano.

Conforme Tarallo (2003), Labov (2008) e Calvet (2002), em situações de narrativas, principalmente aquelas que envolvem as experiências pessoais dos entrevistados, há uma tendência maior do surgimento do *vernáculo*. Quando o informante se sente mais à vontade, mais descontraído, envolvido pelas emoções e sentimentos contidos nos fatos relatados, sua atenção se volta, muito mais, para *o que* é relatado, para o cuidado com os encaixes de sequenciação e a coerência dos acontecimentos que compõem o enredo, do que propriamente para *o como* os fatos serão relatados, no que se refere às escolhas linguísticas. Logo, essas situações de narrativas e de descrição pessoal, acabam gerando uma fala mais natural, mais espontânea, menos monitorada, portanto, também mais próxima do *vernáculo* desse informante.

Para Tarallo (2003, p. 19) “a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (*o que*) sem a preocupação de como enuncia-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação” (grifos do autor).

Dessa forma, a hipótese que norteia a análise dessa variável é a de que nos relatos de descrição pessoal e nas situações de argumentação, quando o foco está nos acontecimentos ou na defesa de um ponto de vista, haverá um maior apagamento do clítico pronominal, em função desse menor monitoramento de fala e de um menor controle para o uso da norma padrão, mesmo entre os informantes mais escolarizados. Em síntese, o que se pretendeu observar com as análises desta variável é se o tipo de discurso se relaciona ou não com o apagamento ou a conservação dos clíticos pronominais nos contextos verbais estudados.

#### 3.8.2.1.7 A variável *animacidade do sujeito*

A análise dessa variável consistiu em observar se os contextos em que o sujeito é caracterizado como sujeito (+animado) favoreceria a conservação do pronome/clítico, ao passo que os contextos com sujeito (-animado) seria menos favorecedor para a preservação da partícula.

Muitas pesquisas realizadas com o intuito de analisar o apagamento e a preservação destes clíticos pronominais no Português Brasileiro tiveram seus resultados apontando para a



confirmação da hipótese apresentada acima (cf. CYRINO, 1999; DUARTE, 1996; TARALLO, 2005; MELLO, 2005; 2009 e outras).

Nos dados analisados foram encontrados exemplos que ilustram estas afirmações, conforme os fragmentos transcritos (138) e (139). No entanto, sabemos que exemplos aleatórios não podem ser conclusivos de uma hipótese. Neste caso, a melhor opção para confirmar uma hipótese, observada por outras pesquisas, é mesmo a submissão aos números.

(138) **Inf. 6:** é mais democrático| então arte. . .| como um todo| eu gosto de também de meditar em grupo { {risos} }| sempre também Ø **reúno**| também faço parte de um grupo de práticas integrativas de saúde| então a gente sempre faiz| sempre faço meditações guia:das| a gente faz dança circular. . .| faiz ofici:nas| gosto muito de reuni pessoas também pra gente| cada um é| leva um pouco da sua arte| que seja tocá um instrumento| cantá| ah eu num sei cantá { {imitando a voz de um terceiro, um suposto alguém} } |num sei dança| não mais a gente é um corpo que| que **se movimenta**| que **se mexe**| que **se interage** então. . .| (**ICN-30AMA**).

(139) **Inf.5:** é... acho que num tá...| eu acho que num tá bom mesm| eu acho| falta coisa demais pra ficá bão...| em tud| em tudo| saúde...| educação principalmente, sabe? acho que tem muitas áreas| que num... | parece que. . . | Ø **coloca** muito dinheiro em coisa que... não importa tanto...|e... e o que importa| num vai nada lá| parece que'é educação...| sei lá, né? (**DVC-38AHM**).

Em síntese, estas são as variáveis linguísticas analisadas. Trata-se de um grupo de fatores que se relacionam aos contextos linguísticos e que visam responder às hipóteses elencadas na Introdução desta tese, de forma que cada variável selecionada foi motivada por uma hipótese que visa entender, do ponto de vista linguístico, o porquê do informante ter “optado” pelo uso ou pelo apagamento do clítico pronominal naquele contexto específico.

### 3.8.2.2 *As variáveis sociais*

Ao delimitar uma área de estudo científico o pesquisador assume também posições, concepções do objeto de estudo e metodologias pertencentes àquela área de estudo. Isso significa dizer que ao assumirmos que esta é uma pesquisa Sociolinguística, na perspectiva laboviana, declaramos em conjunto com esta informação a nossa concepção de língua em situação de uso, de comunidade de fala, de falante, enredada por contextos linguísticos e sociais diversos. Ou seja, informamos também os nossos posicionamentos diante do objeto que propusemos compreender, a partir de olhares muito específicos.

Conforme informa Calvet (2002, p. 103) “uma descrição sociolinguística consiste precisamente em pesquisar as correlações entre variantes linguísticas e categorias sociais efetuando sistematicamente triagens cruzadas e interpretando os cruzamentos significativos”.

Nesta perspectiva, ao propormos analisar a fala, em situação de uso, sabíamos que teríamos que enfrentar o “caos” linguístico, “o universo aparentemente caótico da língua falada”, bem como o deslumbramento da riqueza da língua falada, do contato com o informante, tal qual relata Tarallo (2003, p. 5). Da mesma forma, sabíamos, ainda, que seria necessário traçar, no contraponto entre os fatores linguísticos e os fatores sociais, trajetos cuidadosos que nos levassem às supostas explicações acerca das “escolhas” que fazem os falantes de língua portuguesa, pertencentes à comunidade de Catalão, no que se refere às combinações entre os clíticos pronominais, ou a ausência significativa destes, e os verbos reflexivos/pronominais.

Então, na condição de que esta é uma pesquisa sociolinguística, apresentamos a seguir o conjunto de fatores sociais escolhido para compor as variáveis sociais analisadas: o *sexo*, a *idade* e a *escolaridade* e as motivações e hipóteses sociolinguísticas que nos direcionaram nestas escolhas (cf. LABOV, 2008; CALVET, 2002; TARALLO, 2003; MOLLICA; BRAGA, 2003; LUCCHESI, 2016 e outros).

#### 3.8.2.2.1 A variável *sexo*

Com as devidas ressalvas e ponderações, os estudos sociolinguísticos, de base variacionista, consideram a variável *sexo* como um fator social importante para a interpretação dos dados e para as conclusões acerca dos resultados desse tipo de pesquisa. Isso porque, em linhas gerais, os estudos sociolinguísticos têm observado que as falas femininas tendem a ser mais “cuidadas”, mais zelosas e mais preservadoras das variantes mais prestigiadas socialmente, em detrimento das formas menos prestigiadas (cf. LABOV, 2008; FISCHER, 1958 *apud* PAIVA, 2003; MOLLICA; BRAGA, 2003).

Labov (2008, p. 281) comenta que “na fala monitorada as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens”. E continua o autor, “e são mais sensíveis do que os homens aos padrões de prestígio”, em especial as de classe média baixa. Por outro lado, no que se refere à mudança linguística, ao citar outros estudos, Labov (2008, p. 346) afirma que elas também tendem a ser mais inovadoras do que os homens. De acordo com o autor alguns estudos mostram que as mulheres são “retratadas como iniciadoras das mudanças linguísticas”. Ao fazer referência a outros estudos, Labov (2008, p. 347) acrescenta que “casos após casos,

descobrimos que as mulheres usam as formas mais avançadas em sua própria fala informal e se corrigem mais nitidamente no outro extremo da fala monitorada”.

Porém, o mesmo Labov (2008, p. 347), de forma cautelosa, ressalta que também “seria erro formular o princípio geral de que as mulheres lideram o curso da mudança linguística” em todos os casos. De fato, afirmar, categoricamente, esta projeção, seria uma generalização arriscada e bastante simplista, considerando as diversas complexidades existentes quando se trata de processos de uma mudança linguística qualquer e, conforme mencionado nas páginas iniciais deste capítulo, sabe-se que vários fatores – linguísticos e sociais – se inter cruzam para que uma mudança se consolide em um sistema linguístico qualquer.

Ainda de acordo com o autor, “a generalização correta, então, não é a de que as mulheres lideram a mudança linguística, mas sim que a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo de evolução linguística” (LABOV, 2008, p. 347).

Paiva (2003, p. 34) aborda a discussão acerca da variável sexo a partir da seguinte pergunta: “Homens e mulheres falam diferentemente?” em referência às escolhas lexicais feitas pelas mulheres e às realizadas pelos homens. Acrescida a este questionamento, coube à autora também perguntar se essas possíveis diferenças de fala, entre homens e mulheres, afetariam além dos aspectos da variação, mas também os da mudança linguística.

Às questões propostas pela autora acrescentamos, ainda, as nossas: Quem mais preservará os usos padronizados da língua com relação aos clíticos pronominais, os homens ou as mulheres?

Ao mesmo tempo, ao propor que as análises linguísticas considerem os fatores relacionados ao *sexo* do informante, entendemos que os resultados obtidos por meio das análises dessa variável, isolada de outras, podem ser inseguros ou contraditórios e, certamente não responderão, por si só, a todos os questionamentos acerca do fenômeno estudado. No entanto, por meio do cruzamento de variáveis, a variável *sexo* pode contribuir para a interpretação dos resultados finais.

Apesar da possibilidade de uso da dupla nomenclatura, gênero/sexo, em função de que muitos estudos fazem uso ou das duas ou de uma delas, optamos por utilizar as seguintes nomenclaturas em referência a esta variável: variável sexo – homens e mulheres, as letras **H** em referência aos informantes homens e **M** em referência às informantes mulheres, seguindo com as orientações de Labov (2008).

Conforme mencionado em outros momentos desta tese, no que se refere à variável *sexo*, os informantes foram divididos em dois grupos: sendo 12 homens e 12 mulheres. A

indicação do sexo do informante encontra-se na penúltima variável, entre os parênteses, após cada transcrição (**H** ou **M**):

Os exemplos (140) e (141) ilustram como foram identificadas as falas transcritas no que se refere à variável *sexo*:

(140) **Inf.6:** eu fui dar aula pra crianças| foi u'a experiência única|eu **me dei** tão bem com as crianças qu'eu falei| gen:te| nunca imaginei {{gesto de admiração}} ai eu fui despertar essa criança interior qu'eu tinha| falei não| vou trazê ela para fora| porque ela precisa tá aqui| com essas crianças| e aí esse diálogo foi muito fértil| porque foi uma escola| qu'ela era de periferia...| e eles tinham tido sete professoras no ano| então eles estavam com déficit de aprendizagem naquele ano| (**ICN-30AMA**).

(141) **Inf. 18:** Eu tenho trinta e quatro anos de casado, **casei** com vinte e seis – (**MMP-60A+HA**).

#### 3.8.2.2.2 A variável *idade*

Ao se referir ao fator *idade*, com relação aos processos de variação e mudança linguística, não é difícil perceber que o modo de falar das pessoas com maior idade seja diferente do modo de falar dos mais jovens, em muitos aspectos, mas em especial às suas escolhas lexicais, da mesma forma em que é comum imaginarmos que os mais novos são os impulsionadores das inovações linguísticas e que os mais velhos sejam os mais conservadores, aqueles que preservam os padrões e modelos dessa língua.

No entanto, Monteiro (2000) ao citar Labov (1972) alerta para o fato de que pode acontecer de uma diferença dialetal observada, levando em conta somente esta variável, ser um resultado fictício, tendo em vista que a formação linguística de ambos, dos mais jovens e dos mais idosos, é influenciada por outras variáveis, como as diferentes experiências escolares, o contato com outros grupos, as mudanças dessas pessoas de um local para outro e muitos outros fatores. “E assim o que parece ser devido à faixa etária termina sendo condicionado por outros fatores” (MONTEIRO, 2000, p. 51).

Ao discutir processos de mudança linguística, levando em conta as mudanças dialetais entre as gerações Labov (2008) apresenta as noções de *tempo real* e *tempo aparente*. Para o autor, por meio dessas duas noções de tempo é possível fazer inferências das alterações sofridas por uma língua, ao longo do tempo, mesmo que as análises sejam feitas em uma perspectiva sincrônica.

Na página do Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia, Lucchesi e Araújo explicam as noções de *tempo real* e *tempo aparente*, discutidas por Labov argumentando que

fundamentalmente, postula-se que a variação observada sincronicamente em um determinado ponto da estrutura da gramática de uma comunidade de fala pode refletir um processo de mudança em curso na língua, no plano diacrônico. Desse modo, busca-se apreender o *tempo real*, onde se dá desenvolvimento diacrônico da língua, no chamado o tempo aparente. O tempo aparente constitui, assim, uma espécie de projeção (LABOV, 1972 *apud* LUCCHESI; ARAÚJO, 2009, p. 3, grifos dos autores).

Em síntese, Lucchesi e Araújo (2009) afirmam que as diferenças entre o comportamento linguístico entre gerações diferentes de falantes, de um momento específico, podem refletir estágios diferentes no desenvolvimento histórico da língua.

Contudo, outros autores pontuam sobre a explicação simplista da relação entre tempo e língua, inclusive Chambers e Trudgill (1980, p. 165 *apud* LUCCHESI; ARAÚJO, 2009, p. 3) ao afirmarem que “a relação entre tempo aparente e tempo real pode ser de fato mais complexa do que a simples equiparação dos dois sugere”, tendo em vista as complexidades que envolvem os sistemas linguísticos, em geral, e as relações sociais vividas pelos sujeitos falantes.

Freitag (2005, p. 111) explica que a variável faixa etária é uma variável complexa porque a ela estão relacionados uma série de outros aspectos sociais que envolvem o falante, como rede de relações, mercado de trabalho e escolarização, por exemplo. Para o autor, “a faixa etária é apenas um rótulo que agrupa vários fatores de ordem social e biológica do indivíduo”. Por isso, um resultado que conclui uma mudança linguística baseado somente na correlação entre as faixas etárias dos falantes, deve ser visto com cautela por parte do pesquisador.

De acordo com Freitag (2005, p. 111), “o controle da faixa etária é, sim, válido, desde que sejam levados em conta os outros fatores sociais que compõem o feixe rotulado faixa etária”. Para tanto, ao analisar um processo de variação linguística, a partir da variável faixa etária, é necessário que o pesquisador defina quais e quantas faixas etárias podem ser controladas e quais fornecem pistas realmente significativas para avaliar os processos da variação e da mudança linguística.

Para Tavares (2003) é importante que o pesquisador não confunda mudança linguística e emergência da gramática. Neste sentido, enquanto a mudança pode ser percebida na fala dos mais jovens, a ressystematização gramatical ocorre com todos os indivíduos, independente de faixa etária. Ocorre que cada situação comunicativa é única, elas, as organizações gramaticais, não se repetem de forma idêntica em todas as situações de

comunicação. Logo, as organizações e arranjos gramaticais são feitos e refeitos a cada uso, de modos diferentes e adequados a cada situação comunicativa.

Em síntese, entende-se que, assim como ocorre com a variável social *sexo*, as conclusões acerca de um processo de mudança linguística, baseadas somente nos resultados obtidos com as análises da variável *idade/faixa etária*, isoladamente, também podem ser induzidas a equívocos. O mais seguro, então, é que as conclusões sejam fundamentadas no confronto cuidadoso de outros resultados, obtidos a partir, também, de outras análises, com outras variáveis.

Alguns pesquisadores propõem a divisão dos informantes em dois ou três grupos, de faixas etárias distintas, outros propõem uma divisão em mais grupos, baseada na vida linguística do indivíduo, por exemplo. Labov (2008) propõe uma divisão que separa os informantes em dois grupos, com faixas etárias extremas: um composto por informantes jovens e outro por informantes mais velhos. Chambers (2003) propõe uma divisão em três faixas etárias: crianças, adolescentes e adultos. Eckert (1997) adota uma divisão baseada no curso da vida linguística do indivíduo: infância, adolescência, vida adulta e velhice.

Para este estudo, adotamos uma divisão dos informantes em três grupos, de três faixas etárias distintas: 1º grupo: J = jovens – composto por 8 informantes, com idade entre 18 anos e 29 anos; 2º grupo: A = adultos – composto por 8 informantes, com idades entre 30 e 49 anos; 3º grupo: Adultos + – composto também por 8 informantes, com idade superior de 50 anos.

As transcrições (142) a (144) constituem-se em exemplos de fala coletados, de um informante jovem, um adulto e um adulto+. Contudo, aqui, estes exemplos não estão contemplados com as respectivas análises. Elas serão apresentadas no capítulo 5.

(142) **Inf. 1:** Meu nom| é D. P.| eu tenho 25 anos| eu sou formado em Ciências Sociais, **me formei** aqui na UFG de Catalão, fui pra Goiânia na UFG fazer um mestrado na área de performances culturais, eu sou licenciado, então já trabalhei com aulas, né? (**DSP-25JHA**).

(143) **Inf. 4:** Bom| Geralmente...é...| eu acordo de manhã, né? antes das oito da manhã| **me apronto**| é...| em casa| e depois de pronto| eu saio| pra trabalhá| chego| |geralmente as oito da manhã no serviço| e...| nós temos uma rotina de... de trabalhá na regional| é...| um dia por semana| o restante dos dias| a gente faz acompanhamento nas unidades escolares (**ZGN-48AHA**).

(144) **Inf. 16:** É assim, na condição naquela época eu em noventa e seis, noventa e seis **eu Ø formei**| eu fui pra lá em noventa e um| Então tipo assim, eh! aquela condição naquele momento eu muito jovem ainda| dezenove anos né? É, e aí

assim eu via uma necessidade de melhorar, né? Eu não poderia ficar aqui só trabalhando com o meu pai, que eu achava que era pouco (**FPR-50A+HA**).

### 3.8.2.2.3 A variável escolaridade

Sabemos que a escola exerce um importante papel na formação do padrão linguístico daqueles que a frequentam. Tanto é verdade, que não é difícil perceber que os escolarizados possuem traços de fala diferentes daqueles que não frequentaram a escola ou que se a frequentaram foi somente por um pequeno de tempo. Conforme explica Labov (2008, p. 65) “se um falante é um camponês ou mora numa favela, se é analfabeto ou de baixo nível de escolaridade, é lógico que sua maneira de falar não será a mesma que a das pessoas que se situam no ápice da pirâmide social”.

Por outro lado, sabemos, também, que a escola funciona como organismo vigilante e conservador de traços de língua, em especial, das normas e regras da norma padrão da língua de referência da comunidade, uma vez que ensina, principalmente, a modalidade escrita dos sistemas linguísticos e que se orienta pela ideia de língua oficial, padronizada, homogênea. Ou seja, em linhas gerais, a escola ensina e valoriza as formas de expressão socialmente prestigiadas, as que ganham *status* de formas corretas, são estas que são ensinadas, aprendidas e internalizadas por meio de um longo processo escolar (cf. VOTRE, 2003).

Devido a estas duas funções exercidas pela escola, a de modificadora da linguagem dos indivíduos e a de preservadora da norma prestigiada da língua, a variável escolaridade ou nível de escolarização estão sempre presentes nos estudos sociolinguísticos, em especial, naqueles que se dedicam a explicar os fenômenos da variação e da mudança de um sistema de língua. Não que a escola seja responsável, sozinha, por promover mudanças linguísticas ou de preservar a língua de possíveis processos de mudança, até porque as línguas mudam pela força e pelo “querer” de seus usuários. No entanto, o papel da escola também não pode ser, de todo, desprezado.

Votre (2003, p. 56) lembra que “a escola, sozinha, não faz a mudança, mas mudança alguma faz sem o concurso da escola. Se tal truísmo se aplica aos processos revolucionários em geral, aplica-se também nas situações de ensino e aprendizagem da língua materna, no nível padrão”.

Neste estudo, os informantes foram divididos em três grupos, a partir de três níveis de escolaridade: 1º grupo: composto por oito informantes com baixo nível de escolaridade – aqueles/as que cursaram até o Ensino Fundamental; 2º grupo: composto por oito informantes

com escolaridade em nível médio – aqueles/as que cursaram até o Ensino Médio; 3º grupo: composto por oito informantes com alto nível de escolaridade – aqueles/as que concluíram o curso superior.

A hipótese para a análise da variável escolaridade é que os informantes de menor nível escolar promovem maior apagamento dos clíticos pronominais, em contrapartida, os informantes de maior nível de escolaridade empregam com maior frequência estes clíticos pronominais nos contextos verbais estudados.

Esta hipótese encontra respaldo no fato de que o emprego destes clíticos pronominais se refere, normalmente, à norma padrão da língua e faz parte dos conteúdos curriculares do ensino de língua portuguesa. Assim, espera-se que os informantes mais escolarizados tenham maior familiaridade com a utilização destas partículas pronominais, conforme ocorre nos exemplos (145) e (146) transcritos dos dados coletados. O primeiro exemplo consisti em um fragmento de fala de um informante com nível de escolaridade baixa, o segundo, de um informante de nível de escolaridade alta.

(145) **P:** Tá bom . . . ah!| o lazer e diversão, o que você faz pra se divertir?

**Inf.12:** Uai, **eu Ø diverti**| eu gosto de futebol| esses trem| vai pro campo| faz parte muito aí . . . da liga . . . esses trem. . . | acompanha muitos amigo| vai pro clube { {sobreposição ou simultaneidade de vozes} } – **(CC-45AHB)**.

(146) **Inf.4:** isso| é mais eu posso até ... colocá que...| eu parei de jogá futebol| mas hoje **eu me divirto** muito vendo futebol, né?| então assim| eu acompanho muitos campeonatos| é...| o Brasileirão| a Libertadores | Campeonato Goiano mesmo... né? | o Carioca...| o Paulista| então assim....| uma das diversões q'eu| que eu gosto| qu'eu tenho comigo| sempre| é de futebol| outras questões ligadas ao convívio familiar| que| que me chama muito a atenção| como diversão também| – **(ZGN-48AHA)**.

Esperamos que dados coletados respondam aos principais questionamentos de pesquisa apresentados na Introdução deste texto. No entanto, sabemos que serão necessários realizar o cruzamento de informações, de umas e outras variáveis, a fim de garantir maior confiabilidade destes resultados. O mais certo é que, se os resultados encontrados não responderem, integralmente, todos os nossos questionamentos, acerca do fenômeno pesquisado, pelo menos nos darão condições para a proposição de outras análises.

Neste capítulo priorizamos a descrição dos principais procedimentos da pesquisa com a apresentação e a contextualização das variáveis, linguísticas e sociais, que julgamos relevantes para a compreensão do funcionamento do fenômeno linguístico estudado.



O trabalho de pesquisa consistiu numa diversidade de etapas sucessivas e complementares, que vai desde a seleção do fenômeno linguístico, a seleção da comunidade de fala, a coleta, transcrição, catalogação, tabulação e interpretação dos resultados. Todas essas etapas demandam do pesquisador muita dedicação, muito compromisso ético e um trabalho manual e intelectual intenso. Qualquer manuseio equivocado pode comprometer os resultados pretendidos e pôr a perder todo um projeto arquitetado por anos de estudo. Assim, tentamos proceder de forma mais íntegra e comprometida possível. Esperamos que nossos esforços não tenham sido em vão e que consigamos produzir registros linguísticos que possam contribuir com outras pesquisas, relacionadas ao comportamento dos clíticos pronominais no Português Brasileiro, de forma geral, e no falar goiano, em particular.

Sobre a estruturação do capítulo, este foi organizado de forma a apresentar o *como* a pesquisa foi sendo concretizada, com que sujeitos, de que perfis e a partir de quais elementos. Destacamos que, sem nenhuma dúvida, coletar dados linguísticos, *in loco*, de forma presencial, em um contexto de pandemia, foi o nosso principal desafio. Por outro lado, essa atividade nos garantiu experiências humanas e científicas imensuráveis. Os saberes que adquirimos no contato com o informante não se encontram registrados em livros ou em manuais de pesquisa de nenhuma universidade, simplesmente porque eles são vivências singulares, únicas e intransferíveis. Despertou em nós uma sensibilidade nunca antes experimentada.

Em contrapartida, tivemos que assumir a grande responsabilidade do fazer científico, que vai muito além de produzir dados estatísticos. Um programa como o GoldVarb X ou outro qualquer são fundamentais para a obtenção dos cálculos matemáticos. Ele gera resultados numéricos valiosos, mas é ao pesquisador que é dado o dever de interpretá-los, à luz das teorias. Conforme nos lembram Guy e Zilles (2007, p. 70) um programa estatístico tem suas limitações. Mas, não se pode perder de vista o fato de que ele “não discerne padrões, não faz generalizações, nem explica achados. Isso tudo é com você”.

## CAPÍTULO 4

### AS PESQUISAS LINGUÍSTICAS E O APAGAMENTO DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A partir do levantamento bibliográfico, referente aos verbos *pronominalizados*, notamos que a temática da *ausência* x *presença* dos clíticos pronominais, nos contextos verbais dos reflexivos/pronominais, no Português Brasileiro, tem sido bastante investigada, nos últimos anos, o que nos possibilita inferir que, de fato, deve estar mesmo havendo mudanças linguísticas consideráveis com relação ao fenômeno linguístico. Do contrário, não haveria tanto empenho, por parte dos estudiosos da língua, em descrever os referidos processos.

Assim, entendemos que tanta produtividade científica, acerca do fenômeno linguístico que apresentamos como proposta de estudo, reforça as nossas perguntas de pesquisa: No português Brasileiro os clíticos pronominais estão mesmo desaparecendo nos contextos verbais de reflexividade/ pronominalização? Se vêm mesmo ocorrendo mudanças linguísticas que apontam para a *ausência* dos clíticos pronominais, isso estaria se dando de igual forma em vários contextos linguísticos? Em todas as pessoas gramaticais? Em quais tipos de clíticos? Os fatores sociais têm favorecido a *ausência* ou a *presença* dos clíticos pronominais? Afinal, o que têm descoberto as pesquisas linguísticas a respeito do funcionamento dos clíticos pronominais nos contextos da reflexividade/pronominalização verbal?

Ao discutir sobre as *perdas* e *ganhos* no quadro dos reflexivos do Português Brasileiro, exemplos listados por Oliveira (2006) e Nunes (1995), Castilho (2010, p. 480) demonstram a afirmação de que os reflexivos da nossa língua vêm passando por mudanças consideráveis, caracterizadas pelos processos de *perda do traço de pessoa*, *perda do traço de reflexividade*, *perda do traço de apassivação*, *omissão do reflexivo* e *pela reanálise*.

No que se refere à *perda do traço de pessoa*, Castilho (2010, p. 480) argumenta que

para um pronome, perder o traço de pessoa equivale a perder seu estatuto categorial. Isso pode ser o começo do seu fim. Inicialmente, ele se generaliza para qualquer pessoa, campeonato em que o *se* está levando a melhor, por ora na modalidade não-padrão do PB.

A fim de exemplificar essa *perda do traço de pessoa*, quando ocorre a generalização do pronome, o autor transcreve dois exemplos, citados por Oliveira (2006) e Nunes (1995):

(147) **Eu se** alembro, **você se** alembra, **ele se** alembra<sup>33</sup>

(148) **Eu se** conformei com a decisão dele.

Nos exemplos o *se* acomodou-se às três primeiras pessoas do discurso (P1, P2 e P3), no singular, sem grandes problemas, demonstrando, assim que, de fato, o *se* é de todo mundo e não necessariamente e somente da terceira pessoa do singular ou do plural. Nos exemplos, o autor faz referência somente às pessoas do singular, no entanto, é oportuno mencionar que é totalmente comum ouvir de falantes goianos estruturas similares aos exemplos (149) e (150):

(149) **Nóis se** acostumô com isso<sup>34</sup>.

(150) Aqui **nóis se** vira como pode!

Sobre a perda do *traço de reflexividade*, tanto do *se*, em terceira pessoa quanto das demais pessoas pronominais, *me*, *te*, *se* e *nos*, Castilho (2010, p. 481) acredita que “talvez as sequências *eu mesmo*, *você mesmo* e *ele mesmo* venham substituir *me* e *se* reflexivos” (grifos do autor).

Já com relação a *omissão dos reflexivos*, Castilho (2010, p. 481) reforça que “assim desidratados, os reflexivos deram de desaparecer nas expressões do PB em que esperamos”, conforme os exemplos: “*Eu Ø conformei com a decisão dele. /Ele Ø conformou com a decisão tomada.*”

De acordo com Castilho, o fenômeno está acontecendo também no português falado culto, conforme dados do Projeto NURC e os estudos de Nunes (1995). Nos dados do Projeto observou-se que “a manutenção do reflexivo com os verbos *lembrar-se* e *levantar-se* ocorre em apenas 37% dos casos, contra sua não-ocorrência em 63% dos casos” (CASTILHO, 2010, p. 482, grifos do autor).

Nunes (1995) constatou que o *se* “desapareceu em português em 52% dos casos, em média, valor que é afetado pela escolaridade do falante: primeiro grau (65%), segundo grau (57%) e ensino superior (32%)”.

Para Castilho (2010, p. 482), no entanto, *as perdas do traço de pessoa* e da *reflexividade* desses clíticos pronominais não representam somente perdas para a língua, mas

<sup>33</sup> Os exemplos (147) e (148) foram transcritos de Castilho (2010, p. 480, grifos nossos).

<sup>34</sup> Os exemplos (149) e (150) foram elaborados por nós, a fim de ilustrar a generalização do uso do *se*, também na 1ª pessoa do plural.

estas se transformaram em ganhos, uma vez que “os pronomes pessoais caminham para a sua transformação em prefixos pronominais” e passam a morfemas afixais de pessoa e caso, via processos de gramaticalização.

O fato é que não há como negar que o quadro pronominal do Português Brasileiro vem passando por mudanças consideráveis e que estas mudanças estão sendo registradas pelas pesquisas linguísticas realizadas principalmente nos cursos de Pós-Graduação das universidades brasileiras, conforme observado no levantamento feito por nós, dos trabalhos realizados envolvendo a temática em questão.

No próximo tópico serão apresentados alguns trabalhos em que os resultados apontaram para o favorecimento crescente da *ausência* dos clíticos pronominais, nos contextos verbais especificados, a depender do tipo do clítico pronominal e do tipo de verbo que ele esteja associado<sup>35</sup>.

#### 4.1 Veado (1982) – O comportamento linguístico do dialeto rural de Minas Gerais

O texto de Veado (1982) consiste na descrição de traços linguísticos das comunidades de fala pertencentes à Microrregião de Sanfranciscana de Januária, no estado de Minas Gerais, de aspectos gramaticais de natureza morfossintática, da língua falada pelas cinco comunidades que compõem a Microrregião, caracterizadas como rurais: Januária, Itacarambi, Manga, Montalvânia e São Francisco.

Dos vários fenômenos, pertencentes ao dialeto rural e descritos pela autora, nós nos determos ao tópico denominado por ela como: de ocorrência baixa ou nula nas construções com *se*, em função da relação do assunto e os interesses da nossa pesquisa.

Assim, sobre as ocorrências do *se* Veado (1982) constatou que o clítico tem ocorrência baixa ou nula nas comunidades mineiras pesquisadas. Na verdade, com sentido reflexivo foi encontrado pela pesquisadora somente um caso que, além de pouco representativo, consiste numa expressão de característica de fala urbana, cristalizada:

(151) A gente tem que **se virá**.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> Os trabalhos listados neste capítulo foram organizados a partir da ordem cronológica crescente, considerando os anos de suas defesas ou publicações. A escolha destes trabalhos, em específico, se deu em função das proximidades de abordagens teóricas e metodológicas destas pesquisas com a temática e as discussões teóricas apresentadas nesta tese.

<sup>36</sup> Os exemplos (151) a (171) foram transcritos de Veado (1982, p. 45-50, grifos nossos).

Veado (1982) informa, ainda, que as construções com *se* reflexivo são problemáticas no dialeto rural, não somente quanto ao uso, que praticamente não ocorre, mas também quanto à compreensão de enunciados produzidos com o referido clítico, quando esse indica a noção de reflexividade e, para tanto, cita diversos exemplos:

a) Quanto ao uso:

(152) **Inf.:** – eu tava lavano ropa e tunha umas cumpanhera lavano.  
Quando cabo, as cumpanhera **banhô** e saiu.

(153) **Inf.:** – o jeito é a gente **conformá**.

(154) **Inf.:** – a gente **criô** aqui.

(155) **Inf.:** – ele **envenenou** e morreu.

(156) **P:** Quando agué m dá um tiro no ouvido e morre, como é que você diz?  
O homem **se matou**?

**Inf.:** – Não. É ele matô mesmo ele; ele matô **ele memo**.

Veado (1982, p. 46) observa que a ideia de reflexivização<sup>37</sup> não se dá pelo emprego do *se*, mas pelo emprego de outros recursos discursivos ou por outra construção em que o “*verbo transitivo é usado intransitivamente*” ou pelo emprego das palavras “ele (a) mesmo (a) para dar a ideia de reciprocidade”.

b) Quanto à compreensão:

(157) **P:** A senhora conhece alguém que **se matou**?

**Inf.:** – Conheço. Já vi falano que morreu um mucado de gente matado lá im Maria da Cruz. Morreu cinco matado /.../ Um sozinho matô cinco. É, mais esse correu. Acho que num pegaram ele também não!

(158) **P:** Você conheceu alguém que **se matou**?

**Inf.:** – Como assim? Que **suicidô**?!...

(159) **P:** Você **se lava** no poço?

**Inf.:** – não senhora

(160) **P:** Você toma banho lá no poço?

**Inf.:** – tomo sim. . .

<sup>37</sup> A autora utiliza o termo em referência à noção de reflexividade adotada por outros autores (cf. CASTILHO, 2010; BAGNO, 2011).

Além destas ocorrências mencionadas, a autora cita outras que ilustram a incompreensão do enunciado, por parte do informante, quando o entrevistador recorre à noção da reflexividade por meio da partícula *se*. De acordo com Veado (1982, p. 47) “apenas com o verbo *banhar* os informantes não têm dificuldade em captar a noção da reflexivização em estruturas com o *se*”, talvez seja porque este verbo é altamente empregado na região, de forma intransitiva, significando a expressão *tomar banho*.

(161) **P:** Você **se banha** todos os dias?

**Inf.:** – Eu banho sim; lá no tanque

(162) **P:** Você **se lava** no poço?

**Inf.:** – não senhora

**P:** Você toma banho lá no poço?

**Inf.:** – tomo sim

(163) **P:** Seu irmão, o Zé, **se barbeia**?

**Inf.:** – Cumê que é isso? / . . . /

Com base no que demonstram os exemplos de Veado (1982, p. 48) deduz-se que a “noção de reflexivização se faz presente na fala cotidiana dos falantes rurais não-escolarizados de duas maneiras: a) ou através do emprego de ‘ele (a) mesmo (a); b) ou através do uso intransitivo de verbos transitivos”.

A exemplo do que ocorre com o *se* reflexivo, também acontece com o *se* com valor indeterminador, em contextos com verbos transitivos e intransitivos. Ou seja, seu emprego também é evitado e sua compreensão é dificultosa no dialeto rural pesquisado.

(164) **P:** **Come-se** bem aqui na roça?

**Inf.:** – a senhora tá perguntano se nós come bem? . . . Num é todos dia não. O que nós come? Nós come muita coisa . . .

(165) **P:** **Trabalha-se** bastante aqui na roça?

**Inf.:** – **Se** nós trabaia bastante? Trabaia . . .

(166) **P:** **Come-se** bem na roça?

**Inf.:** – Como assim? Cumé que ocê falô? . . .  
– O que as pessoas come aqui na roça?  
– Tudo elas come . . .

Percebe-se que nas perguntas feitas pelo entrevistador, contendo o *se* indeterminador, com verbos intransitivos, o informante repete a pergunta, com um novo arranjo discursivo, sem o *se*, demonstrando incompreensão e, no caso de refacção, sem o uso de *se*. Ele

agora é conjunção subordinada, e não partícula de indeterminação, conforme o exemplo (165). E, nos casos em que há a compreensão da pergunta, com o ‘se’ indeterminado, “os informantes não empregam o ‘se’ na estruturação da resposta, mas fazem uso de uma construção equivalente, no sentido de que também denota a indeterminação do agente, verbo na 3ª pessoa do singular/agente ausente” (VEADO, 1982, p. 49).

(167) **P:** **Paga-se** bem aqui na roça?

**Inf.:** – Não. Paga bem não . . .

(168) **P:** **Trabalha-se** muito aqui na roça?

**Inf.:** – Trabaia, trabaia . . . ,

(169) **P:** **Paga-se** bem na roça?

**Inf.:** – **Paga** nada . . .

Também com relação aos verbos transitivos diretos, exemplos (170) e (171), os processos são semelhantes aos anteriores (cf. VEADO, 1982, p. 49):

(170) **P:** **Vende-se** queijo aqui na roça?

**Inf.:** – **Se** vende queijo?

(171) **P:** Como é que **se planta** feijão?

**Inf.:** – Cumé que pranta feijão? Uai. É nas cova. A gente abre a cova e joga o caroço dentro. A gente pranta no inverno; época das chuva.

Veado (1982, p. 50) conclui, então, que o *se*, tanto na expressão de reflexividade, quanto no sentido de indeterminador, não faz parte do uso efetivo no dialeto rural pesquisado. Ou “o falante impessoaliza o verbo, ou então, indetermina o agente através de uma construção equivalente na qual o ‘se’ foi eliminado (ou inexistente) e o verbo permanece na 3ª pessoa do singular sem sujeito/agente”. No que se refere à norma “padrão” da língua, na modalidade oral, as entrevistas realizadas pela autora descrevem que os usos do *se* também possuem baixa frequência, o que demonstra que esses mineiros têm preferido a *ausência* dos clíticos, mesmo nas situações em que há recomendações gramaticais para seus usos.

#### 4.2 Lemle (1985) – Pronomes, anáforas, zero: observações sobre uma mudança linguística

Miriam Lemle (1985), a partir dos fundamentos gerativistas, apresenta uma discussão acerca da aceitabilidade do uso pronome *ele*, em substituição às formas reflexivas *se*,

*si, consigo*, conforme exemplos (172) a (174) e do uso do *se* com verbos classificados como verbos intrinsecamente reflexivos como em (175) e (176), mas que na modalidade falada da língua perdem os seus clíticos pronominais:

(172) **Ele** vê **ele** (**mesmo**) no espelho.<sup>38</sup>

(173) **Ele** pensou com ele (mesmo) que **ele** devia ir embora.

(174) João disse que Pedro não deu um presente para **ele**.

(175) Pedro *desmaiou, cansou, repousou, despediu, . . .*

(176) Pedro não sabe *exprimir, comportar, queixar, condoer, conformar, descuidar e esquecer, ...*

A autora demonstra nos fragmentos de fala que *ele*, no âmbito da oração, no dialeto mineiro, recebe interpretação *presa*<sup>39</sup>, e *não presa* quando se trata do dialeto carioca. Ou seja, indo do dialeto carioca para o mineiro, “a palavra *ele* passou de *pronome* para *anáfora*” (LEMLE, 1985, p. 122, grifos da autora).

Já no que se refere à obrigatoriedade da marca de reflexividade, no dialeto mineiro há a perda total da marca do pronome anafórico, nestes contextos verbais, enquanto que no dialeto carioca, “há verbos que mantêm a exigência de elementos anafóricos obrigatórios com interpretação *presa*” (cf. LEMLE, 1985, p. 122).

Assim sendo, a partir da comparação entre o dialeto carioca e o mineiro, a autora destaca dois dos principais pontos de diferença dialetal, a partir de dois âmbitos:

1) O da leitura: *ele* como referência *presa e não presa*:

No dialeto carioca: *ele* recebe interpretação de referência *não presa*;

No dialeto mineiro: *ele* recebe interpretação de referência *presa*.

2) O da obrigatoriedade da marca de reflexividade:

No dialeto carioca: há verbos que mantêm a obrigatoriedade da presença elemento anafórico; com interpretação *presa*;

Já no dialeto mineiro: ocorre a perda total da obrigatoriedade da presença dos elementos anafóricos.

<sup>38</sup> Os exemplos (172) a (176) foram transcritos de Lemle (1985, p. 121-124, grifos nossos).

<sup>39</sup> Na terminologia de Chomsky (1982) afirma-se que um elemento é *preso* quando, em um determinado âmbito, este elemento tem um antecedente que c-comanda e que possui um mesmo índice referencial.



No primeiro caso, Lemle (1985) relata que o *se* não faz mais referência ao elemento que o antecedente, o que possibilita que ele possa ser substituído por *ele* (mesmo). Em outras palavras, pode-se dizer que, por perder o “poder” de envolver o sujeito na ação descrita pelo verbo, o clítico pronominal *se* perde a sua principal função, a de ser um elemento reflexivo. Logo, sua presença torna-se, então, desnecessária, pois, a função de marcar a reflexividade passa agora a pertencer ao verbo, com a *presença* ou a *ausência* do *se*, não importa.

Já no segundo caso, no que se refere à obrigatoriedade da marca de reflexividade, a autora informa que determinados verbos, no caso, os *intrinsecamente reflexivos*, como nos casos dos exemplos (169) e (170), seriam autossuficientes para “marcar a reflexivização”, em função da opacidade do pronome *se*. Daí a denominação de *intrinsecamente reflexivos*, atribuída por ela e por muitos gramáticos a esses tipos verbais (cf. BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2013).

Para Lemle (1985, p. 122), as duas mudanças, (*ele* como referência *presa e não presa* e a obrigatoriedade da marca de reflexividade) estão relacionadas entre si, em função de que “o pronome, enfraquecido, com a perda do seu ‘poder’ de possuir um índice referencial próprio, se transforma numa anáfora. Na anáfora, o enfraquecimento é o total esvaimento morfológico”.

#### 4.3 D’Albuquerque (1988) – A perda dos clíticos em um dialeto mineiro

A pesquisadora mineira D’Albuquerque (1988), após se mudar para o Rio de Janeiro, observou que sua fala era motivo de risos entre os cariocas, pelo fato de ela produzir sentenças em que, por vezes, o clítico pronominal com os verbos ditos reflexivos era omitido, como em (177) e (178):

(177) Eu sai e **diverti** muito.<sup>40</sup>

(178) Eu **machuquei**.

Ao comparar a fala de uma comunidade mineira com outra de uma comunidade carioca, com a finalidade de verificar se a hipótese “do dizer sem pronome”, atribuída aos mineiros, era mesmo procedente, D’Albuquerque investigou a não ocorrência do clítico *reflexivo*, *recíproco* e *indeterminador* nas comunidades de Manhuaçu-MG e em um dialeto da Zona Norte, subúrbio do Rio de Janeiro.

<sup>40</sup> Os exemplos (177) a (203) foram transcritos de D’Albuquerque (1988, p. 98-100, grifos nossos).

Os dados foram produzidos pelos informantes, em situação de pesquisa, quando lhes foi apresentado um álbum com quarenta gravuras, que os levavam a empregar verbos pronominais *reflexivos* e *recíprocos* e um questionário com seis questões, com a finalidade de verificar o *se* como índice de indeterminação do sujeito. Para tanto, foram entrevistados 40 informantes, sendo 20 mineiros e 20 cariocas. Além disso, também foi analisado o livro “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus, observando os usos de clíticos pronominais, nos contextos verbais especificados.

A pesquisa investigou “os verbos essencialmente pronominais, aqueles cujos pronomes oblíquos não funcionam como objetos e verbos acidentalmente pronominais, aqueles cujos pronomes oblíquos funcionam como objetos: recíprocos e indeterminados” (cf. D’ALBUQUERQUE, 1988, p. 28).

A pesquisadora também encontrou muitos descompassos entre as orientações das Gramáticas Tradicionais e os usos efetivos realizados pelos falantes, em especial, entre os mineiros, no que se refere à omissão dos clíticos pronominais, em construções com os verbos acidentalmente e essencialmente pronominais.

D’Albuquerque também demonstra em seu texto a dificuldade em encontrar, nas Gramáticas Tradicionais, um consenso sobre a classificação dos verbos chamados por pronominais. A decisão tomada pela pesquisadora foi, então, a de considerar como essencialmente pronominais os verbos cujos clíticos pronominais não funcionam como objeto, isto é, que não podem ser substituídos por um nome substantivo; e por acidentalmente pronominais aqueles cujos pronomes oblíquos funcionam como objetos que podem ser substituídos por um nome substantivo.

Os resultados das análises de D’Albuquerque (1988) demonstram que os entrevistados de Manhuaçu frequentemente lançavam mão de outros recursos ou estratégias linguísticas para fazerem referências às noções de reflexividade e reciprocidade, evitando, assim, os usos dos clíticos pronominais nestes mesmos contextos verbais.

Dentre as observações descritas por D’Albuquerque (1988), destacamos os seguintes aspectos:

- 1) Quando uma construção se dá em torno de um verbo essencialmente ou acidentalmente pronominais, transitivos, reflexivos, estes são usados sem os clíticos pronominais:

(179) Ele **chama** José (no sentido de: seu nome é José).

(180) Ele **aproveitou** da situação.

(181) Ela **machucou** na bicicleta.

(182) Não **conformei** com a morte dele.

(183) Eu **cortei** com a faca.

- 2) nos casos dos verbos que indicam reciprocidade, a autora notou que os clíticos pronominais são substituídos pelas expressões como: *um ao outro, um com o outro, um do outro*.

(184) Eles **cumprimentaram** um ao outro.

(185) Um carro **chocou** com o outro.

(186) Eles **separaram**.

- 3) em algumas construções em que os clíticos pronominais seriam, via de regra, empregados, estes foram substituídas por expressões com sentidos correspondentes, geralmente na voz passiva, como em (187) a (189):

(187) Ela **se decepcionou** com o resultado > Ela ficou decepcionada . . .

(188) Eu **me perfumei** toda para o encontro > Eu passei perfume.

(189) Eu **me assustei** com o barulho > Eu fiquei assustada.

- 4) D'Albuquerque (1988) notou, ainda, que há a preferência por construções em que não seja necessário o emprego dos verbos pronominais e, por conseguinte, dos respectivos clíticos pronominais:

(190) Eu **me perdi** no caminho > eu perdi o caminho.

(191) Ele **se curou** da gripe > ele curou a gripe.

(192) Não **me incomodo** com isto > isto não me incomoda.

- 5) verbos que sem o clítico pronominal poderiam ter um sentido ambíguo foram substituídos por outros que são, comumente, empregados em outras regiões, como em (193) a (195):

(193) Ele **se** jogou no rio > ele suicidou no rio.

(194) Ele **se matou** > ele suicidou.

(195) Vou **me vestir** ou vou **me trocar** > vou mudar de roupa ou vou trocar de roupa.

D'Albuquerque (1988) observou, ainda, que algumas expressões de uso comum no dialeto pesquisado no Rio de Janeiro não são muito comuns no dialeto de Manhuaçu-MG, como nos exemplos (196) a (198):

(196) Ele **se deu** bem na prova.

(197) **Me sai** bem nesse teste.

(198) Eu **me toquei** que estava errada.

Outro aspecto, observado pela pesquisadora, é que a comunidade de Manhuaçu praticamente não faz uso de verbos que comumente são acompanhados por clíticos pronominais. Quando isso ocorre, trata-se de expressões cristalizadas e que estas partículas passam por despercebidas pela fala cotidiana do informante, conforme os exemplos (199) a (203):

(199) **Se cuida**, menina!

(200) Ela que **se dane**!

(201) Ele **se mandou** . . .

(202) **Se vira** para arranjar outro!

(203) A coisa que mais **se vê**, é soldado.

Dos resultados encontrados por D'Albuquerque (1988) destacamos, ainda, outros aspectos:

6) há uma mudança linguística em curso, em fase mais avançada em Manhuaçu do que no Rio de Janeiro;

7) o processo de mudança não atinge, de forma igualitária, os três tipos de construções, pois os essencialmente pronominais apagam mais do que os

acidentalmente pronominais. Porém, o que mais sofre perdas são os do tipo indeterminadores, o que leva à dedução de que na linguagem coloquial, de pessoas com baixa escolaridade, o processo de substituir o sujeito pelo pronome *se* é um recurso pouco utilizado;

- 8) surgem outras variedades semânticas para expressar o sujeito indeterminado como: *o cara, o indivíduo, você, eles, a pessoa, a gente, nós, o camarada, o sujeito, o nego, o pessoal* e outros;
- 9) um mesmo item lexical é usado, ora com o clítico pronominal, ora sem a partícula, em um mesmo contexto sócio-histórico, por informantes diferentes e também e, às vezes, pelo mesmo informante;
- 10) há duas hipóteses para explicar a diversidade dos usos dos clíticos pronominais e estas se amparam no fato de que: a) se um objeto direto não reflexivo pode ser omitido, então um reflexivo também pode (cf. OMENA, 1978). Seria essa a primeira generalização para explicar esta possível mudança linguística em andamento. A hipótese se fundamenta, então, na possibilidade do cancelamento do objeto direto; em especial quando esse é representado por um clítico pronominal de terceira pessoa, ocorrência comum na fala dos brasileiros; b) ou ainda, numa segunda hipótese, se o objeto direto reflexivo, em verbos acidentalmente pronominais pode ser suprimido, o mesmo poderá ocorrer em contextos com os verbos essencialmente pronominais.

Para a autora, no caso dos acidentalmente pronominais, esta ausência é explicada por fatores sintáticos, já com relação aos essencialmente pronominais, a explicação se dá por fatores lexicais, conforme explicado no trecho transcrito:

Essa hipótese sintática fornece uma explicação para a maior conservação dos clíticos em verbos essencialmente pronominais, onde o valor semântico é menor. Nestes, os pronomes são apreendidos por memorização lexical. Nos verbos, acidentalmente pronominais, como já existe um processo geral de omissão do objeto direto, a perda dos clíticos pode ser maior (D'ALBUQUERQUE, 1988, p. 116).

- 11) já para explicar os casos de apagamento dos clíticos pronominais, nas ocorrências com os verbos de sentido recíproco, a autora acredita que o falante se apoia no contexto e se o contexto proporciona informações suficientes para que haja compreensão do enunciado, sem o clítico pronominal, esse passa a ser pouco necessário, logo, poderá, então, ser omitido.

A *tabela 1* demonstra os totais em quantidades e percentuais descobertos por D'Albuquerque (1988) em Manhuaçu-MG e no Rio de Janeiro-RJ com relação aos usos do *se* com verbos pronominais reflexivos, pronominais recíprocos e verbos com pronome indeterminador.

Tabela 1 – Comparação dos usos e não usos do *se* em Manhuaçu e Rio de Janeiro

| Verbos pronominais reflexivos        | Manhuaçu | Rio de Janeiro |
|--------------------------------------|----------|----------------|
| Presença do pronome                  | 81       | 181            |
| Ausência do pronome                  | 148      | 40             |
| TOTAL                                | 229      | 221            |
| Percentual de presença               | 35%      | 81%            |
| <b>VERBOS PRONOMINAIS RECÍPROCOS</b> |          |                |
| Presença do pronome                  | 83       | 141            |
| Ausência do pronome                  | 71       | 18             |
| TOTAL                                | 154      | 159            |
| Percentual de presença               | 53%      | 88%            |
| <b>VERBOS COM P. INDETERMINADORA</b> |          |                |
| Presença do pronome                  | 1        | 23             |
| Ausência do pronome                  | 64       | 61             |
| TOTAL                                | 65       | 84             |
| Percentual de presença               | 1,5%     | 27%            |

Fonte: Adaptação de D'Albuquerque (1988, p. 112).

- 12) conforme demonstram os dados apresentados por D'Albuquerque (1988), ocorre o que a pesquisadora denominou por *hierarquia intralinguística*. Em Manhuaçu-MG onde houve menor registro de ocorrência dos clíticos nos três contextos verbais estudados: com os verbos pronominais reflexivos, pronominais recíprocos e nos com pronome indeterminador. O contrário observou-se na comunidade do Rio de Janeiro, houve maior presença dos clíticos nos mesmos contextos verbais;
- 13) os informantes das duas comunidades pesquisadas por D'Albuquerque preservam os clíticos pronominais, em maior proporcionalidade, entre os verbos pronominais recíprocos (53% em Manhuaçu e 88% no Rio de Janeiro) – do que o fazem nos pronominais reflexivos (35% em Manhuaçu e 81% no Rio de Janeiro), confirmando a hipótese inicial levantada por D'Albuquerque (1988).

#### 4.4 Nunes (1990; 1995) – O Famigerado Se e Ainda o Famigerado Se

Jairo Nunes, em seus dois conhecidos trabalhos: *O famigerado Se: uma análise diacrônica das construções com Se apassivador e indeterminador* (1990); e *Ainda o famigerado Se* (1995), ambos também na perspectiva gerativista, traz importantes contribuições para a compreensão do percurso diacrônico e sincrônico, do clítico *se* e dos demais clíticos pronominais no Português Brasileiro.

Os dois trabalhos de Nunes foram organizados a partir das análises de quatro diferentes *corpora*, num total de 2675 dados. O primeiro *corpus* diacrônico, composto por 2050 dados, extraídos de registros de diários, cartas e documentos do período compreendido entre os anos 1555 a 1989. A maioria destes dados, conforme explica Nunes (1995), foram obtidos junto ao acervo de Linguística Histórica da UNICAMP.

O segundo *corpus*, com um total de 470 dados, extraídos de 13 entrevistas, provenientes do Banco de Dados da PUC-SP. O terceiro foi constituído por 87 dados, extraídos de 24 entrevistas do português europeu. Estes dados serviram de contraponto entre a língua europeia e o Português Brasileiro. O quarto e último *corpus*, composto por 68 dados, foram extraídos de reportagens da Revista *Veja*, no período de maio de 1988 a maio de 1989. Este *corpus* permitiu a realização de uma análise sincrônica das ocorrências dos clíticos pronominais (supressão ou inserção) que as gramáticas normativas apontam como erros de construção com os clíticos pronominais anafóricos, com foco nas construções que se encontram em processos de mudança no Português Brasileiro (cf. WEIREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

De acordo Nunes (1990), o total dos dados estudados nos dois trabalhos foram selecionados tentando aproximar, ao máximo, ao que se concebe como sendo *vernáculo* da língua (cf. LABOV, 2008). Os dados produzidos em períodos históricos anteriores serviram de referência para avaliar as transformações ocorridas na língua ao longo do tempo e podem resultar em características do Português Brasileiro, na atualidade.

O linguista concluiu que os dados analisados apontaram para uma mudança em curso, no Português do Brasil, com tendência à supressão dos clíticos pronominais anafóricos, e que o fenômeno do apagamento pode ser constatado desde o século XVI, na modalidade escrita da língua, como ocorre nos exemplos:

(204) Ele (se) **chama** João;<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> Os exemplos (204) a (218) foram transcritos de Nunes (1995, p. 201-240, grifos nossos).

(205) Ontem eu (me) **levantei** bem tarde.

Com relação à subcategorização ou ao tipo de clítico pronominal, Nunes (1995) dividiu os diferentes tipos de *se*, encontrados nos dados analisados, em nove subclasses distintas, das quais sete já eram comumente divididos pela literatura: *reflexivo* (recíproco ou não), *ergativo*, *inerente*, *enfático*, *apassivador*, *indeterminador* e o *se médio*. A estas sete subcategorias foram acrescentadas pelo autor outras duas, o *se ex-ergativo* e o *se quase-inerente*. A ênfase dada aqui, aos trabalhos de Nunes (1995), se justifica, pelo fato de termos adotado, nessa nossa pesquisa, uma subclassificação para os clíticos pronominais, aproximada ao que foi proposto pelo autor ao estudar os diferentes tipos de *se* e suas respectivas funções nas ocorrências de fala analisadas.

Citamos abaixo a subclassificação proposta por Nunes (1995), a respeito dos tipos de clíticos pronominais com os respectivos exemplos, transcritos do texto do autor:

a) *se reflexivo* (recíproco ou não): caracterizado por “aquele que se realiza como papel temático do argumento interno.”

(206) Depois do jantar **se abraçaram** reciprocamente (carta, 1725)

b) *se ergativo*: “um operador lexical que detematiza a posição de sujeito de verbos intransitivos” (NUNES, 1995, p. 204).

(207) Meu namorado fala alguma coisa, eu não gosto, eu **me magoo**, eu **me machuco** (entrevista).<sup>42</sup>

c) *se ex-ergativo*: se caracteriza por marcar a fusão entre o argumento externo (o agente) e um argumento interno, num processo de agentivação de construções com o ‘se’ ergativo. O autor cita os verbos *esforçar-se*, *ocupar-se*, *socorrer-se* para exemplificar o que é chamado de provável *reanálise*.

(208) Como distinguir agora qual o que mais **se esforçou** na sua ingente construção (carta, 1920);

(209) Foi necessário não **me ocupar** em outra cousa (carta, 1728).

---

<sup>42</sup> Embora o autor faça referência ao clítico pronominal *se*, os exemplos citados no texto original são de 1ª pessoa do singular, *me*.



d) *se* inerente: são os verbos que apresentam o clítico pronominal *fossilizado* junto ao verbo, os essencialmente pronominais. Aqueles que a Gramática Tradicional recomenda o uso quase que “obrigatório” do clítico, quando o informante ou escritor emprega a referida forma verbal como em: *suicidar-se*, *desmaiar-se*, *esbaldar-se*, *arrepender-se* e outros. Nunes (1995) divide este tipo de clítico em três grupos:

1. os verbos que encerram uma noção de reflexividade no próprio radical que os constitui:

(210) Aliás, ele **se suicidou** (entrevista);

(211) Quisera ter a fluência de um contador de história como **se autodenominou** Érico Veríssimo (carta, 1985).

2. os verbos *ergativos* que parecem ter perdido suas características transitivas:

(212) Eu acho que ele se **arrependeu** do preço que ele cobrou (entrevista).

3. os verbos do segundo grupo que sofreram um processo de agentivação (*os ex-ergativos inerentes*). De acordo com Nunes “em uma escala crescente de agentividade, exemplificam este grupo os verbos *desmaiar-se*, *esbaldar-se*, *dedignar-se/dignar-se*, *atrever-se* e *queixar-se*:

(213) Os vencedores se constumão **desmaiar** (carta, 1725);

(214) Quero **me esbaldar** neste carnaval (carta, 1988);

(215) **Queixa-se** o amigo que não lhe escrevo (carta, 1985).

e) *se quase-inerente*: são os clíticos pronominais que normalmente acompanham os verbos *portar-se*, *comportar-se* e *conduzir-se*, por exemplo, “que apesar de poderem ser usados transitivamente com outro significado, na acepção de ‘agir’ resistem ao preenchimento do argumento interno” (NUNES, 1995, p. 106). O que sugere, de acordo com Nunes, que sujeito e tema tenham se fundido lexicalmente.

(216) Parece que **se comportou** lá, ele veio logo (entrevista).

f) *se enfático*: denominado pela Gramática Tradicional como índice de espontaneidade e funciona como operador lexical que reflete a fusão de dois papéis temáticos, agente e tema:

(217) O dito Gomez era isemto e que **sefosse** em paz (carta, 1555) – fusão de agente e tema;

(218) Para em tempo algum **nos aproveitarmos** della (certificado, 1802).

Nas entrevistas que constituem o *corpus* sincrônico analisado por Nunes (1995), obtido com informantes de São Paulo, o autor notou que o índice de supressão dos clíticos pronominais, no contexto linguístico especificado, chega a ser em torno de 52%. No entanto, “os dados demonstram que essa mudança em curso é sensível ao tipo de clítico anafórico, ao tipo do verbo a que o clítico está associado e à grade temática do verbo”, (cf. NUNES, 1995, p. 236), isso no que se refere aos aspectos linguísticos. Já com relação aos aspectos extralinguísticos, a elisão do clítico parece estar condicionada ao nível de escolaridade do falante e à escrita formal.

Assim, já naquele momento, se observava uma tendência geral ao apagamento do *se*, na posição anafórica, do Português Brasileiro, em maior ou menor proporcionalidade, a depender de alguns contextos linguísticos e extralinguísticos. Em particular, o autor conclui que o *se* enfático, o *se* reflexivo e o *se* ergativo tiveram pico de supressão já no Século XVII e que os verbos de estado são mais conservadores ao apagamento do clítico anafórico e, ainda, que apesar da tendência geral do aumento da supressão do *se* ergativo se dar a partir do Século XIX, as grades temáticas devem estar sofrendo influência de itens lexicais isolados.

Na *tabela 2*, transcrita de Nunes (1995), apresentamos os percentuais comparativos dos respectivos períodos estudados pelo pesquisador:

Tabela 2 – Percentuais de supressão dos clíticos pronominais

| <i>Corpus da língua escrita (cartas, diários e outros documentos)</i> |           |            |          |         | <i>Corpus das entrevistas</i> |
|---|-----------|------------|----------|---------|-------------------------------|
| Séc. XVI  | Séc. XVII | Séc. XVIII | Séc. XIX | Séc. XX | Séc. XX                       |
| 15%   | 32%       | 14%        | 19%      | 30%     | 52%                           |

Fonte: Transcrito de Nunes (1995, p. 211).

Contrário ao fenômeno da *supressão* do clítico pronominal *se*, Nunes constatou também casos em que o entrevistado fez a inserção do *se*, junto a verbos que não são necessariamente classificados pelas gramáticas como pronominais, em contextos em que essa inserção era prevista, por meio de processos de *hipercorreção*, *generalização* do *se* para todas as pessoas do discurso e a *duplicação* do clítico pronominal, conhecido também como *redobro*.

Ao analisar o *corpus* de 87 dados, 50 ocorrências do *se* ergativo e 37 do *se reflexivo*, das entrevistas de 1987, Nunes (1995) relata que no Português Europeu falado também ocorre a *supressão* do clítico, embora em menor proporção, se comparado com o Português Brasileiro, uma afirmação que vai na contramão daqueles que acreditam que a *supressão* do clítico seja característico somente da nossa língua.

#### **4.5 Lima (2006) – O percurso diacrônico das construções com o pronome “se” na Língua Portuguesa como um processo de gramaticalização**

O trabalho de Lima (2006) teve como foco a descrição do percurso do *se*, observado ao longo da história da língua portuguesa, com a finalidade de averiguar se o percurso do clítico *se* se caracteriza como um caso de gramaticalização, considerando a frequência e as suas características sintáticas e semânticas. As análises linguísticas de Lima (2006) foram estruturadas a partir das teorias propostas por Hopper & Traugott (1993) e Heine *et al.* (1991), para explicar os processos de gramaticalização e as orientações metodológicas foram fundamentadas em Vianna (2000) e Vitral (2005).

Como *corpora* do trabalho, Lima (2006) analisou textos dos períodos denominados por ele de arcaico, moderno e contemporâneo e, ainda, entrevistas realizadas em Campanha, Minas Novas e Paracatu, cidades localizadas no Estado de Minas Gerais. Para tanto, dividiu as ocorrências encontradas dos *se* em dois grupos: os *reflexivos* e os *não-reflexivos*, a partir da consideração dos conceitos de *voz medial reflexiva*, para o primeiro grupo, e de *voz medial passiva*, para o segundo grupo.

O grupo dos *reflexivos* abarcou os *se* dos tipos *reflexivo*, *estilístico* e *pronominal*. Sendo que os *se* deste primeiro grupo foram subdivididos em: a) *reflexivos simples*, b) *reflexivos recíprocos* (quando a reflexividade se expressa por meio de uma ação recíproca praticada pelos dois agentes) e, c) *reflexivos duplicados* (quando ocorre a duplicação do pronome objetivando reforçar a reflexividade). Já o segundo grupo, o dos *não-reflexivos*, abarca os *se* dos tipos: *passivo*, *indeterminado* e *ambíguo*.

De acordo com o autor, as análises apontaram para um aumento das ocorrências dos *se* dos tipos *não-reflexivos* e uma diminuição de frequência para os caracterizados como *reflexivos*, observados a partir demarcação de cada período, como mostram os percentuais apresentados na *tabela 3*:

Tabela 3 – Frequência dos pronomes nos grupos dos *reflexivos* e *não-reflexivos*

| Tipos dos Pronomes    | Períodos |         |               |
|-----------------------|----------|---------|---------------|
|                       | Arcaico  | Moderno | Contemporâneo |
| <i>Reflexivos</i>     | 52%      | 39%     | 23%           |
| <i>Não-Reflexivos</i> | 48%      | 61%     | 77%           |

Fonte: Transcrito de Lima (2006, p. 95).

De acordo com os dados expressos percebemos que as análises de Lima (2006) demonstram que com relação aos *reflexivos*, na comparação de um período para outro, houve diminuição considerável nos percentuais de frequência do Período Arcaico para o Moderno e a queda continua do Período Moderno para o Contemporâneo. Em contrapartida, com relação aos *não-reflexivos*, houve um aumento na frequência de ocorrência do Período Arcaico para o Moderno e continua em ascensão do Moderno para o Contemporâneo.

A fim de ilustrar as subdivisões dos *se reflexivos* e *não-reflexivos* Nunes (1995) apresenta uma série de exemplos:

1) GRUPO DOS REFLEXIVOS:

a) *Reflexivo Simples*

(219) e o time **SE recuperou** e a situação é boa (CFP).<sup>43</sup>

b) *Reflexivo Recíproco*

(220) A troco disto **SE vendião** huns aos outros (TTB).

c) *Reflexivo Duplicado*

(221) o negro **SE sentiu-se** marginalizado. . . (CMP).

e) *Estilístico*

(222) **Riu-SE** a ninfa e disse (AVE).

<sup>43</sup> Os exemplos (219) a (226) foram transcritos de Lima (2006, p. 48-54, grifos nossos). Os diferentes SE, em caixa alta, foram transcritos conforme escreveu o autor.

e) *Pronominal*

(223) o gerente **SE preocuparia** com a utilização das mil horas a (CFP).

## 2) GRUPO DOS NÃO REFLEXIVOS:

a) *Passivo*

(224) Que não **são esperados** efeitos indesejados sobre o lactente. (BUL).

b) *Indeterminado*

(225) Nesta capitania **se vivia** seguramente nos peccados (CJB).

c) *Ambíguo - se passiva ou se indeterminador do sujeito*

(226) donde **SE colnsegue** mais proveito são assusces (TTB).

A partir das análises quantitativas, Lima (2006, p. 96) conclui que a hipótese de que o percurso histórico da forma pronominal *se*, na nossa língua, pode ser sim caracterizado por um processo de *gramaticalização*, conforme explica na afirmação:

o processo de gramaticalização de *se* foi mais intenso do período arcaico para o moderno, sendo este o ápice do processo. Já no período contemporâneo observa-se uma grande queda de frequência em todos os tipos analisados, o que indica uma tendência geral de desaparecimento de diversos tipos (grifo do autor).

As hipóteses consideradas por Lima (2006) também se tornam relevantes para a nossa pesquisa. Porém, destacamos as que fazem referências ao *grau zero* de gramaticalização. Ao analisar a ausência do pronome *se*, acompanhando verbos *casar* (82%), *formar* (86%), *lembrar* (88%), *ordenar* (67%) e *aposentar* (100%) e seus respectivos percentuais de *ausência*, considerando que, em média, ocorre um percentual de 85% de *ausência* para, apenas, 15% de *presença*, o autor informa que se trata de um percentual alto do apagamento do clítico.

Além disso, em função do que já afirmamos, com relação a outras pesquisas (cf. VEADO, 1982; D'ALBUQUERQUE, 1988; LEMLE, 1985) e, agora, com relação aos resultados encontrados por Lima (2006) todas corroboram, com a hipótese que levantamos na época da proposição deste estudo, de que em Catalão-GO deve ocorrer um alto percentual de *ausência* dos clíticos pronominais, nos contextos verbais propostos, devido à proximidade desta comunidade de fala com os estados mineiro e paulista.

As cinco primeiras pesquisas mencionadas neste capítulo tiveram como propósito descrever os processos de apagamentos dos clíticos pronominais no Português Brasileiro, a maioria delas, como foco na partícula *se* e as diferentes funções que ela adquire na nossa língua, o que contribuirá para as nossas análises. Com exceção dos trabalhos de Nunes (1990; 1995) os demais se referem a estudos realizados em comunidades linguísticas situadas no Estado de Minas Gerais, conhecido, nacionalmente, por promover o *apagamento* dos clíticos pronominais e que, por sua vez, se avizinha com o Estado de Goiás.

As pesquisas apresentadas doravante tratam-se de outras localidades linguísticas, localizadas em outros estados brasileiros, não costumeiramente descritos

#### **4.6 Pereira (2006) – Os pronomes clíticos no Português Brasileiro contemporâneo na perspectiva teórica da Morfologia Distribuída – MD**

A partir das teorias da Morfologia Distribuída, Pereira (2006) se dedica a investigar a estrutura morfológica dos clíticos pronominais<sup>44</sup> do Português Brasileiro. A autora inicia sua tese abordando sobre as principais dificuldades enfrentadas pelos linguistas em conceituar estas palavrinhas existentes nas línguas naturais, que ela chama de pronomes clíticos.

Para tanto, a fim de compreender o funcionamento dos clíticos pronominais do Português Brasileiro, Pereira (2006) parte de três propriedades fundamentais desses clíticos e sua estruturação nas línguas românicas, as quais transcrevemos, integralmente, por perceber que seria difícil manter a originalidade das noções e conceitos apresentados pela autora, se os parafraseássemos:

- (i) Pronomes clíticos são fonologicamente deficientes e, por isso, são, obrigatoriamente, adjungidos a um hospedeiro; (ii) o hospedeiro do clítico pronominal tem que ser necessariamente verbal; (iii) os pronomes clíticos em geral não apresentam ordem fixa em relação aos seus hospedeiros.

Pereira (2006) lembra ainda que a propriedade (iii) vem sendo amplamente estudada nas línguas românicas, inclusive no Português Brasileiro e que uma abordagem exclusivamente sintática da cliticização pronominal não dá conta de toda a complexidade sintática, morfológica, fonológica e semântica que constitui o quebra-cabeça do fenômeno dos clíticos pronominais.

---

<sup>44</sup> A autora utilizou a nomenclatura clíticos ou cliticização pronominal ao fazer referência às partículas que acompanham os verbos da subcategoria pronominal ou reflexiva, fonologicamente e morfossintaticamente identificadas pela autora, no Português Brasileiro, pelas formas: *me*, *te*, *se*, *lhe* e *nos*.

Além disso, Pereira (2006) ressalta que o Português Brasileiro apresenta particularidades, no que se refere ao fenômeno da clitização pronominal, principalmente de comparado ao Português Europeu e destaca dois aspectos que reforçam esta particularidade: “1) o número reduzido de itens clíticos realizado no PB contemporâneo e 2) a generalização da próclise em qualquer ambiente de realização” (cf. PEREIRA, 2006, p. 12).

A pesquisa foi fundamentada na Morfologia Distribuída (MD), em específico, nas teorias desenvolvidas por Embick & Halle (2004) e Embick & Noyer (2004) e nos princípios minimalistas defendidos por Chomsky, citado pelos autores. O objetivo principal da pesquisa de Pereira (2006) foi o de atualizar a descrição do sistema de pronomes do Português Brasileiro, a partir de apontamentos sobre os critérios de classificação das formas *me*, *te*, *se*, *lhes* e, eventualmente, a forma *nos* e as suas relações gramaticais desempenhadas na língua, bem como seus posicionamentos com relação aos verbos que os hospedam.

As ocorrências descritas por ela foram retiradas dos seguintes bancos de dados: NURC/SP, NURC/RJ, VARSUL, PORCUFORT, Projeto VERTENTES e VALPB<sup>45</sup>. Além de outras 27 entrevistas realizadas entre os anos de 1999 a 2005, nas cidades de Florianópolis, São Paulo e Rio de Janeiro.

A fim de proceder às análises dos clíticos pronominais no Português Brasileiro, Pereira (2006) os dividiu em dois grupos: os que recebem papel temático dos verbos que os hospedam e os que não o recebem.

Das análises e conclusões da autora, com relação ao quadro pronominal do Português Brasileiro, destacamos os seguintes aspectos:

1. há nossa língua uma escassez de formas pronominais, reduzidas a apenas quatro: *me*, *te*, *se* e *lhe*. E esta particularidade é o que mais distancia o paradigma dos clíticos do Português Brasileiro do paradigma de outras línguas românicas, inclusive o Português Europeu;
2. os quatro clíticos pronominais, que compõem o paradigma pronominal do Português Brasileiro, são derivados de três estruturas morfológicas distintas:

---

<sup>45</sup> “NURC/SP (Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo) - entrevistas realizadas na década de 1970. NURC/RJ (Norma Linguística Urbana Culta do Rio de Janeiro) - entrevistas gravadas nas décadas de 1970 e 1990. VARSUL6 (Variação Linguística Urbana no Sul) que contém amostras de fala das cidades de Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja (RS); Florianópolis, Lages, Blumenau e Chapecó (SC); Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco (PR), recolhidas desde 1982. PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza), *corpus* com 62 entrevistas gravadas na década de 1990 e disponível em meio eletrônico. Projeto VERTENTES – implementado desde 2001, apresenta dados de fala de algumas comunidades rurais do Estado da Bahia. VALPB – (Variação Linguística no Estado da Paraíba), contém 60 entrevistas com amostras de fala recolhidas a partir de 1993 e disponibilizadas eletronicamente”.

CL1, CL2 e CL3, conforme *quadro 9*, elaborado por Pereira (2006), transcrito abaixo:

Quadro 9 – Estrutura morfológica dos clíticos pronominais

| CL1  | CL2   | CL3  |
|--|---|--|
| CL<br> <br>ARG<br> <br>PESSOA<br> <br>[+1]                   | CL<br> <br>ARG<br> <br>PESSOA<br> <br>[-1]    | CL<br> <br>ARG<br> <br>PESSOA                                    |
| 1ª pessoa: acusativo, dativo, dativo de posse e dativo ético | 2ª pessoa: acusativo dativo e dativo de posse | 3ª pessoa: reflexivo, inerente, recíproco, ergativo e nominativo |

Fonte: Transcrito de Pereira (2006, p. 180).

3. a derivação morfológica dos clíticos pronominais *me*, *te*, *se*, *lhe* e *nós* considera que estes formam, juntamente com o seu verbo hospedeiro, um objeto morfológico como: (CL+V+I)<sup>46</sup>;
4. o clítico pronominal *se*, como *reflexivo* ou *inerente*, pode ser combinado com qualquer pessoa gramatical, devido à relação que este mantém com seus antecedentes, se o seu antecedente for de 1ª, 2ª ou 3ª pessoa, ele será interpretado de acordo com a respectiva pessoa que o representa, como demonstram os exemplos de (227) a (232):

(227) Eu ando toda roxa porque eu tô **se batendo** toda . . . [FC1FLP].<sup>47</sup>

(228) . . . porque depois de tomar umas gelada não adianta que a gente não **se controla** [FPLM45PRI:47:13].

(229) Você vai **se arrepender** de ter feito isso.

(230) Vocês vão para lá **se virar** [NUER: São Roque, RS, 77, S/ESC].

(231) . . . o modo dela **se vestir** [NURC/RJ:96].

(232) Eles vão **se reunir** depois do trabalho pra tomar umas birita.

<sup>46</sup> Conforme Pereira (2006), a estrutura morfológica envolvendo os clíticos pronominais no Português Brasileiro é composta por: (CL + V+ I) – clítico + verbo + Inflexion (língua inglesa).

<sup>47</sup> Os exemplos (227) a (232) foram transcritos de Pereira (2006, p. 183, grifos nossos).



5. a autora constatou, ainda, o desaparecimento das formas de 1ª e 2ª pessoa do plural, *nos* e *vos*, que normalmente exerciam na língua as funções dativa, acusativa e reflexiva; além do desaparecimento da forma de 3ª pessoa do plural *lhes* e a migração do dativo *lhe* da 3ª pessoa do singular para a 2ª pessoa do singular, desempenhando agora a função acusativa;
6. também foi observada por Pereira (2006) a migração do clítico *se* para a 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural, que antes fazia referência somente à 3ª pessoa, na forma invariável. Além disso, a autora registrou, também, do surgimento das formas tônicas *você* e *vocês*, na 2ª pessoa do singular e do plural, o que facilitou a migração da forma *se* da 3ª para a 2ª pessoa e o surgimento da forma pronominal *a gente*, o que acabou facilitando a migração do *se* para a 1ª pessoa do plural.

A nossa expectativa é que muitos dos aspectos linguísticos percebidos por Pereira (2006), com relação ao funcionamento do *se*, devem também ser percebidos por nós nos dados que coletamos em Catalão-GO, até mesmo em função de ser o mesmo fenômeno pesquisado por ela e, em alguma medida, também o é por nós.

#### **4.7 Bandeira (2007) – A presença e ausência de “se” nas posições de sujeito e objeto: um estudo variacionista com dados do VARSUL do Paraná**

A tese de Bandeira (2007) também foi dedicada à discussão das variantes *presença* e *ausência* do clítico pronominal *se*, a partir das diversas funções que esta partícula adquira na nossa língua e, não somente o *se* que expressa o sentido de reflexividade. A pesquisa de Bandeira também teve como objetivo o de descrever os diferentes comportamentos do *se*, na função de sujeito e do *me*, *te*, *se* e o *nos*, na função de objeto, a partir de amostras de dados do Projeto VARSUL<sup>48</sup>, com dados coletados no estado do Paraná.

---

<sup>48</sup> O Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil) tem por objetivo descrever o português escrito e falado nas comunidades socioculturalmente representativas da Região Sul do Brasil. São responsáveis pelo projeto quatro universidades brasileiras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Paraná (cf. informações contidas no site do Projeto, disponíveis em: <http://www.varsul.org.br>).

As discussões teóricas e metodológicas adotadas na pesquisa, pela autora, se deram a partir da Sociolinguística Variacionista. Os dados foram coletados por meio de entrevistas, num total de 96 entrevistas, sendo 24 em cada uma das quatro cidades do Paraná<sup>49</sup>.

Com relação às variáveis, a pesquisa foi estruturada a partir da variável dependente, *presença x ausência* dos clíticos pronominais: *me, te, se* e *nos* e de 12 variáveis independentes, destas 8 são variáveis linguísticas e 4 são as variáveis sociais.

Bandeira (2007) relata que uma das dificuldades em descrever o clítico pronominal *se* está no fato de que existem, na língua portuguesa, em especial no Português Brasileiro, vários ‘ses’ e que, no entanto, na maioria das vezes todos são classificados do mesmo modo, como *reflexivos*. Logo, não se trata de apenas um ‘se’, mas de “vários”. Com base em Nunes (1995) e em outros autores, Bandeira os identifica como: *reflexivos, recíprocos, indeterminadores, inerentes, enfáticos* e *apassivadores*, a depender das circunstâncias sintáticas e semânticas que os envolve.

A pesquisadora verificou que os dados analisados apontaram para o fato de que as subclasses dos clíticos pronominais, com maior pesos relativos para a *ausência*, são os pertencentes às classes dos *enfáticos* e dos *indeterminadores*. E as mais resistentes ao apagamento são dos tipos *reflexivo* e *recíproco*.

Sobre a variante *idade*, Bandeira (2007, p. 216) constatou, também, que os apagamentos se dão, em maior proporcionalidade, entre os mais jovens e tendem a se preservar mais entre os mais velhos. No entanto, além de serem muitos e diferentes os casos em que o *se* é empregado no português do Brasil, no que se refere à reflexividade, também são diferentes e muitos os casos dos verbos *pronominalizados*, “nem sempre o verbo *pronominalizado* pelo *se* expressa uma ação em que o sujeito gramatical é *agente* do processo verbal, e se faz, com o *se*, *paciente* desse mesmo processo” (grifos da autora).

Bandeira recorre a exemplos citados por D’Albuquerque (1988, p. 118) para explicar os usos do *se*, dos quais transcrevemos, aqui, os dados (233) e (234):

(233) ele assim, a gente sabe, ne? (est) com sete anos de idade, (est) veio pra União da Vitória, ai **casou#se** (PBR16L001).

<sup>49</sup> O Projeto possui um banco de dados formado por 288 entrevistas, sendo 96 de cada um dos três estados que compõem a Região Sul e 24 entrevistas de cada uma das cidades que compõem as áreas urbanas mais representativas de cada estado. Os estados que tiveram suas amostras de fala coletadas e transcritas pelo Projeto são: a) Paraná: Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco; b) Santa Catarina: Blumenau, Chapecó, Florianópolis e Lages; c) Porto Alegre: Flores da Cunha, Panambi, Porto Alegre e São Borja. Destas, somente as que compõem as cidades do Paraná fizeram parte da pesquisa de Bandeira (2007). As variáveis sociais consideradas por Bandeira (2007) foram: sexo (masculino e feminino); idade (25 a 49 anos e 50 acima); escolaridade (primário, ginásio e colegial) e localidade.

(234) O marido **se aposentou**, não sei o que aconteceu lá, foi transferido (IRT02L1211).

Apoiada em Bechara (1996) e em Said Ali (1957), Bandeira (2007, p. 216) deduz que

a reflexividade em português, recobre duas noções de reflexivização: uma, nos termos de BECHARA (1996:313), onde o *se* indica “ao mesmo tempo agentividade e passividade”, e outra, nos termos de SAID ALI (1957:91), onde o *se* expressa o envolvimento do sujeito no processo verbal; não se conceberia “a pessoa como agindo ou praticando tal ou tal ato sobre si, o que se anuncia é um estado d’alma, um afeto, um sentimento” (grifos da autora).

Listamos, aqui, alguns apontamentos apresentados por Bandeira (2007, p. 216-217), a respeito da *ausência x presença* do *se* no estado do Paraná.

1. a noção de reflexivização, com base em Veado (1982, p. 40), pode ser expressa pelo uso do reflexivo *se* ou pelo emprego de expressões como: “*ele(a) mesmo(a)*” ou “pelo *uso intransitivo* de verbos transitivos”;
2. conforme os argumentos de Lemle (1985, p. 123), em contextos em que não há a obrigatoriedade da marca de reflexivização, em função do apagamento do *se*, por este possuir um “índice referencial próprio”, ocorre “o uso de verbos intrinsecamente reflexivos, sem a marca de elemento anafórico obrigatório, como com *comportar, queixar, descuidar*” (BANDEIRA, 2007, p. 217-218, grifos da autora);
3. conforme D’Albuquerque (1988, p. 114-118), Bandeira (2007) também acredita que os modelos formais para o “preenchimento interpretativo” do sujeito e do objeto nulos (conhecidos tradicionalmente por sujeito oculto, oração sem sujeito e o modelo geral de omissão do objeto) de certa forma “explicam a aceitabilidade gramatical de frases como: *eu machuquei*, de *os dois estão beijando* e de *coloca os ingredientes e mistura*”;
4. com base em Menon (1994), Bandeira (2007, p. 218) defende que “a estrutura com o *se* e sem concordância entre verbo e “sujeito”, se dão em decorrência da perda de valor passivo das chamadas passivas sintéticas ou pronominais”, conforme o exemplo (235):

(235) agora **se cortam** as folhas quer dizer  $\emptyset$  **tira** os talos **se lava** bem essas folhas e . . . (exemplo DID/11/14/505/M2, da autora – exemplo de D’ALBUQUERQUE, 1988 *apud* BANDEIRA, 2007, p. 48, grifos das autoras).

5. assim como acredita Nunes (1995), Bandeira (2007, p. 52) também defende “há no português brasileiro uma tendência geral que favorecer o apagamento do ‘se’, e isso representa *uma mudança em curso*, “sensível ao tipo de clítico anafórico, ao tipo de verbo a que o clítico está associado e à grade temática de tal verbo” (grifos da autora).
6. Ilari e Basso (1996, p. 163) fundamentam a argumentação de Bandeira (2007, p. 218) de que o ‘se’ *medializador*, que tem como papel principal, no nível lexical, indica que “um predicado de **n** argumentos sofreu redução para **n-1** argumentos, promove o surgimento, em português, de “uma *conjunção intrinsecamente pronominal*, onde o pronome *se* já não exprime qualquer papel profundo” ;
7. Bandeira observa que as conclusões de Madureira (2002, p. 120) sobre o fato de que “as realizações pronominais podem ser interpretadas como recurso de simetria do sistema sintático”, o que corresponde em dizer que “os verbos mono-argumentais podem estar copiando o comportamento dos biargumentais que marcam (com pronome) suas realizações EXpS estruturas em que o experienciador está na posição de sujeito” . A fim de ilustrar essa afirmação as autoras citam os exemplos: “*aderem* (v. *desesperar*), *resistem* (v. *enlouquecer*) ou oscilam entre uma forma e outras v. *entristecer*, *espantar*, *apavorar*.”

Dessa forma, Bandeira (2007, p. 225) adota os mesmos argumentos e a generalização apresentada por D’Albuquerque (1988, p. 116) e Madureira (2002, p. 120) de que: “se o objeto direto reflexivo em verbos acidentalmente pronominais pode ser omitido, passa ser omitido também nos essencialmente pronominais”, o que corresponde ao que Madureira chama de “*recurso de simetria do sistema sintático*” (grifos da autora).

Dos resultados encontrados por Bandeira (2007, p. 162), a partir da variável dependente, *presença x ausência* do clítico pronominal e a variável *localidade*, nas quatro cidades do Paraná, destacamos as informações que demonstram que Londrina possui o maior peso relativo de *ausência* do clítico pronominal, **.71**, em pesos relativos. A hipótese da pesquisadora, para esse resultado, é que, em função da “*ocupação mineira e paulista* dessa cidade”, confirmada também de Veado (1982), Lemle (1985) e D’Albuquerque (1988) e Lima

(2006), “expressa um fato não mais como *variação*, mas como *mudança* já operada ali” (grifos da autora).

Embora reconheça que o fator colonização seja importante para explicar o apagamento do *se* em Londrina-PR, Bandeira (2007) explica que ele não pode ser, por si só, suficiente para justificar todas as ocorrências do fenômeno e as suas implicações. Se assim o fosse, este apagamento não ocorreria nas demais cidades pesquisadas, embora menor proporcionalidade: Curitiba: **.67** de *ausência*; Pato Branco: **.45** de *ausência* e Irati: **.25** de *ausência*. Por outro lado, ele não pode ser totalmente descartado, mas deve ser entendido como mais uma das forças desencadeadoras do apagamento do *se*.

Os resultados de Bandeira (2007) apontam, também, para a posição inversa, a de um maior conservadorismo dos clíticos pronominais, constatado na cidade de Irati. Este conservadorismo se dá, nesta comunidade de fala, de forma semelhante ao que apurou Fagundes (2007, p. 154) sobre o uso do modo subjuntivo dos verbos, “que também ocorre com relação ao emprego do modo subjuntivo nas demais cidades do Paraná (Curitiba, Londrina e Pato Branco) que já usam o indicativo como forma alternante”, enquanto que Irati não é percebido esse uso.

Sobre o apagamento dos clíticos pronominais, nas demais cidades pesquisadas por Bandeira (2007), destacamos os seguintes resultados: em Curitiba e Londrina a tendência geral é para a ausência dos clíticos, enquanto que em Pato Branco os resultados apontam para **.45**. em pesos relativos, para essa ausência, um indicativo abaixo da média.

Além dessas considerações mencionadas acima, a respeito da pesquisa de Bandeira (2007), é importante comentar que, com base em Nunes (1995), a autora descreve o *se* em sete classes diferentes. Assim, transcrevemos aqui alguns exemplos dos dados que compõem o *corpus* da sua pesquisa e as respectivas subclassificações:

a) *reflexivo*:

(236) O Getúlio não **matou#se**, mataram ele, né? (CTB13L1550).<sup>50</sup>

(237) A criançada que faz todo aquele alvoroço, aquela gritaria. Na hora de arrumar é uma tristeza (CTB20L0024).

---

<sup>50</sup> Os exemplos (236) a (250) foram transcritos de Bandeira (2007, p. 72-116), a partir de Nunes (1995), Lemle (1985) e D’Albuquerque (1988, grifos da autora).

b) *recíproco*:

(238) todo mundo **se abraçou** nessa hora e realmente <pro->procurou seguir em frente (CTB05L1030).

(239) *Mas a gente sempre **encontra** na rua, cumprimenta, conversa tal, né? Lembra daqueles tempos* (IRT02L0082).

c) *inerente*:

(240) Pessoas analfabetas que não sabem nem falar **candidata#se** (CTB19L1432).

(241) quantas vezes ele **candidatar** eu voto nele (LDN01L0473).

(242) Tem poucos, né? Que muitos **se mudaram** do bairro, mas tem [um]- [um]- um pouco do pessoal ainda vive por aí (CTB01L0032).

(243) Daí a gente **mudou** pro Cristo Rei, né? (CTB12L0437).

d) *apassivador*:

(244) Conforme lá iam surgindo as vilas, **iam#se abrindo** os loteamentos, cada um teria um nome [e daí]- (CTB07L0010).

(245) aqui do nosso lado, morava um rapaz que praticamente a gente **se criou** junto, né? (CTB11L0110)66.

e) *indeterminador*:

(246) **Faz-se** a cova, **planta** ali, tá? **aduba** (LDN01L0065).

(247) *Aqui no Brasil **precisa de gente que queira trabalhar***. (CTB17L0428).

f) *ergativo*:

(248) E o motivo do comércio **se** <dese-> **desenvolver** mais aqui, talvez porque o princípio, o comecinho dele foi nessa região (CTB05L0133).

g) *enfático*:

(249) eu podia escolher entre ir correr para o mato, **me sumir** ou então me apresentar. (est) (IRT23L0067).

(250) ele pegou o terreno baldio, pegou a rua do lado de lá e ó (ruído de batida com a mãos) **foi se embora** (CTB10L0682).

A partir desses e de outros exemplos, num total de 3.829 dados analisados, Bandeira (2007, p. 165) informa que os valores estatísticos resultaram nos seguintes pesos relativos para a *ausência* dos clíticos pronominais, no que se refere “à variável classes dos clíticos: para o *reflexivo*, **.13**; para o *inerente*, **.36**; para o *apassivador*, **.45**; para o *ergativo*, **.58**; para o *recíproco*, **.67**; para o *indeterminador*, **.71**; para o *enfático*, **.76**”.<sup>51</sup>

Dessa forma, após a descrição dos diferentes *se*, considerando, numa visão geral, os seus contextos sintáticos e semânticos, os resultados obtidos por Bandeira indicam que as maiores *ausências* dos clíticos pronominais, em pesos relativos, são creditadas aos do tipo *enfático*, *indeterminador* e *recíproco*.

Das hipóteses formuladas por Bandeira (2007, p. 117), destacamos duas de natureza linguística: 1) “a de que verbos *pronominalizados* tendem ser empregados intransitivamente<sup>52</sup>, favorecendo o apagamento dos seus argumentos internos”; 2) E, ainda, “a de que *me*, *te*, *se* e *nos* tendem a sofrer apagamento nas funções *sujeito* (esta, exclusiva do *se*) e *objeto*, constituindo-se em categorias vazias de interpretação anafórica”

Já com relação às hipóteses de natureza social, a autora deduz que “a alternância SE/Ø pode ser socialmente motivada” (BANDEIRA, 2007, p. 125). Esta é uma conclusão que nos interessa observar de forma mais detalhada no texto de Bandeira (2007) a fim de verificar se, em alguma medida, ela pode ser associada aos resultados encontrados por nós em Catalão.

#### **4.8 Pereira (2007) – Variação e mudança no uso dos pronomes reflexivos no português popular da capital paulista: uma abordagem funcionalista e cognitivista**

A tese de Pereira (2007), fundamentada na interface dos conhecimentos da Sociolinguística Variacionista, da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva, teve como objetivo principal comprovar se haveria, ou não, uma mudança linguística no quadro dos clíticos pronominais do português popular falado na capital paulista e, no caso de ser constatada esta mudança, identificar os principais fatores linguísticos e sociais que poderiam favorecer ou desfavorecer o referido processo.

<sup>51</sup> Os grifos nos pesos relativos foram feitos pela autora.

<sup>52</sup> Sobre a noção de intransitividade do verbo Bandeira (2007, p. 117) registra a seguinte nota: “a partir das reflexões do Prof. Lorenzo Vitral, por ocasião da defesa pública desta tese, assumi empregar uso transitivo com objeto nulo (já que o apagamento de que trato é fonético) em lugar de uso intransitivo. Ter um objeto nulo, isto é, não lexicalizado, não implica a intransitivização do verbo. Uma consulta breve a Chomsky (1995: 110) nos ajuda a entender que o ‘apagamento’ não chega a promover ‘mudanças’ na predicação do verbo: ‘In some languages (Sanskrit, Latin, Russian, ...), Case is morphologically manifested, while in others, it has little (English, French, ...) or no (Chinese, ...) overt realization. In line with our general approach, we assume that Case is always present abstractly’.”

As análises linguísticas se deram a partir do banco de dados resultante de 72 entrevistas, do *corpus* do *Português Popular em São Paulo*. Foram entrevistados homens e mulheres, adultos, analfabetos e semialfabetizados, que vivem em favelas e em aglomerados populares na cidade paulista. Destas, 36 entrevistas foram realizadas no período entre 1986-1987 e, as outras 36, no período de 1997-2001. Os dois blocos de entrevistas foram analisados, separadamente, e depois tiveram seus resultados comparados, com o objetivo de verificar se houve mudança linguística, de um período para outro.

Ao todo foram analisadas 1.692 situações de ocorrências de *uso* e *não-uso* do clítico pronominal. Destas, 888 pertencem ao *corpus* do primeiro período, 1986-1987, e 804 ao *corpus* do segundo período. As análises se concentraram em contextos de *reflexividade*, *reciprocidade* ou *passividade*, portanto, situações em que era esperada a realização de um clítico pronominal anafórico. Logo, “foram contempladas todas as pessoas do discurso e todas as formas pronominais, átonas ou tônicas” (PEREIRA, 2007, p. 232), não se restringindo, portanto, somente à variação de *se x zero*.

Dos fatores linguísticos foram contemplados pelo programa estatístico os seguintes:

- a) SEMÂNTICOS – (tipo dos pronomes reflexivos, classe semântica do verbo);
- b) SEMÂNTICO-COGNITIVOS – (tipo de evento causativo, divisão da psique, dinâmica de força, natureza do evento conforme o número de participantes, domínio do evento);
- c) SINTÁTICOS – (função sintática da forma anafórica, estatuto gramatical do pronome, paralelismo, pessoa do discurso, polaridade);
- d) DISCURSIVOS – (*status* informacional do referente);
- e) SOCIAIS – (procedência, escolaridade, favela).

Além disso, também foi considerado o fator *idade*, mesmo que este não tenha sido selecionado pelo programa como significativo. Porém, como a pesquisa visava identificar uma mudança linguística, o fator *idade* também se torna relevante neste tipo de pesquisa.

Dos resultados obtidos por Pereira (2007) destacamos os seguintes pontos:

1. mesmo em intervalo temporal de dez anos, de uma coleta para outra, os índices demonstraram que não houve mudança considerável: “o índice de uso do pronome foi praticamente o mesmo nos dois *corpora*: 40% nos inquéritos de 1986-7 e 42% naqueles de 1997-2001” (PEREIRA, 2007, p. 238);
2. embora o uso das formas tônicas não seja tão expressivo entre os paulistas, estes lançam mão de outras estratégias para expressarem a *reflexividade*, que não consistem, necessariamente, no uso dos clíticos pronominais, como no exemplo (251) transcrito de Pereira (2007, p. 3):



(251) Doc. Escuta Neusa como é que é a vida aqui na favela? Eu vi que cê tem um mundo de amigas/ Inf. Graças a Deus/ inf. Isso aqui/ ( ) é tudo amigo/ Inf. Tudo é amigo/. Aqui nesse pedaço aqui todo mundo não tem esse negócio de de mal querença não, todo mundo **se dá** um com o outro, todo mundo **quando um precisa de uma coisa o outro serve** aqui é muito bom. Eu graças a Deus moro aqui há sete ano não tenho o que dizê ( ) de vizinho nenhum (I.3)<sup>53</sup> (grifos nossos).

3. a próclise tem predominância quase que absoluta nas ocorrências registradas nos dois *corpora* estudados;
4. a generalização do *se* tende ocorrer na 1ª pessoa do plural, enquanto que na 1ª pessoa do singular predomina o emprego do clítico pronominal *me*, conforme transcrito na *tabela 4* abaixo:

Tabela 4 – *Presença x ausência de generalização do se*

| Presença x ausência de generalização do <i>se</i> | Corpus de 1986-1987 | Corpus de 1997-2001 |
|---|---------------------|---------------------|
| <b>1ª pessoa do singular</b>                      |                     |                     |
| <i>eu me</i>                                      | 121/129 = 94%       | 133/147 = 90%       |
| <i>eu se</i>                                      | 8/121 = 6%          | 14/147 = 10%        |
| <b>1ª pessoa do plural</b>                        |                     | -                   |
| <i>nós nos</i>                                    | 4/16 = 25%          | 14/14 = 100%        |
| <i>nós se</i>                                     | 12/16 = 75%         |                     |

Fonte: Transcrito de Pereira (2007, p. 242).

5. por se tratar de variação e mudança linguística, os dados apontaram para três possibilidades: “i) mudança num ritmo lento, ii) mudança na direção da mudança e iii) variação estável” (PEREIRA, 2007, p. 339);
6. com base no que relata Labov (2008), que uma mudança pode diminuir sua velocidade, tornar-se mais lenta quando está perto de completar-se, talvez, é o que pode estar ocorrendo com relação ao apagamento do *reflexivo* em São Paulo. Pode ser que o ritmo de apagamento esteja sendo tão lento, que mesmo num espaço temporal de dez anos não seja tempo suficiente para percebê-lo (cf. PEREIRA, 2007).

<sup>53</sup> O exemplo (251) foi transcrito de Pereira (2007, p. 240, grifos da autora).

E, com base nessas e em outras constatações Pereira (2007, p. 340) lança, então, os seguintes questionamentos: “será mesmo que os pronomes reflexivos estão desaparecendo? Ou, ao contrário, tratar-se-ia de uma variação estável? Lembremos que a variação não necessariamente implica mudança linguística.”

7. os dados estudados por Pereira (2007) apontaram para o fato de que os clíticos pronominais, que tendem mais ao desaparecimento, são aqueles que vêm junto aos verbos que são lexicalizados como os *reflexivos*, principalmente os que denotam movimento do corpo, como é o caso dos verbos *sentar*, *levantar* e, ainda, aqueles que vêm junto aos verbos que expressam um evento mental, como *lembrar* e *esquecer*, por exemplo. Porém, mesmo nestes casos, mais específicos, não se pode afirmar que a mudança tenha se completado, tendo em vista que “o uso do pronome continua sendo uma regra variável” (cf. PEREIRA, 2007, p. 340).

Estas considerações se encontram amparadas na seguinte hipótese: se por um lado a tendência dos falantes da variedade popular paulista é omitir os clíticos pronominais, apesar das gramáticas normativas e dicionários orientarem para o seu uso, a pesquisadora observou que quase todos os entrevistados apresentaram variações do clítico na sua fala, ora o empregando, ora não o empregando, o que, segundo a autora se caracteriza em uma variação estável ou, pelo menos, em uma mudança que ainda não está perto de se completar.

#### **4.9 Mello (2005; 2009) – Dois estudos do clítico “se”, na 3ª pessoa, na fala de João Pessoa-PB**

Os dois trabalhos de Mello (2005; 2009) tiveram como foco o funcionamento dos diferentes ‘ses’<sup>54</sup> existentes na língua portuguesa, a partir de registros observados na fala de João Pessoa. O primeiro, um texto de dissertação, elaborado na perspectiva da Linguística Funcionalista e o segundo, uma tese de doutoramento, construída a partir dos aportes teóricos e metodológicos da Sociolinguística e dos conceitos propostos pelas teorias da Gramaticalização.

---

<sup>54</sup> Denominação dada pela autora ao se referir aos diferentes tipos do clítico *se*.

No trabalho de dissertação, Mello (2005) discute algumas das possibilidades de realização da partícula *se*, com foco nas 3ª pessoas, do singular e do plural, caracterizada, a princípio, como *reflexiva*. As análises linguísticas foram realizadas em dados extraídos do *corpus* do Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba (VALPB).

Como a proposta inicial da pesquisadora foi a de analisar a língua como um produto de cunho social, os fatos linguísticos foram estudados sob as duas perspectivas, a linguística e a social. No que se referem aos fatores linguísticos foi observado: *colocação da partícula, tipos de discurso e traços semântico-pragmáticos do verbo*. Já sobre os aspectos sociais, foram considerados os fatores: *sexo, escolaridade e faixa etária*.

Mello (2005) discute as imprecisões e dificuldades em caracterizar os diferentes *se* existentes no Português Brasileiro e a diversidade de funções que essa partícula desempenha na nossa língua. Numa série de correspondências fictícias, em forma do gênero textual carta, endereçadas a um suposto gramático que representa todos os gramáticos que se dedicam a normatizar o Português Brasileiro, na perspectiva formalista, a autora, criativamente, faz diversas interposições sobre o quão difícil é a empreitada de estudar os diferentes ‘ses’ na nossa língua.

Em linhas gerais, a pesquisa de Mello (2005) objetivou discutir as maneiras que se configuram na fala dos pessoenses as diferentes funções do *se reflexivo* (em diferentes graus de reflexividade), o *se* na função de realce e o *se* na função de pseudorreflexivo (nomenclaturas dadas pela pesquisadora).

A metodologia, para a constituição do *corpus* de pesquisa de Mello (2005), foi embasada na Sociolinguística Variacionista. Para tanto, foram selecionados sessenta informantes, nascidos em João Pessoa ou moradores na cidade desde os cinco anos de idade e que nunca tivessem se ausentado da cidade por um período consecutivo superior a dois anos.

Estes informantes foram separados de acordo com os seguintes perfis: 1) sexo: 30 homens e 30 mulheres; 2) faixa etária: 20 informantes com idade entre 15 e 25 anos, 20 entre 26 e 49 anos e 20 com mais de 50 anos de idade; 3) escolaridade: 12 informantes não escolarizados, 12 com tempo de escolarização de 1 a 4 anos, 12 com 5 a 8 anos de escolarização, 12 com 9 a 11 anos de escolarização e 12 com mais de 11 anos de escolarização<sup>55</sup>.

Dessa forma, Mello (2005) desenvolveu um estudo relacionando a realidade histórica e social dos informantes, buscando perceber a mudança linguística por meio das

---

<sup>55</sup> O termo escolarização foi utilizado por Mello (2005) correspondente ao termo escolaridade mais comumente empregado. No entanto, nós resolvemos manter a mesma terminologia empregada pela pesquisadora, ao comentar os resultados da sua pesquisa.

relações entre língua e sociedade, analisando as possíveis influências dos fatores linguísticos e sociais sobre o fenômeno pesquisado.

Das conclusões de Mello (2005) a respeito da pesquisa ressaltamos os seguintes aspectos: em João Pessoa os números demonstraram que o *se*, na sua função originária de *reflexivo*, vem tendo seus usos ampliados para as funções de *realce* e de *pseudorreflexivo* e, para que isso ocorra, esta função originária vem se tornando “opaca”, por meio da perda de certos traços que o caracterizavam anteriormente como *reflexivo*, como, por exemplo, o “de estabelecer uma correferencialidade entre o sujeito e o objeto, ou seja, a de ter um sujeito que é agente e alvo de uma ação verbal a um só tempo – angariando novas nuanças, menos concretas, no discurso” (MELLO, 2005, p. 225).

Sobre o segundo trabalho de Mello (2009), intitulado por: “*Acabou-se o que era doce. Quem comeu se regalou-se*”: uma análise do clítico *se* em João Pessoa na interface Sociolinguística/Gramaticalização a autora informa ao leitor, desde o título, que a saga de compreender as variações e flutuações acerca do clítico pronominal *se*, em João Pessoa, continuará também nesta nova trajetória de estudos traçada por Mello. Desta vez, com respaldos nos estudos da Sociolinguística e das teorias da *Gramaticalização*, a partir da hipótese “de que os diferentes comportamentos do *se* nas várias regiões do Brasil indicam que o fenômeno em análise apresenta diferentes estágios nos seus percursos de gramaticalização”, indicando que ocorrem diferenças regionais consideráveis com relação aos usos do *se* Brasil afora (cf. MELLO, 2009 p. 18).

O objetivo principal da pesquisa de Mello (2009) foi o de desenvolver análises que visassem compreender o comportamento do pronome de 3ª pessoa, em João Pessoa, a partir dos processos de gramaticalização, novamente considerando, quantitativamente, os fatores linguísticos e sociais que podem influenciar o comportamento e estruturação do fenômeno linguístico estudado.

Para tanto, mais uma vez, foram estudados dados que compõem o *corpus* do Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba (VALPB), armazenados em cinco volumes e publicados, objetivando atender aqueles que estão interessados em conhecer os registros de usos linguísticos dos pessoenses.

Para a constituição do *corpus* desta pesquisa, assim como da anterior, também foram selecionados 60 informantes, 30 homens e 30 mulheres, sendo 20 informantes para cada uma das três referências de idade adotadas, de 15 a 25 anos, de 26 a 49 e acima de 50 anos. No que se refere ao fator *escolaridade*, os informantes foram separados em cinco grupos distintos,

12 para cada nível escolar, os de nenhuma escolaridade, os de 1 a 4 anos de escolaridade, os de 5 a 8 anos, de 9 a 11 anos e os com mais de 11 anos de escolaridade.

Basicamente o que diferencia os dois trabalhos de Mello (2005; 2009), além da abordagem teórica é que, o primeiro se fundamenta na Linguística Funcional e o segundo nas teorias da Sociolinguística e da Gramaticalização. Além disso, no segundo houve uma ampliação da amostra, buscando estudar também os demais clíticos pronominais *me*, *te*, *se* e *nos* e não somente o clítico *se*, conforme priorizado no primeiro trabalho.

Outra diferença importante entre os dois trabalhos de Mello (2005; 2009) foi também a ampliação da amostra, com a finalidade de investigar, não somente os contextos em que os clíticos pronominais se fizessem presentes, mas também aqueles em que os referidos clíticos estavam ausentes, mas que a sua presença era esperada, em função do contexto linguístico produzido pelo informante.

Para Mello (2009) a grande dificuldade para a compreensão da estruturação do fenômeno da *reflexividade* talvez não esteja centrada propriamente na sua conceituação, até porque as principais definições já constam nas gramáticas do português herdadas do latim ao longo da história. Mas, a dificuldade maior estaria relacionada a dois outros aspectos: “1) quando começa a se pensar nas demais funções desempenhadas pelo clítico a partir da forma-fonte reflexiva; e 2) quando não são claramente estabelecidos critérios que classifiquem de modo mais eficaz os verbos a que o elemento se une” (MELLO, 2009, p. 49).

De fato, as leituras e pesquisas bibliográficas, realizadas até aqui, nos possibilitaram exatamente as mesmas impressões, tanto acerca do fenômeno da reflexividade, quanto do da pronominalidade. As divergências conceituais e de nomenclaturas, encontradas nas gramáticas e manuais da língua portuguesa, de alguma forma, se convertem exatamente para estes dois aspectos: a diversidade de funções que os clíticos pronominais passam a desempenhar no Português Brasileiro, nos contextos que denotam refletividade, reciprocidade, indeterminação do sujeito, entre outros, e a dificuldade em encontrar critérios claros e precisos que possam identificar os verbos dessas duas subcategorias, os reflexivos/pronominais.

Para Mello (2009), e também para nós, estes dois aspectos são responsáveis pelo fato de encontrarmos, por exemplo, o verbo *sair-se*, classificado como clítico *inerente* em algumas gramáticas e partícula de *realce*, em outras, ou o *se* de *casar-se* identificado como *enfático*, como o *se* de *partir-se*, *rir-se*, *ir-se*, por exemplo, enquanto que outros autores o classificam como *inerente* (cf. PEREIRA, 1954; LIMA, 1954 *apud* MELLO, 2009).

Neste mesmo sentido, Mello (2009) argumenta, ainda, que com relação às subcategorias verbais também não é diferente. Não é difícil encontrar verbos

subclassificados como **essencialmente pronominais**, sob a justificativa de que **nunca** devem ser empregados sem o respectivo clítico pronominal átono, como: *arrepender-se*, *queixar-se*, *indignar-se*, por exemplo, e são constantemente vistos, na fala e na escrita de alguns brasileiros, no entanto, sem os referidos clíticos.

Ao citar Oliveira e Sousa (1953, p. 265) e o registro da sentença: *Ele queixou de mim*, Mello (2009, p. 49) transcreve o seguinte questionamento: “**não há verbo essencialmente reflexivo, que não possa ser usado sem o pronome?**” (grifos da autora). Contudo, o sentido do termo *essencial*, transformado no advérbio *essencialmente*, se perde quando o falante ‘opta’ por não fazer uso do clítico pronominal, conforme recomendado inclusive pela nomenclatura que subcategoriza tais verbos. Assim, ao deparamos com ocorrências de fala ou até mesmo de escrita, semelhantes às descritas pelas autoras, também nos permitem especular se, de fato, existem mesmo verbos que não devem ser usados sem esses clíticos e, acima de tudo, demonstra que quem decide sobre os usos ou não usos de uma língua são os seus falantes e não as prescrições dos gramáticos.

A respeito dos usos do *se* ou dos ‘ses’, em João Pessoa, seguindo os dizeres de Mello (2009), destacamos, deste segundo trabalho da autora, outras considerações que julgamos pertinentes de serem mencionadas aqui:

1. com base em Bechara (2001), Mello (2009, p. 294) enfatiza que em português, no contexto de reflexividade, o clítico pronominal pode indicar a noção de agentividade e de passividade, com uma mesma estrutura sintática, como ocorre nos exemplos (252) e (253):

(252) João **se penteou**.<sup>56</sup>

(253) João **se aposentou**.

Assim, não é raro encontrar, no Português Brasileiro, exemplos em que mesmo que o verbo esteja pronominalizado, a ação expressa por ele não tem como Agente o sujeito gramatical. Para Mello (2009, 294), “a reflexividade recobre a noção de reflexização em que o pronome indica, ao mesmo tempo agentividade e passividade”, com a participação direta do sujeito na ação. Por outro lado, pode ocorrer que o verbo expresse o envolvimento do sujeito no processo verbal, mas

<sup>56</sup> Os exemplos (252) e (253) foram transcritos de Mello (2009, p. 294).

sem que, necessariamente, haja a agentividade do sujeito, conforme o exemplo (247) citado acima;

2. enquanto se observa o desaparecimento do clítico pronominal *se*, em algumas regiões do Brasil, como em Minas Gerais, por exemplo, em João Pessoa, no entanto, esse fato parece não ocorrer exatamente da forma imaginada, mas, ao invés disso, está havendo uma gramaticalização do reflexivo como afixo verbal. Dos 1673 dados analisados por Mello (2009), 1406 apresentaram o pronome junto ao verbo e somente em 267, deste total, ele está *ausente*. Em termos percentuais, em 85% dos dados ele se faz *presente* e em somente 15% das ocorrências, ele está *ausente*. Uma diferença considerada, portanto, pequena e inexpressiva para se pensar em uma possível mudança linguística, conforme conclui a pesquisadora;
3. o que pode estar acontecendo em João Pessoa, para Mello (2009, p. 301), é que “as alterações no sistema pronominal provocaram alterações no sistema verbal e, conseqüentemente, no quadro dos pronomes reflexivos, de modo que a regra do objeto nulo atingiu também os clíticos anafóricos”. Assim, este fator “leva à tendência de um crescente apagamento do reflexivo”, o que ocasiona, então, “uma crescente obrigatoriedade de preenchimento do sujeito paralelamente ao incremento da regra do objeto nulo no PB”;
4. no que se referem às variáveis sociais, Mello (2009) acredita que os fatores extralinguísticos foram relevantes para ajudar a explicar a manutenção ou não do *se* junto ao verbo. Nos dados analisados em João Pessoa, a fala das mulheres teve peso **.42** para a *presença*, liderando o fenômeno da variação. Dessa forma, elas apagam mais do que os homens, o que significa dizer que, se por um lado, o uso do *se* não consiste, necessariamente como uma forma de prestígio da língua, também a sua não ocorrência não consiste em uma forma estigmatizada pelos pessoenses;
5. sobre a ocorrência do fenômeno, no que refere ao fator idade, a hipótese da pesquisadora era de que os jovens apagariam mais o clítico pronominal, nos contextos verbais estudados, do que os informantes idosos. No entanto, esta hipótese também não se confirmou, tendo em vista que os informantes com mais de 50 anos tenderam a conservar mais o *se* junto ao verbo, com peso de **.55**. Porém, ao comparar os informantes jovens com os adultos, Mello (2009) observou que o uso do item é mais frequente entre os jovens, **.49**, do que entre

os adultos .45. Para a autora, este resultado pode ser explicado pela influência do fator escolaridade sobre comportamento linguístico dos entrevistados, já que os jovens estariam com maior contato com a escola e de forma mais permanente e atual, no momento da realização das entrevistas, uma vez que a maioria dos adultos provavelmente já teriam deixado a escola há muito mais tempo. Assim, com base nestas deduções, Mello observou que a escola poderia estar impulsionando a preservação do emprego do clítico entre os jovens;

6. os resultados equacionados por Mello (2009) dão conta de que o cruzamento entre as variáveis *faixa etária* e *escolaridade* produziram resultados não muito esperados, se comparados com outras pesquisas realizadas anteriormente. Os dados indicaram que o fator *escolaridade* se tornou preponderante sobre o fator *faixa etária*. Conforme Mello (2009, p. 303), “parece que a escola tem papel decisivo no caso do *se*, e que a faixa etária, por si só, não pode ser tomada como um indicador preciso de mudança linguística”. Em um novo cruzamento das variáveis mostra que entre os com *escolaridade* entre 4 e 8 anos, 87% fazem usos dos clíticos pronominais. Já aqueles com escolaridade acima de 11 anos, 86% deles fazem o preenchimento do clítico pronominal. Já entre os adultos, com escolaridade em nível fundamental, 76% deles faz uso da partícula *se* e os com escolaridade em nível superior, em 80% das ocorrências, empregaram a partícula pronominal. Sobre os informantes sem nenhum grau de escolaridade, “o movimento de mudança acompanha o que já é visto como resultado mais ou menos esperado em sociolinguística quantitativa - 5% de apagamento entre os jovens, contra 11% entre os adultos e 5 % nos idosos” (p. 303);
7. com relação à hipótese de que estivesse se concretizando uma mudança linguística do *se*, em João Pessoa, Mello (2009) relata que os dados quantitativos demonstram que há, de fato, um processo de mudança em curso, porém em um estágio em que a ocorrência do *se* é ainda bastante elevada, em comparação ao seu apagamento. Se o apagamento fosse em maior proporcionalidade, aí sim, caracterizaria um processo mais avançado de gramaticalização. No entanto, por meio da aplicação dos critérios de marcação (*se* X Ø) às sete classes distintas dos clíticos, na escala dos [+ marcados] para os [- marcados] foi possível identificar em quais classes há maior incidência dos clíticos pronominais e em quais essa incidência é menor.



Nas palavras da pesquisadora, “as categorias avaliadas como [+ marcadas] configuram ambientes sintáticos-semânticos mais favoráveis ao preenchimento do pronome, na mesma escala em que as [- marcadas] configuram ambientes que favorecem sua queda” (p. 304).

8. diante dos resultados da sua pesquisa, Mello (2009, p. 305) conclui que há indícios de mudança do clítico, em função de três características evidenciadas pelos dados: “sua inserção em contextos novos, sua neutralização em todas as pessoas pronominais e sua duplicação ou redobro, resultado de uma alta frequência de uso que, por sua vez, promove a expansão de seus contextos de atuação”;
9. em síntese, a partir do que é defendido por Hopper e Traugott (1993, p. 103), sobre as etapas dos processos de gramaticalização: *item pleno* > *item gramatical* > *clítico* > *afixo* >  $\emptyset$ , Mello destaca que em algumas regiões do país esse ciclo da gramaticalização do clítico pronominal *se* já pode ser considerado como completado. Porém, este não é o caso em que se pode incluir João Pessoa, pelo menos não de forma tão categórica e conclusiva.

#### 4.10 Barros (2011; 2016)

O fenômeno do apagamento dos clíticos pronominais, envolvendo a reflexividade e a pronominalização verbal, em comunidades de fala existentes em Goiás, também foi pesquisado por Barros nos anos de 2011 e 2016.

O primeiro trabalho consiste em uma dissertação de mestrado intitulada: *Aspectos funcionais relativos ao (des) uso do reflexivo no dialeto goiano* que trata dos aspectos funcionais relativos aos usos dos clíticos pronominais do tipo reflexivo e teve como foco os falares das duas capitais existentes na história de Goiás, a anterior, a Cidade de Goiás, que representa a história relativa à formação do estado goiano, e a atual capital, a cidade de Goiânia, que representa a modernidade do Estado, conforme as palavras da pesquisadora.

O objetivo da pesquisa consistiu em investigar as formas de organização e a funcionalidade do uso do clítico pronominal, na função reflexiva, na língua falada no dialeto goiano. Para tanto, foram considerados os fatores sócio discursivos e gramaticais, relacionados ao fenômeno da voz.

A hipótese que deu origem à pesquisa de Barros (2011) é a de que o goiano geralmente omite os clíticos pronominais reflexivos em situações em que a tradição gramatical prescreve como sendo este de uso obrigatório.

As análises dos dados linguísticos foram fundamentadas nas teorias funcionalistas, considerando a voz como fenômeno de interface semântica, sintática e pragmática, observando o modo como o usuário da língua perspectiviza o Estado de Coisas (EsCo) para produzir enunciados diversos. Foi observado como acontece esse processo e quais condições linguísticas favorecem o uso dos clíticos pronominais e quais não favorecem a ocorrência dos clíticos, considerando que os resultados apontaram que 84,30% dos dados analisados demonstram que, em geral, os goianos tendem não fazer uso da marcação pronominal, na função reflexiva.

As bases teóricas da pesquisa foram fundamentadas em autores funcionalistas como Dik (1989; 1997) e Givón (1990; 1992, 1995), e nos estudos sobre voz desenvolvidos por Kemmer (1993; 1994) e Camacho (2002; 2003).

O *corpus* da pesquisa foi composto por dados do Projeto “O português contemporâneo falado em Goiás – Fala Goiana”. Para tanto, foram analisados trechos de fala de homens e mulheres, com escolaridade entre zero e nove anos, num total de oito informantes, sendo quatro nascidos na cidade de Goiás e quatro em Goiânia, com idade divididas em três grupos: os com idade até trinta anos, os de trinta a cinquenta e cinco e os com idade superior aos cinquenta e cinco anos.

Barros (2011) argumenta que em Goiás o não uso do clítico pronominal é bastante recorrente, mesmo naqueles contextos em que a Gramática Tradicional recomenda que estes clíticos deverão ser usados obrigatoriamente. O exemplo (254) ilustra como os goianos, normalmente, produzem sentenças com os verbos reflexivos, sem a marcação pronominal.

(254) **Inf.** Todo mundo ficô apavorado né... qu/eu fiquei muito ruim chorei demais... num sabia que/tinha contecido... as menina tuda garrô gritá::... minha ficô pavoradinha... que... **machuquei** né? Nossa Senhora dor mais triste que tem... ai :: credo... FG – GO – INF 4: SBLs – GR1 – FEM.<sup>57</sup>

Por ser um verbo com alta transitividade, *machucar* requer um argumento para completar o sentido da sentença. Esse argumento seria um clítico pronominal reflexivo, indicando que o sujeito é o iniciador da ação e, ao mesmo tempo, o ser afetado por essa ação. Contudo, na fala dos goianos esse clítico é, constantemente, apagado.

<sup>57</sup> Os exemplos (254) e (255) foram transcritos de Barros (2011, p. 15, grifos da autora).

De acordo com Barros (2011) somente em 15, 69% das sentenças analisadas percebeu-se a marcação pronominal a exemplo do que ocorre em (255).

(255) **Inf.** acabô daí que o patrão acabô **se convencendo** que tinha alguém lá... dentro do trabalho..... FG – GO – INF2: JCR – GR 2 – MASC.

Como a marcação pronominal é um recurso previsto no sistema linguístico do português, o seu não uso, numa frequência tão alta, pode caracterizar um processo de mudança linguística já consolidada no dialeto goiano, conforme previa a hipótese inicial da pesquisa.

A dissertação foi dividida em cinco capítulos. O primeiro foi dedicado à apresentação da concepção de língua adotada pela autora: “a língua como um processo de interação social que sustenta a comunicação, as funções da linguagem, as relações entre o texto, o discurso e o contexto, e outros fundamentos que são suporte para a análise” (cf. BARROS, 2011, p. 17). No segundo foram apresentados os pressupostos teóricos do funcionalismo no que se referem às concepções de voz e ao uso do pronome reflexivo. O terceiro capítulo abordou sobre as concepções funcionalistas e os tipos de voz: ativa, passiva, média, reflexiva, recíproca e impessoal. O quarto foi dedicado às orientações metodológicas da pesquisa, a delimitação dos *corpora*, os critérios de coleta, seleção e análise dos dados. O quinto capítulo foi dedicado às análises que partiram dos dados gerais para os específicos.

Assim sendo, passamos a discutir os resultados obtidos por Barros (2011), em especial aqueles que convergem com a nossa pesquisa, pelos motivos evidentes que já mencionamos, por se tratar da descrição do mesmo fenômeno que também pesquisamos, e pelo estudo ser realizada em duas comunidades de fala de Goiás, as duas capitais, Goiânia e a cidade de Goiás.

Dos resultados obtidos por Barros (2011) destacamos que foram consideradas, inicialmente, todas as ocorrências que deveriam ser marcadas pronominalmente. A *tabela 5* apresenta o número das ocorrências verificadas no *corpus* em relação à presença ou não da marca pronominal.

Tabela 5 – Frequência da marca pronominal em contextos esperados

| Tipos de ocorrência  | Uso | Percentual de Uso |
|----------------------|-----|-------------------|
| Com pronome          | 54  | 15,70%            |
| Sem o pronome (zero) | 290 | 84,30%            |
| TOTAL                | 344 | 100%              |

Fonte: Transcrito de Barros (2011, p. 121)

De acordo com Barros (2011, p. 126)

observa-se o grande número de supressão da marca pronominal, o que ratifica os trabalhos de D'Albuquerque (1984), Galves (1986), e Pereira (2007), os quais atestam uma variação no uso pronominal no PB. No entanto, o alto índice de supressão sugere uma especificidade no dialeto goiano: a ausência da marca pronominal ultrapassa 84% das ocorrências, sugerindo uma situação de implementação de regras e não mais de regras concorrentes.

A fim de distinguir a voz reflexiva e a voz média, para uma melhor delimitação dos campos cognitivos na estruturação da voz, foram considerados como parâmetros adicionais ao que propõe Camacho (2002) o grau de transitividade, considerando que na voz reflexiva a transitividade é alta e na voz média a transitividade é mais baixa.

A *tabela 6* apresenta a função gramatical dos clíticos pronominais presentes nas ocorrências analisadas pela autora.

Tabela 6 – Frequência de realização da forma anafórica na cadeia sintagmática

| A forma anafórica na cadeia sintagmática | Uso | Percentual |
|--|-----|------------|
| Redutor do Arg2                          | 20  | 37,03%     |
| Expressões cristalizadas                 | 9   | 16,66%     |
| Objeto direto                            | 8   | 14,85%     |
| Objeto indireto                          | 6   | 11,11%     |
| Redutor do Arg1                          | 5   | 9,25%      |
| Hipercorreção                            | 4   | 7,40%      |
| Afixo                                    | 2   | 3,70%      |
| TOTAL                                    | 54  | 100%       |

Fonte: Transcrito de Barros (2011, p. 129).

Conforme a tabela o redutor do Arg2 é o parâmetro mais relevante, seguido pelos demais: expressões cristalizadas, objeto direto, objeto indireto, redutor do Arg1, hipercorreção e afixo. A autora fez uma leitura desses usos, seguindo essa ordem e confrontando os resultados com as teorias apresentadas. Optamos por não transcrever essas leituras aqui, em função dos objetivos pretendidos por nós, o de priorizar os aspectos convergentes com a nossa pesquisa.

Com relação a posição do clítico pronominal e o verbo os números apontaram para os seguintes resultados, conforme *tabela 7*:

Tabela 7 – Posição do clítico pronominal na oração

| Posição do pronome na oração | Frequência | Percentual |
|------------------------------|------------|------------|
| Posição pré-verbal           | 47         | 100%       |
| Posição pós-verbal           | Ø          | -          |
|                              | 47         | 100%       |

Fonte: Transcrito de Barros (2011, p.142).

Conforme demonstram os dados, em todas as situações analisadas pela autora, ocorreu o uso do clítico pronominal antecedendo ao verbo, talvez pelo fato das falas analisadas serem de informantes com baixa escolaridade. No entanto, de acordo com Castilho (2010), no Português Brasileiro é admissível e mais comum o uso da próclise mesmo entre os de escolaridade alta.

O exemplo (256), transcrito de Barros (2011, p. 143) ilustra esse uso.

(256) **Inf.** e eu num... num saio mais... **me tranquei**... num gosto mais de sai...  
FG – GYN – INF 3: RLMS – GR 2 – FEM (grifos da autora).

Com relação ao exemplo, a autora comenta que embora o verbo *trancar* esteja no sentido figurado, este foi um dos poucos exemplos encontrados que pode ser caracterizado como voz reflexiva e, como se nota, o clítico vem antes do verbo.

Para Barros (2011, p. 143)

além da justificativa de um uso generalizado da próclise no PB, é possível notar que as orações realizadas com o pronome átonos apresentam uma baixa transitividade, o que pode ser uma explicação, haja vista que o usuário não sente a necessidade de representar o Arg2 em uma posição pós-verbal.

Por outro lado, as formas alternativas, com as expressões *si mesmo*, *mim mesmo*, *ele mesmo* e outras, que se tratam de pronomes átonos, “se realizam em posições pospostas ao verbo” (p. 143), como no exemplo (257) transcrito:

(257) **Inf.** cortando cabelo... e um dia::: eu olhei **pra mim mesmo** i::: todo mundo incentivava... i eu falei assim Deus mim pois a profissão certinha ... FG – GO – INF2: JCR – GR 2 – MASC. – (BARROS, 2011, p. 143, grifos da autora).

No que se refere à variável pessoa do discurso Barros (2011, p. 143) lembra que “existe uma concordância entre o clítico pronominal e a pessoa do verbo, estabelecendo uma equivalência morfossintática que integra a definição formal da voz”. Assim sendo, os clíticos pronominais podem ocorrer nas primeiras pessoas do singular e do plural (as chamadas pessoas) e nas terceiras pessoas do singular e do plural (as chamadas não pessoas).

A *tabela 8* apresenta os resultados obtidos por Barros (2011) para essa variável.

Tabela 8 – Pessoa do discurso

| Pessoa do discurso               | Frequência | Percentual |
|----------------------------------|------------|------------|
| Primeira pessoa do singular (ME) | 27         | 50%        |
| Terceira pessoa do singular (SE) | 16         | 29,62%     |
| Formas alternativas              | 07         | 12,96%     |
| Hipercorreção (SE)               | 04         | 7,40%      |
| Primeira pessoa do plural (NOS)  | Ø          | -          |
| <b>TOTAL</b>                     | 54         | 99,98%     |

Fonte: Transcrito de Barros (2011, p. 144).

Os dados demonstraram que na primeira pessoa o uso do clítico pronominal foi mais expressivo com relação à terceira e às demais pessoas. É importante registrar que a maioria dos clíticos analisados são acompanhados por verbos do tipo psicológico que envolve emoção e estado cognitivo. Outro aspecto relevante é que das realizações em terceira pessoa, nove pertencem as expressões do tipo cristalizadas que são construídas juntamente com a partícula *se*. O que pode sugerir que nestas construções não houve o uso consciente da terceira pessoa, mas que é uma partícula integrante da expressão. Os resultados apontaram que a primeira pessoa foi a mais favorecida, quando o falante é diretamente envolvido no processo verbal.

Os comentários e tabelas a seguir se referem aos parâmetros semânticos. Para Barros (2011) os fatores semânticos podem interferir nos usos dos clíticos pronominais, por isso também foi relevante descrevê-los. Para tanto, foram observados os seguintes parâmetros semânticos: o papel temático do Arg1 em relação à forma pronominal, o agente, o sujeito zero, o *status* semântico do verbo.

Para o papel temático do Arg1 em relação à forma pronominal, ao agente e ao sujeito zero foram observados os seguintes resultados, conforme a *tabela 9*:

Tabela 9 – Papel temático do Arg1

| Papel temático do primeiro argumento | Frequência | Percentual |
|--------------------------------------|------------|------------|
| Processado/Experenciador             | 27         | 50%        |
| Agente                               | 08         | 14,81%     |
| Zero                                 | 04         | 7,40%      |
| Posicionador                         | 02         | 3,70%      |
| <b>TOTAL</b>                         | 41         | 75,91      |

Fonte: Transcrito de Barros (2011, p. 147).

Nota-se que o papel temático processado/experenciador é responsável pela metade das ocorrências em que houve o uso da marca pronominal, o que significa que esse papel temático de sujeito favorece a presença do clítico pronominal, conforme os exemplos (258) a (260) transcritos de Barros (2011, p.147).

(258) **Inf.** aí:: ele foi **se hospitalizou...** foi pá Goiânia... FG – GO – INF2: JCR – GR 2 – MASC.

(259) **Inf.** casei não **mim arrependo** de tê casado... graças a Deus num **mim arrependo** mesmo né? e gosto do meu esposo... assim gosto dos meu fii... e tô muito feliz né? num tô assim... infeliz não graças a Deus tô muito feliz as veis teve alguma tribulação mais coisa passageira coisa que vem i logo caba né? FG – GO – INF5: MEP – GR2 – FEM.

(260) **Inf.** e eu num... num saio mais... **me tranquei**... num gosto mais de sai... FG – GYN – INF 3: RLMS – GR 2 – FEM.

Para o papel temático de agente, que ficou em segundo lugar com 14,81% das ocorrências na colocação pronominal, Barros (2011, p. 147) observa que “o sujeito que assume a função de agente se dá nos casos de transitividade mais alta, que se distanciam daqueles verificados no item anterior”, de acordo com os exemplos (261) e (262).

(261) **Inf.** cortando cabelo... e um dia ::: eu olhei **pra mim mesmo** i::: todo mundo incentivava... i eu falei assim Deus mim pois a profissão certinha.... FG – GO – INF2: JCR – GR 2 – MASC.

(262) **Inf.**::: nós foi nos cabelo lá ... puxando o cabelo **uma da outra** lá... FG – GYN – INF 3: RLMS – GR 2 – FEM.

Esse tipo de sujeito agentivo foi mais recorrente na reflexividade ocorrida nas *formas lexicais alternativas*, constituídas pelo pronome referente à pessoa do sujeito juntamente com os itens *mesmo, próprio, outro*.

Já ao que se refere ao sujeito zero, a autora verificou que este teve um baixo número de ocorrências. De acordo com Neves (2000 *apud* BARROS, 2011, p. 150) “isso é admissível, uma vez que ele ocorre quando a entidade é envolvida em um estado, o que normalmente não ocorre nos casos de reflexividade, a não ser em raras exceções de verbos mentais, incluídos”.

A outra variável semântica analisada por Barros (2011) é o *status* semântico do verbo: classes verbais semanticamente médias conforme Kemmer. Nesta seção, notou-se a intensidade da relação da marca pronominal com os padrões estabelecidos por Kemmer (1993) para verbos que apresentam características semânticas que os tornam mais oportunos para a voz média. Para esta variável foram identificados os seguintes resultados, expressos na *tabela 10* transcrita.

Tabela 10 – *Status* semântico do verbo em Kemmer (1993) e Pereira (2007)

| <i>Status</i> semântico do verbo (KEMMER, 1993) | Marca pronominal | Percentual |
|---|------------------|------------|
| 1. Cuidado corporal                             | ∅                | -          |
| 2. Movimento não-translacional                  | ∅                | -          |
| 3. Mudança na postura                           | ∅                | -          |
| 4. Movimento translacional                      | 4                | 7,4%       |
| 5. Média de emoção                              | 14               | 25,92%     |
| 6. Média de cognição                            | 5                | 9,2%       |
| 7. Ato de fala emotivo                          | ∅                | -          |
| 8. Outros atos de fala                          | 1                | 1,85%      |
| 9. Média indireta                               | ∅                | -          |
| 10. Eventos naturalmente recíprocos             | 1                | 1,85%      |
| 11. Eventos espontâneos                         | 1                | 1,85%      |
| 12. Passiva e impessoal                         | 2                | 3,70%      |
| <b>TOTAL</b>                                    | 28               | 51,77%     |

Fonte: Transcrito de Barros (2011, p. 152).

Conforme indica a tabela acima é expressiva a quantidade de verbos que solicita o uso do clítico pronominal na voz média e que se encaixam na classificação semântica proposta por Kemmer (1993). Para Barros (2011, p. 152) “sugere que parte considerável dos usos pronominais pode estar vinculada à voz média”.



Dos resultados obtidos, 14 ocorrências, das 28 analisadas, estão relacionadas aos verbos de *média de emoção*. Em termos percentuais estas ocorrências correspondem a 25,92% daqueles casos em que ocorreram o emprego do clítico.

De acordo com a categorização proposta por Kemmer (1993) estes verbos de *média de emoção* correspondem aos verbos psicológicos ou de cognição. Estes se distribuem entre os de *média de emoção*, *média de cognição*, *atos de fala emotivo* e *outros atos de fala*. Sendo que os relacionados na categoria *média de emoção* são aqueles que descrevem eventos com processos mentais emotivos. Nesta subcategoria foram encontradas, no *corpus* analisado por Barros, os verbos *sentir-se* e *apegar-se*, como o exemplo (263) transcrito:

(263) **Inf** ... ai tá... aí eu **me senti** sozinha... engravidei...FG – GYN – INF 3: RLMS – GR 2 – FEM.

A segunda posição da classe de verbo, de acordo com o *status* semântico, são os de *média de cognição*, com 9,2% percentuais. Somando as duas médias, tem-se o maior percentual, em comparação as demais classes verbais. Barros (2011) observa, ainda, que a *média de cognição* descreve processos ou estados mentais tais como os verbos *preocupar-se* e *lembrar-se*, conforme as ocorrências transcritas.

(264) **Inf**. e os ombro tudo esfolado... porque vem pegano na madeira né... dum lado e do outro... aí eu fui... falei não eu vô aprendê... num **si preocupa** não que isso aqui é o de menos... FG – GO – INF2: JCR – GR 2 – MASC.

(265) **Inf**. pai... cuidando de todo mundo de lá de casa... porque eu... **eu me preocupado** muito com meus irmãos... com o meu pai... perdi um ( ) tem um irmão que começou a bêbê... agora de novo... sabe... nossa... situação... meu pai um tempo quase morre também... FG – GYN – INF 3: RLMS – GR 2 – FEM.

(266) **Inf**. é... não num **mim lembro** não que nossa família é muito grande tem uns parente qu/eu nem conheço... tem uns parente ó::: antigo qu/eu nem conheço tanto parente minha família é.. FG – GO – INF5: MEP – GR2 – FEM.

Sobre os verbos que expressam sentido de movimento translacional, estes ocuparam a terceira posição nas ocorrências. São verbos com argumentos prototípicos de agente e paciente.

De acordo com a *tabela 10* não ocorreram registros dos verbos que expressam cuidado corporal, movimento não-translacional e mudança na postura corporal. Já a classe dos

verbos que indicam movimento translacional (movimento através do espaço), esta apresentou quatro ocorrências.

Barros (2011) analisou também os parâmetros pragmáticos, abordando os seguintes subtópicos: configuração da voz, *status* informacional do referente e força ilocucionária. No entanto, por estes parâmetros não comporem as variáveis analisadas por nós, uma vez que não nos ocuparemos dos parâmetros pragmáticos em nossa pesquisa, resolvemos não apresentar aqui uma síntese do que encontrou Barros com relação a estes parâmetros.

O segundo trabalho, também da autoria de Barros, consistiu em *Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional*, elaborado na perspectiva da “Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) especialmente na perspectiva construcional da gramática, por ela favorecer um estudo além da linearidade textual, oracional e dos recursos linguísticos individuais” (BARROS, 2016, p. 13).

Este trabalho teve como propósito a descrição e a análise da voz reflexiva em diferentes momentos da história da formação da língua portuguesa, objetivando comprovar que as mudanças na configuração da voz reflexiva percebidas no português contemporâneo brasileiro e, por consequência, na variedade falada em Goiás, são resultantes de processos de mudanças ocorridas outros períodos históricos.

Para a autora, o centro da mudança linguística da voz reflexiva está “na concorrência entre os usos da voz reflexiva prototípica ou marcada morfológicamente (VRM), definida pela presença do pronome reflexivo, e da voz reflexiva não marcada (VRNM), elaborada sem a marca pronominal” (cf. BARROS, 2016, p. 9). Para tanto, a base teórica e metodológica que deu sustentação às análises e aos resultados apresentados pela autora foi a Linguística Funcional Centrada no Uso, mais especificamente, a Gramática de Construções, uma fusão entre pesquisas da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva.

Conforme explicado por Barros (2016, p. 9)

a Gramática das Construções é uma abordagem teórico-metodológica que considera a língua em uso e reconhece a existência de uma estreita relação entre as estruturas das línguas e o uso atualizado pelos falantes em contextos reais de comunicação.

Dessa forma, a língua surge das situações de uso e se estrutura em construções, em unidades linguísticas que associam forma e sentido. Contudo, a voz reflexiva é, então, parte da rede construcional da voz, em um esquema abstrato que recebe influência da transitividade verbal e da organização oracional.

As análises qualitativas se deram numa perspectiva pancrônica, uma abordagem temporal que considera diferentes momentos da história de formação da língua portuguesa, no caso, desde o latim vulgar ao português moderno e o Português Brasileiro contemporâneo, nos séculos XX e XXI.

Sobre o conceito de reflexividade a autora parte do princípio de que esta é uma noção semântica relacionada “à correferencialidade na determinação da agentividade e do afetamento, realizada linguisticamente no português, entre outros meios, pela configuração oracional da voz reflexiva” (BARROS, 2016, p.13).

Ainda com relação ao conceito de reflexividade adotado na pesquisa, transcrevemos as palavras da autora

a VRP (ou VRM)<sup>58</sup> pressupõe uma estrutura biargumental na qual o sujeito (Arg1) e o objeto (Arg2) referem-se à mesma entidade no mundo. Quando a casa do Arg2 é preenchida pelo pronome reflexivo, essa marca 1 conhecida também como voz reflexiva direta ou voz reflexiva ou propriamente dita e, neste trabalho, equivale também à voz reflexiva marcada (VRM). morfológica indica a correferencialidade entre objeto e sujeito e a simultaneidade dos papéis semânticos do agente e do paciente, ou seja, na estrutura oracional, o sujeito acumula simultaneamente as funções de agente e paciente (BARROS, 2016, p. 13).

Entretanto, Barros observou no trabalho de (2011) que em Goiás nem sempre a casa do Arg2 é preenchida, como ocorre no exemplo (267):

(267) aí ele feis de conta que saiu... bateu o pé... feis de conta que ia em/bora... **escondeu** atrais da... na privada lá... aí eu saí pô ponta de pé... ele foi pegô eu puxô po braço... aí foi a taca sadia (CONT, PB, OR, FG, Inq. 8).<sup>59</sup>

Assim, se a casa do Arg2 é preenchida pelo clítico pronominal ocorre a voz reflexiva marcada (VRM). Mas já se acontece o contrário, a casa do Arg2 não é preenchida, ocorre a voz reflexiva não marcada (VRNM), indicando a voz reflexiva prototípica (VRP), indicando que está havendo uma mudança linguística em curso, com uma nova configuração construcional da voz reflexiva no Português Brasileiro, a exemplo do que têm também sido observado por outras pesquisas, conforme mencionamos em vários outros momentos.

A hipótese central da pesquisa de Barros (2016, p.14) é que a supressão do clítico pronominal dá indícios de “uma construcionalização, um tipo de mudança que envolve a

<sup>58</sup> “Conhecida também como voz reflexiva direta ou voz reflexiva ou propriamente dita e, neste trabalho, equivale também à voz reflexiva marcada (VRM)” – (cf. BARROS, 2016, p. 13).

<sup>59</sup> O exemplo (267) foi transcrito de Barros (2016, p. 14, grifos da autora).

alteração da própria conceptualização dessa voz, a elaboração interna da construção e afetando a configuração da rede da voz”.

Essa hipótese foi associada a outras, como a de que esteja havendo uma aproximação com as bases latinas do português, o que justificaria a proposição de análises desde as origens do Latim até os dias atuais, numa perspectiva diacrônica. E ainda, há a hipótese de que a VRNM tenha surgido de influências formais e de sentidos originárias de mais de uma voz, sendo fruto de uma dupla herança de vozes, resultando numa mudança dos traços de transitividade na relação entre sujeito e objeto, impactando no grau de transitividade que passa a ser diferente nas construções da VRM e da VRNM.

A autora enfatiza, contudo, que sua pesquisa reconhece que a VRM e a VRNM não são apenas variações formais da voz reflexiva prototípica, mas são instanciações de diferentes construções de voz, por possuírem funções diferentes, abarcando os domínios sintático-semântico das sentenças.

As hipóteses elencadas deram origem a questionamentos que a pesquisa buscou responder: “: i) a mudança na voz reflexiva é apenas na forma ou também no sentido?; ; ii) realmente estaria surgindo um novo nó na rede construcional da reflexividade?; iii) essa mudança teria alguma relação com as bases românicas compartilhadas pelas línguas neolatinas?” (BARROS, 2016, p. 15).

Com relação aos resultados obtidos por Barros (2016) destacamos aqueles que fazem referência à fala goiana, pela estreita relação destes com a pesquisa que empreendemos.

De acordo com a pesquisadora,

os dados revelaram um processo de regularização: nos séculos XVIII e XIX, houve a implementação e a estabilização da voz reflexiva através de estruturas de superfície que identificam o que se vem denominando nesta tese de voz reflexiva prototípica ou voz reflexiva morfologicamente marcada, a VRM, o que indicia uma configuração esquemática própria da língua falada atualmente no Brasil. (BARROS, 2016, p. 139).

Já ao que se refere aos dados diacrônicos, a pesquisa relevou que não houve registros do emprego dos verbos pesquisados virem desacompanhados do clítico pronominal. Sobre a fala goiana, foi observado que “a voz reflexiva está sendo atualizada sem a marcação pronominal do objeto direto”, com a estruturação semelhante a VRNM (cf. BARROS, 2016, p.140).

As análises se deram com 17 verbos mais prototípicos para a elaboração da voz reflexiva, selecionados anteriormente na pesquisa realizada pela autora no ano de 2011, por aparecerem predominantemente sem a marca pronominal. Para tanto, no trabalho de 2016 foram

selecionadas todas as ocorrências em que estes verbos se caracterizavam como construções de voz reflexiva prototípica ou direta, em que a reflexividade estivesse marcada (VRM) pela presença do clítico pronominal ou não marcada (VRNM) pela ausência desse clítico pronominal.

A *tabela 11*, transcrita de Barros (2016, p. 145), demonstra o quantitativo de *tokens* de voz reflexiva em 18 diálogos do *corpus* do projeto Fala Goiana:

Tabela 11 – Quantitativo de *tokens* da voz reflexiva na Fala Goiana

| Tipos de ocorrências        | Uso | Percentual de Uso |
|-----------------------------|-----|-------------------|
| VRM – com o pronome         | 08  | 8,43%             |
| VRNM – sem o pronome (zero) | 87  | 91,57%            |
| Total                       | 95  | 100%              |

Fonte: Barros (2016, p. 145).

Barros (2016) relata que os percentuais apresentados na tabela confirmam os resultados encontrados por Barros (2011) e demonstram a tendência dos goianos em optarem pela VRNM. Embora considere que há contextos mais formais que solicita a marcação por meio do emprego dos clíticos, em especial nas situações de contextos reflexivos em que o uso do clítico torna a comunicação mais clara e eficiente.

A *tabela 12*, transcrita de Barros (2016, p. 145), apresenta os verbos analisados e os resultados destas análises, diferenciando as ocorrências por tipo de verbo:

Tabela 12 – A voz reflexiva na Fala Goiana em contraste com os tipos de verbos

| Verbo                | Marcada - VRM | %    | Inferida - VRNM | %     |
|----------------------|---------------|------|-----------------|-------|
| Afastar              | 3             | 50   | 3               | 50    |
| Alimentar            |               |      | 1               | 100   |
| Apresentar           |               |      | 1               | 100   |
| Aprontar (vestir-se) | -             | -    | -               | -     |
| Arrumar              |               |      | 2               | 100   |
| Convencer            | 2             | 100  |                 |       |
| Cortar               |               |      | 2               | 100   |
| Encantar             |               |      | 1               | 100   |
| Encostar             |               |      | 1               | 100   |
| Esconder             |               |      | 2               | 100   |
| Formar               |               |      | 5               | 100   |
| Machucar             |               |      | 9               | 100   |
| Matar                | 1             | 100  |                 |       |
| Mudar                |               |      | 57              | 100   |
| Oferecer             | 2             | 100  |                 |       |
| Preparar             |               |      | 1               | 100   |
| Queimar              |               |      | 1               | 100   |
| Total                | 8             | 8,43 | 86              | 91,57 |

Fonte: Barros (2016, p. 145).

Conforme observa-se na tabela acima, a voz reflexiva marcada – VRM teve índices bastante diferentes da voz reflexiva não marcada – VRNM, esta última sendo mais favorecida na fala goiana. Além disso, a autora relata que, com relação à pessoa do verbo, tanto no que se refere às formas marcadas, como as não maradas, houve uma equidade entre a primeira e terceira pessoa, não havendo tendência de marcação ou de não marcação para uma ou outra pessoa. Já sobre a segunda pessoa foi registrada pela pesquisa apenas uma ocorrência. Isso se deve ao gênero textual entrevista, de onde os dados foram extraídos, tendo em vista que o *corpus* do Projeto Fala Goiana é constituído por entrevistas semiestruturadas e os informantes serem incentivados a produzirem relatos de experiências, o que não favorece o emprego da segunda pessoa.

Barros entende que os processos que envolvem tanto a marcação da voz reflexiva, quanto a não marcação, são complexos e resultantes de uma série de fatores, especialmente os de natureza sintático-semântica e pragmático-discursiva, articulando os aspectos cognitivos e contextuais. Por isso, percebeu-se a necessidade de investigar a **transitividade** dos verbos estudados, como parâmetros sintático-semânticos e a **analogia** como processos cognitivos.

Os dois parâmetros foram discutidos pela autora em dois subtópicos. Nós optamos por apresentar aqui um recorte das análises desenvolvidas.

Para discutir a transitividade verbal Barros (2016) recorre a Givón (2001) para quem este é o um fenômeno complexo porque envolve componentes sintáticos e semânticos. A partir de um exemplo com o verbo *cortar* a pesquisadora afirma que este e outros verbos da mesma natureza semântica, como *machucar*, *ferir*, *queimar* podem perder a transitividade em alguns usos, o que é evidenciado pela ausência do clítico pronominal em função reflexiva, conforme o exemplo (268):

(268) Essa no braço foi quando... ah essa aqui foi uma veiz qu/**eu cortei** foi no... no vidro do do fogão... essa ai eu já tava bem véi... já tava casado... foi um probrema que teve lá em casa lá e eu como se diz tinha tomado um gole peguei caí... (CONT, PB, OR, FG, Inq. 3).<sup>60</sup>

Estes verbos, de um mesmo campo semântico, “podem descrever ações que implicam diferentes papéis e categorias aos argumentos envolvidos, que não se limitam somente ao grau de agentividade do sujeito ou de afetamento do objeto” (BARROS, 2016, p. 147).

---

<sup>60</sup> Os exemplos (268) a (273) foram transcritos de Barros (2016, p.147-148, grifos da autora).

Neste sentido, o traço [+/- humano] do paciente é relevante para demarcar os graus de transitividade do verbo. Ainda sobre o verbo *cortar* Barros (*ibidem*) informa que ele pode descrever ações que são prototipicamente transitivas quando o sujeito é intencional e os argumentos são entidades diferentes: sujeito agente [+hum], [+cont], [-afet], intencional; e o objeto paciente [-hum], [+afet], registrando uma mudança física; o verbo é de ação, [+tel], perfectivo e pontual. A fim de ilustrar tais configurações a autora cita os seguintes exemplos, os quais transcrevemos:

(269) Ele *cortou* o bolo em duas partes.

(270) Ele *cortou* o inimigo com a faca.

(271) Ele *cortou* o cabelo para ir à festa.

(272) Ele *cortou* o dedo no copo quebrado.

(273) Ele queria se matar, mas apenas *cortou* a si mesmo.

Nestas orações a transitividade é alta, contudo, o que ocorre na frase (271) é diferente do que acontece nas orações (269) e (270). Nas duas primeiras “o sujeito é [+humano], não agente, intencional e não ativo; o objeto é [-humano], afetado, e o verbo registra uma mudança física no objeto, é de ação perfectivo e pontual” (BARROS, 2016, p. 148).

Assim sendo, a diferença entre as duas primeiras e a terceira sentença está no tipo de comportamento do sujeito no processo verbal e na força motivadora da ação, que é conhecida nas duas primeiras e não conhecida na terceira, o que faz com que as primeiras sejam identificadas como ativas prototípicas, enquanto que o exemplo (271), ainda que seja categorizada como ativa, mas devido a detransitividade, pela ausência de traços de atividade do sujeito, não se categoriza como uma sentença ativa prototípica.

Nas sentenças (272) e (273) percebe-se uma alta transitividade do verbo. De acordo com Barros (2016, p. 149), em: *Ele cortou o dedo no copo quebrado*, “o sujeito é [+humano], [-agente], [-intencional], [-ativo], [+paciente], [+afetado], o objeto é [+humano], [+afetado], [+paciente] e registra-se uma mudança física; o verbo é de ação e descreve um evento perfectivo e pontual”. E continua a autora,

a ação não parte do sujeito, ao contrário, apresenta causa e força externas às relações da predicação básica, essa força é expressa na oração em proveito dos interesses comunicativos, pois o afetamento ocorre de maneira pontual, mas o sujeito também é afetado (BARROS, 2016, p. 149).

Já na sentença: *Ele queria se matar, mas apenas cortou a si mesmo*, “o sujeito é [+humano], agente intencional, [+ativo], mas também paciente; o objeto é [+humano], afetado, paciente, registra uma mudança física; o verbo permanece de ação, perfectivo e pontual” (p. 149). Ocorre uma mudança no *status* do sujeito e do paciente, que “impõe” ou torna mais necessária a informação sobre o objeto, que é também o próprio sujeito. Essa informação é expressa por *a si mesmo*, mas poderia ser expressa pelo clítico pronominal reflexivo *se*, sem nenhum prejuízo comunicativo.

Barros estabelece ainda um paralelo dos objetos das sentenças citadas resumindo-os como:

i: **os objetos** *bolo* e *inimigo* – **entidades diferentes** do sujeito, pacientes e afetadas; sofrem ações que partem de sujeitos agentes, intencionais, ativos, motivadores e controladores da ação. ii. **os objetos** *cabelo* e *dedo* – **entidades parcialmente correferentes** ao sujeito (porque o integram), pacientes, sofrem ações que não partem do sujeito, cuja motivação e força são conhecidas ou não. iii. **o objeto** *a si mesmo* – **entidade correferente** ao sujeito, paciente e afetado pela ação intencional do sujeito, motivação e força são conhecidas (BARROS, 2016, p. 150, grifos da autora).

Sobre o uso das expressões *ele mesmo*, *a si mesmo* muito usadas pelos falantes goianos pode ser motivado pela baixa frequência do uso do clítico pronominal. Ao invés de dizer *Ele se cortou*, o falante constrói sentença como *Ele cortou a si mesmo*, como ênfase de que a ação foi mesmo realizada pelo sujeito-agente em *si mesmo*, sobre o corpo do sujeito-agente-paciente.

Bybee (2015 *apud* BARROS, 2016, p. 152) esclarece que “essa prática pode favorecer ainda mais o não uso do pronome, uma vez que forças opostas (forma pronominal *vs* outras construções com valor reflexivo) estão em embate e a forma pronominal é a menos frequente”.

Com relação aos processos analógicos e a voz reflexiva a autora recupera os pressupostos da LFCU e a maneira holística que a memória trabalha, a partir da ideia de que na língua os arranjos e rearranjos não acontecem de forma isolada, mas que o falante estabelece relações analógicas com outras estruturas e acontecimentos linguísticos já existentes, associando formas e significados que possibilitam surgir usos diferentes. Isso se dá em função dos processos analógicos e da memória rica dos usuários (cf. BYBEE, 2010).

Barros (2016, p. 150) lembra que a voz reflexiva solicita um arranjo linguístico complexo e que, além disso, a organização da transitividade demanda “esforço cognitivo e, muitas vezes, processos analógicos, pode e é atualizado por uma sintaxe mais simples, como ocorre na fala goiana”.



A experiência discursiva com a construção média é produtiva e cumpre com os objetivos comunicativos e influencia outras experiências representativas semelhantes: *ele morreu* > *ele caiu* > *ele machucou*. Nota-se que há uma associação que é analógica e conta com a contribuição da memória rica do falante, “uma vez que existe o estoque mental dos detalhes de experiências linguísticas discursivamente produtivas, que se aplica a experiências semelhantes” (p. 152). A autora reafirma, em diversos momentos da tese, que a VRNM observada na fala goiana, é resultante de outros processos analógicos, de associações feitas pelos falantes com outras construções existentes no sistema linguístico.

Na seção dedicada às considerações finais a autora reitera que a tese foi motivada pelas mudanças que o Português Brasileiro vem passando com relação a voz reflexiva, em especial a fala goiana, caracterizada pelo apagamento do clítico pronominal, na função de objeto direto, como indicativo dessa voz.

Duas hipóteses principais orientaram a elaboração do trabalho. Uma está relacionada ao fato de que as mudanças não atingem somente ao que se refere ao clítico pronominal, mas que atinge toda a rede construcional que envolve a voz reflexiva. O que significa dizer que ela extrapolou o nível sintático, afetando também os níveis semântico e pragmático, por implicar em alterações na forma e no significado das construções. Essa mudança é marcada pela concorrência entre os usos da voz reflexiva prototípica ou marcada morfológicamente (VRM), caracterizada pela *presença* do clítico pronominal e os usos da voz reflexiva não marcada morfológicamente (VRNM), nas construções em que ocorre a *ausência* do clítico pronominal.

A outra hipótese está relacionada às bases latinas que fazem parte da origem do português, tendo em vista que as suspeitas eram de que a ocorrência de algum fenômeno na formação da voz no latim vulgar ou ao longo da formação da língua portuguesa pudesse contribuir para a compreensão da mudança observada no Português Brasileiro contemporâneo.

Essas duas hipóteses encaminharam a pesquisa para uma perspectiva panocrônica, com enfoque na história da formação do português, em contraste sutil com o italiano. Além disso, observou-se, também, a configuração da voz reflexiva no Português Brasileiro contemporâneo, visando compreender as bases construcionais e identificar as principais mudanças implementadas com relação à voz reflexiva.

As análises na perspectiva panocrônica confirmaram, parcialmente, a segunda hipótese projetada, revelando inicialmente a existência de uma diversidade de formas de superfície, todas elas instanciando uma mesma construção VRM. Essa diversidade se deve a uma série de fatores: “ausência de regularidades nos períodos iniciais do português; tendências

de inversões sintáticas, que tinham como objetivo principal atribuir proeminência a algum dos termos da oração; e ao amplo uso do pronome para diversas funções” (BARROS, 2016, p. 167). Foi observado, ainda, que “as diversas formas existentes nos séculos iniciais foram se especializando e apresentando uma configuração mais simples prototípica do PB contemporâneo” (BARROS, 2016, p. 167).

As análises dos dados do Português Brasileiro contemporâneo demonstraram que a rede construcional da voz reflexiva está em mudança, e esta mudança é condicionada por diversos fatores cognitivamente elaborados, como as alterações na transitividade, em virtude da alteração nos traços semânticos dos argumentos envolvidos nas orações, e os processos analógicos que têm reforçado a ocorrência de estruturas VRNM, somados aos fatores pragmáticos de informatividade e economia, têm contribuído para a reconfiguração da voz reflexiva.

Barros (2016, p. 168) conclui que

a reflexividade, que representa uma cena da experiência humana, e que é linguisticamente expressa pela voz reflexiva, é representada no PB por meio do instanciamento de duas construções: a voz reflexiva marcada VRM, representada pelo subesquema [SNag **Vaço** SPcorref.S/at/ **pac**], e a voz reflexiva não marcada VRNM, representada pelo subesquema [SN **Vaço**  $\emptyset$ ], esta predominante no dialeto goiano (grifos da autora).

Um dos questionamentos da pesquisa se refere ao tipo de mudança que essas construções instanciam. A mudança na forma, observada pela *ausência* do clítico pronominal, implica também em alterações na composição do significado, comprovando que a forma VRNM não é uma legítima representante da voz reflexiva, nem da voz média não clítica. Outra mudança observada é que na construção VRNM, o sujeito não apresenta os traços de agente e paciente, que caracterizam uma reflexiva prototípica, o que significa dizer que a forma VRNM se afasta da forma VRM e vai em direção à voz média.

Conforme recomenda Barros (2016, p. 167), outras investigações se fazem necessárias para compreender os “subsistemas construcionais que podem ter sofrido interferência dessa mudança, ou seja, cabe ainda conhecer as possíveis consequências desse rearranjo do sistema de voz no sistema gramatical do PB”. Logo, não restam dúvidas de que cabem ainda muitas outras pesquisas, visando compreender o funcionamento e os possíveis rumos do fenômeno linguístico em questão, em outras comunidades de fala, em Goiás e no Brasil.

Apesar de serem bastante consistentes e relevantes para a nossa pesquisa e para a compreensão da estruturação dos clíticos pronominais e os verbos reflexivos/pronominais em

Goiás, os trabalhos realizados por Barros (2011; 2016) se concentraram em duas comunidades de fala localizadas relativamente próximas entre si, Goiânia e a Cidade de Goiás, conforme eram os interesses da pesquisa proposta pela autora naquele momento.

Nesse sentido, a nossa pesquisa poderá servir de ampliação dos resultados alcançados por Barros, tanto na perspectiva linguística, quando se buscará compreender como o falante, gramático intuitivo por excelência, faz seus arranjos e rearranjos linguísticos, ora empregando, ora não empregando os clíticos pronominais, nos contextos da reflexividade e pronominalidade verbal, como também pela ampliação dos espaços geográficos e sociais investigados em Goiás.

#### 4.11 Outras pesquisas acerca dos clíticos pronominais em contextos de reflexividade/pronominalidade

Além destes trabalhos de pesquisa, listamos no quadro abaixo outros que também empreenderam na descrição e compreensão do funcionamento dos clíticos pronominais em contextos de reflexividade no Português Brasileiro. Optamos por mencioná-los, fazendo jus às suas contribuições científicas, mas sem, no entanto, descrevê-los de forma tão detalhada e exaustiva, por não ser este o nosso objetivo aqui. O propósito é somente o de informar ao leitor interessado sobre a existência de outros estudos que não foram descritos nos tópicos anteriores:

Quadro 10 – Outras pesquisas sobre os clíticos pronominais no Português Brasileiro

| Pesquisador                   | Título do trabalho  | Ano  |
|-------------------------------|---|------|
| GRAEBIN, Gersa de Souza       | <i>Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica.</i>                  | 1996 |
| GRAEBIN, Gersa de Souza       | <i>A interpretação “reflexiva” do pronome no Português do Brasil.</i>   | 1986 |
| MARTINS, Ana Maria            | <i>Clíticos na história do português</i>  | 1994 |
| PEREIRA, Deize Crespim        | <i>Uso de formas pronominais no português popular de São Paulo: instâncias de hipercorreção e de duplicação</i> | 2010 |
| MELO, Neide da Silva Souza    | <i>O clítico se com valor reflexo ou recíproco: uma abordagem sociolinguística.</i>                             | 2005 |
| MENON, Odete Pereira da Silva | <i>Considerações em torno do SE 1. SE passivo?</i>  | 1993 |
| MENON, Odete Pereira da Silva | <i>L'indétermination du sujet dans portugais parlé au Brésil, a partir des données du NURC/SP</i>               | 1994 |
| ROCHA, Ângela de Fátima       | <i>Clíticos Reflexivos: uma variante sociolinguística na cidade de Ouro Preto</i>                               | 1999 |
| SEARA, Isabel Christine.      | <i>Estudo de uma hipótese semântico-pragmática para a omissão dos clíticos pronominais</i>                      | 2000 |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

## CAPÍTULO 5

### OS RESULTADOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS DA PESQUISA

Este capítulo tem como propósito apresentar os principais resultados constantes nos indicativos numéricos e tabelas produzidas a partir das informações geradas pelo programa estatístico GoldVarb X.

No entanto, é importante comentar que uma vez de posse dos números, era preciso, então, interpretá-los à luz das teorias, tendo em vista que um programa estatístico, por si só, não entrega todas as informações contidas nos dados. Muitas delas dependem de leituras e relações inferenciais do linguista pesquisador. A grande quantidade de números produzida pelo programa, rodadas após rodadas, sozinha não consegue explicar os resultados das variáveis e suas relações com o fenômeno linguístico estudado. Essa é mais uma das tarefas atribuídas ao linguista pesquisador. É ele quem precisará dar conta das informações contidas nos valores numéricos. Para Guy e Zilles (2007, p. 42), “os números não são nenhuma de nossas perguntas; eles são apenas estatísticos inferenciais adicionais que podemos usar como indicadores empíricos na nossa busca por respostas”.

Assim, de posse dos números vamos, então, às suas interpretações. Estes serão apresentados ora em números percentuais, ora em pesos relativos, ora com os dois valores, a partir da variável dependente binária: *presença x ausência* do clítico pronominal em contextos com verbos reflexivos/pronominais.

A decisão de apresentar os resultados a partir da variável *presença* do clítico pronominal se deu em função de que partimos da hipótese de que o fenômeno se encontra, na comunidade de fala pesquisada, em processos de variação e de mudança linguística por meio de processos diversos, com possíveis interferências de fatores linguísticos e sociais. Logo, entendemos que seria mais coerente que apresentássemos primeiro os resultados relacionados à *presença* do clítico pronominal em oposição e em comparação aos resultados numéricos relacionados à sua *ausência*, nos referidos contextos linguísticos e sociais. Assim sendo, as tabelas e gráficos tratarão primeiro da *presença* e depois da *ausência* do clítico, numa ideia de processo evolutivo, de etapas que se sucedem, entendendo que o referido clítico se fazia presente em algum momentos e que, em função de interferência de fatores internos e externos ao sistema linguístico, esse foi apagado nos contextos estudados (cf. HOPER; TRAUGOTT, 1993; HEINE, 2003; BANDEIRA, 2007; MELO, 2005; MELLO, 2009; CASTILHO, 2010; BAGNO, 2011; BARROS, 2011; 2016; BAGNO; CASSEB-GALVÃO, 2017; entre outros).

Os números estão discriminados seguindo a ordem em que aparecem nas tabelas, o total de ocorrências em que observamos a *presença* do clítico ou a possibilidade de ele se fazer presente naquele contexto discursivo e naquela variável analisada, a soma das *presenças* do clítico, os valores em percentuais dessa *presença* e os valores em pesos relativos calculados pelo programa estatístico. Em seguida, estas mesmas referências são apresentadas também com relação às *ausências* do clítico, da mesma forma, contabilizadas.

É oportuno explicar que os valores, em pesos relativos, foram considerados como favorecedores da ocorrência do fenômeno, aqueles em que os valores são acima de .500. Os valores abaixo desse peso são considerados como desfavorecedores à manutenção da regra, que é a *presença* do clítico pronominal, nestes contextos verbais.

Decidimos apresentar três Algarismos, depois da vírgula, para os valores em pesos relativos, por ser este o tipo de apresentação mais vista entre os trabalhos da atualidade. No entanto, entre os trabalhos mais antigos a representação se dá de dois Algarismos após a vírgula. Assim, quando transcrevemos os resultados dos outros trabalhos, citamos os valores conforme fazem seus autores, com dois Algarismos após a vírgula (cf. NUNES, 1995; BANDEIRA, 2007; MELLO, 2005; 2009; entre outros).

Chamou a nossa atenção o fato de os pesos relativos verificados entre os pronomes do tipo *inerente*, serem **.242** para a *presença*, visto que, nestes casos, esperávamos que o clítico já se encontraria inerente ao verbo, junto dele, logo se faria mais presente. Por outro lado, tal *ausência* pode estar associada à ideia da redundância e do excesso de referenciação também observado por outros pesquisadores (cf. BANDEIRA, 2007; MELLO, 2009).

Mello (2009, p. 194) também não confirmou suas expectativas com relação aos clíticos do tipo *inerente*. Conforme relata a pesquisadora, “o valor de **.38** para os reflexivos e **.36** para os inerentes, o que contraria a minha hipótese inicial de que esses seriam tipos de pronomes que persistem em se manter junto ao verbo”. No entanto, se observamos atentamente esses são resultados passíveis de explicação, do ponto de vista linguístico. Aliás, na prática, quase todos os comportamentos, no que se refere à organização linguística dos falantes, podem ser explicados mesmo que hipoteticamente, mas seguindo sempre uma lógica linguística. E foi isso o que buscamos fazer com relação às interpretações dos resultados obtidos com as análises das variáveis independentes em função da variável dependente *ausência x presença* do clítico pronominal.

Além disso, é relevante informar que partimos do princípio de que a regra geral é a que solicita que os verbos reflexivos/pronominais devem ser marcados pela *presença* do clítico pronominal. Por outro lado, a regra que indica a variação ou a mudança linguística se dá quando

ocorre a *ausência* ou o apagamento ou a categoria vazia do clítico pronominal, denotando processos de inovação da língua.

Os resultados foram apresentados, inicialmente, por cada variável independente, separadamente, e também pelo cruzamento de variáveis, principalmente as sociais: *escolaridade* e *idade*.

### 5.1 Os resultados das variáveis significativas estatisticamente

Das dez variáveis independentes catalogadas<sup>61</sup>, cinco grupos de variáveis foram considerados significativas para a explicação da variação e mudança do fenômeno linguístico estudado, apresentados aqui hierarquicamente, por ordem de seleção feita pelo programa estatístico GoldVarb X: *faixa etária*, *escolaridade*, *tipos de discurso*, *transitividade do verbo* e *tipos de pronomes* (os grupos de fatores: 8, 9, 5, 3,2).

Conforme Guy e Zilles (2007, p. 62), em um empreendimento científico é importante “identificar as combinações de fatores que são LINGUISTICAMENTE mais gerais e verificar se elas são QUANTIFICAMENTE similares, em termos de seus efeitos sobre a variação em estudo” (grifo dos autores).

No total foram analisadas 528 ocorrências verbais e a rodada 33 foi considerada como a melhor rodada para apurar os fatores mais relevantes estatisticamente para a compreensão do fenômeno estudado, com nível de significância de **.746** e *input* **.001**. Esses resultados foram apresentados em forma de gráficos e tabelas, a partir do mais relevante para o menos relevante estatisticamente. Em seguida, foram apresentados os grupos de fatores estatisticamente considerados como menos relevantes, ou sem ‘significância’, mas que devem ser registrados para possíveis estudos posteriores, tendo em vista que a relevância se dá do ponto de vista estatístico e não do ponto de vista linguístico, que são aspectos interpretativos diferentes.

A nossa hipótese inicial é a de que a variável linguística *tipos do clítico pronominal* fosse a mais relevante para explicar a variação e a mudança linguística, em função do surgimento das novas formas indeterminadoras de sujeito percebidas no Português Brasileiro, e não a variável social *escolaridade*, conforme selecionado pelo programa, o que acaba sendo

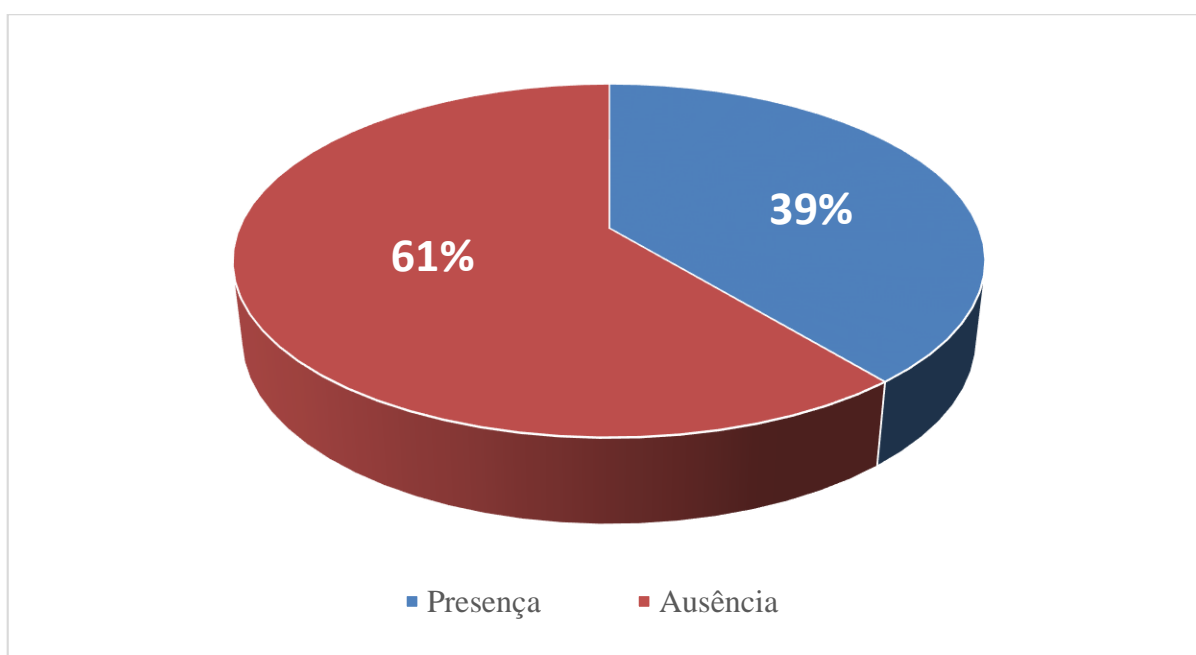
---

<sup>61</sup> Na descrição dos métodos e procedimentos da pesquisa indicamos 11 variáveis para procedermos com a análise, sendo: uma variável dependente binária: (1) *presença* (P) x *ausência* (Ø) do clítico pronominal e dez variáveis independentes: a) linguísticas: (1) *a pessoa do clítico pronominal*, (2) *a posição do clítico com relação ao verbo*, (3) *os tipos de clítico pronominal*, (4) *a transitividade do verbo*, (5) *a classe semântica do verbo*, (6) *os tipos de discurso* e (7) *a animacidade do sujeito*, b) sociais: (8) *sexo*, (9) *idade* e (10) *escolaridade*.

mesmo coerente, pois, como se sabe, a escola tem papel importante quando o assunto é variação, mudança ou conservadorismo linguístico. Esta discussão será retomada adiante, quando serão apresentados os resultados da variável *escolaridade*.

Conforme *gráfico 1*: o resultado geral da variável dependente: *presença x ausência* do clítico pronominal em construções com os verbos reflexivos/pronominais na comunidade de fala de Catalão-GO, em termos percentuais, indicam que em 39% das 511 ocorrências analisadas se percebe a *presença* do clítico, nos contextos verbais estudados, contra 61% de *ausência* destes clíticos em situações que eram possíveis os seus usos. Ou seja, em termos numéricos, 199 dados registraram *presença* do clítico e 312 registram a sua *ausência*.

Gráfico 1 – Resultado geral de *presença* versus *ausência* dos clíticos pronominais



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Com estes resultados gerais das variáveis dependentes é oportuno registrar que a nossa hipótese inicial se confirma. De fato, há um processo de apagamento do clítico pronominal nas construções com os verbos reflexivos/pronominais na comunidade de fala de Catalão-GO que aponta para uma mudança em curso.

Este já era um resultado, portanto, esperado por nós, em função de outras pesquisas realizadas em comunidades de fala de Minas Gerais, sobre as variações do clítico pronominal *se* (cf. VEADO, 1982; LEMLE, 1985; D'ALBUQUERQUE, 1988; LIMA, 2006) e em Goiás sobre os aspectos funcionais relativos ao (des)uso dos reflexivos no dialeto goiano (cf. BARROS, 2011; 2016).

Por outro lado, enquanto os resultados não são apurados, as hipóteses servem apenas como suposições do que pode ser a realidade de uma comunidade de fala. Contudo, são os resultados dos números o que, verdadeiramente, nos dão garantias sobre o que ocorre na comunidade em termos linguísticos, a partir de um recorte sincrônico específico e a partir de uma determinada seleção de fatores, linguísticos e sociais.

Isso significa dizer que quando os dados linguísticos são submetidos às análises estatísticas, a partir de um número de variáveis, no nosso caso, dez variáveis (*pessoa do clítico pronominal, posição do clítico com relação ao verbo, sexo do informante, escolaridade, etc.*), o que se projeta em uma pesquisa sociolinguística de base variacionista é avaliar em que medida essas variáveis independentes podem estar favorecendo ou desfavorecendo a ocorrência da variação, da mudança ou da preservação do fenômeno linguístico estudado. Em outras palavras, o programa estatístico GoldVarb X mede, em *input* e em pesos relativos, a possível influência dos grupos de fatores linguísticos e sociais sobre a variável dependente: *presença x ausência* do clítico pronominal, em forma de *input*.<sup>62</sup>

Conforme Guy e Zilles (2007, p. 102), de acordo com os modelos gerativistas de análise linguística, “as regras ‘opcionais’ são quantificadas, de modo que cada regra é associada a uma probabilidade geral de uso (o chamado ‘*input*’ ou  $p \emptyset$ ). Isso se dá, ao mesmo tempo em que “os elementos do contexto da produção são associados a pesos ou probabilidades parciais, indicando, para a cada fator, à medida que tal fator favorece ou desfavorece a regra em questão”. Dessa forma, de acordo com os autores “um conjunto de várias observações de variável em questão vai reproduzir a distribuição probabilística das regras variáveis e dos contextos que as afetam” (GUY; ZILLES, 2007, p. 102).

Assim, a partir das hipóteses e de inferências teóricas da Sociolinguística Variacionista propusemos um conjunto de variáveis que intuímos, naquele momento inicial, serem significativas para compreensão da possível variação, mudança ou preservação do fenômeno linguístico pesquisado na comunidade de fala de Catalão-GO.

No entanto, é importante retomar a explicação sobre como os resultados foram apresentados nas tabelas. Assim sendo, foram apurados os números de ocorrências em que o informante fez ou poderia ter feito o uso do clítico, porque o contexto lhe permitia esse uso, o número de *presença*, o número de *ausência* do clítico, os valores, em percentuais, e os

---

<sup>62</sup> De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 102) o *input* e os pesos relativos são quantificadores estatísticos de modelos distintos. “O *input* para cada regra é uma medida do uso geral do fenômeno, enquanto os pesos, associados aos fatores contextuais, são medidas do uso em tal contexto, relativo ao uso geral.”



respectivos pesos relativos, tanto para as *ausências*, quanto para as *presenças* contabilizadas em cada variável, linguística e social.

Também entendemos que é importante informar que priorizamos, nas apresentações dos resultados e discussões, primeiro as variáveis que o programa selecionou como ‘significantes’ estatisticamente, como fatores de maiores influências sobre o fenômeno linguístico estudado, os cruzamentos das variáveis sociais ‘significantes’, *idade/escolaridade*, e por último, os resultados e as discussões das variáveis ‘sem significância’ estatística, selecionadas pelo programa estatístico GoldVarb X.

Feitos os esclarecimentos, passemos, então, à apresentação dos resultados obtidos nas diversas rodadas do programa estatístico e as discussões destes resultados em função da variável dependente: *ausência x presença* do clítico pronominal em contextos dos verbos reflexivos/pronominais na fala de Catalão-GO.

#### 5.1.1 1º Grupo de fatores por significância estatística – a variável *idade*

O primeiro grupo de fatores, por relevância estatística, em relação à variável dependente, foi a variável *idade*. O que nos surpreendeu, porque não esperávamos que essa variável tivesse tamanha significância sobre a variável dependente.

Assim sendo, das 511 ocorrências analisadas, em 199 delas observamos a *presença* do clítico e em 312 registramos a sua *ausência* em contextos em que eram passíveis os seus usos, conforme a *tabela 13* abaixo.

Tabela 13 – Efeito da variável *idade*

| <b>Idade</b>                | <b>Presença N%</b> | <b>Peso</b> | <b>Ausência N%</b> | <b>Peso</b> |
|-----------------------------|--------------------|-------------|--------------------|-------------|
| Jovens = 18-29 anos         | 80/182 = 44%       | 0.628       | 102/182 = 56%      | 0.372       |
| Adultos = 30-49 anos        | 98/149 = 66%       | 0.701       | 51/149 = 34%       | 0.299       |
| Acima de 50 anos (Adulto +) | 21/179 = 12%       | 0.224       | 158/179 = 88%      | 0.776       |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

No que se refere à variável independente *idade*, explicamos que os informantes foram divididos em três grupos, denominados por Jovens, Adultos e Adultos+, com idades compreendidas entre: 18 a 29 anos (8 informantes), 30 a 49 anos (8 informantes) e acima de 50 anos (8 informantes), respectivamente.

Entre os jovens, os dados demonstraram que houve 44 % para a *presença* do clítico pronominal e 56% de *ausência*. Em pesos relativos estes números tiveram os seguintes valores: **.628** e **.372**, respectivamente. Assim, dos 182 dados produzidos pelos informantes jovens, em 80 dados percebemos a *presença* dos clíticos pronominais e em 102 a *ausência* desses mesmos clíticos. Ou seja, este pode ser um indicativo de que os jovens estão empregando cada vez menos os clíticos nestes contextos verbais, o que parece indicar que está em curso um processo de mudança linguística. No entanto, não sabemos se é possível afirmar, categoricamente, que se trata de mudança linguística tomando como referência somente os resultados da variável *idade*. Julgamos ser ainda precipitado!

Se por um lado os indicativos de que entre os adultos e os jovens há um expressivo uso dos clíticos pronominais, apesar de entre os jovens a *ausência* ser maior do que a *presença*, os resultados não se revelaram para nós como surpresa, porque já imaginávamos que o fenômeno se encontra em fase de mudança linguística, por meio dos processos de gramaticalização, logo, seria natural que entre os jovens houvesse mesmo um menor emprego dos clíticos pronominais (cf. BANDEIRA, 2007; MELLO, 2005; 2009, BARROS, 2011; 2016) e tantas outras importantes pesquisas realizadas nos últimos anos, acerca do fenômeno analisado no Português Brasileiro, conforme relatamos no capítulo 4 desta tese.

Apesar de os jovens ainda estarem na escola ou terem saído dela a pouco, mesmo os menos escolarizados, nota-se um alto índice de *ausência* do clítico pronominal. O que levaria a hipótese de que estes poderiam estar mais familiarizados com as normas padronizadas da língua tão prescritas pelas escolas e pelas Gramáticas Tradicionais. No entanto, não é exatamente isso o que se percebeu entre os informantes mais jovens. Eles têm consciência das prescrições gramaticais preservadoras promovidas pela escola, mas também propagam a variante inovadora, a categoria vazia do clítico pronominal em construções com verbos reflexivos/pronominais.

Já entre os entrevistados adultos, os números demonstram um maior conservadorismo do fenômeno pesquisado. Registramos os seguintes valores em percentuais e em pesos relativos: 66% dos dados analisados indicaram a *presença* do clítico e 34% a *ausência*, em pesos relativos, **.701** e **.299**, respectivamente. Dos 149 dados realizados pelos informantes adultos, 98 empregaram o clítico pronominal e 51 não o empregaram.

Tal resultado pode ser influenciado por dois fatores sociais, a ainda atuação do informante no mercado de trabalho e as constantes realizações de concursos e exames para o ingresso nesse mercado de trabalho. O que pode acarretar, portanto, um maior conhecimento e uma maior preocupação com a adequação às normas padrão da língua e, ainda, devido à

reprodução de um modelo de educação escolar, recebido por estes informantes que, provavelmente, priorizaram o emprego das regras e normas gramaticais da norma padrão do nosso idioma.

Como se sabe, os conteúdos com temáticas mais voltadas para a adequação linguística, a heterogeneidade, a variação e a mudança linguística, além de outros assuntos que abordem uma visão mais descritiva e menos prescritiva da língua chegaram há pouco tempo nas escolas brasileiras. Portanto, é natural que os informantes adultos estejam mais preocupados em reproduzir as normas padronizadas do “bom uso” e da polidez linguística.

Entre os informantes (adultos+), os com mais de 50 anos, os números nos surpreenderam, apenas 12% dos informantes entrevistados fizeram uso dos clíticos pronominais, enquanto que 88% os apagaram nos contextos verbais estudados. Em peso relativo, **.224** e **.0776**, respectivamente. Em número de ocorrências, foram analisadas 179 situações contextuais que favorecem ao emprego dos clíticos pronominais. Destas, em 21 ocorrências houve a *presença* e em 158 registramos a sua *ausência*. Esses resultados nos surpreenderam, porque considerávamos que entre este público, os maiores de 50 anos, pudesse haver uma *maior presença* do clítico, em função de serem pessoas, talvez, supostamente, mais conservadoras.

Contudo, novamente acreditamos que pelo fato de o informante estar ou não inserido no mercado de trabalho e na escola, pode fazer diferença no tipo de fala produzida e nos processos de mudança ou preservação do *vernáculo*. Tendo em vista que estes informantes estão longe da escola há bem mais de tempo e que alguns já estejam longe do mercado de trabalho, pode ser que já tenham se distanciado dos modelos e regras gramaticais prescritas pela escola.

Em tempo, enfatizamos novamente que a variável *idade* ser considerada estatisticamente como o primeiro fator mais relevante pelo programa estatístico também foi motivo de surpresa para nós. Pensávamos que a variável *escolaridade* seria o fator social mais relevante, tanto do ponto de vista estatístico, quanto do linguístico. No entanto, não foi isso o que ocorreu.

Mello (2009) informa que os resultados da sua pesquisa também não confirmaram suas expectativas iniciais, com relação à variável social *idade*, que era de uma maior ocorrência de apagamento do clítico entre os jovens e maior presença entre os adultos. Os números demonstram o que a pesquisadora denominou por *ponto neutro*. O que corresponde em dizer que estatisticamente houve pouca oscilação de valores (**PR: .55; .49; .45** – referências dos idosos, adultos e jovens, respectivamente). Os resultados de Duarte (1989, p. 27) indicaram que

a *ausência* do clítico, entre os jovens, foi absoluta. Já nos números apurados por Monteiro (1994, p. 178) foram os idosos que mais fizeram uso dos clíticos pronominais, diferente dos resultados que encontramos.

Pereira (2007, p. 337) relata que encontrou os seguintes resultados para os dois *corpora* analisados e que viabilizaram estas conclusões: nos anos 1986-1987 eram os falantes mais velhos que mais realizavam os pronomes reflexivos (47%). Já no segundo período, de 1997-2001, eram os adultos jovens os que apresentavam frequência de realização (53%).

A diferença de realização dos clíticos, entre a primeira e a terceira faixa etária, é mais evidenciada no *corpus* de 1997-2001 (22%), do que no de 1986-1987 (10%). No primeiro, “a frequência de uso aumenta progressivamente, partindo dos falantes da terceira faixa etária (31%), para os de segunda (41%) e de primeira (53%)”, são resultados que possibilitaram, à autora, concluir que o fenômeno em São Paulo estaria numa *mudança na direção da mudança*. Os falantes paulistas estariam retornando ao uso dos clíticos pronominais. Ou seja, houve a perda do clítico nos contextos reflexivos e depois o seu retorno (cf. PEREIRA, 2007, p. 337).

Bandeira (2007, p. 195) parte da variante que como nós também chama de inovadora, no caso, o apagamento do clítico pronominal e apura o que se mostra mais frequente entre os mais jovens, com pesos relativos de **.73** e menos frequente entre os mais velhos **.30**. Contudo, a partir dos resultados observados na variável a pesquisadora propõe o seguinte questionamento: “Mas será suficiente essa diferença para denotar mudança em curso?”. O que ela mesma responde: somente os resultados da variável *idade* não são suficientes para afirmar que se trata de uma mudança em curso, tendo em vista que outras variáveis não foram selecionadas estatisticamente como significantes, como: *sexo* e *escolaridade*, por exemplo, e que, com base em Labov (1966 *apud* BANDEIRA, 2007), é prematuro pensar nesta conclusão. A autora questiona, ainda, se tais resultados indicariam uma mudança em tempo aparente ou um fenômeno de gradação etária, observado somente entre os mais jovens.

Assim como já argumentamos, com relação aos resultados encontrados por nós, também deduzimos que outros fatores podem influenciar a ocorrência da variante apagamento do clítico pronominal, dentre eles a *escolaridade* e a permanência do informante no mercado de trabalho. Dessa forma, pensamos, também, que é prematuro defender que esteja ocorrendo uma mudança linguística em Goiás e em especial em Catalão, com base somente nos resultados da variável *idade*.

Esse fator pode ser um dos indicadores de mudança linguística sim, porém, ele, por si só, não é capaz de responder por ela de forma segura e incontestável. O que significa dizer

que foi necessário avaliar outras possíveis interferências, a fim de obtermos conclusões mais assertivas.

### 5.1.2 2º Grupo de fatores por significância estatística – a variável *escolaridade*

Qualquer pesquisa sociolinguística entende como sendo um fator importante de análise linguística o nível de *escolaridade* dos informantes. Nos nossos dados, esse fator foi selecionado pelo programa estatístico como sendo o segundo fator mais relevante para a compreensão da variação ou mudança quanto à *ausência* dos clíticos pronominais, nos contextos de ocorrência dos verbos reflexivos/pronominais.

Os números relacionados na tabela abaixo demonstram os seguintes resultados: entre os informantes de baixa *escolaridade* (os de nível de ensino fundamental), em termos percentuais, em 11% dos dados analisados os informantes empregaram os clíticos pronominais e em 89% não os empregaram. Logo, em pesos relativos, **.187** para a *presença* e **.813** para a *ausência*, uma diferença em percentual e em peso relativo bastante expressiva. Das 84 situações de possíveis ocorrências de um clítico pronominal, entre os informantes de baixa *escolaridade*, somente em 9 dados registramos essa *presença* e em 75 foi percebida a *ausência* deste clítico.

A *tabela 14* abaixo apresenta os valores numéricos referentes à variável *escolaridade*:

Tabela 14 – Efeito da variável *escolaridade*

| Escolaridade               | Presença N%   | Peso  | Ausência N%   | Peso  |
|----------------------------|---------------|-------|---------------|-------|
| Baixa (Ensino Fundamental) | 9/84 = 11%    | 0.187 | 75/84 = 89%   | 0.813 |
| Média (Ensino Médio)       | 51/210 = 24%  | 0.411 | 159/210 = 76% | 0.589 |
| Alta (Ensino Superior)     | 139/216 = 64% | 0.715 | 77/216 = 36%  | 0.285 |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Entre os informantes de *escolaridade* média, aqueles que concluíram o ensino médio, registramos os seguintes resultados: em 24 % dos dados os informantes empregaram os clíticos em ocorrências verbais em que estes seriam possíveis de aparecer e em 76% as ocorrências identificadas não os empregaram. Em pesos relativos encontramos os seguintes valores: **.411** para a *presença* e **.589** para a *ausência*. Das 210 possibilidades de usos dos clíticos pronominais, somente em 159 delas os informantes, de *escolaridade* média, os empregaram.

Já entre os informantes com alta *escolaridade*, os que concluíram o ensino superior, notamos que é alta a *presença* dos clíticos pronominais. Em termos percentuais e em pesos relativos, respectivamente. Entre estes entrevistados obtivemos os seguintes resultados: 64% de *presença* do clítico e 36% de *ausência*, **.715** de *presença* e **.285** de *ausência*. Das 216 situações passíveis para o emprego dos clíticos, em 139 ocorrências registramos a *presença* do clítico pronominal, entre os informantes que possuem alta *escolaridade* e, somente em 77 destas ocorrências, estes informantes não empregaram os clíticos. Nestes casos, ocorreu a categoria vazia para o acompanhamento pronominal do verbo.

Conforme os resultados obtidos, se compararmos os indicativos entre os três níveis de *escolaridade* analisados, em função da variável dependente, na comunidade de fala de Catalão, percebemos que há uma relação consistente entre a *escolaridade* e o emprego do clítico pronominal, o que significa afirmar que, quanto maior é o nível de *escolaridade* do informante, maior o emprego dos clíticos pronominais.

Notamos, ainda, que os entre os informantes que concluíram o ensino fundamental os números indicaram que são resultados que apresentam os menores índices de *presença* dos clíticos e os maiores registros de *ausência*. O contrário também foi verificado, entre os informantes com maior escolaridades, os de ensino superior, registramos um número bastante expressivo de uso dos clíticos pronominais, nos contextos verbais estudados.

Os exemplos (274) a (276) de fragmentos de fala transcritos das entrevistas com os informantes nos três níveis de escolaridade demonstram como fizemos a catalogação dessa variável:

(274) **Inf. 14:** Éh! eu mays ela nois| dá bem| ela é igual a vó| que as minha vó| morreu tudo né? Aí sobrou ela e|ela| nóis Ø **dá** certo| aí a gente arruma umas coisas| e depois não dá certo| e fica só Ø **complicando**, né? Não| mays não era igual hoje| Não era igual hoje| eu falo assim. . . | eu Ø **lembro** do meu pai falá, né? é eu Ø **lembro** do meu pai falá| que nem| meu irmão| meu irmão comprô o lotinho dele| seiscentos reais na época as pessoas não tá bem de vida| porque não sabe Ø **controlá**| mays não era pra tá muitas pessoa tá ruim de vida porque não sobe(m) Ø **controlá** antigamente os menino dava| eu não Ø **lembro** de menino com depressão na minha época| vamos supor assim. . . | eu Ø **lembro** disso| eu Ø **lembro** que tinha muita fartura **CBM-26HJB** – (*Escolaridade Baixa*).

(275) **Inf. 17:** Eu vou te falar| eu **me decepiono** muito| com as pessoa com o modo delas agir na sociedade pelo dinheiro| pela ambição| o que destrói é o ser humano nessa Terra aqui e aí o ego dele é muito grande| então eu já Ø **acostumei** com isso| então eu num| num Ø **decepiono** mais porque ele não me| **como** que **se diz** a palavra| eu não me surpreendo mais o que ele faz de

errado tendeu? Ø **depciono** com isso| com maltrato o próximo| nem comigo não precisa ser não, sabe? **MHS-29HJM** – (*Escolaridade Média*).

(276) **Inf. 4:** faz parte desse acompanhamento a gente ir até| nas escolas...| e... fazer lá o acompanhamento educacional| que **se resume** nas orientações que vem da Secretária do Estado de Educação. . . | um dia eu subi no pé de pequi| mesmo contrariando a... a minha mãe| que pediu pra'eu nem subi| e... ali eu...eu...| eu estive num galho mais fino|e **me parece** que. . . | ou galho Ø **quebrô**| eu nem **me lembro** direito| ou eu cai| **me lembro** qu'eu caí assim...| de u'a altura bem...| bem alta, né? pra menino| e eu **me lembro** que. . . | depois a minha mãe foi lá cobrá de mim| qu'ela tinha falado| que... qu'era pra eu ficá quieto e. . . | eu sô casado| atualmente...| eu sô casado...| minha esposa **se chama** R.| eu tenho u'a filha| I.|eu creio que. . . dentro de. . . | de um ano e meio| dois anos| ela já **tá se formando** já| eu . . . **me casei** em dois mil e dezesseis e. . . tenho hoje u'a filha com três anos de idade| ela nasceu em dois mil e dezessete| eu fiz Letras na UFG Catalão| hoje UFCAT, né? **ZGN-48HAA** – (*Escolaridade Alta*).

Os resultados e as transcrições indicam que quanto mais escolarizado é o informante, maior o domínio dos conhecimentos que a escola julga como adequados ao “bom falar” e maior “cautela” por parte do falante para o emprego das normas padronizadas da língua e das regras preconizadas pelas Gramáticas Tradicionais como as mais adequadas do ponto de vista social.

Valores semelhantes aos que encontramos também foram registrados por Bandeira (2007, p. 199) com relação à variável *escolaridade*. A *ausência* do clítico pronominal foi percebida em 79% dos dados analisados pela pesquisadora entre os informantes de baixa *escolaridade*, correspondente ao primário e, em 61% dos dados entre os informantes do ginásio também foi notada essa *ausência*. Já entre os informantes que concluíram o ensino superior os números indicaram uma ausência de 69% dos clíticos nos dados analisados. No entanto, Bandeira ressalta que na comunidade de fala Irati os números não revelam os mesmos resultados. E comenta, ainda, que “somos tentados a relacionar o nível primário ao maior apagamento, mas, somente por esse conjunto de dados e ainda em termos percentuais não vamos pensar na maior frequência como determinante para a opção *ausência*” (cf. BANDEIRA, 2007, p. 199). Dessa forma, para a autora, somente essa variável não é determinante para indicar o apagamento do clítico ou pelo menos, ela não deve ser a única.

Por outro lado, nesse mesmo sentido do que demonstram os números que registramos, Galves (2001), Cyrino (1999) e Mello (2005; 2009) consideram que há uma relação entre o nível de *escolaridade* dos falantes e o uso de objetos diretos anafóricos.

Nunes (1995, p. 211) verificou que “a escolaridade se revela como um fator de grande importância no condicionamento da variação existente na modalidade oral” da língua. Os números encontrados pelo pesquisador foram distribuídos da seguinte forma: uma média de 52% de *supressão* dos clíticos anafóricos foi registrada nas entrevistas, entre os informantes de 1º grau, em 65% dos dados analisados percebeu-se que houve supressão dos clíticos, entre os de 2º grau, nota-se 57% de supressão e entre os de 3º grau foram registrados 32% de apagamento dos clíticos. Para o autor

o fato de os falantes com 2º grau exibirem uma diferença de apenas 8% de supressão em relação aos falantes com 1º grau (ambos os grupos com média superior a 50%) sugere uma emergente neutralização entre os níveis de escolaridade quanto a adoção das estruturas inovadoras.

Ou seja, os falantes mais escolarizados tendem a promover a manutenção das estruturas conservadoras da língua, certamente influenciados pelos modelos das normas linguísticas percebidos e divulgados pela escola como sendo os melhores e os mais “corretos” para a comunicação cotidiana.

Nessa mesma direção, apontaram os números apurados por Mello (2005, 2009). No primeiro trabalho a autora, com base em Tarallo (1990), relaciona o resultado de um maior apagamento do clítico entre os jovens, provavelmente sob influência da escola. E ainda, ao citar o trabalho de Duarte (1989) Mello (2009, p. 207) reforça a ideia de que “a escola é um meio que municia o indivíduo com a habilidade de usar o clítico, e esse fator, associado à idade, é relevante para a realização de sua variante”.

Mello (2009, p. 207) acredita que a escola tem participação efetiva na divulgação do que é conhecido como “língua de prestígio”, isto é, “à medida que se aumenta o nível de escolaridade, mais elaborado e formal é o nível de língua” do informante.

Em contrapartida, a pesquisadora relata que os dados referentes à *escolaridade* e ao uso dos clíticos pronominais em João Pessoa demonstraram que o maior valor, em pesos relativos, foi observado entre os informantes analfabetos, **.60**, e que entre os de escolaridade média e alta os números são desfavorecedores à regra, com peso relativos **.46** para a *ausência* do clítico pronominal. A explicação, segundo ela, é que entre os analfabetos o uso do clítico anafórico está associado às normas de prestígio social da língua. Ou seja, o falante emprega as normas linguísticas prestigiadas socialmente somente pelo fato de elas serem prestigiadas, mas sem um conhecimento mais sistematizado e mais “consciente” dessas normas, mas muito mais



pela repetição, aleatória e involuntária dos modelos linguísticos prestigiados socialmente na comunidade.

Já sobre os valores observados entre os de *escolaridade* média e alta, a explicação é que “a presença do pronome não é favorecida”, pelo fato do apagamento do clítico não representar um fenômeno socialmente marcado e estigmatizado da língua. Em outros termos, significa dizer que, em termos sociais, o falante que não emprega o clítico pronominal, nos contextos de reflexividade, não o torna linguisticamente tão diferente daqueles que o fazem. E conclui Mello se posicionando, neste sentido, ao afirmar que “a variação não está limitada à baixa ou nenhuma escolaridade, mas indica que a variável não é saliente, e não há atribuição de valor social negativo”.

No entanto, percebemos que em Catalão o fenômeno do apagamento do clítico pronominal, nos contextos verbais estudados, está relacionado com o nível de *escolaridade* do informante. O que se dá, muito provavelmente, em função do domínio, por parte dos mais escolarizados, das regras da norma de prestígio do idioma, que são, como sabemos, tão valorizadas pelos sistemas escolares brasileiros (cf. VEADO, 1982; LEMLE, 1978; 1985; D’ALBUQUERQUE, 1988; NUNES, 1995; MELLO, 2005; 2009; MELO, 2005; BARROS, 2011; 2016).

### 5.1.3 3º Grupo de fatores por relevância estatística – *tipos de discurso*

Para o grupo de fatores tipos de discurso, foram analisadas quatro modalidades discursivas, conforme a *tabela 15* a seguir:

Tabela 15 – Efeito da variável *tipos de discurso*

| <b>Discursos</b>   | <b><i>Presença N%</i></b> | <b><i>Peso</i></b> | <b><i>Ausência N%</i></b> | <b><i>Peso</i></b> |
|--|---------------------------|--------------------|---------------------------|--------------------|
| Argumentação – Defesa de um ponto de vista a respeito de determinado assunto | 75/118 = 64%              | 0.663              | 43/118 = 36%              | 0.337              |
| Descrição a respeito da própria vida   | 79/245 = 32%              | 0.476              | 166/245 = 68%             | 0.524              |
| Descrição de fatos e acontecimentos relacionados à vida de terceiros         | 33/109 = 30%              | 0.408              | 76/109 = 70%              | 0.592              |
| Narração   | 11/38 = 29%               | 0.399              | 27/38 = 71%               | 0.601              |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A variável *tipos de discurso* foi o terceiro grupo de fatores com significância estatística considerado pelo programa. Para essa variável registramos os seguintes resultados: para os discursos que se caracterizam como argumentação – discurso que apresenta a defesa de um ponto de vista a respeito de determinado assunto, uma opinião sobre algo ou alguém, foram registradas 118 ocorrências em contextos em que os clíticos pronominais ou se fazem *presentes* ou estes se constituem em contextos linguísticos adequados para se fazerem presentes, mas o informante “optou” por não usá-los.

Desse total, em 75 ocorrências registramos a *presença* do clítico pronominal, o que corresponde a 64% delas e, **.663** em pesos relativos. Para a *ausência* dos clíticos foram contabilizadas 43 ocorrências, nesse tipo de discurso, 36% em termos percentuais e **.337** em pesos relativos. Portanto, uma diferença considerada como bastante expressiva, com o favorecimento para a *presença* do clítico pronominal nos discursos argumentativos.

O exemplo (277) demonstra o que consideramos como discurso do tipo argumentativo:

(277) **Inf. 9:** nós precisamos de mudar constantemente| não só por mim e pelos meus filhos| mays por todas as pessoas do Brasil e do mundo| nós temos que Ø **adequá** a tudo isso!| olha o meio ambiente. . .| (AMN-64MCM).

No tipo discursivo, descrição a respeito da própria vida, observamos o maior número de ocorrências. Ao todo 245 situações em que era possível o aparecimento do clítico pronominal. Destas, 32% em números percentuais, e **.476** em pesos relativos houve a *presença* do clítico. Logo, em 79 ocorrências registramos o acompanhamento do verbo pelo clítico pronominal. Observamos, também, que em 166 ocorrências desse tipo de discurso, num percentual de 32% delas, há a *ausência* do clítico, o que em pesos relativos corresponde a **.476** e há a *presença* em 68% dessas ocorrências, em números percentuais, e **.524** em pesos relativos. Portanto, há o favorecimento para a *ausência* do clítico nesse tipo de discurso.

O exemplo (277) ilustra como identificamos o tipo de discurso descrição a respeito da própria vida.

(277) **Inf. 19:** Eu acordo umas seis e meia da manhã| Ø **levanto** éh! tomo banho| organizo as minhas coisas| é saio pra trabalhar| **me permito** ter um horário de almoço| de uma hora| uma hora e meia| Mas::|eu procuro Ø **alimentar** bem| procuro cuidar bem da alimentação (FGR-3ØMAA).

Já no discurso do tipo descrição de fatos e acontecimentos relacionados à vida de terceiros, notamos os seguintes resultados: em 109 ocorrências, houve 33 casos em que foram registradas a presença do clítico, em 30% destas e **.408** em pesos relativos. Sobre a *ausência*, esta foi notada em 70% dos casos, em 76 das 109 situações em que era possível aparecer os clíticos nesse tipo de discurso. Já em pesos relativos **.592**, o que caracteriza para o favorecimento para a *ausência* do clítico pronominal.

O exemplo (278) se refere ao tipo de discurso descrição de fatos e acontecimentos da vida de terceiros.

(278) **Inf. 22:** A minha mulher trabalhou vinte e sete anos na mineração| era técnico em química| Ø **apostou** pegou o acerto de vinte e sete anos| emprestou pra uma mulher. Eu avisei, falei “-não empresta esse dinheiro, ela tá quebrando...” (**LMO-54A+HCB**).

Por último, para o tipo de discurso entendido como narração de acontecimentos de situações diversas, sem a participação direta do informante nos acontecimentos narrados, registramos os seguintes valores: para a *presença*, das 38 ocorrências, em 11 houve o preenchimento do clítico acompanhando o verbo, portanto 29% em termos percentuais e **.399** em pesos relativos. Para a *ausência*, registramos 27 ocorrências, das 38 que eram possíveis o emprego do clítico, em 71% delas não ocorre esse registro e em pesos percentuais **.601**. Nesse tipo de discurso foi observada a maior diferença entre a *presença* e a *ausência*, (29% e 71%) com indicativos que favorecem a *ausência* do clítico pronominal. A explicação pode estar relacionada ao fato de que nesses tipos de fala, sobre o outro e não sobre si, o informante não se percebe como parte da cena enunciativa e, por isso, como há um menor envolvimento emotivo, sugere também uma menor evidenciação do sujeito da ação, em consequência, menor emprego do clítico pronominal.

O exemplo (279) caracteriza o discurso do tipo narração a respeito da vida de terceiros:

(279) **Inf. 24:** Ele chegou e Ø **encostou** num poste assim da área| um shortinho e uma camisetinha daquelas de manguinha curta assim| É| - eu dou uma carona pro senhor até Catalão| ele jantou| Ø **sentou** num canto lá (**MRG-53A+HCB**).

Em síntese, os dados demonstram que no discurso do tipo argumentação, com pesos relativos de **.663**, considerado alto se compararmos os registros de *presença*, aos demais tipos

de discurso. Em todos os demais tipos discursivos notamos que há uma tendência para a *ausência* do clítico.

Assim como Mello (2009, p. 203), nós também buscamos em Tavares (2003, p. 214) fundamentos para compreender a relação entre os tipos de discurso e a *ausência x presença* do clítico pronominal.

Para as autoras, os eventos discursivos tem marcação em contínuos que podem ser caracterizados como: 1) narrativos: partem da sequência de eventos passados, delimitados no tempo e no espaço e não durativos; 2) descrição de vida: são eventos não tanto delimitados e durativos, normalmente são relatos da vida e envolvem descrição de fatos e ocorrências em que o informante foi, de alguma forma, personagem principal; 3) a descrição e a argumentação: são eventos em que ocorrem a ordenação, tanto de informações relativas às propriedades de um elemento qualquer, quanto da defesa de um ponto de vista, de uma opinião a respeito de algo.

Os resultados encontrados pelas autoras dão conta de que os contextos discursivos que exigem discursos mais elaborados, como os da argumentação, favorecem a manutenção do clítico pronominal, uma vez que se percebe uma maior imposição do domínio e do emprego da norma padrão da língua.

Neste sentido, Mello (2009) comenta que encontrou resultados muito parecidos do que apurou também Tavares (2003), no que se refere aos tipos de discurso e ao favorecimento da *presença* do clítico. Os números registrados por Mello dão conta de que em discursos do tipo argumentação houve 90% de registros da *presença* do clítico, **.64**, na descrição 85% e **.50** em pesos relativos, na descrição de vida 82% e **.45** de pesos relativos e nos discursos de narrativa 78% e **.41** em pesos relativos.

Os resultados encontrados por nós, em Catalão, também manifestam que, de fato, no discurso do tipo argumentação há uma tendência para manutenção da regra, solicitando uma maior *presença* do clítico pronominal. Neste sentido, acreditamos que a hipótese que explica esse resultado é a de que esse tipo de discurso exige maior formalidade linguística, logo, maior atenção é dispensada à norma padronizada do idioma.

Além disso, tendemos ao pensamento de que nos tipos de discursos em que o foco está no evento, na sequenciação dos fatos e na atuação das personagens há, por conseguinte, menor atenção às regras e normas pertencentes à norma padrão da língua, que prioriza a regra do uso do clítico nestes contextos verbais.

Contudo, é importante comentar que, no que se refere aos tipos de discurso, nem sempre foi possível identificar somente um único tipo nos fragmentos de fala analisados, uma vez que o informante passa de um tipo para outro com muita dinamicidade e pode ocorrer uma

sobreposição dos tipos discursivos. Dessa forma, procuramos identificar as características discursivas mais evidenciadas e tipificar os trechos de fala por meio destas características.

No entanto, ocorreram situações em que uma fala caracterizada, a princípio, como argumentação, tenha nela também características de narração, ou em falas percebidas como descrição da própria vida, tenham ocorrido exposições de acontecimentos e fatos relacionados a terceiros e, assim por diante.

O fato é que, em situações de entrevista, onde a espontaneidade e a naturalidade expressiva são importantes, os limites dos tipos de discurso são muito instáveis, até mesmo em função da dinamicidade que marcam as conversas e os diálogos entre as pessoas. Isto é, nas situações de entrevistas e de conversas, as pessoas vão de um turno discursivo para outro, de um assunto para outro, com muita agilidade e fluidez, assim como fazem com os tipos discursivos.

#### 5.1.4 4º Grupo de fatores por relevância estatística – a *transitividade do verbo*

Nossa quarta variável, por relevância estatística, é a *transitividade do verbo*. Os números demonstram que a maior *presença* do clítico foi observada junto aos verbos do tipo copulativos, denominados também por predicativos, de cópula ou de ligação como: *andar, continuar, estar, ficar, parecer, permanecer, revelar-se, ser, tornar-se*, como se pode observar na *tabela 16* abaixo:

Tabela 16 – Efeito da variável *transitividade do verbo*

| Transitividade do verbo      | Presença N%  | Peso  | Ausência N%   | Peso  |
|------------------------------|--------------|-------|---------------|-------|
| Transitivo direto            | 52/127 = 41% | 0.479 | 75/127 = 60%  | 0.521 |
| Transitivo indireto          | 71/172 = 36% | 0.521 | 111/172 = 64% | 0.479 |
| Intransitivo                 | 49/164 = 30% | 0.374 | 115/164 = 70% | 0.626 |
| Copulativo                   | 37/48 = 77%  | 0.844 | 11/48 = 23%   | 0.156 |
| Transitivo direto e indireto | -            | -     | -             | -     |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Nesses tipos de verbo, os copulativos, registramos 48 ocorrências, destas, 37 ou seja, 77% favorecem a *presença* do clítico, **.844** em pesos relativos, contra 23% de *ausência* do clítico, **.156** em pesos relativos, somente em 11 ocorrências foi percebido o apagamento do clítico pronominal. De fato, os contextos em que os verbos copulativos são empregados se mostraram favorecedores ao uso dos clíticos. Além disso, foram computados, nesses totais, os

usos do verbo *chamar* que indica estado, como em *eu me chamo* ou *ela chama*, conforme os exemplos:

(280) **Inf.2:** Igual| tenho uma prima que Ø **chama** S.| converso com ela quando eu vou na casa da minha tia| tirando isso. . . Tanta falta, né?! {{ele}} porque **se torna** um amigo pra gente talvez, né?! (**MER-19MJM**).

(281) **Inf. 9:** ele pediu pra entrá na Justiça| porque ele tava morando co'a mãe da filha dele agora| uma menina qu'ele criô| Ø **chama** . . . | como é que ela Ø **chama**?| Camila| uma menina incrível, sabe? (**AMN-64MCM**).

Nunes (1995, p. 207) ao se referir ao tipo dos verbos, os classifica como verbos de estado, ação ou processo. Com relação ao verbo *chamar*, o autor o denomina por verbo de estado, pelo fato desses tipos verbais “não serem usados no presente contínuo ou não estabelecerem contraste entre presente e presente contínuo” e exemplifica:

(282) Respondeu **chamar-se** Marçal Rodrigues (1964, grifos do autor).

No entanto, não adotamos as proposições de Nunes (1995), verbo de estado, ação ou processo, os subcategorizamos como copulativos (cf. MIRA MATEUS *et al.*, 2003). A referência verbo de estado ou de mudança de estado foi adotada nas discussões da variável classe semântica dos verbos (cf. KEMMER, 1993; PEREIRA, 2007; TEIXEIRA; SILVA 2020).

Para essa variável, além dos verbos *copulativos*, observamos também o comportamento dos verbos transitivo direto, transitivo indireto, intransitivo e transitivo direto e indireto, analisados em cada contexto linguístico separadamente, conforme os resultados apresentados na *tabela 16* e comentados aqui.

Assim, para os *transitivos diretos* foram registradas 127 ocorrências. Destas, 52 para a *ausência* do clítico, 41% desse total, com **.479** de referencial de pesos relativos. Por outro lado, percebemos em 75 ocorrências em que o objeto direto, em forma de clítico pronominal foi apagado. Portanto, um percentual de 60%, com pesos relativos de **.521**. de *ausência*. Logo, nos dados descritos, nos contextos em que o verbo se caracteriza como transitivo direto, notamos que há favorecimento para o apagamento o do clítico pronominal (cf. D'ALBUQUERQUE, 1988; MELLO, 2009).

Entre os verbos que se caracterizam como transitivo indireto, aqueles que pedem complementos preposicionados, notamos 172 ocorrências. Destas, em 71 foi observada a

*presença* do clítico, em 36% delas, com **.521** de peso relativo. Sobre a *ausência* do clítico, com estes mesmos verbos, os transitivos indiretos, 111 ocorrências em que houve a *ausência*, em 60% delas, com peso relativo de **.479**, com a *ausência* do clítico sendo favorecida pelo contexto da transitividade indireta do verbo.

Dentre os intransitivos, aqueles com sentido completo e que, portanto, têm um argumento como predicado, apuramos que esses ocorreram em 164 situações e deste total, em 49 delas, percebemos que em 30% houve a *presença* do clítico pronominal, com valores em pesos relativos de **.374**. Com relação à *ausência* do clítico, apuramos que das 164 situações em que o verbo é caracterizado como intransitivo, houve uma *ausência* do clítico em 115 ocorrências. Ou seja, em números percentuais, 70% dos verbos intransitivos, registra-se a *ausência* do clítico, em pesos relativos **.626**, observada como a maior *ausência*, no que se refere à transitividade verbal.

Nos casos em que os verbos pedem dois complementos, um funcionando como objeto direto e outro como objeto indireto, não registramos valores expressivos que pudesse indicar uma variação ou uma mudança para a *ausência* do clítico pronominal. Assim, observamos um maior *favorecimento* para a *presença* do clítico entre os verbos copulativos ou de ligação e uma maior *ausência* entre os intransitivos (cf. *tabela 16*).

Dividimos os verbos transitivos em três subcategorias: os *diretos*, com complementos não preposicionados, os *indiretos*, com complementos preposicionados e, ainda, os que necessitam de dois argumentos para terem seus sentidos completos, um não preposicionado e outro preposicionado. Dessa forma, os *transitivos* somam o maior número de ocorrências, no total de 299. Os *intransitivos* somam 164 e os *copulativos* ou de ligação 48 ocorrências. Conforme mencionado, não identificamos nos dados para os verbos *transitivos diretos e indiretos*.

De fato, nossa hipótese inicial, quanto à transitividade verbal, se confirmou. Pensávamos que entre os verbos *intransitivos* haveria maior favorecimento para a *ausência* do clítico, tendo em vista que esses verbos não carecem de complemento de sentido, porque seus significados já são suficientes para a compreensão do falante. Logo, não necessitam ser complementados nem por um objeto direto e nem por objeto indireto, assim, não há a necessidade de preenchimento do argumento com um clítico pronominal.

Assim, foram denominados por intransitivos os verbos que necessitam de apenas um argumento no predicado, no caso um SN. Já os transitivos, diretos ou indiretos, diretos e indiretos, possuem predicados com um ou dois argumentos, sendo um SN e outro preposicionado.

Para Lemle (1985), D’Albuquerque (1988) e também para Mello (2009, p. 302), a lógica desse apagamento pronominal entre os transitivos é que: “se, na conjugação regular de um verbo, o objeto direto apaga, o complemento sob a forma de pronome reflexivo apagará também”.

Os exemplos de (283) a (286) transcritos abaixo demonstram como foram especificados os dados, conforme a transitividade verbal:

(283) **Inf. 1:** então eu **me baseio** muito em trabalhar com essas coisas| eu tenho feito alguns trabalhos na fundação cultural| que é uma instituição aqui da cidade (**DSP-25HJA**) – (*verbo transitivo indireto*).

(284) **Inf. 1:** mays Catalão é uma cidade que tem assim uma qualidade de vida| as pessoas assim| acho que ela tá entre as cidades melhores pra **se viver** (**DSP-25HJA**) – (*verbo intransitivo*).

(285) **Inf.6.** grave não| mas eu já. . .| Ø **machucava** demais!| ralava| caia| u’a vez esfolei o queixo| acho que foi um dos mais. . .| feios | (**ICN-30MAA**) – (*verbo transitivo direto*).

(286) **Inf. 7:** é o fato de que | em dois mil e doze| eu **me tornei** vegetariano, né? eu tenho feito u’a dieta vegetariana bem a. . .| a contento| do| do que **se espera**, né? (**ZGN-48HAA**) – (*verbos copulativos*).

É importante registrar que entendemos que a transitividade gramatical é uma propriedade da sentença e não exatamente do verbo que a constrói, visto de forma isolada, deslocada de um contexto discursivo específico. Conforme esclarece Castilho (2010, p. 263), “não há verbos exclusivamente transitivos, nem verbos exclusivamente intransitivos. É o uso na sentença que explicita a decisão tomada pelo falante”. São as relações sintáticas, semânticas e pragmáticas que informam se um verbo necessita ou não de complemento para que seu sentido se estabeleça por completo.

Por isso, analisamos a transitividade verbal em cada uma das 511 ocorrências verbais estudadas, uma a uma, verificando as relações contextuais com os outros elementos que constituem uma sentença discursiva. Contudo, estamos informando que um verbo só pode ser considerado como intransitivo ou transitivo dentro de um contexto e a partir dele.



### 5.1.5 5º Grupo de fatores por relevância estatística – *tipos de clítico pronominal*

O último grupo de fatores de relevância estatística é o da variável *tipos de clítico pronominal*. Diferente do que pensávamos, inicialmente, essa não foi a variável mais importante para explicar a variação ou a mudança da variável dependente: *presença x ausência* do clítico. Entretanto, como se trata das funções sintática e semântica que cada clítico adquire em cada contexto, julgamos que, do ponto de vista linguístico, se trata sim de uma variável importante para explicar o fenômeno pesquisado.

Com base em Nunes (1995), adotamos uma subdivisão de sete tipos do clítico pronominal, de acordo com os sentidos que ele adquire na sentença: *reflexivo, recíproco, ergativo, enfático, inerente, apassivador e indeterminador*, conforme explicado no capítulo 2 desta tese, dedicado à descrição dos procedimentos metodológicos.

A *tabela 17* abaixo informa sobre os resultados encontrados nas análises dessa variável *tipos de clítico pronominal*:

Tabela 17 – Efeito da variável *tipos de clítico pronominal*

| <b>Tipos de clítico pronominal</b> | <b>Presença N%</b> | <b>Peso</b> | <b>Ausência N%</b> | <b>Peso</b> |
|------------------------------------|--------------------|-------------|--------------------|-------------|
| Reflexivo                          | 121/331 = 37%      | 0.548       | 210/331 = 63%      | 0.452       |
| Recíproco                          | 14/29 = 48%        | 0.746       | 15/29 = 52%        | 0.254       |
| Ergativo                           | -                  | -           | -                  | -           |
| Enfático                           | -                  | -           | -                  | -           |
| Inerente                           | 29/85 = 34%        | 0.242       | 56/85 = 66%        | 0.758       |
| Apassivador                        | -                  | -           | -                  | -           |
| Indeterminador                     | 35/66 = 53%        | 0.510       | 31/66 = 47%        | 0.490       |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Nossa hipótese inicial era de que o maior número de ocorrências encontradas fossem as do tipo *reflexivo*, com ou sem o clítico pronominal. De fato, das 511 ocorrências analisadas, 331 são do tipo *reflexivo*, mais da metade do total. Esse resultado se atribui, em grande parte, ao roteiro de assuntos adotado nas entrevistas, quando foram privilegiados assuntos que apresentam verbos de sentido reflexivos/pronominais.

Os resultados demonstram que em 121 ocorrências, em que o clítico pronominal é do tipo *reflexivo*, em 37% delas há a *presença* do clítico, com pesos relativos de **.548**. Uma *presença* realmente expressiva, se considerada isoladamente. Contudo, a *ausência* do clítico foi ainda mais expressiva, com números percentuais de 63% das ocorrências *reflexivas* e **.452** em pesos relativos, favorecendo, portanto, a *ausência* do clítico pronominal entre os *reflexivos*,

confirmando as perspectivas de que em Goiás e em Minas Gerais os clíticos *reflexivos* estejam mesmo desaparecendo (cf. VEADO, 1982; D'ALBUQUERQUE, 1988; LIMA, 2006; CASTILHO, 2010; BAGNO, 2011; BARROS, 2011; 2016; PERINI, 2016).

O fragmento de fala (287), transcrito abaixo, demonstra como caracterizamos o clítico do tipo *reflexivo*:

(287) **Inf. 6:** grave não| mas eu já. . .| Ø **machucava** demais!| ralava| caia| u'a vez esfolei o queixo| acho que foi um dos mais. . .| feios { {ininteligível} } qu'eu caí de cara no chão. . .| ai ficô tudo inchado| roxo (**ICN-3ØMAA**) – *tipo de clítico reflexivo*.

Conforme informado em outros momentos deste texto, diferente de como procede Nunes (1995), adotamos a divisão entre os clíticos pronominais do tipo *reflexivo* e *recíproco*, por entender que, embora não se possa negar que na reciprocidade se percebe também a reflexividade, nos seus aspectos semânticos, entendemos que os dois tipos se referem a situações discursivas e gramaticais diferentes. Na reciprocidade, os papéis temáticos de agentes e paciente são divididos, proporcionalmente e mutuamente, entre os sujeitos envolvidos, enquanto que na reflexividade esses papéis são atribuídos a um sujeito agente e paciente, correferentes. A explicação que trata das diferenças entre os dois tipos de clíticos pronominais, de forma mais fundamentada, se encontra no capítulo 2 desta tese.

O fragmento (288), transcrito abaixo, ilustra como caracterizamos os tipos de clíticos *reflexivo* e o *recíproco*:

(288) **Inf. 7:** Nós duas Ø **formamos** juntas| a gente **se conheceu** na graduação de Ciências Sociais| os nossos pais já **se conheciam**| a mãe dela e os meus pais já **se conheciam**| e ai a gente não **se conhecia**| a gente **se conheceu** na graduação e aí nunca mais deixou de ser amiga (**JGP-33MAA**) – *Tipos de clítico reflexivo, recíproco, recíproco, recíproco e recíproco*.

Assim sendo, os números apontaram para os *recíprocos* os seguintes resultados: das 29 ocorrências caracterizadas pelo contexto de ação recíproca, em 14 delas observamos a *presença* do clítico pronominal, 48% em percentuais e em peso relativos **.742**. Já com relação à *ausência* do clítico, notamos que em 15 ocorrências houve o apagamento deste em 52% dos casos em que seria possível o seu emprego, com pesos relativos de **.252**. A diferença, em números percentuais é bastante próxima, no entanto, em pesos relativos o favorecimento é para a *ausência* do clítico, nos contextos de reciprocidade.

Mello (2009, p. 194) também fez a separação entre os *reflexivos* e *recíprocos* e encontrou em João Pessoa os seguintes resultados, em pesos relativos: **.38** de *presença* para os *reflexivos* e **.51** para os *recíprocos*.

Já Bandeira (2007) acredita que por estes tipos pronominais estarem condicionados a um segmento de texto, há maior tendência para a *presença* do clítico pronominal.

Miotto *et al.* (2004, p. 217) citados por Mello (2009, p. 194) explicam que consideram o *se* reflexivo e recíproco do domínio argumental, como sendo anáforas das expressões *um com o outro, um no outro*. Logo, são referencialmente dependentes, e “não podem jamais aparecer sem que o elemento com o qual se identificam referencialmente também esteja presente”.

D’Albuquerque (1988) registrou uma grande *presença* dos clíticos nos contextos de reciprocidade, justificando que o próprio contexto discursivo solicita a *presença* do clítico.

Para os clíticos pronominais do tipo *inerente* identificamos 85 situações em que os clíticos inerentes ou se fizeram presentes ou eram passíveis de ser empregados. Assim, os números apontaram para os resultados descritos adiante. A *presença* do clítico foi identificada em 29 ocorrências, 34% em números percentuais e, em pesos relativos, **.242**. Portanto, uma *presença* considerada como baixa para um clítico que, via de regra, se apresentaria junto ao verbo, *inerente* a ele. Por outro lado, identificamos uma *ausência* do clítico em contextos verbais, em que caberia um clítico do tipo *inerente*, em 56 ocorrências, em 66% delas e, em pesos relativos, **.758**. São valores expressivos que correspondem ao favorecimento para a *ausência* do clítico pronominal nesse tipo de clítico.

Os fragmentos de fala (289) e (290), com o verbo *suicidar* e *queixar*, transcritos abaixo, caracterizam o tipo de clítico *inerente*:

(289) **Inf. 7:** Então, eu acho que a I. deve ter falado as mesmas coisas talvez, a gente teve um amigo que teve um amigo que Ø **suicidou** no| quando a gente fazia faculdade foi| ele Ø **suicidou**| a gente nem desconfiava assim, né?| depois| eu não conheci pessoalmente| mays o pai da filha de uma amiga nossa Ø **suicidou**| então ela tem uma filha e o pai da filha Ø **suicidou**| órfã de um pai que Ø **suicidou** e a nossa amiga passa por esse peso, né?| e era um cara que tinha vários problemas e não tava muito bem quando aconteceu e tal ele quis Ø **suicidar** e ele disse que veio o pensamento do nada| que tava tudo ok  
(JGP-33MAA) – Tipos de clítico *inerente*.

(290) **Inf. 21:** Boa| Uma saúde boa| graças a Deus, viu| Bom| tem que Ø **queixar** de nada não (LGNH-46HAM) – Tipo de clítico *inerente*.

Já com relação aos *indeterminadores*, percebemos nos dados coletados e catalogados os seguintes resultados: nas 66 ocorrências identificadas, em 35 casos há a *presença* do clítico pronominal, em 47% delas e, em pesos relativos, **.510**. Já a *ausência* foi identificada em 31 ocorrências, 47% delas e, em pesos relativos, **.490**. A diferença entre a *presença* e a *ausência* clítico se deu de forma pouco expressiva, considerado como *ponto neutro*, próximo dos **.500**, o que significa dizer que esse valor não é determinante para explicar a aplicação ou não da regra. O que também não proporciona uma discussão em defesa do favorecimento do apagamento do clítico, nesse contexto, conforme liderada por alguns pesquisadores (cf. BAGNO, 2011; BARROS, 2011; 2016).

(291) **Inf. 6:** então *a gente* tem que **se nutrí** se você tá consciente| do que você| *você* tá se nutrindo. . .| a sua saúde é outra| então aí *a gente*. . .| levá consciência do qu'*a gente* tá comendo e trazê essa consciência também pra nosso alimento| então é u'a troca, né? (ICN-3ØMAA) – **Tipo indeterminador.**

De acordo com Neves (2015, p. 35) “a expressão *a gente*, pode chegar a um grau de indeterminação que resvala para a própria dispensa da referência à primeira pessoa (*a gente* = as pessoas)”. Dessa forma, há casos em que o *nós* pode alternar com o clítico pronominal *se* indicando um valor de indeterminação, um sentido menos genérico do que *a gente*, mas, ainda assim, sugere a ideia de generalização, conforme exemplo (292), transcrito de Neves (2015, p. 35):

(292) quando **nós** falamos em instrumentos de avaliação, fala-**se** também em níveis de consecução de objetivos [EF POA 278] – (grifos da autora).

Exemplos próximos aos encontrados por Neves (2015), que indicam indeterminação do sujeito por meio do emprego do clítico pronominal *se*, também foram percebidos por nós, em Catalão-GO, o que indica que, de fato, temos uma crescente da indeterminação do sujeito na nossa língua, com a generalização do *se* para outras pessoas que não sejam as 3<sup>as</sup> pessoas, do singular ou do plural.

Para Neves (2015, p. 35) “isso leva a pensar que, apesar dos diferentes graus de indeterminação expressos, haveria uma concordância entre *nós* e *a gente*, e, mesmo entre *nós* e *se*, a qual, para efeito de gramaticalização poderia ser considerada regular”.

Sobre os valores poucos expressivos nas análises da variável tipos de clíticos pronominais, identificamos os dos tipos: *ergativo*, *enfático* e *apassivador*. Conforme já

explicamos, isso se deu, provavelmente, em função dos assuntos abordados nas entrevistas solicitarem verbos que não pedem exatamente esses tipos de clíticos.

Como são números de ocorrências que não interferem nos resultados que explicam a variação ou a mudança do fenômeno analisado, eles foram computados com *knock-outs*, devido à baixa identificação de ocorrências. Assim, decidimos por citá-los em números de ocorrências somente. Dentre os ergativos percebemos quatro registros, entre os dados analisados, dos *apassivadores* identificamos três ocorrências e dos *enfáticos*, com expressões cristalizadas na língua, como: *como se diz, se vira, que se dane, se lascou*, por exemplo, identificamos duas ocorrências com a expressão *se vira!* e três com a expressão: *como se diz!*

Nas transcrições abaixo apresentamos exemplos dos tipos clíticos pronominais *ergativos*, *enfáticos* (expressões cristalizadas) e *apassivadores*:

(293) **Inf. 22:** A minha mulher trabalhou vinte e sete anos na mineração|era técnico em química| Ø **apostou** pegou o acerto de vinte e sete anos| emprestou pra uma mulher. Eu avisei, falei “- não empresta esse dinheiro, ela **tá quebrando. . .**” (LMO-54A+HCB) – **Tipo de clítico ergativo .**

(294) **Inf. 5:** ah. . .| porque...| porque acho que. . .| **como se diz** é. . .| as coisas vão mudano, né? sempre. . . então eu acho também que se adequá ao que...|não vamo sempre ficá naquela mesmice. . .| sabe assim. . .| eu acho que tem que. . . foi... legal| num foi ...| foi bem| mais eu Ø lembro disso, sabe? meu pai minha mãe trabalha:no educação principalmente, sabe? (DVC-38HAM) – **Tipo de clítico enfático.**

Em uma das ocorrências que identificamos o clítico como *enfático*, o informante fez uma concordância não esperada entre o sujeito *eu* e a pessoa do clítico pronominal *se*. Ainda assim, identificamos a pessoa como 1ª pessoa do singular, por entender que o informante, de fato, projetou um sujeito *eu*. Conforme Pereira (2006) esse clítico pronominal quando pertencente aos tipos *reflexivo* ou *inerente* pode ser combinado, na nossa língua, com qualquer pessoa gramatical (1ª, 2ª ou 3ª), em função da relação que ele mantém com o seu antecedente. Assim, o clítico será interpretado pelo informante de acordo com a respectiva pessoa que o representa

O exemplo (295) foi um dos poucos casos de generalização do *se*, identificados por nós nos dados de Catalão, conforme transcrevemos:

(295) **Inf. 13:** Pouquinho coisa e minha mãe coitada| ela não podia dar| eu que **se virava** assim. . . eu tinha o quê? Oito anos (AMGS-54A+MCM).

Na verdade, tivemos dificuldade em conceituar os do tipo *enfático* e *apassivador*, devido à confusão dos conceitos acerca desses tipos pronominais, conforme mencionamos no capítulo 2. No entanto, como percebemos que os números eram poucos expressivos, focamos nossas análises naqueles resultados numéricos mais expressivos, do ponto de vista estatístico e linguístico.

Com relação ao número de *knock-outs*, um total de dezessete, associa-se ao fato de que algumas variáveis não representam variação do fenômeno linguístico, como os do tipo *apassivador* e *enfático*, por exemplo, que são, naturalmente, acompanhados dos clíticos, quando encontramos poucos registros, em que o resultado da variável teve peso relativo zero. Além disso, para a posição dos pronomes, também com poucas ocorrências de realização da ênclise e a variável pessoa do pronome – a 2ª pessoa do singular *te*. Outra situação, em que o número de ocorrência da variável teve resultado em peso zero ou em torno de zero se deu também na variável classe semântica dos verbos – *movimento não translacional*. Esses casos serão discutidos adiante, nos tópicos relacionados às variáveis sem “significância” estatística.

## 5.2 Cruzamento das variáveis *escolaridade* e *idade*

Conforme mencionamos em outros momentos deste texto, o cruzamento de variáveis torna os resultados mais confiáveis e com maiores possibilidades de interpretação.

Apresentamos na *tabela 18* o cruzamento entre as variáveis sociais – *escolaridade* e *idade*:

Tabela 18 – Cruzamento das variáveis *escolaridade* e *idade*

| Escolaridade/ Idade | Jovens |       | Adultos |        | Acima de 50 anos (adulto +) |       |
|---------------------|--------|-------|---------|--------|-----------------------------|-------|
|                     | N      | %     | N       | %      | N                           | %     |
| <b>Baixa</b>        |        |       |         |        |                             |       |
| <i>presença</i>     | 3/35   | = 9%  | 0/12    | = 0%   | 8/39                        | = 21% |
| <i>ausência</i>     | 32/35  | = 91% | 12/12   | = 100% | 31/39                       | = 79% |
| <b>Média</b>        |        |       |         |        |                             |       |
| <i>presença</i>     | 29/90  | = 32% | 14/23   | = 61%  | 13/104                      | = 12% |
| <i>ausência</i>     | 61/90  | = 68% | 9/23    | = 39%  | 91/104                      | = 88% |
| <b>Alta</b>         |        |       |         |        |                             |       |
| <i>presença</i>     | 50/60  | = 83% | 84/115  | = 73%  | 5/42                        | = 12% |
| <i>ausência</i>     | 10/60  | = 17% | 31/115  | = 27%  | 37/42                       | = 88% |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Os resultados encontrados e expressos em valores numéricos foram os seguintes: entre *os jovens* – de *baixa escolaridade*, observamos 35 ocorrências e, em 3 delas, 9%, ocorreu o favorecimento para a *presença* do clítico pronominal. Já para a *ausência* do clítico, os valores são bastante altos, entre os falantes desse perfil, das 35 ocorrências, percebemos 32 *ausências*, o que resulta em 91% em termos percentuais, o que significa dizer que entre os *jovens* de *baixa escolaridade* houve o favorecimento para o apagamento dos clíticos, nos contextos verbais estudados.

Já entre os *jovens* de *média escolaridade*, apuramos os seguintes valores: das 90 ocorrências, identificamos 29 para a *presença* do clítico, 32% em termos percentuais. E para a *ausência*, em 61 ocorrências, portanto, em 68% delas, registramos a *ausência* do clítico. Entre esses informantes registramos um número crescente para a manutenção da regra entre os *jovens* de *média escolaridade*, o que confirma a influência da escola para a realização das regras da norma padrão e formal da língua.

No entanto, entre os informantes *jovens* com *alta escolaridade*, os números indicaram que a *presença* do clítico é ainda mais expressiva: das 60 ocorrências, em 83% delas, observamos o favorecimento para a *presença* dos clíticos. Já com relação à *ausência*, percebemos que houve apenas 10 ocorrências, 17% em termos percentuais. Aqui também notamos que entre os mais escolarizados *jovens*, que ainda permanecem na escola ou que saíram dela há pouco, há uma maior tendência de manutenção da regra, logo, um favorecimento para a *presença* do clítico pronominal.

Com relação aos *adultos* com *baixa escolaridade*, apuramos os seguintes resultados: dos 12 casos identificados, não percebemos nenhuma *presença* do clítico. Por outro lado, a *ausência* se deu em todos os casos, em 100% deles. Ou seja, os informantes *adultos* de *baixa escolaridade* também não expressaram familiaridade com a regra geral para o emprego dos clíticos pronominais.

Entre os *adultos* de *média escolaridade* os resultados demonstraram que, nos 23 contextos verbais identificados, em 14 delas, em 61%, em termos percentuais, registramos a *presença* do clítico pronominal. Sobre a *ausência*, percebemos que, neste total, em 9 ocorrências, um percentual de 39%, portanto, não ocorreu o registro do clítico pronominal.

Para os informantes *adultos* com *alta escolaridade*, notamos que no total das 115 ocorrências percebidas, em 84 casos, em 73% delas, houve a *presença* do clítico. Sobre a *ausência*, identificamos que em 31 ocorrências, 27% dos casos não foi empregue o clítico pronominal. Mais uma vez o cruzamento dessas duas variáveis demonstrou que a escolaridade

é um fator decisivo quanto à manutenção da regra do emprego do clítico pronominal, nos contextos verbais estudados.

Por último, os números identificados entre os *adultos+*, com mais de 50 anos de idade e com *baixa escolaridade*, foram os seguintes: das 39 ocorrências analisadas, em 8 delas, 21% do total, percebemos a *presença* do clítico pronominal. Entre os informantes desse perfil, percebemos uma maior *ausência*, observada em 31 ocorrências, 79% dos casos estudados, o que representa um número de *ausência* bastante expressivo entre os informantes deste perfil.

Ainda entre os *adultos+*, acima de 50 anos, com *escolaridade média*, identificamos 104 ocorrências, destas, em 13 casos, em apenas 12% deles, observamos a *presença* do clítico pronominal. Para a *ausência* registramos um número bastante expressivo, com relação ao número total das ocorrências, em 91 delas, em 88% do total analisado, o que indica um desfavorecimento para a regra geral da *presença* do clítico pronominal, em contextos com os verbos reflexivos/pronominais.

Ainda entre estes informantes, os *adultos+*, com *alta escolaridade*, notamos que os resultados indicaram para a *ausência* do clítico pronominal. Das 42 ocorrências identificadas, somente em 5 delas, em 12% dos casos estudados, notamos a *presença* desses clíticos, enquanto que em 37 ocorrências, também em 88% dos casos, houve o apagamento dos clíticos pronominais, nos contextos verbais estudados.

A nossa hipótese é que esses resultados são explicados, mais uma vez, pelo tempo de distanciamento do informante com a escola. Normalmente, as pessoas com idade acima de 50 anos, ou saíram da escola já há bastante tempo ou não a frequentaram por longos períodos. O fato é que, com maior tempo de distanciamento da escola, ocorre também maior distanciamento das normas gramaticais reconhecidas pela escola e pelas Gramáticas Tradicionais como as mais adequadas para a expressão na norma padrão da língua.

Os números indicaram que o fator *idade* pode interferir, com relação à adoção da regra geral para a *presença* do clítico, mas esta está diretamente relacionada com a variável escolaridade. O certo é que a variável *idade* nem sempre define, por si só, os usos linguísticos. No entanto, se o informante se encontra inserido na escola, no momento da entrevista, ou se saiu dela há pouco, é o que pode interferir nas influências relacionadas ao fator *idade*.

### **5.3 As variáveis sem “significância” estatística**

Além dos grupos de fatores selecionados estatisticamente como relevantes, apresentados nas tabelas e comentários nos tópicos anteriores, outros grupos de variáveis



também foram observados e comentados aqui, por entendermos que por eles serem dados linguísticos que já contêm, por si só, informações que poderão servir de indicativos para esta pesquisa, no sentido de complementar outras informações, além se servirem de possíveis informações para pesquisas futuras, relacionadas ao fenômeno que investigamos no falar goiano ou mesmo no Português Brasileiro, de forma mais abrangente.

Desse modo, passamos a apresentar outros grupos de variáveis linguísticas e sociais que, mesmo não selecionadas como significativas, do ponto de vista estatístico, possuem informações entendidas também como importantes, do ponto de vista linguístico. Em se tratando de pesquisa linguística, toda informação pode ser importante, em um dado momento, em um dado contexto (cf. GUY; ZILLES, 2007).

Além disso, para uma pesquisa em que o pesquisador dedica um tempo importante da sua vida às atividades de coleta, transcrição, separação e catalogação de dados, simplesmente dispensá-los significa também descartar uma grande quantidade de trabalho árduo e precioso executado. Percebemos, então, que seria importante descrever aqui também os dados que o programa não selecionou como significantes. Portanto, passemos para a apresentação das variáveis independentes: *a posição do clítico, a pessoa do verbo/ clítico pronominal, a posição do clítico em relação ao verbo, a classe semântica do verbo, animacidade do sujeito e o sexo do informante.*

Esse conjunto de fatores foi apresentado também em forma de comentários e tabelas que indicam os totais gerais das ocorrências identificadas, o total de ocorrência com a *presença* e a *ausência* do clítico, o percentual do total geral de dados para a *presença* e para a *ausência* do clítico pronominal, naquela variável e os possíveis valores em pesos aproximados<sup>63</sup> se a variável fosse selecionada pelo programa, como significante, para explicar a possível influência do fator sobre o fenômeno estudado.

### 5.3.1 A variável *posição clítico pronominal em relação ao verbo*

Conforme já é sabido, no Português Brasileiro, em especial na modalidade falada da língua, a predominância é mesmo para a próclise. Nos dados coletados e analisados, não foi diferente. Entre os catalanos entrevistados, observamos que houve o uso quase que total para a

---

<sup>63</sup> Os pesos aproximados são apresentados em forma de colchetes, o que significa dizer que essa foi a última possibilidade ou a última rodada que o programa inseriu essas variáveis, mas esses fatores não foram selecionados. Este é o valor que mais se aproxima do que seria um possível resultado, caso essa variável viesse a ser selecionada.

prótese, com índice percentual acima dos 99% dos dados. O que significa que quando o informante emprega o clítico pronominal, nos contextos verbais estudados, ele quase sempre o faz empregando este clítico antes do verbo.

Para essa variável, empregamos três diferentes catalogações. Nos casos em que houve o emprego do clítico pronominal, observamos que se tratava de ênclise ou próclise. Já nos casos em que o informante não empregou o clítico, utilizamos a referência *não se aplica*, tendo em vista que não é possível deduzir em que posição o informante o empregaria, se antes ou depois do verbo.

Não nos detivemos aos casos de ocorrência de mesóclises em função dessa não ser um padrão de colocação pronominal adotado pelos brasileiros na atualidade, nem mesmo na modalidade escrita da língua. Já prevíamos, de antemão, que não encontraríamos registros para esse tipo de uso, principalmente em se tratando da modalidade falada, o que foi mesmo confirmado pelos dados. Não encontramos nenhum dado com o emprego de ênclise.

De fato, conforme já comentamos, umas das diferenças entre o Português Europeu e o Português Brasileiro é a ordem da colocação pronominal, enquanto os europeus dão preferência à ênclise, os brasileiros adotam a próclise. Conforme enfatiza Pereira (2006), uma das propriedades que diferencia a nossa língua de outras línguas românicas é a “generalização da próclise em qualquer ambiente de realização” (cf. PEREIRA, 2006, p. 12). Portanto, também entre os catalanos já esperávamos que a preferência seria mesmo pela adoção da próclise, como tendência geral dos brasileiros.

Assim, quando selecionamos essa variável já prevíamos os seus resultados. Contudo, optamos por descrevê-la, a fim de gerar registros de dados linguísticos e, ainda, com a finalidade de confirmar os resultados de outras pesquisas (cf. GALVES, 1986; 1996; NUNES, 1995; MELLO, 2009).

Ainda com relação à posição do clítico pronominal, é importante informar que também não identificamos nenhum caso de *redobro* ou *duplicação* do *se*, conforme identificado por Nunes (1995).

Sobre os casos da generalização do *se* para outras pessoas que não sejam as 3ª pessoas do singular ou do plural, por processos de *hipercorreção*, informamos que encontramos poucos casos, somente três ocorrências, em números mais exatos, conforme exemplos (296) e (297) transcritos abaixo:

(296) **Inf. 13:** Pouquinho coisa e minha mãe coitada| ela não podia dar| eu que **se virava** assim. . . eu tinha o quê? Oito anos (AMGS-54A+MCM).

(297) **Inf. 22:** Éh!| vida que **se segue**| fila anda {{risos}} (**LMO-54A+HCB**).

Os casos de duplicação e generalização do *se* são interpretados como indicativos de processos de gramaticalização. Nos dados analisados verificamos que tais processos não se manifestam de forma considerável. Logo, se pensarmos em processos de generalização dos clíticos pronominais em Catalão, podemos investigar as etapas posteriores a essas, como o apagamento do clítico, uma etapa que, portanto, se sucede àquelas mencionadas no início deste parágrafo.

### 5.3.2 A variável *pessoa do verbo/clítico pronominal*

Foram catalogadas sete pessoas do clítico pronominal, quando esse esteve presente na sentença. Para as ausências verificamos a desinência do verbo principal da sentença para inferir qual seria a pessoa do clítico, caso ele estivesse presente. Dessa forma, catalogamos em 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular (*me, te, se*), 1ª e 3ª pessoa do plural (*nos, se*) e o *a gente* = nós (eu + ele/ela/eles/elas/você/vocês) e *a gente* em referência a um sujeito geral, indeterminado (cf. CASTILHO, 2010; NEVES, 2011).

O nosso objetivo, ao propor a análise desta variável, foi o de verificar se a *pessoa do verbo/clítico* influenciaria para o emprego ou não do clítico pronominal. Julgávamos que sim: que a depender da pessoa ou da desinência verbal houvesse a decisão do informante para o comportamento do clítico.

Os resultados dos dados que selecionamos com relação à *pessoa do verbo/clítico pronominal* estão discriminados na *tabela 19* abaixo:

Tabela 19 – Efeito da variável *a pessoa do verbo/clítico pronominal*

| Pessoa do Pronome                      | Presença N%.  | Peso    | Ausência N%.  | Peso    |
|--|---------------|---------|---------------|---------|
| 1ª p.s                                 | 110/276 = 40% | [0.527] | 166/276 = 60% | [0.473] |
| 2ª p.s.                                | -             | -       | -             | -       |
| 3ª p.s.                                | 48/143 = 37%  | [0.450] | 95/143 = 66%  | [0.510] |
| 1ª p.p                                 | 1/7 = 14%     | [0.366] | 6/7 = 86%     | [0.634] |
| 3ª p.p                                 | 12/40 = 30%   | [0.383] | 28/40 = 70%   | [0.617] |
| <i>a gente</i> - específico <i>nós</i> | 9/21 = 43%    | [0.597] | 12/21 = 57%   | [0.403] |
| <i>a gente</i> - genérico              | 19/24 = 79%   | [0.640] | 5/24 = 21%    | [0.360] |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Os números demonstram que a 1ª pessoa do singular *eu* na posição de sujeito da sentença predominou com relação ao total das ocorrências. Pois, num total de 511 casos analisados, em 276 deles, ou aparece pronome pessoal *eu* e/ou o verbo com desinência verbal em 1ª pessoa do singular.

Em 110 ocorrências, portanto, em 40% delas, em pesos aproximados de **.527** observamos a *presença* do clítico. No entanto, para a 1ª pessoa do singular identificamos, do total de 276 ocorrências, em 60% delas, ocorreu a *ausência* do *me*. Em pesos aproximados isso gerou um valor de  **[.473]**.

Sobre a 2ª pessoa do singular, *te*, não identificamos nenhuma ocorrência, o que nos possibilita confirmar que, de fato, entre os goianos praticamente não ocorre o emprego do pessoal *tu* e do clítico pronominal *te* (cf. BARROS, 2011). Nessa pessoa do pronome o programa estatístico apresentou *knock-out* e marcamos com – (traço) a sua não ocorrência.

Já para a 3ª pessoa do singular (ele/ela/você) com o clítico *se* identificamos 143 ocorrências. Destas, em 43 delas observamos a *presença* do clítico, em 37% desse total, em números percentuais e, em pesos aproximados  **[.450]**. Já para a *ausência*, registramos 95 ocorrências, 60% do total para essa pessoa e  **[.510]** em pesos aproximados.

Com relação à 1ª pessoa do plural verificamos os seguintes resultados: em um total de 7 dados, ocorreu apenas uma *presença* do *nos*, em percentual 14% para a *presença*. Já para a *ausência*, identificamos 6 ocorrências, um valor de 86% em percentuais e pesos aproximados, respectivamente, em:  **[.366]** e  **[.634]**, o que indica grande favorecimento para a *ausência* do clítico. A explicação talvez estaria para a ideia de que ocorre uma redundância pronominal, percebida pelo informante que, ao invés de dizer, *nós nos casamos*, por exemplo, ‘opta’ por dizer, *nós casamos*.

Para os clíticos pronominais que fazem referência à 3ª pessoa do singular (eles/elas/vocês) e o clítico *se*, notamos que em 40 ocorrências houve 12 casos em que o clítico foi empregado, em 30% deles, com pesos aproximados de  **[.383]**. Já para a *ausência*, identificamos 28 casos em que o *se* não foi empregado na 3ª pessoa do plural, em 70% deles e, em pesos aproximados  **[.617]**, um valor bastante expressivo, favorecendo, portanto, a *ausência* do clítico.

Com relação ao *a gente*, registramos dois tipos de referência, correspondendo a 1ª pessoa do plural nós, onde o *eu* é incluso no discurso, eu somado a: *ele/ela/eles/elas*, você/vocês. E o outro caso, em referência a uma pessoa ou ser que não se quer ou não se pode nomear especificamente como em: *a gente se mata por tão pouco*, por exemplo. Um *a gente* generalizado, qualquer ser humano, qualquer pessoa que não é alguém nomeado em específico.

Como se tratam de sujeitos e situações discursivas diferentes, entendemos que o ideal seria observá-los separadamente.

Para essas *a gente*, via de regra, o clítico pronominal requerido é o *se*. No entanto, os números demonstram que nem sempre ele se faz presente antes ou depois do verbo, mas que ocorre a categoria vazia, nesses contextos.

Conforme os exemplos (298) e (299) demonstram os empregos de *a gente* igual a *nós* e *a gente* igual a sujeito indeterminado:

(298) **Inf. 7: a gente se conheceu** na graduação de Ciências Sociais {{em referência a *nós* - *eu* e *ela*}} (JGP-33MAA).

(299) **Inf. 6:** | então **a gente** tem que **se nutrí** se você tá consciente| do que você| você tá se nutrindo. . .| a sua saúde é outra| então aí a gente. . .| leva consciência do qu'a gente tá comendo e trazê essa consciência também pra nosso alimento| então é u'a troca, né? {{em referência aos seres humanos}} (ICN-30MAA).

Dessa forma, os resultados para *a gente* se referindo à 1ª pessoa do plural *nós* indicam que das 21 ocorrências, em 9 registramos a *presença* do clítico pronominal, em 43% delas, e em um peso aproximado de [.597]. Já sobre a *ausência* verificamos que em 12 dentre as 21 catalogadas correspondentes ao *a gente* = *nós*, em 57% delas e, em pesos aproximados [.403]. Um valor que denominamos de ponto neutro, por se aproximar da média de .500. Ou seja, não podemos afirmar que houve favorecimento para o emprego da regra da *presença* do clítico, assim como também não podemos assegurar que nessa referência da pessoa do clítico/verbo com o sujeito gramatical *a gente*.

Para o sujeito *a gente*, como alguém ou um ser indeterminado os resultados que encontramos foram: das 24 ocorrências identificadas, em 19 delas, catalogamos a *presença* do clítico *se* e, em termos percentuais, em 79% do total para essa variável. Em pesos aproximados, o programa apurou [.640], favorecendo para *presença*. Já com relação à *ausência*, verificamos que somente em 5 casos os informantes entrevistados não empregaram o clítico, nesse contexto de pessoa do clítico/verbo, em 21% dessas ocorrências, com pesos aproximados de [.360], portanto, com valor de referência abaixo da média. Assim sendo, os resultados demonstram que, com o sujeito indeterminado *a gente*, há o favorecimento à regra geral que preconiza o emprego do clítico pronominal.

A explicação está no fato de que sendo o sujeito indeterminado a *presença* do *se*, definido por Bandeira (2007) como *universal*, adquire a função de demarcar um pouco mais o papel do sujeito, por meio da presença do objeto.

Bandeira (2007, p. 187) verificou que a *ausência* do clítico é mais evidenciada “nos casos em que a desinência número-pessoal designa “melhor” a pessoa do verbo, como nos casos de *casei* (.72 de *ausência*), *casaram* (.98 de *ausência*) e *casamos* (.74 de *ausência*)”. Por outro lado, nos verbos em que a desinência verbal não define a pessoa do verbo, percebemos menor *ausência* do clítico (.27 de *ausência*), como em *casou/ se casou* (ele? a gente? tu?).

Neves (2015, p. 33) explica que apesar da correspondência apontada inicialmente para nós e a *gente* ser para a 1ª pessoa do plural, no Português Brasileiro, “*nós* constitui uma escolha para uma indicação mais definida, enquanto *a gente* pode efetuar uma referência mais indeterminada, mesmo que essa expressão continue sendo usada, claramente, em referência à 1ª pessoa”.

Em síntese, os nossos resultados com relação à variável *pessoa do clítico pronominal*, demonstram que em todas as pessoas há o favorecimento para a inovação da regra, ou seja, para o apagamento do clítico, em especial para os casos em que o sujeito vem expresso por um pronome do caso reto. Neste sentido, percebemos que a pessoa do clítico/verbo pode não ser mesmo a variável determinante que influencia a variação ou a mudança linguística, conforme verificamos, mas que esta é uma tendência dos catalanos e dos goianos como um todo (cf. BARROS, 2011; 2016). Os valores em pesos aproximados comprovam que em todas as pessoas clítico/verbo houve favorecimento para a *ausência* da regra geral, que solicita o clítico antes do verbo, no caso do Português Brasileiro.

No entanto, com o pessoal *a gente*, como sujeito indeterminado, ocorreu a situação inversa. Essa foi a única pessoa gramatical em que os resultados apontam, de forma expressiva, para a *presença* do clítico pronominal.

### 5.3.3 A variável *classe semântica do verbo*

Para a variável *classe semântica do verbo* adotamos as teorias de Kemmer (1993), com adaptações de Pereira (2007) e Teixeira e Silva (2019), para quem as propriedades dos verbos estão associadas às atividades exercidas ou sofridas pelo Agente, a partir do seu corpo e dos movimentos que esse corpo executa.

As análises desta variável estão discriminadas na *tabela 20* abaixo e compreende um total de 15 variantes. Conforme explicado no capítulo de descrição metodológica, a variante

*eventos naturalmente reflexivos* (cf. KEMMER, 1993) foi dividida em *eventos naturalmente reflexivos* e *eventos naturalmente recíprocos*, por entendermos que se tratam de eventos diferentes do ponto de vista sintático e também semântico.

Tabela 20 – Efeito da variável *classe semântica do verbo*

| Classe semântica                    | Presença N % | Peso    | Ausência N%   | Peso    |
|-------------------------------------|--------------|---------|---------------|---------|
| Cuidado corporal                    | 3/4 = 75%    | [0.839] | 1/4 = 25%     | [0.161] |
| Mudança na postura corporal         | 1/30 = 3%    | [0.114] | 29/30 = 97%   | [0.886] |
| Movimento não translacional         | -            | -       | -             | -       |
| Movimento translacional             | 11/43 = 26%  | [0.318] | 31/43 = 74%   | [0.682] |
| Média de emoção                     | 34/39=87%    | [0.884] | 5/39 = 13%    | [0.116] |
| Média de cognição                   | 18/80 = 23%  | [0.388] | 62/80 = 77%   | [0.612] |
| Ato de fala emotivo                 | 13/16 = 81%  | [0.765] | 3/16 = 19%    | [0.235] |
| Outros atos de fala                 | 8/16 = 50%   | [0.635] | 8/16 = 50%    | [0.365] |
| Média indireta                      | 15/37 = 41%  | [0.540] | 22/37 = 59%   | [0.460] |
| Eventos naturalmente reflexivos     | 43/147 = 29% | [0.446] | 104/147 = 70% | [0.554] |
| Eventos naturalmente recíprocos     | 15/31 = 48%  | [0.683] | 16/31 = 52%   | [0.317] |
| Indeterminação do agente            | 21/37 = 57%  | [0.552] | 16/37 = 43%   | [0.448] |
| Eventos espontâneos                 | 4/7 = 57%    | [0.783] | 3/7 = 43%     | [0.217] |
| Mudança de estado – cópula + chamar | 13/24 = 54%  | [0.532] | 11/24= 46%    | [0.468] |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Das 511 ocorrências verbais e dos 133 verbos do Português Brasileiro analisados, verificamos que os mais recorrentes, na variável semântica, estão entre os que expressam os eventos naturalmente reflexivos (*formar, casar, machucar*), seguidos pelos de eventos naturalmente recíprocos (*conversar, abraçar, beijar*) e pelos que expressam média de cognição (*lembrar, esquecer, decidir*), por exemplo. Para procedermos à subclassificação semântica o verbo foi analisado dentro de cada contexto, respeitando as relações sintáticas, semânticas e discursivas. Em valores percentuais, os que mais requerem a *presença* do clítico pronominal estão os que expressam sentidos ligados à emotividade do sujeito (Agente), os de *média de emoção*, 87%, seguidos pelos que denotam os *atos de fala emotivos*, 81%, os que informam sobre *cuidado corporal*, 75% e, ainda, os que manifestam a ideia de *indeterminação do agente* e o de *eventos espontâneos*, ambos com valores de 57% em termos percentuais. Já em pesos aproximados para a *presença*, com valores acima da média, estão subcategorias verbais que têm o sentido de *média de emoção, cuidado corporal, eventos espontâneos* e *os atos de fala emotivo*, com os respectivos valores: [.884; .839; .783; e .765].

Com relação aos sentidos atribuídos aos verbos que favorecem a regra da inovação, com a *ausência* do clítico pronominal, com relação à variável semântica, verificamos os seguintes resultados: os que expressam *eventos naturalmente reflexivos*, 104 ocorrências, *média de cognição*, 62 casos, *movimento translacional*, 31 ocorrências e, *mudança na postura corporal*, 29 verbos com esse sentido. Em números percentuais que indicam o favorecimento do apagamento do clítico, percebemos os seguintes valores para os verbos de sentido que indicam: *mudança na postura corporal*, 97%, com peso aproximado de [.886], para a *ausência*, os verbos que indicam *média de cognição*, 77% em percentual, [.612], em pesos aproximados. Nos verbos que caracterizam *eventos naturalmente reflexivos*, com 70% de percentual e [.554] em pesos aproximados e nos de *média de cognição* 77% em percentuais e, [.612] em pesos aproximados.

#### 5.3.4 A variável *animacidade do sujeito*

Quando propusemos observar a variável *animacidade do sujeito*, pensávamos, ainda, com muita imaturidade teórica, em tratá-la de forma mais superficial, apenas identificando os sujeitos [+animado] ou [-animado], a partir da hipótese de que nas sentenças em que o sujeito se caracteriza como [-animado] haveria maior apagamento do clítico pronominal, tendo em vista que, nos casos em que o sujeito é [+animado] ocorreria maior ação do sujeito, logo mais marcação do objeto.

Com o avanço das leituras e dos estudos, percebemos, no entanto, que essa é uma noção muito mais ampla e que ela, associada à ordem das palavras nas sentenças e ao traço [+/- humano] já seriam assuntos suficientes para a produção de um texto de tese. Se pensarmos em ergatividade do verbo, a partir da agentivação dos sujeitos [-humano], as possibilidades de discussão se multiplicam muito. Mas como resolvemos não descartar informações apuradas na tabulação dos dados, passemos apresentar o que observamos com relação à essa variável, mesmo entendendo que nossas exposições e argumentações aqui, neste texto não esgotarão as discussões que a temática possibilita.

Na *tabela 21* abaixo apresentamos os valores contabilizados a partir da variável *animacidade do sujeito* em função da variável dependente: *presença x ausência* do clítico pronominal.



Tabela 21 – Efeito da variável *animacidade do sujeito*

| Animacidade do Sujeito | Presença N%.  | Peso    | Ausência N%.  | Peso    |
|------------------------|---------------|---------|---------------|---------|
| +humano                | 183/481 = 38% | [0.503] | 298/481 = 62% | [0.497] |
| -humano                | 16/30 = 53%   | [0.450] | 14/30 = 47%   | [0.550] |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Cyrino (2000) considerou a sentença (300) para discutir a ideia de agentivação do sujeito gramatical e concluiu que, a depender do sentido do verbo, dos adjetivos e de outros elementos que compõem uma cena enunciativa, um sujeito gramatical originariamente [-animado] e [-humano] pode adquirir *status* de [+humano] e [+animado].

(300) *A farmácia, coitada, fechou porque não aguentou* (LDN06L1554).

A autora informa que a agentivação do sujeito gramatical, *farmácia*, não se dá somente pelo sentido de movimento expresso pelo verbo *fechar*, mas, também, pelo adjetivo, *coitada*, que lhe atribui uma caracterização de [+humano] e [+animado].

Sabemos que exemplos semelhantes aos citados pela autora são muito comuns e bastante recorrentes na nossa língua e que discuti-los, aqui, com mais profundidade, nos exigiria um conhecimento teórico do qual ainda não dispomos e, além disso, mudaria substancialmente o foco das discussões pretendidas para o momento. Por ora, optamos por identificar se nas sentenças em que o sujeito gramatical é [+humano] e [+animado] há maior *presença* do clítico pronominal, conforme prevemos quando selecionamos esta variável.

Para Duarte (1986, p. 24) percebe-se “alta incidência de preenchimento do objeto quando o seu antecedente apresenta o traço [+animado] e a forte tendência ao uso da categoria vazia quando o objeto se refere a um antecedente [-animado]”. E foi exatamente desse ponto que partimos para catalogação dos nossos dados, quanto à essa variável. Não consideramos nem os processos de agentivação do sujeito gramatical, quando se trata de coisas e objetos, eles foram tratados como tais, e nem adotamos as discussões mais aprofundadas de ergativização de sujeitos [-humanos] e [-animado], conforme proposto por Cançado e Godoy (2012) e por Barros (2020).

No fragmento (301), transcrito da fala do informante, tratamos o sujeito *galho* como [-humano] e [-animado], apesar de caracterizá-lo na variável *tipos de clítico* como ergativo.

Pode até parecer incoerente para muitos. No entanto, se estamos pensando no antecedente do verbo ser ou não [+/- humano] e [+/- animado], puramente, este é também um critério de classificação. Logo, entendemos que não se constitui numa incoerência.

(301) **Inf. 4:** eu estive num galho mais fino| e me parece que. . .| ou **galho Ø quebrô| eu nem me lembro direito| ou eu cai| me lembro qu'eu caí assim...| de u' a altura bem...| bem alta, né? (ZGN-48HAA).**

De acordo com Tarallo (2005, p. 43) o “SNs referentes de natureza animada favorecem sua posterior pronominalização na fala”. Da mesma forma defendem Duarte (1986), Cyrino (2000), entre outros.

Outro ponto de grande especulação quanto à *animacidade do sujeito* são os casos em que os sujeitos são indeterminados. Neste caso, buscamos recuperar no contexto ou mesmo na natureza do sujeito indeterminado o traço de [+/- animacidade], mesmo nos casos do *se* como indeterminador. Somente quando essa recuperação não foi mesmo possível, atribuímos para a variável um não se aplica.

Dos resultados identificados em Catalão, com relação à variável *animacidade do sujeito*, conforme *tabela 21* destacamos: dos 481 casos, em 183 em que o sujeito é [+animado] e [+humano] percebemos a *presença* do clítico, um percentual de 38% e, em pesos aproximados um valor de [.503]. Já para a *ausência* do clítico registramos, 298 casos, 62% em termos percentuais e, em pesos aproximados [.497].

Com relação aos sujeitos com traços de [-humano] e [-animado], identificamos para a *ausência* do clítico pronominal um total de 30 ocorrências, com 16 casos de *ausência* e, em termos percentuais, 53% e, em pesos aproximados, [.450]. Para a *ausência* do clítico notamos que houve 14 ocorrências e, um valor percentual de 47% e, em pesos aproximados [.550].

Diferente do que defendem Duarte (1986), Cyrino (2000) e Tarallo (2005), entendemos que para os dados de Catalão a variável *animacidade do sujeito* se mostrou como *ponto neutro* possíveis condicionadores para a *presença* ou *ausência* do clítico pronominal, uma vez que, tanto em valores percentuais, quanto em pesos aproximados, ficaram bem próximos da média. Logo, o alto índice de apagamento do clítico, conforme gráfico 1, se deve a outros fatores que, certamente, favorecem a regra inovadora para *ausência* do clítico e não, necessariamente, a *animacidade do sujeito*. Não confirmando, portanto, a nossa hipótese inicial para essa variável.

Pode ser que a partir de outras abordagens que considerem de forma diferente os sujeitos *ergativos* e os *indeterminados*, os números apontem para outros resultados. Contudo,

esses valores observados nos servirão como pano de fundo para futuros aprofundamentos, dessa variável e sua relação com o fenômeno linguístico estudado. Mas estas são análises que deverão ser contempladas em futuros projetos de pesquisa.

Por ora, nos basta entender que nos casos que catalogamos, a partir da fala dos catalanos, não nos permite afirmar que a variável *animacidade do sujeito* influencia o apagamento dos clíticos pronominais. Logo, ela não corresponde ao que prevíamos inicialmente como hipótese, o que, por outro lado, não deixa de ser uma informação também válida do ponto de vista linguístico.

### 5.3.5 A variável *sexo* do informante

A última variável que o programa estatístico também não selecionou como significativa para medir a influência dos fatores sobre a variação ou mudança linguística do fenômeno estudado foi a variável *sexo do informante*.

Para essa variável os resultados apurados demonstraram que 185 dados produzidos pelos homens, em 73% deles registramos a *presença* do clítico pronominal e, em pesos aproximados, **[.551]**. Já para as *ausências* do clítico entre os homens, notamos que neste total de dados, em 112 deles, num percentual de 61% e, em pesos aproximados, **[.449]** o clítico pronominal não esteve presente, como se vê na *tabela 22*:

Tabela 22 – Efeito da variável *sexo* do informante

|          | Presença N%.  | Peso    | Ausência N%.  | Peso    |
|----------|---------------|---------|---------------|---------|
| Homens   | 73/185 = 39%  | [0.551] | 112/185 = 61% | [0.449] |
| Mulheres | 126/325 = 39% | [0.471] | 199/325 = 61% | [0.529] |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Já entre as mulheres entrevistadas os resultados não se mostraram significativos, do ponto de vista estatístico. Elas produziram mais situações em que foram ou seriam empregados os clíticos pronominais, ao todo **325**. No entanto, apesar disso, os valores em percentuais encontrados foram os mesmos, para os homens e para as mulheres, tanto para a *presença*, como para a *ausência* do clítico. Em pesos aproximados, também registramos valores muito próximos da média geral de **[.500]**, entre homens e mulheres, o que significa que a variável *sexo dos*

*informantes* não é significativa para explicar a variação ou mudança da regra geral da *presença* do clítico pronominal nestes contextos verbais, conforme descrito na *tabela 22*.

Em aspectos gerais, alguns pesquisadores costumam afirmar que as mulheres tendem preservar as normas e regras que privilegiam a norma padrão da língua (cf. MONTEIRO, 1994; LABOV, 2008; MOLLICA; BRAGA, 2003). Na dicotomia língua padrão x língua não-padrão, elas reproduzem, com mais frequência, as formas privilegiadas socialmente, ou seja, as mulheres reproduzem mais os aspectos e os modelos identificados socialmente como os mais “corretos” e os mais “adequados”, enquanto eles têm a tendência de uma fala menos vigiada, menos prestigiada socialmente. No entanto, essa não é uma regra que se manifesta nas amostras dos dados de Catalão, com relação à *ausência* e à *presença* dos clíticos pronominais nos contextos estudados.

Entendemos que outros fatores linguísticos e, principalmente, sociais devem ser considerados em análises sobre os processos de variação e mudança linguística, como a escolaridade, a origem do informante (urbana, rural, rurbana), a *idade*, entre outros. O fator *sexo* deverá ser considerado como variável complementar para o processamento das análises linguísticas e não como fatores principais, em função de equívocos e deduções incoerentes que podem ser atribuídos a essa variável. Compreendemos que é temeroso afirmar que os homens falam de tal forma e que as mulheres não empregam tais modelos linguísticos, uma vez que outros fatores sociais se correlacionam para a identidade linguística de uma comunidade de fala.

Neste capítulo procuramos apresentar em números os resultados dos dados coletados, transcritos e analisados, a partir de cada variável independente, linguística e social, em função da variável dependente: *presença* x *ausência* do clítico pronominal em construções do Português Brasileiro, na modalidade falada em Catalão-GO.

Das 10 variáveis independentes analisadas, nas 5 variáveis que o programa estatístico GoldVarb X, após a submissão de diversas rodadas, considerou significativas para explicar o fenômeno linguístico, ficou evidente que os catalanos dão preferência para a *ausência* do clítico pronominal, nos contextos verbais estudados, com um total, em percentuais, de 39% para a *presença* contra 61% para a *ausência*, o que confirma a tendência para inovação da regra geral adotada pelos goianos para o apagamento dos clíticos pronominais em todas as pessoas verbais, e nos verbos que possuem traços de reflexividade (cf. BARROS, 2011, 2016).

As 511 ocorrências identificadas e os 133 verbos do Português Brasileiro estudados, a partir de um contexto social e linguístico específico, nos dão uma noção de como se comportam os clíticos pronominais em construções com os verbos reflexivos/pronominais nas falas dos catalanos e dos goianos de forma geral. E, mais do que isso, os resultados servem de

pistas que nos indicam possíveis projeções de como esse fenômeno linguístico irá se comportar futuramente. Os dados apontam que, muito provavelmente, os clíticos serão cada vez menos empregados pelos goianos e mineiros, conforme indicam os trabalhos de Veado (1982), Lemle (1985), D'Albuquerque (1988), Nunes (1995), Lima (2006) e Barros (2011; 2016; 2020).

No entanto, sabemos que outras análises, com outros recortes são e serão sempre pertinentes. Assim, os dados que coletamos estarão à disposição de outros pesquisadores para que possam, por meio de outras abordagens, corroborar ou refutar os nossos resultados e as nossas percepções.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assumimos na Introdução deste texto que as análises do fenômeno linguístico pesquisado – *Os clíticos pronominais em contextos de reflexividade/pronominalidade verbal na fala da cidade de Catalão-GO*, teriam como embasamento teórico e metodológico as orientações da Sociolinguística Variacionista, a partir das orientações de Labov (2001; 2008; 2010) e as abordagens da Variação e Mudança Linguística pleiteadas por Weinreich, Labov e Herzog (2006). Contudo, essas nossas proposições teóricas solicitavam de nós uma concepção de língua que vai além do que é normalmente regulamentado pelas Gramáticas Tradicionais.

Ao contrário disso, era preciso demonstrar que acreditamos nas abordagens linguísticas que percebem a língua como recurso interativo humano resultante das interações de fatores linguísticos e sociais, que se materializa nas reais condições de uso, concretizada por um sujeito construído e construtor de uma comunidade linguística, com hábitos, crenças e costumes de língua voltados para atender às suas necessidades comunicativas e de interação social.

Entendemos, então, que os estes sujeitos que compõem uma comunidade de fala adaptam suas escolhas linguísticas às suas circunstâncias discursivas cotidianas e aos seus interesses expressivos e ideológicos, sempre em defesa daquilo que acreditam ser o certo, ser o mais adequado linguisticamente, apesar e além das prescrições contidas nos manuais do “bem falar”.

Assim, mesmo quando as Gramáticas Normativas orientam que os verbos de sentido reflexivos/pronominais, em contextos em que são coincidentes o papel de Agente-sujeito e o do Paciente-objeto da ação verbal e que são, portanto, verbos que **nunca** devem estar sem os respectivos clíticos pronominais, porque são verbos de natureza sintática e semântica classificados como *essencialmente pronominais* ou *essencialmente reflexivos*, o falante, no entanto, só o fará, conforme prescrevem os manuais, se entender que essa é a ‘opção’ mais adequada às circunstâncias discursivas que se apresentam no momento da interação, no ato da fala.

Em outros termos, isso significa dizer que, apesar das gramáticas solicitarem a *presença* dos clíticos pronominais, em verbos como *suicidar-se*, *queixar-se*, *comportar-se*, *formar-se*, *casar-se* entre outros, são os sujeitos sociais que decidirão quais normas comporão os seus sistemas linguísticos e quais não farão parte do seu *vernáculo*. Neste sentido, entendemos, portanto, que estudar uma língua sem considerar as reais condições de uso e os

interesses dos seus usuários corresponde em produzir conhecimentos com pouca viabilidade prática, do ponto de vista científico.

Assim, ao propormos analisar amostras recortadas da fala da cidade de Catalão-GO, considerando as diversas condições de uso da língua, expressas nos dados concretos, demonstra, também, a nossa concepção social, heterogênea e dinâmica do objeto língua, o caos organizado que possibilita a interação cotidiana dos membros daquela comunidade de fala.

A partir desse posicionamento, as nossas hipóteses de pesquisa, foram também baseadas na nossa intuição de falante nativo da variante da fala goiana. Assim, prevíamos que há em Goiás e em Catalão, em específico, a *ausência* dos clíticos pronominais refletindo uma mudança linguística em fase já bastante acelerada. Do ponto de vista linguístico, partíamos, naquele momento, da explicação de que o clítico *se* se encaminhou, inicialmente, da sua função originária de *clítico reflexivo*, para a função gramatical de *afixo verbal* e, por último, para o *apagamento*, e ainda, para o seu completo desaparecimento. No caso dos demais clíticos, a hipótese é que eles tenham pulado da etapa de clítico para o apagamento e, em seguida, para o desaparecimento. Os dados demonstram que as nossas hipóteses se confirmaram na maioria das ocorrências analisadas. De fato, os clíticos já desapareceram, nesta comunidade de fala, em especial, entre os falantes pouco escolarizados.

As análises das variáveis dependentes: a *ausência* x *presença* dos clíticos pronominais demonstraram que há em Catalão uma mudança linguística já em fase avançada, apontando para o futuro desaparecimento dos clíticos. Os catalanos, de forma particular, em situações linguísticas que envolvem os fenômenos da reflexividade e da pronominalização verbal, sobretudo, na modalidade falada da língua, têm ‘optado’ por promoverem o apagamento do clítico pronominal, na maioria dos casos em que este emprego seria esperado, em função de fatores linguísticos e sociais, conforme confirmaram os dados transcritos e analisados.

Das 511 ocorrências verbais estudadas, registramos a *presença* dos clíticos em 199 delas e a *ausência* em 312 das situações verbais em contextos em que era esperado que o clítico “deveria” aparecer como complemento do sentido do verbo, em função do processo de pronominalização verbal. Em números percentuais, estes valores correspondem a 39% para a *presença* dos clíticos e 61% para a *ausência*. Esse é considerado um valor bastante expressivo e informa que, de fato, em Catalão, a *presença* do clítico, conforme solicita a regra geral, vem perdendo força de forma bastante significativa.

Para Castilho (2010), conforme já comentado em outros momentos deste texto, os *reflexivos*, no Português Brasileiro, estão perdendo traços de pessoa, o que significa dizer que estão perdendo o seu estatuto da categoria de clítico pronominal. Além disso, estão perdendo

também o traço de reflexividade ou de correferencialidade, e o informante estaria usando outras expressões para indicar essa reflexividade, como *ele mesmo/ ela mesma, a si mesmo, eu mesmo, nele mesmo* entre outras. Já para indicar o sentido de reciprocidade têm sido empregadas expressões como: *a ambos, eles mesmos, deles próprios, um ao outro, um do outro* e outras formas de referências com o sentido de mutualidade, menos os clíticos pronominais.

No entanto, Castilho (2010) considera que tantas perdas dos reflexivos acabaram se transformando em ganhos quando, por meio de processos de reanálise, aceleraram os processos de gramaticalização e as perdas do traço de pessoa e de reflexividade garantiram aos clíticos suas transformações em prefixos pronominais. Assim, por meio da próclise, os clíticos ganharam o papel de afixos dos verbos e, nessa função, menos significativa, o caminho para a omissão ou o apagamento se tornou ainda mais curto e aligeirado, o que para nós explicaria o favorecimento para a *ausência* dos clíticos pronominais, conforme identificado nos dados analisados da cidade de Catalão-GO.

Com relação à proposição das variáveis independentes, as linguísticas e as sociais, muitas das hipóteses sugeridas também se confirmaram, já outras, nem tanto. Sobre as variáveis sociais: *escolaridade, idade e sexo*, consideramos que, de fato, a variável *escolaridade* têm interferência direta sobre a realização linguística dos informantes, quando os resultados comprovaram que entre os de maior *escolaridade* há grande tendência para a manutenção das regras e normas ensinadas pela escola. Logo, percebemos um maior emprego dos clíticos pronominais entre os informantes que concluíram o ensino superior, o que manifesta um maior domínio e uma maior atenção para o que a escola julga como modelos adequados e “corretos”, para um bom saber linguístico, desde o século XIX, ou até mesmo antes dele, ainda que estes modelos não representem a realidade linguística das comunidades de fala.

Via de regra, os resultados das pesquisas sociolinguísticas apontam para uma maior preservação das normas prestigiadas socialmente entre o grupo de falantes mais escolarizados. Em Catalão esse fator também se mostrou bastante significativo, conforme demonstram os dados. Os resultados para essa variável apontaram para os seguintes resultados: para a *presença* dos clíticos, entre os informantes de *baixa* escolaridade, em pesos relativos **.187**; entre os de *média* escolaridade, **.411**; e entre os de *alta* escolaridade **.715**, demonstrando que são empreendidos esforços, por parte dos informantes mais escolarizados, para o emprego dos clíticos pronominais, adequando-os às pessoas do *sujeito*, conforme prevíamos no início da pesquisa.

De acordo com os resultados expressos pelos dados, os valores crescentes do uso dos clíticos acompanham os níveis também crescentes de escolaridade dos informantes. Ou



seja, quanto maior o nível escolar do informante, maior a manutenção da regra geral, maiores são os índices de emprego dos clíticos nos contextos verbais analisados. De fato, os dados nos dizem que a escola é um dos grandes responsáveis pelo conservadorismo da norma padrão da língua, mesmo que os usos cotidianos, pelos falantes, não demonstrem essa relaidade.

Sobre a variável *idade*, a hipótese era a de que entre os informantes de maior idade, haveria um maior emprego dos clíticos pronominais, devido a uma maior “consciência” das normas defendidas pela escola como as mais “corretas”. Essa foi uma variável que não correspondeu às nossas expectativas. O Programa Estatístico GoldVarb X o considerou como o fator de maior significância estatística para explicar a variação e a mudança linguística do fenômeno estudado, aspecto que nos surpreendeu bastante. Os resultados apontaram para uma tendência de *presença* dos clíticos entre os mais *jovens* e entre os *adultos*, **.628** e **.701**, em pesos relativos, respectivamente. E, por consequência, uma maior *ausência* dos clíticos foi verificada entre os adultos+, com idade superior aos 50 anos, com pesos relativos de **.776**, um valor considerado alto, porém explicado e confirmado pelo cruzamento das variáveis *escolaridade* e *idade*.

Sabemos que o fator *idade* pode contribuir para a interpretação dos resultados, mas esta variável não pode, por si só, responder integralmente por uma ou outra variação ou mesmo por uma mudança linguística, uma vez que um informante pode estar inserido em um espaço social e linguístico específico e ser influenciado por diversos outros fatores que não seja, necessariamente, a sua *idade* cronológica.

A variável social *sexo do informante* também fez parte das nossas análises, em função de que os estudos sociolinguísticos consideram diferentes, em alguns aspectos, as formas de organização e escolhas linguísticas promovidas pelos homens e pelas mulheres, apesar de sabermos que essa variável também não responde, por si só, pela explicação da complexidade do fenômeno de uma mudança linguística. Por outro lado, sabemos também que os resultados dessa variável podem contribuir para a compreensão do fenômeno em sua totalidade.

A nossa hipótese inicial para essa variável era de que o clítico pronominal tivesse a *presença* mais preservada entre as mulheres, em função do que, normalmente, apontam as pesquisas sociolinguísticas no que se refere à variável *sexo*. O que se sabe é que as mulheres tendem conversar mais os aspectos da norma padrão da língua. Elas, via de regra, se monitoram mais, buscando empregar com maior frequência as regras do “bem falar”.

Nesta pesquisa o programa estatístico não selecionou a variável *sexo do informante* como significativa para explicar o fenômeno linguístico pesquisado, tendo em vista que os

resultados obtidos foram os mesmos, tanto para os homens, quanto para as mulheres, em termos percentuais, 39% de *presença* do clítico e 61% para a *ausência*. Em pesos aproximados os resultados não se distanciaram da média de **.500**, não se revelando, realmente, como fator favorecedor para explicar a mudança linguística observada.

Assim, podemos afirmar que nossa hipótese, com relação a esta variável, se confirmou parcialmente. Em números gerais, as mulheres produziram muito mais contextos de reflexividade e pronominalização do que os homens. Enquanto elas produziram 325 situações em que era possível o aparecimento do clítico, eles produziram apenas 185 contextos com essas mesmas condições. De qualquer forma, os números apurados para esta variável contribuíram para confirmar os resultados gerais de que os catalanos, homens e mulheres, estão mesmo ‘optando’ pela *ausência* dos clíticos.

Passamos às considerações acerca das variáveis linguísticas selecionadas como significantes estaticamente, reconhecidas como fatores influenciadores sobre o fenômeno linguístico estudado.

O 3º Grupo de fatores por relevância estatística foi o da variável *tipos de discurso*. Para esta variável, os números demonstraram que os discursos do tipo *argumentativos* são os que mais favorecerem a *presença* dos clíticos, enquanto que discursos *descritivos*, aqueles referentes à descrição da própria vida ou de fatos e acontecimentos relacionados à vida de terceiros e os discursos *narrativos* favorecem a *ausência* dos clíticos pronominais nos contextos verbais estudados.

A hipótese para esta variável era que os discursos mais elaborados, como os da argumentação, favorecem a manutenção do clítico pronominal, uma vez que se percebe uma maior imposição do domínio e do emprego da norma padrão da língua, em função da própria estrutura argumentativa adotada neste tipo de discurso.

Logo, a explicação para o favorecimento da manutenção da regra, nos discursos *argumentativos*, está no fato de que esses discursos acabam exigindo maior formalidade linguística, porque o foco está na própria linguagem, no encadeamento de ideias que visem ao convencimento do interlocutor, logo a tendência é que haja um maior policiamento na escolha de palavras e normas que vão compor esse discurso persuasivo.

Por outro lado, os discursos com foco na sequenciação dos fatos e na atuação das personagens, como os *narrativos* e os *descritivos*, por exemplo, solicitam que a atenção do informante esteja mais voltada para a sequenciação dos fatos, para o enredo em si e para a descrição do envolvimento das personagens no acontecimento, do que para as normas padrão da língua. Ao voltar a sua atenção para a sequenciação dos fatos e acontecimentos, as regras

conservadoras da norma padrão da língua perdem o foco e deixam de ser tão policiadas pelo informante. Assim, surge a inovação da regra geral, a *ausência* do clítico pronominal.

Os resultados demonstraram que no discurso do tipo *argumentativo*, das 118 ocorrências em que eram propícias para o aparecimento do clítico pronominal, este se fez presente em 75 delas e ausente em 43. Em números percentuais e em pesos relativos, registramos 64% e **.663** para a *presença* e 36% e **.337** para a *ausência*.

No outro extremo estão os discursos do tipo *narrativo*. Os resultados apontaram uma condição muito menor para o emprego dos clíticos pronominais, apenas 38 ocorrências, mas com alto percentual de *ausência*. Em números percentuais e em pesos relativos foram apurados para essa variável os seguintes resultados: em percentual 29% e **.399** em pesos relativos para a *presença* e 71% em percentuais e **.601** em pesos relativos para a *ausência*.

Portanto, pelo que indicaram os dados, a maioria dos informantes, ao produzirem discursos *narrativos* e *descritivos*, ‘optaram’ por não empregar as formas clíticas, nos contextos especificados.

Por outro lado, relatamos, também, que em alguns momentos foi bastante difícil caracterizar alguns discursos com apenas uma característica específica, visto que, em muitas situações o informante passava de uma descrição para uma narração, por exemplo, com muita espontaneidade. Assim, tentamos separar, ao máximo, aquelas situações que se caracterizavam conforme os parâmetros estabelecidos para um ou outro tipo discursivo e desprezamos aquelas ocorrências que não se caracterizavam por nenhum tipo de discurso estudado aqui.

O quarto grupo de fatores, por relevância estatística, foi o da variável *transitividade do verbo*. Para este grupo foram analisadas cinco variáveis: *verbo transitivo direto*, *verbo transitivo indireto*, *verbo intransitivo*, *verbo copulativo* e *verbo transitivo direto e indireto*.

A maior *presença* dos clíticos pronominais, nesta variável, foi observada entre os verbos do tipo *copulativos* (os de cópula ou de ligação). Dos 48 casos analisados, em 37 deles houve o emprego dos clíticos, em 77%. em valores percentuais e, **.844**, em pesos relativos. Já a maior *ausência* foi registrada entre os verbos do tipo *intransitivos*. Das 164 ocorrências analisadas, em 115 delas houve o apagamento do clítico, em 70%, em valores percentuais e, **.626**, em pesos relativos.

Com relação aos verbos *transitivos diretos* e *indiretos* os resultados não se mostraram distanciados da média. Tanto para a *presença*, quanto para a *ausência*, estes se aproximaram de **.500**, em pesos relativos, embora em termos percentuais essa *ausência* tenha se apresentado levemente maior, algo em torno de 60%, favorecendo, portanto, a *ausência*.

Para o caso dos *intransitivos*, das 164 ocorrências, em 49 delas houve a *presença* do clítico pronominal, em 30%, em valores percentuais e, em pesos relativos **.374**. Com relação à *ausência* do clítico, constatamos que nestas mesmas 164 situações, em que o verbo é caracterizado como *intransitivo*, a *ausência* do clítico se deu em 115 delas. Esses resultados, em números percentuais, correspondem a 70% dos verbos *intransitivos* analisados e, em pesos relativos a **.626**. Logo, foi observado que há favorecimento para a *ausência* do clítico pronominal, quando o contexto é o da intransitividade verbal.

Nossa hipótese, com relação à *intransitividade verbal*, se confirmou, uma vez que imaginávamos que entre os *intransitivos* haveria maior favorecimento para a *ausência* do clítico, tendo em vista que esses verbos não carecem de complemento de sentido, porque seus significados já são suficientes para a compreensão do falante. Assim, não necessitam ser complementados, nem por um objeto direto e nem por objeto indireto, não havendo, portanto, a necessidade de preenchimento do argumento com um clítico pronominal.

Por fim, o último grupo de fatores linguísticos de relevância estatística foi o da variável *tipos de clítico pronominal*. Para esta variável foram analisadas sete subcategorias dos clíticos pronominais, caracterizadas a partir do sentido que o verbo expressa na sentença: *reflexivo, recíproco, ergativo, enfático, inerente, apassivador e indeterminado*.

Nossa hipótese inicial era de que o maior número de ocorrências fosse entre os do tipo *reflexivo*, com ou sem o clítico pronominal. De fato, das 511 ocorrências analisadas 331 são do tipo *reflexivo*, mais da metade das ocorrências identificadas em que é possível que os verbos pronominalizados ou passíveis de pronominalização. Esse resultado se atribuiu, em grande parte, ao roteiro de assuntos adotado nas entrevistas, quando privilegiamos assuntos que apresentam verbos reflexivos/pronominais.

Os clíticos do tipo *reflexivo* apresentaram uma *ausência* bastante significativa. Em termos percentuais, em 63% das ocorrências, em 210 das 331 analisadas, houve o apagamento dos clíticos pronominais. Este resultado, favorecendo a *ausência*, também foi percebido entre os do tipo *inerente*. Das 85 ocorrências analisadas, em 56 notamos a *ausência* do clítico quando o contexto era adequado para a sua *presença*, caso essa fosse a vontade do informante.

Somente para os do tipo *indeterminador* é que houve um sutil favorecimento para a *presença* do clítico, embora em pesos relativos essa diferença não tenha se mostrado distante da média. Para as 66 ocorrências analisadas, em 35 delas houve a *presença* do clítico e em 31 a *ausência*. Em valores percentuais e em pesos relativos, os números indicaram os seguintes resultados: 53% e, **.510**, respectivamente, para a *presença* e para a *ausência* 47% em percentuais e, **.410**, em pesos relativos. Uma diferença realmente pouco expressiva em termos estatísticos.

No entanto, em aspectos linguísticos podem indicar uma variação linguística, com relação a essa subcategorização do clítico pronominal.

A subcategoria dos clíticos pronominais do tipo *indeterminador* merece estudos mais verticalizados, considerando que existem diversos outros aspectos que têm implicando em mudanças, no Português Brasileiro, com relação a esse tipo de clítico e os verbos reflexivos/pronominais, aos quais não nos dedicamos com tanto afinco, por são ser este o nosso foco. Contudo, sem dúvida, os dados coletados servirão de material para futuras análises, mais específicas e mais abrangentes do *indeterminador*.

Em diversos momentos desta tese, defendemos que a *ausência* dos clíticos pronominais, na fala dos catalanos, reflete uma mudança linguística em Goiás em fase já avançada, caracterizada pela flutuação, em especial do clítico *se*, que se encaminhou inicialmente da sua função originária de clítico reflexivo, para a função gramatical de afixo verbal e, por último, para o apagamento e desaparecimento, nesta última função, como observamos nos verbos: *suicidar-se* > *suicidar*, *queixar-se* > *queixar*; *comportar-se* > *comportar* e outros. Esse processo, da flutuação e do apagamento do clítico pronominal, também deverá ser matéria dos nossos próximos estudos.

Outro aspecto, embora não investigado, mas que é sugestivo para futuras análises, são os casos dos usos inconscientes do clítico pronominal. Aquele que ocorre quando o informante não relaciona o clítico com o sentido propriamente da reflexividade, mas como hipercorreção, na tentativa do acerto no falar “correto”, e o uso de expressões cristalizadas. Ou seja, quando o informante emprega o clítico muito mais por força da memorização lexical, sem saber exatamente porque o faz, como se o clítico fosse um afixo do verbo (cf, BARROS).

Ao longo de todo o texto demonstramos que esta é uma pesquisa amparada nos aportes teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista, de base laboviana. Assim, nossa preocupação durante as etapas da sua realização esteve sempre voltada para os critérios minuciosos da escolha do informante, da coleta, da transcrição, separação, tabulação e interpretação dos dados da língua falada, tal como é solicitado pelos procedimentos da pesquisa de natureza sociolinguística variacionista.

Entendemos que estudar uma língua, a partir das suas condições reais de uso, significou desvendar informações linguísticas e não linguísticas que somente o contato direto do entrevistador com o informante pode nos assegurar. Ver e ouvir o informante falando, gesticulando, apontando, pode fazer diferença no momento da interpretação das informações, estas podem ser complementadas por um ou outro acontecimento não linguístico, ocorrido no momento da entrevista, recuperado posteriormente somente pelo entrevistador presente.

Assim, como declaramos na introdução desta tese, as atividades de coleta de dados, *in loco*, representaram o maior desafio desta pesquisa, devido as dificuldades naturais que elas impõem ao pesquisador, mas, em especial, em função da ocorrência da Pandemia do Corona Vírus, conforme relatamos. Por outro lado, a interação com os informantes nos proporcionou saberes para a vida.

No entanto, entendemos que este trabalho de pesquisa não termina aqui, com a escrita e defesa desta tese. Esta é apenas uma das muitas etapas que este estudo se desdobrará. Muitas outras leituras, muitas outras interpretações, ainda estão por acontecer. Os resultados tabulados, as várias horas de entrevistas transcritas, os questionários escritos respondidos pelos informantes e não utilizados para a interpretação dos resultados desta tese serão retomados, posteriormente, como produtos de pesquisa a serem observados sob outros olhares, nossos e de outros pesquisadores.

As discussões sobre o fenômeno linguístico pesquisado na cidade de Catalão-GO, não se encerram com estas considerações. Muito ainda será produzido, por nós, e por outros pesquisadores, a partir do vasto material linguístico que coletamos e que será, em breve, colocado à disposição do Programa de Pós-Graduação e da Universidade Federal de Minas Gerais para que possam ser estudados por aqueles que desejarem compreender o funcionamento do Português Brasileiro falado em Catalão-GO, tanto com relação ao fenômeno estudado aqui, como em relação a outros aspectos da nossa língua que estejam contemplados pelos dados.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- ALVES, Rodrigo. Goianês: a maneira goiana de falar rende estudos sobre singularidades. *O Popular*, Goiânia, 05 jun. 2016. *Magazine*, p. 2.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- \_\_\_\_\_; CASSEB-GALVÃO Vânia. Mudança linguística: fenômeno sociocognitivo de base funcional. In.: BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia; REZENDE, Tânia Ferreira (Orgs.). *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2017.
- BANDEIRA, Grace dos Anjos Freire. *O apagamento do SE nas funções sujeito e objeto: um estudo variacionista com dados do VARSUL do Paraná*. 2007. 272 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade do Paraná, Curitiba: PR, 2007.
- BARBOSA, Altair Sales; TEXEIRA NETO, Antônio; GOMES, Horieste. *Geografia: Goiás-Tocantins*. 2. ed. Goiânia: Editora da UFG, 2004.
- BARROS, Déborah Magalhães de. A ergatividade no PB em perspectiva construcional. In: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina *et al.* (Orgs.). *O sujeito gramatical no Português Brasileiro: expressão, concordância, ergatividade e afetamento*. São Paulo: Parábola, 2020. p. 135-149. (Col. Linguagem, 90).
- \_\_\_\_\_. *Aspectos funcionais relativos ao (des)uso do reflexivo na fala goiana*. 2011. 214 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras (FL), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011. Disponível em: <<http://www.files.gef-ufg.webnode.com/200000017>>. Acesso: 25 jan. 2019.
- \_\_\_\_\_. *Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional*. 2016. 176 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras (FL), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <<https://www.repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6492>>. Acesso em: 25 jan. 2019.
- \_\_\_\_\_; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. A transitividade na reconfiguração da voz reflexiva na fala goiana. *Revista Linguística – Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Volume Especial, p. 171-191, dez. 2016, ISSN 2238-975X 1. Disponível em: <<http://letras.ufj.br/poslinguistica/revistalinguistica>>. Acesso em: 22 jul. 2020.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

BERLINCK, Rosane de Andrade; BIAZOLLI, Caroline Carnielle. Ferramentas metodológicas para análises (sócio)linguísticas. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 260-273, out. 2018. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/issue/view/53/53>>. Acesso em: 16 jul. 2022.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário dos usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 2001.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionílio. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. Construções de voz. In: ABAURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Angela C. S. (Orgs.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 2002. p. 227-316. (vol. VIII: Novos estudos descritivos).

\_\_\_\_\_. Em defesa da categoria de voz média no português. *Delta: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 91-122, 2003. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/38092/25837>>. Acesso em: 10 out. 2020.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dicionário de fatos gramaticais*. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa/MEC, 1956.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. 34. ed. São Paulo: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CANÇADO, Márcia; GODOY, Luísa. Representação lexical das classes verbais do PB. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 56, n. 1, p. 109-135, abr. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4963>>. Acesso em: 20 out. 2021.

CARVALHO, Castelar de. *O pronome SE: uma palavra oblíqua e dissimulada*. 1990. 373 f. tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

CARVALHO, José Augusto. *Gramática superior da língua portuguesa*. 2. ed. rev. Brasília: Centro Editorial/Thesaurus, 2011.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. A função sujeito: definição, tratamento tradicional e funcionalidade. In: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina *et al.* (Orgs.). *O sujeito gramatical no Português Brasileiro: expressão, concordância, ergatividade e afetamento*. São Paulo: Parábola, 2020. p. 47-59.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática de português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.



CHAMBERS, K. K., *Sociolinguistic theory*. Cambridge: Blackwell, 2003.

CHAUD, Antônio Miguel Jorge. *Imigrantes em Catalão – 1835-1995*. Goiânia: Editora do Autor, 1996.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. 2. ed. Dordrecht: Foris, 1982.

COSTA, Sirlene Antonia Rodrigues. *Uma abordagem linguístico-histórica da nasalidade em Corumbá de Goiás*. 2005. 80 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, 2005.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. *Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC*. 2007. 3 v. 635 f. Tese (Doutorado Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://www.teses.usp/teses/disponiveis/8/8139/tde-28012008-115533/publico>>. Acesso em: 19 maio 2021.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2013.

\_\_\_\_\_. *Gramática da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. Elementos nulos pós-verbais no português brasileiro oral contemporâneo. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do português falado*. Volume VII. Campinas: Ed. Unicamp/FAPESP, 1999. p. 595-625.

\_\_\_\_\_. Para a História do português brasileiro: observação sobre a presença de complementos verbais nulos e a ausência de clíticos de 3ª pessoa. In: ENCONTRO, DA ANPOLL, 15., 2000, Niterói. *Anais...* Niterói-RJ: Universidade Federal Fluminense, 2000.

D'ALBUQUERQUE, Alair da Cruz Reis Cavalcanti. A perda dos clíticos em um dialeto mineiro. *Revista Tempo Brasileiro: Sociolinguística e o ensino do vernáculo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988. p. 97-121.

DIK, Simon. *The theory of functional grammar*. Functional Grammar. Series 9. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

\_\_\_\_\_. *The theory of functional grammar*. Berlin: Walter de Gruyter, 1997.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando (Org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 19-34.

\_\_\_\_\_. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1996, p. 107-128.

\_\_\_\_\_. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. 1986. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

ECKERT, Penelope. Ages as a sociolinguistic variable. In: COULMAS, Florian (Ed.). *The handbook of sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, 1997, p. 151-167.

EMBICK, David; MORRIS, Halle. Forthcoming. *Word Formation: Aspects of the Latin Conjugation in Distributed Morphology*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004.

\_\_\_\_\_; NOYER, Rolf. Distributed morphology and the syntax/morphology interface. In: RAMCHAND, Gillian; REISS, Charles. *Oxford handbook of linguistic interfaces*, chapter 9. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 289-324.

FAGUNDES, Edson Domingos. *As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do Varsul no Estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo*. 2007. 233 f. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

FISHER, John L. Influências sociais na escolha de variantes linguísticas. Tradução de Elba I. Souto. In: FONSECA, Maria Stella; NEVES, Moema F. (Org.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 87-98.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade: uma variável sociolinguística complexa. *Línguas & Letras: Estudos Linguísticos*, v. 6, n. 11, p. 105-121, jul./dez. 2005.

\_\_\_\_\_. Uma hipótese de gramaticalização do pronome reflexivo *se* na fala de Florianópolis. *Working papers em linguística*, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 59-72, jan. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/6167/5722>>. Acesso em: 20 out. 2021.

GALVES, Charlotte. A interpretação “reflexiva” do pronome no Português do Brasil. *Delta: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 249-264, 1986.

\_\_\_\_\_. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 387-408. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/delta/a/xtztwm8RstV7mKps9LKf4Qq/?lang=pt>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

GIVÓN, Talmy. *English grammar: a functional based introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

\_\_\_\_\_. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

\_\_\_\_\_. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

\_\_\_\_\_. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

\_\_\_\_\_. The grammar of referential coherence as mental processing instructions. *Linguistics*, 30(1), 1992, p. 5-55. Disponível em: <<https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/ling.1992.30.1.5/html>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

GRAÇA, Thais Santos Nóbrega Vieira. *(Des)uso do clítico em orações com verbos pronominais*. 2016. 88f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras, Universidade Federal do Rio Grande Norte, Natal-RN, 2016.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In.: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Eds). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

\_\_\_\_\_ *et al.* *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 1996.

\_\_\_\_\_ *et al.* Os pronomes pessoais do português falado – roteiro para análise. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira; BASÍLIO, Margarida (Org.). *Gramática do português falado – Estudos Descritivos*, vol. IV. 2. ed. rev. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2002. p. 73-159.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA – IBGE. *Catalão*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/catalao/panorama>>. Acesso em: 23 set. 2021.

ISQUERDO, Aparecida Negri; TELES, Ana Regina. A rede de pontos. In.: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva *et al.* *Atlas Linguístico do Brasil*. Volume 1. Londrina, PR: Eduel, 2014. p. 37-77.

JACOB, Daniel. A reflexividade no português brasileiro: entre gramaticalização e lexicalização. In: SEMINÁRIO DO PROJETO PARA A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO, 6., 2004, Ilha de Itaparica. *Anais...* Ilha de Itaparica-BA, 2004. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/280978655\\_A\\_reflexividade\\_no\\_portugues\\_brasileiro\\_entre\\_gramaticalizacao\\_e\\_lexicalizacao](https://www.researchgate.net/publication/280978655_A_reflexividade_no_portugues_brasileiro_entre_gramaticalizacao_e_lexicalizacao)>. Acesso em: 10 mar. 2019.

KEMMER, Suzanne. Middle voice, transitivity and the elaboration of events. In: B. FOX, P. J. HOPPER (Eds.). *Voice: form and function*. Amsteram/Philadelphia: John Benjamins, 1994. p. 179-230.

\_\_\_\_\_. *The middle voice*. Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 1993.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. *Principles de linguistic change: external factors*. Oxford-UK/Cambridge-USA: Blackwell Publishers, 2001.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors*. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2010.

LEMLE, Miriam. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. In: LOBATO, Lúcia *et al.* *Linguística e o ensino do vernáculo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. p. 60-94.

\_\_\_\_\_. Pronomes, anáforas, zero: observações sobre uma mudança linguística. *Delta: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 1, n. 1 e 2, p. 121-124, 1985.

LENHARO, Aline Camila. A percepção dos paulistas sobre a realização dos verbos pronominais. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 351- 365, nov. 2017. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1699/1219>>. Acesso em: 04 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. *Descrição léxico-gramatical e funcional dos verbos pronominais do português brasileiro com vistas ao aperfeiçoamento da base de verbos da wordnet brasileira e do alinhamento semântico desta a base de verbos da wordnet norte-americana*. 2014. 238 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras (FL) – Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara-SP, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/115941>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

LICHTENBERK, Frantisek. Possessive constructions in Oceanic languages and in Proto Oceanic. In: PAWLEY, Andrew; CARRINGTON, Lois (Eds.). *Austronesian Linguistics at the 15th Pacific Science Congress*. Canberra: Pacific Linguistics, 1985. p. 93-140

LIMA, Bruno Fernandes Zenóbio de. *O percurso diacrônico das construções com o pronome se na Língua Portuguesa como um processo de gramaticalização*. 2006. 130 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ALDR-6UQRB5>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

LUCCHESI, Dante. Estilhaços de língua: variação e apartheid sociolinguístico no português brasileiro. *Odisseia*, Natal-RN, v. 1, n. 1, p. 44-58, jan./jun. 2016. <<https://periodicos.ufrn.br/article/download>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

\_\_\_\_\_; ARAÚJO, Silvana. *A teoria da variação linguística*. Salvador: Departamento de Letras Vernáculas/Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, 2009. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>>. Acesso em: 12 maio 2022.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2008.

\_\_\_\_\_. *Moderna gramática brasileira*. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

MADUREIRA, Evelyne Dogliani. Variação nas construções pronominais dos verbos psicológicos: uma decorrência de diferentes percursos históricos. In: COHEN, Maria Antonieta A. M.; RAMOS, Jânia M. (Orgs.). *Dialeto mineiro e outras falas: estudos de variação e mudança linguística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2002. p. 109-128.

MARÇALO, Maria João. Dos chamados verbos “reflexivos e pronominais”. *Revista Eletrônica de Linguística: Domínios de Lingu@gem*, ano 1, n. 1, p. 1-17, 2007. Disponível em: <[www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/download/11399/6679](http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/download/11399/6679)>. Acesso em: 22 set. 2018.

MARTINS, Ana Maria. *Clíticos na história do português*. 1994. 322 f. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/315762082>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Português brasileiro: raízes e trajetórias. *Ciência Hoje – conquista e colonização*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 86, p. 76-81, nov./dez., 1996. Disponível em: <<http://www.ijsn.es.gov.br/bibliotecaonline/Record/2425>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. *Tradição gramatical e gramática tradicional*. São Paulo: Contexto, 1989.

MELLO, Fernanda Rosário de. *Acabou-se o que era doce, quem comeu se regalou-se: uma análise do clítico se em João Pessoa na interface Sociolinguística/Gramaticalização*. 2009. 322 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6485>>. Acesso em: 25 out. 2018.

\_\_\_\_\_. *O uso produtivo do pronome ‘se’ reflexivo na fala de João Pessoa: uma abordagem funcionalista*. 2005. 133 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005. Disponível em: <[https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6421?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6421?locale=pt_BR)>. Acesso em: 25 out. 2018.

MELO, Neide da Silva Souza. *O clítico se com valor reflexo ou recíproco: uma abordagem sociolinguística*. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2005. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufu.br/handle/123456789/15485>>. Acesso em: 20 out. 2018.

MENON, Odete Pereira da Silva. *Analyse sociolinguistique de l'indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil, à partir des données du NURC/SP*. 1994. 397 f. Tese (Doutorado) – Département de Recherches Linguistiques, Université de Paris VII, Paris, 1994.

\_\_\_\_\_. Considerações em torno do SE 1. SE passivo? *Revista Letras*, Curitiba, Editora da UFPR, v. 42, p. 171-193, 1993.

MIOTO, Carlos *et al.* *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

MIRA MATEUS, Maria Helena *et al.* *A gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. *Os pronomes pessoais no Português do Brasil*. 1991. 220 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

\_\_\_\_\_. *Para compreender Labov*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática dos usos do português*. São Paulo: UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. Os pronomes. In.: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe fechada*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 13-102.

NUNES, Jairo Morais. Ainda o famigerado SE. *Delta: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 201-240, 1995.

\_\_\_\_\_. *O famigerado se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. 1990. 172 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

\_\_\_\_\_. *Se apassivador e Se indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro*. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 20, p. 33-58, jan./jun., 1991.

OLIVEIRA, Maria de. *Nós se cliticizou-se?* Itaparica: [s.n], 2006. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcvlport/pdf/mari014.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

OLIVEIRA E SOUSA, Eurípedes Olímpio de. *Noções de Gramática e de Língua Portuguesa*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953.

OMENA, N. P. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. 1978. 138 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 1978.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 33-42.

PALACÍN, Luís. *Goiás 1722-1822: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas*. Goiânia: Oriente, 1972.

\_\_\_\_\_. *História de Goiás*. 5. ed. Goiânia: Editora da UFG, 1989.

\_\_\_\_\_. *O Século do Ouro em Goiás*. Goiânia: Editora da UCG, 1986.

\_\_\_\_\_. O quinto império, utopia de um século férreo. *Ciências Humanas em Revista*, v. 5, n. 2, p. 107-118, jul./dez. 1994.

\_\_\_\_\_; MORAES, Maria Augusta de S. *História de Goiás (1722-1972)*. 7. ed. rev. Goiânia: Ed. da UFG/Ed. Vieira, 2008.

PEREIRA, Deize Crespim. *Variação e mudança no uso de pronomes reflexivos no português popular da capital paulista: uma abordagem funcionalista e cognitivista*. 2007. 351 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-26102007-145243/pt-br.php>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

PEREIRA, Ana Luzia Dias. *Os pronomes clíticos do PB contemporâneo na perspectiva teórica da Morfologia Distribuída*. 2006. 215 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/88868>>. Acesso em: 2 fev. 2021.

PERES, João Andrade; MÓIA, Telmo. *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1995.

PERINI, Mário Alberto. *Estudo de gramática descritiva – as valências verbais*. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. *Gramática descritiva do português brasileiro*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2016.

QUEIROZ, Silvana Nunes de; SANTOS, José Márcio dos. Os fluxos migratórios do Estado de Goiás no período recente: 1986-2010. In: CONJUNTURA ECONÔMICA GOIANA – n. 32 (Boletim trimestral – março 2015). Goiânia: SEGPLAN – Secretaria de Gestão e Planejamento do Estado de Goiás; IMB – Instituto Mauro Borges de Estatística e Estudos Socioeconômicos, 2015. p. 21-36. Disponível em: <<https://www.imb.go.gov.br/files/docs/publicacoes/conjuntura-economica-goiana/conjuntura32.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2019.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

ROCHA, Ângela de Fátima. *Clíticos Reflexivos: uma variante sociolinguística na cidade de Ouro Preto*. 1999. 145 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999. Disponível em: <[http://www.poslin.letras.ufmg.br/diss\\_defesas\\_detalhes.php?aluno=237](http://www.poslin.letras.ufmg.br/diss_defesas_detalhes.php?aluno=237)>. Acesso em: 17 jan. 2020.

SAID ALI, Manuel Ida. *Dificuldade da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

\_\_\_\_\_. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntactic variation. In: NEWMeyer, Frederick J. (Ed.). *Linguistics: the Cambridge Survey*. IV Language: the socio-cultural context. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 140-161. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/books/linguistics-the-cambridge-survey/sociolinguistics-and-syntactic-variation/4AF09582179D167183B94F43AC9D45C6>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

\_\_\_\_\_; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X – a variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em: 16 jul. 2022.

SEARA, Isabel Christine. Estudo de uma hipótese semântico-pragmática para a omissão dos clíticos pronominais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 165-188, mar. 2000. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14763/9829>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

SILVA, Edila Vianna da; MOREIRA, Francisco de Assis. Conservação de aspectos linguísticos e culturais em regiões da Zona da Mata Mineira. In: SILVA, Dela Silmara; SEVEDRA, Mônica Maria Guimarães (Org.). *Estudos de linguagem e compromisso social*. Campinas-SP: Pontes, 2020. p. 357-375. Disponível em: <<http://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25009>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

SILVEIRA, G. *O comportamento sintático dos clíticos no Português do Brasil*. 1997. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 1997. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/112183>>. Acesso em: 15 maio 2020.

SIMIELLI, Maria Elena. *Geoatlas*. São Paulo: Ática, 2006.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa sociolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003. (Séries Princípios).

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.

\_\_\_\_\_. *Tempos linguísticos – itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

TAVARES, M.A. *A Gramaticalização de e, aí, daí, então: estratificação, variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sócio-funcionalista*. 2003. 286 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/84869/PLLG0274-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 30 out. 2021.

TEIXEIRA, Jodalmar Oliveira Rocha; SILVA, Jorge Augusto Alves da. Variações semânticas no (des)uso do clítico SE no português falado em Vitória da Conquista. *Revista do GELNE*,



Natal-RN, v. 21, n. 1, p. 119-136, fev. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/16125/11636>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. *A expansão do Povoamento de Goiás – século XIX*. 1991. 120 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1991. Disponível em: <<https://pos.historia.ufg.br/n/20690-1991-tiballi>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

VEADO, Rosa Maria Assis. *Comportamento linguístico do dialeto rural*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.

VIANNA, Humberto. *A estrutura Modal+Infinitivo em português gramaticalização e modalização*. 2000. 216 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFMG, Belo Horizonte, MG, 2000.

VIEGAS, Maria do Carmo (Org.). *Minas é Plural*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.

VIEGAS, Maria do Carmo. *Minas é Singular*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática da língua portuguesa*. Porto/Portugal: Almedina, 2001.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 2005.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 51-57.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A:

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

##### **I - INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA**

Título do projeto: *Variação do uso dos pronomes nos falares goianos em construções com verbos reflexivos e pronominais.*

Pesquisador responsável: *Sirlene Antonia Rodrigues Costa*

Telefone: (62) 984110919      E-mail: [sirleneletras@bol.com.br](mailto:sirleneletras@bol.com.br)

Professora Orientadora: *Dr<sup>a</sup>. Aléxia Teles Duchowny*

Telefone: (31) 988810227      E-mail: [alexia Duchowny@gmail.com](mailto:alexia Duchowny@gmail.com)

##### **III - OBJETIVO DESTA PESQUISA**

A pesquisa tem como objetivo principal analisar as variantes o uso ou o não uso dos clíticos pronominais em construções linguísticas do Português Brasileiro em que ocorram as variáveis verbos reflexivos/pronominais na comunidade de fala de Catalão-GO.

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa linguística vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais. Após receber os esclarecimentos e as informações necessárias, e no caso de aceitar fazer parte deste estudo, assine as duas vias ao final. Uma delas é sua e a outra é do Discente-Pesquisador. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvidas sobre os seus direitos como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável e/ou com sua orientadora, acima indicadas. A sua participação neste projeto de pesquisa é voluntária e depende única e exclusivamente do seu consentimento, de forma que você está livre de qualquer obrigação. As entrevistas/questionários não têm duração determinada, podendo variar conforme o andamento. Você não será identificado/a nominalmente em nenhuma exposição dos resultados desta pesquisa e as informações prestadas servirão, exclusivamente, como objeto de estudos linguísticos. Além disso, você tem plena liberdade de retirar seu consentimento de participação nesta pesquisa a qualquer momento, sem que isto incorra em penalidades. Reafirmamos que todos estes direitos serão respeitados no âmbito deste projeto e que as pesquisadoras arcarão com todo e quaisquer danos ou prejuízos acarretados em decorrência da sua participação nesta pesquisa.

##### **IV – OS PRINCIPAIS RISCOS DESTA PESQUISA**

Sobre os possíveis riscos ou danos ocasionados ao participante, em decorrência da sua participação nesta pesquisa, lhe é assegurado que, embora tenham sido tomados todos os cuidados para evitar que o participante seja acometido de algum dano, de qualquer natureza,

ainda assim poderá acontecer algum incômodo ou constrangimento ao prestar as informações solicitadas na entrevista ou nas respostas do questionário escrito. Neste caso, favor informar as pesquisadoras, imediatamente, para que sejam tomadas as medidas necessárias para sanar tal problema. Ainda neste sentido, informamos também que, ao perceber qualquer risco ou dano significativos ao participante desta pesquisa, previstos, ou não, neste Termo de Consentimento, a pesquisadora responsável comunicará o fato ao Sistema CEP/CONEP, que avaliará, em caráter emergencial, a necessidade de adequar ou suspender o estudo. Os contatos das pesquisadoras estão listados na primeira página deste documento.

|                       |                                 |
|-----------------------|---------------------------------|
| _____<br>Pesquisadora | _____<br>Professora Orientadora |
|-----------------------|---------------------------------|

Observações complementares:

---

---

---

---

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO  
DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_,  
RG ou CPF n.º \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa, com o título: *Variação do uso dos pronomes nos falares goianos em construções com verbos reflexivos e pronominais*.

Declaro ainda que fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora *Sirlene Antonia Rodrigues Costa* sobre os meus direitos com relação às informações prestadas e aos procedimentos envolvidos na pesquisa, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Catalão \_\_\_ em \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_.

Nome/Assinatura do/a

Informante: \_\_\_\_\_

|                       |                                 |
|-----------------------|---------------------------------|
| _____<br>Pesquisadora | _____<br>Professora Orientadora |
|-----------------------|---------------------------------|

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

**COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG**

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 34094592.

## **APÊNDICE B:**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

Os assuntos/temas a serem abordados nas entrevistas semiestruturadas foram selecionados com o objetivo de incentivar os/as sujeitos-informantes entrevistados/as a empregarem os verbos do Português Brasileiro classificados como reflexivos/pronominais, acompanhados ou não dos clíticos pronominais.

#### **Tema 1: *Apresentação***

1. Quem é você (senhor/a), qual é seu nome e o que faz profissionalmente?  
Conte nos um pouco sobre você (senhor/a).

#### **Tema 2: *Mudança***

1. Você (senhor/a) morou sempre nesta cidade e na mesma casa?
2. Você (senhor/a) tem facilidade de adaptação à novas situações, novos vizinhos, em um novo bairro, à uma cidade, ao clima etc. ?
3. Você (senhor/a) gosta de viver aqui ou pretende ir para um outro lugar?

#### **Tema 3: *Rotina***

1. Você (senhor/a) acorda sem despertador?
2. O que você (senhor/a) faz quando acorda?
3. Você (senhor/a) poderia descrever sua rotina antes de sair de casa?

#### **Tema 4: *Infância***

1. Como foi a sua infância?
2. Aconteceu algum fato, que você (senhor/a) possa nos contar que tenha marcado a sua infância?

#### **Tema 5: *Casamento/ relacionamento***

1. Você (senhor/a) é casado/casada?
2. Quando foi o seu casamento? (se o/a informante não for casado/a)
3. Pretende algum dia constituir uma família? (se o/a informante não for casado/a)
4. Você (senhor/a) pode nos contar como se conheceram? Vocês foram apresentados por alguém?
5. Ainda sobre casamento, você conhece (senhor/a) alguém que tenha vivido com outra pessoa e por algum motivo esse casamento não tenha dado certo? Pode nos contar, sem citar os nomes dos envolvidos, o motivo da separação?

**Tema 6: *Formatura***

1. Qual é o seu nível escolaridade?
2. Você (senhor/a) fez um curso superior? Qual?
3. Em que ano foi a sua formatura?
4. Alguém da sua família possui curso superior?
5. Gostaria de fazer algum curso superior? Que curso? (Se o/a informante não tiver curso superior e responder que gostaria de ingressar em uma faculdade).

**Tema 7: *Alimentação***

1. Como são seus hábitos alimentares?
2. O que você (senhor/a) gosta de comer?
3. Você (senhor/a) acredita que come bem?
4. Já se engasgou alguma vez? Como foi?

**Tema 8: *Saúde***

1. Quais são os cuidados que as pessoas precisam ter para viverem com saúde?
2. Você (senhor/a) é uma pessoa cuidadosa com a sua saúde?

**Tema 9: *Acidente***

1. Você (senhor/a) já sofreu algum acidente em casa ou mesmo fora de casa?
2. Ficou com machucados ou ferimentos graves? Pode nos contar como foi?
3. Você (senhor/a) já esteve alguma vez em uma situação em que estivesse correndo risco de morte? Pode nos contar como isso aconteceu?

**Tema 10: *Comportamentos***

1. Que tipo de comportamento você (senhor/a) não gosta que as pessoas tenham quando estão com você (senhor/a)?
2. E você (senhor/a) como acha que é o seu comportamento em público? É mais reservado ou mais expressivo?
3. Que tipo de comportamento, em público, você (senhor/a) acha inadequado?

**Tema 11: *Decepções***

1. Você (senhor/a) já teve alguma decepção com alguém? Pode nos contar como foi?
2. Como você (senhor/a) reagiu com relação a esta pessoa?
3. Fez queixas dela para alguém?

**Tema 12: *Lazer/ Diversão***

1. O que você (senhor/a) gosta de fazer em relação a lazer ou diversão?
2. O que a sua cidade oferece em termos de lazer e diversão?

**Tema 13: *Aposentadoria***

1. O que você (senhor/a) acha da aposentadoria brasileira?

2. Você (senhor/a) já é aposentando/a ou pretende ter uma aposentaria um dia?
3. O que tem feito para quando chegar a velhice e não puder mais trabalhar? Tem feito alguma reserva financeira?

**Tema 14: Política**

1. Você (senhor/senhora) participa, de alguma forma, da política brasileira ou você (senhor/a) não toma nenhuma posição com relação a este assunto?

**Tema 15: *Suicídio***

1. Você (senhor/a) conhece alguém que tenha cometido suicídio?
2. Você (senhor/a) pode nos contar como esse fato aconteceu?

O assunto referente a tema *suicídio* foi abordado somente nas situações em que informante se mostrasse à vontade para discorrer sobre algum acontecimento que o abordasse. Essa foi uma orientação apresentada pela pesquisadora, antes de solicitar que o informante narrasse algum evento contendo à temática, em função de algumas possíveis experiências negativas que o informante possa ter vivido envolvendo situações de suicídio.

## APÊNDICE C:

Quadro 1 – As principais normas de transcrição dos dados

| OCORRÊNCIAS   | SINAIS  | EXEMPLIFICAÇÃO  |
|---|---|---|
| 1. Indicação dos falantes   | os falantes devem ser indicados em linha, com letras ou alguma sigla convencional | P: (pesquisadora)<br>Inf1: (informante 1)<br>H28<br>M33<br>Doc. Inf.<br>LFA - Leila Faria Almeida<br>(fictício)   |
| 2. Pausa, seguida da continuidade da ideia                                | ...   | não. . . isso é besteira. . . ela é assim mesmo. . .  |
| 3. Ênfase   | MAIÚSCULAS  | Ela comprou o OSSO  |
| 4. Alongamento de vogal   | : (pequeno)<br>:: (médio)<br>::: (grande)   | eu não tô querendo é dizer que...<br>é: o eu fico até:: o: tempo todo<br>Gosto mui:to de você!  |
| 5. Silabação  | -   | do-mi-na-do-ra  |
| 6. Interrogação   | ?   | ela é contra a mulher machista. .<br>. . sabia?   |
| 7. Segmentos incompreensíveis ou ininteligíveis                           | [[ ]] [[ininteligível]]<br>[[inaudível]]  | bora gente. . . tenho aula... daqui a pouco<br>[[ ]] aí falou dela pra amiga...   |
| 8. Truncamento abrupto de palavras ou sílabas ou, ainda, desvio sintático |   | eu... pre  pretendo comprar<br>ela num ta  num tava assim<br>muito<br>bem...  |
| 9. Comentário do transcritor  | {{ }}   | {{ risos }}<br>{{ apontando com o queixo }}<br>{{ se entristeceu ao falar }}  |
| 10. Citações  | “”  | “mai Jandira eu vô dize a Anja agora que ela apanhá a profissão de madrinha agora mermo”  |
| 11. Superposição ou simultaneidade de vozes                               | ## ##   | H28. é... existe... ##você do homem... M33. ## pera aí... você acha... pera aí... pera aí##<br>M33. ## mas eu garanto que muita coisa ##<br>H28. ##eu acho eu acho é a autoridade## |
| 12. Ortografia (conforme as convenções de escrita do PB)                  |   | tô, tá, vô, ahã! unhum!   |

Fonte: Adaptação de DIONÍSIO, Angela Paiva. *Análise da conversação*. In.: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística – domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 78. Volume II.



**APÊNDICE D:**Quadro 2 – Relação dos verbos pronominalizados ou passíveis de pronominalização transcritos do *corpus*

|    |                      |
|----|----------------------|
| 1  | <i>abalar</i>        |
| 2  | <i>abrir</i>         |
| 3  | <i>acabar</i>        |
| 4  | <i>achar</i>         |
| 5  | <i>acostumar</i>     |
| 6  | <i>adaptar</i>       |
| 7  | <i>adequar</i>       |
| 8  | <i>ajeitar</i>       |
| 9  | <i>ajoelhar</i>      |
| 10 | <i>ajudar</i>        |
| 11 | <i>alimentar</i>     |
| 12 | <i>amadurecer</i>    |
| 13 | <i>amasiar</i>       |
| 14 | <i>apegar</i>        |
| 15 | <i>aposentar</i>     |
| 16 | <i>apresentar</i>    |
| 17 | <i>aprontar</i>      |
| 18 | <i>aproximar</i>     |
| 19 | <i>arrepender</i>    |
| 20 | <i>atentar</i>       |
| 21 | <i>aventurar</i>     |
| 22 | <i>bancar</i>        |
| 23 | <i>basear</i>        |
| 24 | <i>batizar</i>       |
| 25 | <i>candidatar</i>    |
| 26 | <i>casar</i>         |
| 27 | <i>chamar</i>        |
| 28 | <i>classificar</i>   |
| 29 | <i>colocar</i>       |
| 30 | <i>comer</i>         |
| 31 | <i>comparar</i>      |
| 32 | <i>comunicar</i>     |
| 33 | <i>conectar</i>      |
| 34 | <i>configurar</i>    |
| 35 | <i>conformar</i>     |
| 36 | <i>conhecer</i>      |
| 37 | <i>considerar</i>    |
| 38 | <i>consultar</i>     |
| 39 | <i>controlar</i>     |
| 40 | <i>cortar</i>        |
| 41 | <i>cuidar</i>        |
| 42 | <i>dar</i>           |
| 43 | <i>decepcionar</i>   |
| 44 | <i>dedicar</i>       |
| 45 | <i>defender</i>      |
| 46 | <i>deitar</i>        |
| 47 | <i>deparar</i>       |
| 48 | <i>descredenciar</i> |
| 49 | <i>desenvolver</i>   |
| 50 | <i>desfazer</i>      |
| 51 | <i>desinteressar</i> |
| 52 | <i>desligar</i>      |

|     |                     |
|-----|---------------------|
| 53  | <i>deslocar</i>     |
| 54  | <i>despedir</i>     |
| 55  | <i>desviar</i>      |
| 56  | <i>desviciar</i>    |
| 57  | <i>divertir</i>     |
| 58  | <i>dizer</i>        |
| 59  | <i>embrenhar</i>    |
| 60  | <i>empoderar</i>    |
| 61  | <i>encontrar</i>    |
| 62  | <i>encostar</i>     |
| 63  | <i>enforçar</i>     |
| 64  | <i>enganar</i>      |
| 65  | <i>engravidar</i>   |
| 66  | <i>entregar</i>     |
| 67  | <i>envolver</i>     |
| 68  | <i>esconder</i>     |
| 69  | <i>esperar</i>      |
| 70  | <i>esquecer</i>     |
| 71  | <i>estabilizar</i>  |
| 72  | <i>estudar</i>      |
| 73  | <i>examinar</i>     |
| 74  | <i>falar</i>        |
| 75  | <i>filiar</i>       |
| 76  | <i>formar</i>       |
| 77  | <i>habituar</i>     |
| 78  | <i>identificar</i>  |
| 79  | <i>iludir</i>       |
| 80  | <i>imaginar</i>     |
| 81  | <i>importar</i>     |
| 82  | <i>insinuar</i>     |
| 83  | <i>interagir</i>    |
| 84  | <i>interiorizar</i> |
| 85  | <i>isolar</i>       |
| 86  | <i>lamentar</i>     |
| 87  | <i>lembrar</i>      |
| 88  | <i>levantar</i>     |
| 89  | <i>ludibriar</i>    |
| 90  | <i>machucar</i>     |
| 91  | <i>manifestar</i>   |
| 92  | <i>manter</i>       |
| 93  | <i>martelar</i>     |
| 94  | <i>matar</i>        |
| 95  | <i>mexer</i>        |
| 96  | <i>morar</i>        |
| 97  | <i>movimentar</i>   |
| 98  | <i>mudar</i>        |
| 99  | <i>multiplicar</i>  |
| 100 | <i>nutrir</i>       |
| 101 | <i>olhar</i>        |
| 102 | <i>parecer</i>      |
| 103 | <i>pegar</i>        |
| 104 | <i>perceber</i>     |
| 105 | <i>perder</i>       |
| 106 | <i>permitir</i>     |
| 107 | <i>preocupar</i>    |
| 108 | <i>prolongar</i>    |
| 109 | <i>prosperar</i>    |
| 110 | <i>quebrar</i>      |

|     |  |
|-----|--|
| 111 | <i>queimar</i>                                 |
| 112 | <i>queixar</i>                                 |
| 113 | <i>questionar</i>                              |
| 114 | <i>recordar</i>                                |
| 115 | <i>recuperar</i>                               |
| 116 | <i>reinventar</i>                              |
| 117 | <i>relacionar</i>                              |
| 118 | <i>reorganizar</i>                             |
| 119 | <i>resumir</i>                                 |
| 120 | <i>reunir</i>                                  |
| 121 | <i>seguir</i>                                  |
| 122 | <i>sentar</i>                                  |
| 123 | <i>sentir</i>                                  |
| 124 | <i>separar</i>                                 |
| 125 | <i>silenciar</i>                               |
| 126 | <i>sobressair</i>                              |
| 127 | <i>suicidar</i>                                |
| 128 | <i>surpreender</i>                             |
| 129 | <i>sustentar</i>                               |
| 130 | <i>tornar</i>                                  |
| 131 | <i>tratar</i>                                  |
| 132 | <i>virar (da expressão se virar, se vira!)</i> |
| 133 | <i>viver (da expressão se vive, se viver!)</i> |

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Dos verbos seleccionados do *corpus* foram listados, em ordem alfabética, aqueles que ou foram pronominalizados pelos informantes ou foram empregues em contextos em que a pronominalização era possível de ocorrer, mas que, no entanto, o informante ‘optou’ pela *ausência* do clítico pronominal.

## APÊNDICE E:

### CODIFICAÇÃO DOS DADOS TOTAIS

#### AS VARIÁVEIS DA PESQUISA

- I) 1 \***Variáveis Dependentes:** **P** - Presença do Pronome  
 Ø - Ausência do pronome

#### II) Variáveis linguísticas

##### 2\*) A pessoa do pronome

- 1 - 1ª p/sg = *eu* - 1ª pessoa singular (*me*)  
 2 - p/sg = *tu* - 2ª pessoa singular (*te*)  
 3 - 3ª p/sg = *ele/ela/você* - 3ª pessoa singular (*se*)  
 4 - 1ª p/pl = *nós* - 1ª pessoa plural (*nos*)  
 5 - 3ª p/pl = *eles/elas/vocês* - 3ª pessoa plural (*se*)  
 6 - a gente = 1ª pessoa do pl (*se*) – no sentido de nós (específico)  
 7 - a gente = *se* - sujeito indeterminado (um sujeito que não se sabe exatamente quem é)

##### 3ª variável) \*A posição do pronome com relação ao verbo

**e** - ênclise

**p** – próclise

/ - não se aplica

##### 4ª variável) \* Tipos de pronomes

**R** - reflexivo

**C** - recíproco

**E** - ergativo

**N** - enfático ou expletivo

**I** - inerente

**A** - apassivador

**D** - indeterminador

##### 5ª variável) - \* Transitividade do verbo

**%** = verbo transitivo direto

**&** = verbo transitivo indireto

**#** = verbo intransitivo

@ = verbo copulativo

\$ = verbo transitivo direto e indireto

6ª variável) \* **Classe semântica**

**c** = cuidado corporal

**m** = Mudança na postura corporal

**n** = Movimento não translacional

**t** = Movimento translacional

**e** = média emoção

**g** = média cognição

**f** = Ato de fala emotivo

**d** = Outros atos de fala (atos de natureza declarativa)

**i** = Média indireta

**r** = Eventos naturalmente reflexivos (sujeito singular)

**p** = Eventos naturalmente reflexivos (sujeito plural)

**a** = Indeterminação do agente (passiva impessoal – sujeito indeterminado)

**b** = Eventos espontâneos

**h** = Estado/ mudança de estado (verbos copulativos e o verbo *chamar*)

**o** = Outros (A associação com o clítico pronominal constitui expressão cristalizada)

7ª variável) \* **Os tipos de discurso**

**N** - narração

**V** – descrição de vida

**D** - descrição de outros

**A** - argumentativo

8ª) \* **Animacidade do sujeito**

+ = sujeito (+ animado)

- = **sujeito (- animado)**

**Variáveis sociais:**

9ª variável) - **Sexo:** **H** – homem  
**M** – Mulher

10ª variável) - **Faixa etária** – **J** – jovem (de 18 a 29 anos)  
**A** – adulto (de 30 a 49 anos)  
**C - A+** - adulto mais (os acima de 50 anos)

11ª variável) - **Escolaridade:** **B** – baixa  
**M** – média  
**A** – alta

Quadro 3 – Classes semânticas dos verbos

|    | <b>Classe semântica</b>     | <b>Caracterização do verbo</b>   | <b>Exemplos</b>  |
|----|-----------------------------|--|--|
| 1. | cuidado corporal            | Ação executada pelo Agente sobre <i>si mesmo</i> , sobre seu corpo                                 | <i>adornar-se, banhar-se, barbear-se, enfeitar-se, lavar-se, pentear-se, vestir-se</i>   |
| 2. | movimento não translacional | Mudança na configuração do corpo, sem que o Agente mude a sua localização espacial                 | <i>abaixar-se, virar-se, esticar-se, inclinar-se</i>   |
| 3. | mudança na postura corporal | Mudança na configuração do corpo em relação a uma localização                                      | <i>ajoelhar-se (no altar)<br/>deitar-se (na cama)<br/>levantar-se (do sofá)<br/>senta-se (na cadeira)</i>  |
| 4. | Movimento translacional     | Movimento através do espaço  | <i>aproximar-se<br/>distanciar-se, ir-se<br/>mover-se<br/>mudar-se</i>   |
| 5. | Media de emoção             | Processos/estados mentais emotivos   | <i>alarmar-se, alegrar-se, arrepender-se, assustar-se, chocar-se, consolar-se, constranger-se, deleitar-se, embaraçar-se, enfurecer-se, entristecer-se, envergonhar-se, importar-se, incomodar-se, ofender-se, revoltar-se, satisfazer-se, zangar-se</i> |
| 6. | Média de cognição           | Processos/estados mentais cognitivos   | <i>decidir-se<br/>esquecer-se<br/>lembrar-se, dar-se<br/>conta, pensar consigo mesmo.</i>  |
| 7. | Ato de fala emotivo         | Ato de fala de natureza emotiva  | <i>gabar-se<br/>lamentar-se<br/>queixar-se<br/>vangloriar-se</i>   |
| 8. | Outros atos de fala         | Atos de fala de natureza declarativa   | <i>confessar-se<br/>culpar-se<br/>declarar-se<br/>proclamar-se</i>   |
| 9. | Média indireta              | A entidade agente é comumente ou necessariamente o participante recipiente ou beneficiário da ação | <i>apropriar-se<br/>apossar-se</i>   |

|     |                                 |   |   |
|-----|---------------------------------|---|---|
| 10. | Eventos naturalmente reflexivos | Ações ou estados em que o sujeito e objeto são co-referentes                                    | <i>formar<br/>casar<br/>machucar</i>  |
| 11. | Eventos naturalmente recíprocos | Ações ou estados em que a relação entre os participantes é normalmente ou necessariamente mútua | <i>abraçar-se, brigar um com o outro,<br/>casar-se, competir,<br/>conversar, cumprimentar-se,<br/>encontrar-se, parecer-se,</i> |
| 12. | Eventos espontâneos             | Processos que tipicamente são percebidos como ocorrendo sem a iniciação direta de um Agente     | <i>criar-se<br/>desenvolver-se<br/>originar-se, estragar-se,<br/>transformar-se, recuperar-se,</i>                              |
| 13. | Indeterminação do Agente        | Ações ou processos que envolvem um agente não expresso  | <i>O livro se vende bem<br/>Isso não se faz<br/>Como se diz!</i>  |
| 14. | Estado/ mudança de estado       | Engloba basicamente o verbo <i>chamar</i> e os copulativos <sup>64</sup>                        | <i>chamar-se<br/>tornar-se<br/>transformar-se</i>   |
| 15. | Outros                          | A associação com o clítico pronominal constitui expressão cristalizada                          | <i>Foda-se<br/>Se dane!<br/>Se vira!</i>  |

\*Adaptação da proposta de Kemmer (1993); Pereira (2007), Teixeira e Silva (2020).



## APÊNDICE F:

### Dados transcritos, separados e catalogados de Catalão-GO

#### ;Inf1: DSP-25HJA:

(P1pR#rV+HJA **me formei** aqui na UFG de Catalão| fui pra Goiânia na UFG fazer um mestrado na área de performances culturais| eu sou licenciado| então já trabalhei com aulas, né?)

(P1pI&tV+HJA e eu acho que a mudança também| é| por mays que eu **me mudei** pra Goiânia que não é tão longe, mas é uma mudança de perspectiva sim, nem todo catalano é muito de sair

(P3pI%aA+HJA é muito de ficar longe dos pais| de **se mudar** assim. . .

(P1pR&eV+HJA então eu **me baseio** muito em trabalhar com essas coisas| eu tenho feito alguns trabalhos na fundação cultural| que é uma instituição aqui da cidade

faço yoga também| assim não tenho uma rotina muito firme| mas eu faço ali alguma

(Ø1/R%tV+HJA coisa pra **Ø movimentar** nesse sentido| que essa parte corporal conta muito pro ator

É| assim, eu ainda consegui fazer coisas no *online*/ no virtual/ uma parte do teatro

(P3pR&dN-HJA **se adaptou** assim a essa realidade, mas é muito diferente assim

É| terminei o ensino médio em 2013, logo em 2014 eu entrei na faculdade|

(P1pR&dV+HJA **me formei** em quatro anos| ali em março de 2018

(P6pC%pV+HJA Ah! até hoje. . . é que a gente **se conheceu** justamente no programa, ela era coordenadora e eu era bolsista.

Sim| não tenho nenhum problema que seja assim| hereditário também não tenho| de

(P1pR#r+HJA sempre que eu **me examinei** tava ok!

só a questão da ansiedade que me afetou um período já assim. . . | enquanto eu tava na

(P3pR&dV-HJA faculdade| eu já tive algumas crises| mas não **se prolongou**(aram) pra uma síndrome e tal

Eu acho que eu era, apesar deu sempre ter tido uma característica mais caseira um pouco|

(P1pR%rV+HJA eu já **me machuquei** algumas vezes

acho que como meu irmão era mais brincalhão e mais fora de casa assim|

(Ø3/R%rN+HJA ele **Ø machucou** mais| talvez

Ah, eu sou uma pessoa bem comum assim, mas é... por exemplo| quando eu tô em

(P1pI&tV+HJA Goiânia| que é essa cidade que eu **me mudei**, né?

(P5pI@hA+HJA e aí depois ir pro bar e conversar com as pessoas **se torna**(m) mais interessante| eu acho

(P1pR&rV+HJA então as vezes eu me deparo com várias pessoas| principalmente daqui de Catalão, que já me perguntaram

(P1pR%iV+HJA mays eu ainda tô me dando um tempo pra tipo| sonhar mais um pouco e ir atrás de coisas que eu quero.

(P1pR#rV+HJA assim, nesses últimos três anos de mestrado eu me banquei assim, tipo, aluguel em Goiânia, então eu fui bolsista

(P1pR#rV+HJA até esse ano assim pra eu ficar me mantendo| mas agora que eu tô mais em Catalão eu tenho esse apoio financeiro sim

(P7pD%fA+HJA isso desde os anos 50 até o fim da ditadura assim e só que a gente foi se ludibriando| eu acho, não sei . . .

mays Catalão é uma cidade que tem assim uma qualidade de vida| as pessoas assim| acho

(P5pD#aA+HJA que ela tá entre as cidades melhores pra se viver

porque tem uma faculdade| isso é um atrativo muito grande| mays elas vão embora assim|

(Ø5/D#rA+HJA porque não têm como Ø prosperar assim. . .

**;21 dados**

### **;Inf.2 - MER-19MJM:**

eu acho que no mundo que a gente tá vivendo| a gente tem que

(P7pD#aA+MJM se aventurar um pouco

(P1pR&dD+ MJM Eu já me deparei com algumas pessoas aqui| estudioso| tipo assim, tem faculdade| eu conheço um rapaz que ele é engenheiro civil e ele trabalha num posto de gasolina

(Ø1/R#rA+ MJM Eu acho assim. . .| que'u vou Ø casá, né? Mas vai demora(Ø). . .

E a gente pode observar que essas pessoas mais velhas que tiveram a oportunidade de conhecer alguém dentro da igreja e

(P5pC#pD+MJM se relacionar e

(Ø5/C#pD+MJM Ø casar, elas são dependentes do marido delas| aquela coisa assim mais o homem manda{{ ênfase}}

eu não tô conseguindo ter controle| tipo assim| em relação a pensamento| as coisas|

(P3pI@hV-MJM uma coisinha pequenininha já se torna um problemão pra mim

(P1pR&eV+MJM e aí eu já me pego nos cantos chorando, tô desse jeito, deve ter uns seis meses que eu tô assim

(P1pR%eV+MJM eu tô me sentindo|

(P1pR%eV+MJM me sentindo fora do controle| é difícil| não é fácil não

nisso vindo na contramão{{ o carro}}| ao contrário assim. . . de caminhão|

(Ø3/R#dN-MJM | Ø desviando foi a cena mais horrível da minha vida| eu tinha 16 anos quando isso aconteceu| e aí. . .

(Ø3/R#dN-MJM Ø desviando| ele quase bateu num carro assim que| se batesse| viva eu não tava|

(Ø1/R&mA+ MJM Ah! eu gosto muito de sair pra tomar um sorvete| Ø sentá(r) num lugar assim bem tranquilinho| comer pizza| sair pra comer e só. . .

Igual| tenho uma prima que

(Ø3/I@hD+ MJM Ø chama S.| converso com ela quando eu vou na casa da minha tia| tirando isso. . .

(P3pI@hA+ MJM Tanta falta, né?| {{ele}} porque se torna um amigo pra gente talvez, né?|

(P3pR%rD+ MJM ai o filho dela tá ali morrendo| se cortano igual eu tenho um primo que ele passou por isso| a minha avó falava| “- ai suicídio, depressão”| e meu primo lá de noite todo

(P3pR%rD+ MJM se cortano. . .

**;16 dados**

### **;Inf.3 - JGM-25MJM**

devido pandemia as coisas deram uma enroladinha| mais... tô... lutando aí pra

(P1pR#rD+MJM me formáØ logo...| e é isso. . .|

(Ø1/R&tA+MJM interiormente e exteriormente, né? o fato de {{me}} Ø desloca(Ø) também| é algo que me chama muita atenção|

(P1pR#cV+MJM as cinco da manhã| tomo café...| e me ajeito e aí começa o dia| e termino o dia por volta de dez horas| onze horas|

não tem como falá de infância e não

(Ø1/I&gV+MJM não Ø lembra(Ø) da minha avó tãmein| né?| que foi uma pessoa super presente| assim... né?

(P1pI%fV+MJM sim...| eu acho que| é o qu’eu sinto| né?| em me| eu não me sinto desliga:da da minha avó...| em nenhum momento assim. . .|

foi a pessoa que por mais eu tenha sido curto o tempo..| foi o suficiente pra. . . eu

(P7pD%pA+MJM entender que existem pessoas qu’ a gente se identifica mais na vida...| e ela era’ eu acho que minh’ alma gêmea assim...| de certa forma. . .|

(P1pR#rV+MJM sim| ãhã.. eu me casei tem dois meses| assim...|

(Ø1/R#rV+ MJM num Ø casei oficial, né?| então a gente juntô os trapos...| assim, né? ..

eu gosto muito de viajá...|e eu gosto muito de tê o tempo pra mim...| sabe?| eu acho isso muito necessário...| e as vezes é um tempo assim. . .|pra . . .

(P1pR#eA+ MJM me interiorizá mesmo, sabe?| pra pensá. . .

(P1pR%pA+ MJM e agora| a relação com'as pessoas eu **me dou** super bem| qu'eu sô u'a pessoa muito'aberta| né?|é lógico que as vezes tem uma falha o otra| mais é...| tudo

(P7pD%eA+MJM faiz parte, né? eu acho qu'é assim...| até quand'o é a gente **se sente** um pouco mal. . .|

(P7pD#aA+MJM ainda é a melhor forma pra **se comê(r)** assim. . .| a gente vai atrás do alimento e..., né? então é...é bem assim...| então assim a minha alimentação ela é bem saudável...,né? |é... eu faço acompanhamento com a nutricionista pra podê...|é... comê de forma melhor

(P1pR@eA+MJM eu tenho u'a boa alimentação...| eu **me considero** u'a pessoa com u'a boa alimentação| pode melhorá| mas é. . .| eu acho que. . . eu tô bem|

(P1pR@eA+MJM sim. **me considero** cuidadosa|

mas acidente que foi bom assim| eu falo qu'é... é u'ma

(P1pR&gV+MJM coisa boa| qu'eu **me recordo** de uma forma alegre assim...| foi a única coisa| mas num tive que dá ponto

(Ø1/R%gN+MJM e eu Ø **lembro** que na época...| meu pai curô| eu acho que começô daí, né?| meu interesse por plantas| {{referência e retomada de assunto mencionado anteriormente}} com leite de mamona e pinga| ele colocô| ele fez essa mistura e colocô meu dedo| assim...|

(P1pR&gV+MJM qu'eu **me lembro** assim. . .| de acidente|

(P1pR@eV+MJM hoje| eu **me considero** u'a pessoa equilibrada| eu falo que o equilíbrio| ele faz parte da minha vida| mais assim...|foi a:nos. . .| {{ênfase na palavra anos}} foram anos de transformação| de busca, né? se alguém me perguntar...| qual é o seu objetivo de vida?| é... a minha busca por equilíbrio| eu mudei muito. . . assim. . .| igual

(P1pI@eV+MJM eu te falava...| é... constante transformação| e eu **me sinto** uma pessoa muito transformada, né? | em busca de transformar, né?| é. . . eu vivi muitas experiências| e essas

(P1pR&rV+MJM experiências fizeram qu'eu fosse. . .| **me adaptano** com as pessoas...| jei

(P1pR@eV+MJM jeito de fala| cal:ma, né? pra| pra resolvê os problem| hoje eu **me considero** u'a pessoa equilibrada diante de situações difíceis, né?| diante de pessoas... ignorantes, né?

(P1pR@eV+MJM eu consigo. . . lidá. . .| então assim...| é. . . eu **me considero** u'a pessoa equilibrada| lógico qu'eu num sô perfeita mas...| e nem busco perfeição| mas eu| a minha busca é por equilíbrio, né?| por ser u'a pessoa melhor|

...| a gente tem que aceitá...| dá um toque| fala isso...| falá aquilo. . .|

(P1pR#eD+MJM mays hoje eu não **me abalo** mais| teve época das pessoas me abalarem| ou por ignorância| por falta de educação| hoje eu não

(P1/R#eA+MJM Ø **abalo** mais| hoje... eu tento mantê| assim| sei lá. . .

eu tive decepções assim... com parte mais amorosa| co'amizade não| co'a amizade eu acho que sempre foi muito tranquilo| nunca

(P1pR&eV+MJM **me decepcionei** com amigas| assim, né?|

pra mim uma diversão é...| final de semana em casa...| bebeno minha cervejinha...| ouvino

(P1pR#eA+MJM meu som...| isso pra mim| é **me divertir. . .**

(P5pC#pD+MJM meu pai e minha mãe eles **se aposentaram**| entre aspas| com quarenta e cinco anos|

(P3pR#tD+MJM eles não são aposentados| a minha mãe| ela teve que **se afastá** que foi diagnosticada com esclerose múltipla| então ela teve que

(P3pR#tD+MJM **se afastá**. . . | ela trabalhava na prefeitura também| ela dava aula num. . . | colégio| mais ela teve que

(P3pR+tD+MJM **se afastá** então hoje em dia minha mãe não trabalha mais| ela recebe| mais afastada| e o meu pai| o trabalho dele é i pra roça pescá| viajá| eu falo qu'ele é visitante dentro de casa...| sempre tá no meio do mato| e eu puxei muito...| essa coisa dele assim

(P1pR#iA+MJM | então assim em **me aposentá**...| pra falá verdade| eu penso

(Ø1/R#iA+MJM em Ø **aposentá** dessa forma...| chegá u'a fase da minha vida qu'eu vô falá: eu não quero mais trabalhá

(P1pR@eA+MJM ho:je eu **me considero**| mais sempre eu odiei política| eu odia:va| odiava| odiava mesmo assim| de num. . . | nossa de num querê falá de política| hoje em dia

(P1pR@e+MJM eu **me considero** uma pessoa muito política|

mais pra eu chegá no meu equilíbrio de conversá política com ele| eu tive que estudá bastante...né?|

(P1pR@eA+MJM eu **me considero** u'a pessoa estudada| politicamente|e que... vem... atuando nessa área, né?|

(P1pR#iA+MJM eu quero **me estabilizar** financeiramente...| eu falo assim: a questão de

(Ø1/R#rA+MJM faculdade| de qualquer forma eu vô Ø **formá** num tem um...| sabe? é um objetivo e pronto...| eu não vejo outra...| é... um empecilho| não vejo um filho como empecilho| pra estudo não| é lógico qu'é uma responsabilidade a mais...| eu falo qu'eu

(P1pR#i+MJM só preciso **me estabilizar** financeiramente| se isso fô daqui um ano| daqui dois anos| daqui dois meses, né?| aí eu vô tá pronta sim| porque eu já...| eu tenho vontade de passá os meus ensinamentos pra um filho, sabe?|

(P1pR@eA+MJM eu a| eu **me considero** u'a pessoa preparada| e. . . isso é muito bom|

P: formatura| você disse que vai se formar...| daqui. . . ?

(Ø1/R#rN+MJM um ano| é. . . tudo depende| dessa pandemia, né? Ø **formá** agora em dezembro { { eu vou me formar } }

**;40 dados**

#### **;Inf. 4: ZGN-48HAA**

Geralmente...é...| eu acordo de manhã, né? antes das oito da manhã

(P1pR#cV+HAA **me apronto** | é. . . |

faz parte desse acompanhamento a gente ir até| nas escolas...| e... fazer lá o

(P3pR&rV-HAA acompanhamento educacional| que **se resume** nas orientações que vem da Secretária do Estado de Educação

eu subi no pé de pequi| mesmo contrariando a... a minha mãe| que pediu pra'eu nem subi| e... ali eu...eu...| eu estive num galho mais fino|

(P1pI@fV+ HAA e **me parece** que. . . |

(Ø3/E#dV-HAA ou galho Ø **quebrô** eu nem

(P1pR%gV+HAA **me lembro** direito| ou eu cai|

(P1pR%gV+HAA **me lembro** qu'eu caí assim...| de u'a altura bem...| bem alta, né?

(P1pR%g+HAA pra menino| e eu **me lembro** que. . .| depois a minha mãe foi lá cobrá de mim| qu'ela tinha falado| que... qu'era pra eu ficá quieto e...|

eu sô casado| atualmente...| eu sô casado...| minha esposa  
(P3pI@hV+HAA **se chama** R.| eu tenho u'a filha| I.|

eu creio que. . . dentro de. . .| de um ano e  
(P3pR@iD+HAA meio| dois anos| ela já tá **se formando** já|

(P1pR&rV+HAA eu. . . **me casei** em dois mil e dezesseis e. . . tenho hoje u'a filha com três anos de idade| ela nasceu em dois mil e dezessete. . .| é I|

(P1pR&rV+HAA eu **me formei** em mil novecentos e noventa e quatro | eu fiz Letras na UFG Catalão| hoje UFCAT, né?

português e francês| é. . . acredito que são uns dos melhores cursos| que são oferecidos| aqui na nossa região| pelo. . .| pela. . . abertura que  
(P3pR#aA-HAA **se dá**, né?)

(P1pI@h+HAA é o fato de que | em dois mil e doze| eu **me tornei** vegetariano, né?

eu tenho feito u'a dieta vegetariana bem a. . .| a contento| do| do que  
(P3pD#aV-HAA **se espera**, né?

eu acredito que muitas. . . questões| que hoje eu| eu sinto| poderiam sê. . . evitadas, né?  
(P1pR&eA+HAA se eu tivesse **me atentado** para o fato que eu . . .| a grande...| que fez que o organismo funcionasse sem aquela precisão

isso| ainda tem algumas sequelas que ficam, né? mesmo que a gente vai  
(P7pD#aA+HAA **se tratano**, então. . .|

um acidente que marcô bastante é. . .| foi. . .| foi já na| na. . . na fase adulta mesmo|  
(P1pI%eN+HAA eu gostava| falei gostava| porque hoje eu nem **me sinto** muito mais. . .|  
(P1pR&iN+HAA e aí eu acabei **me envolvendo** num acidente, né? fui pará lá. . .

isso| é mais eu posso até . . . colocá que. . .| eu parei de jogá futebol| mas hoje  
(P1pR#iV+HAA **eu me divirto** muito vendo futebol, né?)

(P1pI@eA+HAA eu procurei sabe. . .| **me parece** que pela| pela expectativa  
(P1pI@eA+HAA daqui dez anos, né? {{risos}} **me parece** que eu acredito que estarei já aposentado| pra você vê| eu não tenho planos ainda

que. . . aquele menino que tava caindo do pé de pequi esses alguns dias é o mesmo  
(P3pR#iN+HAA | que vai **se aposentar** agora da| a pouco, né?. . . é um momento ali de... de pensá| como que seria, né?| vô tê que. . .  
(P1pR%iA+HAA **me reinventar** realmente| pra| pra fechá esse| esse tempo que a gente vai tê tranquilidade|

já... participei de| de vários movimentos, né? inclusive. . .| de movimentos estudantis, né?  
(P1pR&gV+HAA **me lembro** da época do... do Collor, né? |

(P1pR@eA+HAA mais hoje...| **me considero** um pouco mais reservado com relação às questões políticas

o Sintego movimentou o Estado de Goiás inteiro . . . e . . . eu

(P1pI@hN+HAA **me tornei** é... filiado do Sintego, né?

(P1pR&iV+HAA uma equipe muito atuante de professores| e eu **me envolvi** diretamente nessa paralisação| de| de| de ir pras rádios| de dá entrevista| foi. . . uma viagem pra Ceres e

(P1pR%gN+HAA eu **me lembro** que nós fomos pra quadra do Colégio João XXIII | hoje o CEBI lá em Ceres e lá tava cheio de professores

levando proposta do governo e da Seduce para os professores| Itapuranga|

(P1pR%gN+HAA eu **me lembro** qu'eu viajei pra Ceres| pra algumas regionais qu'e a gente tem| a gente tinha trinta e oito na época, né?

eu. . . eu desconheço| é. . . assim bem próximo pessoas que| que. . .

(Ø5/I#rD+HAA Ø **suicidaram**, né?

tem muitas. . . pesquisas e. . . muito debate sobre a questão do suicídio|

(Ø3/I#rD+HAA se ele Ø **suicidô** ou se ele fez aquilo por mandado de Deus| o extermínio dos filisteus

**;30 dados**

### **;Inf.5: DVC-38HAM**

(P3pD%bA+HAM ah...| porque...| porque acho que. . .| **como se diz** é. . .| as coisas vão mudano, né? sempre. . . então eu acho também que

(P3pR&mA+HAM **se adequá** ao que...|não vamo sempre ficá naquela mesmice. . . | sabe assim. . .| eu acho que tem que. . .

(Ø1/R&gN+HAM foi... legal| num foi ...| foi bem| mais eu Ø **lembro** disso, sabe? meu pai minha mãe trabalha:no educação principalmente, sabe?

(P3pR%rN+HAM casado| **se casô. . .** bem. . .| sabe?| o menino...| novo| mais novo| bem mais nov qu'eu| tinha assim vinte sete| sei lá. . . | vinte seis| foi e amarrô| marrô pano| a esposa chegô| na hora que viu tava lá o menino| mais assim...| aqui direto tinha, sabe? { {narrando um caso de suicídio} }

**;04 dados**

### **;Inf. 6 – ICN-3ØMAA**

(P1pI@hV+MAA **me chamo** I., nasci e cresci aqui em Catalão...| é. . . na minha casa somos eu e minha mãe e tem meu irmão| só que ele não mora mais com a gente

| e eu gostava muito dela|



(P1pR%iN+MAA **me dava** muito bem na| na matéria| gen:te mais eu acho qu'eu tenho totalmente o perfil pra fazê| e aí eu fui| fiz o vestibular| passei| fui da primeira turma do curso aqui em Catalão

mays quando você vai pra fora dela| é outro universo| que

(P3pR#dV-MAA **se apresenta** aí a gente tem que

(P7pD&aV+MAA **se adaptá** ao que chega pra gente, né? E eu fui dar aula pra crianças| foi u'a experiência única|

(P1pR%rV+MAA eu **me dei** tão bem com as crianças qu'eu falei| gen:te:| nunca imaginei {{gesto de admiração}}| ai eu fui despertar essa criança interior qu'eu tinha| falei não| vou trazê ela para fora| porque ela precisa tá aqui| com essas crianças

(P1pR&gN+MAA |eu nunca **me esqueci** das crianças que ficavam pedindo dinheiro

e eu gostava muito da min'a professora de sociologia na escola| el'era uma. . . professora

(P1pR%rV+MAA fantástica| e eu gostava muito dela| **me dava** muito bem na| na matéria|

(P3pI@hV-MAA e aí depois **se tornou** o tema da minha. . .| monografia| através da minha experiência no PIBID| dum trabalho com o imaginário do cine:ma| dentro da escola

através do cinema| mais aí eu quero fazê um filme também|

(P1pR%gV+MAA então eu ficava **me martelando** isso| aí quando eu entrei. . .| fui mod| modelando meu projeto, né?

|todas as plantas tem um prana| qu'é energia vital| que todos nós seres temos|

(P7pD&aA+MAA então a gente **se alimenta** desse prana| então| a minha relação co'a| com o alimento. . .| ela é sagrada mesmo

| então a gente tem que

(P7pD#aA+MAA **se nutri** se você tá consciente| do que você

(P3pD@aA+MAA você tá **se nutrindo**. . .| a sua saúde é outra| então aí a gente. . .| levá consciência do qu'a gente tá comendo e trazê essa consciência também pra nosso alimento| então é u'a troca, né?

u'a planta que você acha que nunca era comestível ela é|

(P3pI@hA-MAA **se torna** um prato gosto:so. . .| então a gente tem que. . .| brincá| é u'a brincadeira| tem que sê leve. . .|

| a gente come muita açúcar também| muita coisa. . .| então se

(Ø7pD&aA+MAA a gente **Ø desvicia**. . .| a gente tem que des| habituar| desviciar o paladar. . .| do que vem. . .| dento dum pacote de plástico|a gente| a gente come cumida empacotada, né?

(Ø1/R%dV+MAA grave não| mas eu já. . .| Ø **machucava** demais!| ralava| caia| u'a vez esfolei o queixo| acho que foi um dos mais. . .| feios {{ininteligível}} qu'eu caí de cara no chão. . .| ai ficô tudo inchado| roxo

| hoje em dia eu lido melhor com isso| mais tranquila| porqu'eu também me ap|

(P1pR&fV+MAA **me. . . empoderei** mais do meu próprio corpo| de como

(P1pR&f+MAA **me defendê**| mays mesmo assim, né?



eu sei o momento assim| eu sinto| eu sô muito intuitiva| então. . . eu sinto o momento de  
(P1pR#fV+MAA falá| e de **me silenciar** também| então eu sô muito disponível. . .| sô ale:gre

(P3pD#hA+MAA e também o perigo também de você **se iludi**(Ø)| então tem que tê u'a harmonia, né? | entre o que é imaginado e o qu' é real|

no:ssa! eu amo música| amo dança. . .| gosto muito de teatro também|  
(P1pR%fV+MAA então sempre qu' eu vô **me diverti**| eu gosto muito de ir em shows| de música popular. . .|

então eu gosto muito de. . .| ir a shows| de. . . reunir amigos| porque eu tenho muitos amigos artistas| então sempre que a gente

(P6pR%tD+MAA **se reúne**| sai música| poesia| dança| é. . . performances

é mais democrático. . .| então arte. . .| como um todo| eu gosto de. . . também de. . .

(Ø1/R%tV+MAA meditar em grupo {{risos}}| sempre também Ø **reúno**| também faço parte de um grupo de práticas integrativas de saúde

gosto muito de reuni pessoas também pra gente. . .| cada um é. . .| levá um pouco da sua arte| que seja tocá um instrumento| cantá| ah eu num sei cantá {{imitando a voz de um terceiro, um suposto alguém}} | num sei dança|

(P3pR%tA+MAA não| mays a gente é um corpo que. . . que **se movimenta**

(P3pR%tA+MAA que **se mexê**| que

(P3pR&tA+MAA **se interage** então. . .|

minha mãe| por exemplo| é aposentada| pra ela foi difícil. . .| pará de trabalhá| mais ela nunca parô| ela sempre foi buscano otras ocupações, né?| mays hoje em dia ela viaja mais. . .| tem ter tempo pra

(P3eR&iD+MAA **dedicar-se** mais a si mesmo, né?|

a gente pod' estudá mais tempo. . .| porque os nossos pais tem o suporte material pra nos dar essa oportunidade de

(P7pR&iD+MAA **se dedicá** mais ao estudo| pós-graduação| sem o apoio da minha mãe| num teria feito

e é. . . dentro da nossa| a gente tá em outras lutas| pra que isso não

(P3pD&aA-MAA **se perca**, né? pra que não seja. . .| elitizado novamente. . .| então são lutas diferentes| então a gente colheu muitos frutos. . .| então a gente é fruto da| das outras gerações| então. . .| eu acho muito importante. . .| não sei como vai

(P3pD%aA-MAA **se configurá**(Ø) isso| é. . . legislativamente falan:do| questão de lei| se' a gente fô pensá na atualidade hoje| o vírus que a gente tá vivo hoje| o corona| uma pessoa| com um vírus| contaminô milhares de pessoas| se a gente fô pensá isso em ações positivas| de coisas boas| pequenas ações

(P5pI@hA-MAA **se tornam** multiplicadoras| que impactam mil| dezenas| centenas| milhares| milhões| bilhões de pessoas

as pequenas esferas nu'a só e

(P5pI@aA-MAA **se torna**(Ø) um corpo enor:me| cheio de células| nós somos células, né?

(P5pD#hA-MAA que **se multiplicam** umas morrem| nascem otras| então a gente é um corpo vivo e ativo| por isso que a gente tem que

(P6pD&aA+MAA **se nutri** de boas ações. . .| de bons livros| boas leituras. . .

com essas crises humanitárias| a gente percebe. . .| que não tem que tê fronteiras mays| a gente precisa realmente re|

(P7pD#aA+MAA se reorganizá|

(P7pD&aA+MAA se reconstitui| enquanto nação| enquanto nações, né? enquanto. . .| espécie também humana

(P3pD@fA+MAA é. . . essa questão da uni| de sê inútil. . .| de. . . de se achá igual a todo mundo. . .| ou de

(P3pD@f A+MAA se acha(Ø) só mais um| no meio da multidão. . .|

(P1pR%fA+MAA eu já me questionei| muitas vezes sobre isso. . .| já percebi| cara se'eu tirasse a minha vida. . .| o que ia acontecessê| qu'eu já pensei sobre isso. . .| em momentos de crises existenciais| de algumas tristezas que vêm| porque a gente fi|

(P7pD@eA+MAA se percebe| nesse meio| ou

(P7pD@eA+MAA se acha| muito insignificante| e o . . . capitalismo faz a gente

(P7pIe@eA+MAA se senti| insignificante| porque é u'a competição muito grande|

vejo o suicídio como um sintoma| ele é um sintoma| muito triste| extremamente triste| onde tem que se| tê esse tempo| e a questão do tempo do relógio| que suga. . .| e a gente vai só fazeno as coisas e não pára pra. . .|

(P7pD&eA+MAA se olhá| pra dentro de verdade|

(P6pD&eA+MAA se conectá| com outras. . .| com outros elementos

realmente são| políticas públicas| efetivas. . .| e a

(P7pD#eA+MAA gente se cuidá(Ø) mais. . .| é olhá(r) pro otro|

(P7pD&eA+MAA se olháØ| olhá (r) pro outro| e

(P7pD#eA+MAA todo mundo se cuidá| junto| e| esse auto cuidado, né? para além do corpo físico| mais também| preenche essas questões existenciais. . .|

**;48 dados**

### **;Inf. 7: JGP-33MAA**

eu sou muito inquieta| então eu acho que é um desafio e eu gosto de desafio| então. . .

(P1pI&tV+MAA me mudá| pra Araguari foi um desafio| eu fui ser gerente de uma loja de óculos {{risos}}| então mudança| pra mim| em todos os sentidos são coisas boas| eu acho que quando a gente tá p| parado demais| nada acontece muito| aí quando cê muda| as coisas

(Ø5/D#aV+MAA Ø mexem| assim. eu fui pra Araguari em 2ØØØ e... {{dúvida quanto ao ano}}| final de

(Ø1/I&tA+MAA 2Ø14 e fiquei lá até 2Ø19| comezinho de 2Ø19| Nossa!| aí eu Ø mudei| pra Catalão {{baixa o tom de voz}}| fiquei aqui em Catalão|

Olha, pra te falar a verdade, além de ser um sonho romântico, né? Europa {{risos}} é... e eu fui| eu fui pra lá em 2Ø18, fiquei um mês lá| visitei minha amiga e minha outra amiga

(Ø3pI%tV+MAA tinha Ø mudado| pra lá| fui pro casamento dela então assim| nossa

(P1pR%gV+MAA pra mim foi mágico| Paris assim. . .| perfeito| fiquei me imaginando morando lá, então

tem essa vontade| mas o que motiva também é questão de política assim| posso ser camareira, posso trabalhar de qualquer coisa que eu| enfim, que eu dê certo de trabalhar (P1pR%f V+MAA eu trabalho| não me importo| e ai vivenciar, né?|

(Ø1/R#rA+MAA meu sonho é Ø **casar**| então| tipo assim. . .| quero encontrar alguém que tenha os mesmos sonhos que eu e que tenha, sabe?| que leve um relacionamento a sério Muito difícil, assim. . .| eu não aceito e| não dá assim. . .| não dá| não consigo| e eu quero

(Ø1/R#rA+MAA Ø **casar**, sabe?| então eu já tenho 33 anos|

(Ø1pR#rA+MAA quero Ø **casar**| quero ter filhos| mays eu quero um companheiro

(Ø4/R#rV+MAA Nós duas Ø **formamos** juntas|

(P6pC%pV+MAA a gente **se conheceu** na graduação de

(P5pC%pD+MAA Ciências Sociais| os nossos pais já **se conheciam** a mãe dela e os meus pais já

(P5pC%pD+MAA **se conheciam**| e ai

(P6pC%pD+MAA a gente não **se conhecia**|

(P6pCr%D+MAA a gente **se conheceu** na graduação e aí nunca mais deixou de ser amiga

(Ø5/C%tD+MAA Sim| eles Ø **reúne**(Ø)| mays lá não é assim. . .| as pessoas são mais frias? são| mays quando faz amizade| é uma amizade mais sincera

(P5pC&pD+MAA eles não **se entregam** pra qualquer pessoa| mays eles criam aquele grupo de amigos e saem| fazem reunião em casa| tanto é| quando eu fui lá| fiquei com o pessoal da igreja, né?

Éh!| lá não tem| mays tem tanta coisa boa!| ai gente| tem aquele| como é que

(Ø3/I@hD-MAA Ø **chama**? que é um pão com carne| que tem até em São Paulo| que eles fazem aquela| aquele| que eles cortam aquela carne assim oh! { { gesticulação } } e coloca no pão| como é

(Ø3/I@hD-MAA Ø **chama** aquilo?

(Ø1/R%gD+MAA Não| tem um nome que| eu Ø **esqueci** o nome agora| tão| a carne vem tão gostosa no pão com aquele molho| ai gente que delícia!|

Sim, é: a gente| é muito autoconhecimento| cê entender o que desencadeia aquilo

(P1pR%fA+MAA |então eu vou **me estudando** o tempo todo, sabe?

| eu fiz o exame| eu tava sentindo muita dor| febre| pá pá pá. . .| aí fui na médica| ela

(Ø3/I@hD-MAA falou assim: | - “cê tá com?”| como é que Ø **chama**? mioma? ai, como é que fala? um tumor| ai ela não falou maligno|

então eu fui pra cirurgia com isso| na hora que eu acordasse| já podia tá sem tudo|

(Ø1/R&gV+MAA foi| aí eu Ø **lembro** de orar e pedir pra Deus assim. . .| que é uma cirurgia, né?

Ah! amorosa sempre, né?| Já tive decepção de amizade também| que eu

(P1pR%gV+MAA **me lembre** |as amorosas teve várias, né?

(P1pI#dV+MAA Então, assim, eu **me posicionava** igual todo mundo, muito pela internet, né?| Instagram, e eu tô até com uns projetos ai de trabalhar algumas coisas na rede social| não de forma combativa diretamente, mas informativa, sabe?

(P5Cp#pD+MAA Não tem como, né?| vocês vão **se machucar** demais!|

Então, eu acho que a I. deve ter falado as mesmas coisas talvez, a gente teve um amigo

(Ø3pI#rD +MAA que teve um amigo que Ø **suicidou** no| quando a gente fazia faculdade

(Ø3pI#rD+MAA foi| ele Ø **suicidou**| a gente nem desconfiava assim, né?| depois| eu não conheci pessoalmente| mays o pai da filha de uma amiga nossa  
(Ø3pI#Dr+MAA Ø **suicidou**|

(Ø3pI#rD+MAA então ela tem uma filha e o pai da filha Ø **suicidou**|

(Ø3pI#rD+MAA órfã de um pai que Ø **suicidou** e a nossa amiga passa por esse peso, né?| e era um cara que tinha vários problemas e não tava muito bem quando aconteceu e tal

(Ø3pI#rD+MAA ele quis Ø **suicidar** e ele disse que veio o pensamento do nada, que tava tudo ok

**;32 dados**

### **;Inf. 8 - LVC - 35MAM**

(Ø3I@hV-MAM tenho um filho. . . | eu trabalho num hotel que Ø **chama** Pousada Marra. . . |

(Ø1pI%tV+MAM Sim| eu **me mudei** quando

(Ø1pR&rV+MAM eu **me casei** com o pai do meu filho| e a gente não deu certo| o nosso relacionamento e eu continuei aqui por esses motivos também|

**;P:** na sua infância você acha que teve algum fato marcante assim| que você pudesse é. . . nos contar?

(P1pR%gV+MAM não| não que eu **me lembre** assim| era bem normal| nunca tive não

(P1pR&pV+MAM eu **me casei** em dois mil e nove| eu tinha| dezoito. . . acho que com dezanove anos| é| dezanove anos| aí eu

(Ø1R#pV+MAM Ø **casei** porque eu tava grávida|as coisas mudam muito| eu fiquei casada cinco anos|

(P1pR&rV+MAM aí eu **me separei**

(P6pC&pV+MAM a gente **se separou**| num deu certo|

eu conclui o ensino médio e quand'eu estava aqui em Catalão| quand'eu

(P1pI&tV+MAM **me mudei** pra Catalão eu comecei a fazê administração| fez o antigo Sesuque| eu fiz dois anos e meio| e p| tive que pará porque a situação financeira e tal. . .

o terceiro ano| eu concluí| dois mil e sete foi| faltava uns dois anos pr'eu

(P1pR#rV+MAM **mim (me) casá**| eu já tinha concluído já|

(P1pR%cA+MAM eu acho qu'**eu me alimento** bem sim|

acidente até que não| só tipo assim. . . | é. . . | as vezes já deixei a moto tombá mays não|

(P1pR%rV+MAM nem cheguei **me machucá**. . . | graças a Deus| nunca tive um acidente sério não|

(P1pR@eA+MAM eu sô bem discreta| eu sô| eu **me acho** simpá:tica| converso com todos| acho que as pessoas fariam isso. . .

**P:** mas assim| você se considera uma pessoa envolvida ou não envolvida na politica

(P1pR&rV+MAM não sô envolvida não| não sô| não **me envolvo** não.

semana passada| um rapaiz conhecido aqui em Catalão também| ele. . . | rapaz lindo tamei  
(P3pR#rV+MAM com a vida intera pela frente. . . | acordou e. . . enf| **se enforçô**(u) e. . . num  
tem mais jeito

**;15 dados**

**;Inf. 9 = AMN-64MCM**

(P1pR&rV+MCM eu. . . eu já **me habituei**. . . | gostá:va muito e agora. . .

(P1pI@rV+MCM (a mim me) **Ø parece** qu'eu preciso saí de Catalão

nós precisamos de mudar constantemente| não só por mim e pelos meus filhos| mays por todas  
as pessoas do Brasil e do mundo| **nós** temos que

(Ø4/D&aA+MCM **Ø adequá** a tudo isso!| olha o meio ambiente...|

as vez eu durmo até quatro até cinco até seis| mas geralmente eu fico na cama até sete  
(Ø1/R#mV+MCM e meia oito horas . . . devido as minhas dores | **Ø levanto. . .** faço um  
cafezin. .

se tivê limpado a casa no dia anterior| eu vô e

(Ø1/R#mV+MCM **Ø deito** novamente| inclusive nos dias frios

(P1pI&gV+MCM mesmo eu preocupada com o mundo lá fora| porque eu **me preocupo**

(Ø1/R&gV+MCM eu não **Ø lembro** de nunca eu tê levado nenhuma penca de banana o um pé  
de alface| mas às vezes é porque é tant| tantas coisas na cabeça qu'eu num

(Ø1/R%gV+MCM **Ø lembro**, né? mays eu não

(Ø1/R%gV+MCM **Ø lembro** | mays eu ficava tâ:o feliz {{ênfase}} com'o dinheiro pra levá  
pra comprá(r) aquilo que precisava, né?

quand' a gente morava lá em baxo| é. . . não tinha pão. . . | na época| depois que a gente

(Ø6/I&tV+MCM **Ø mudô**| quase antes da gente vim| em setenta e dois| eu acho que in setenta  
apareceu u'a padaria lá| um paderin com u'a portinha

(Ø4/I&tV+MCM eu estou com 64 anos| e, . . nós **Ø mudamos** em 72| eu acho qu'era 13 a 15  
anos| 13 'anos| então?

(Ø1/R&gV+MCM sim| eu **Ø lembro** disso diretin!|

uma vitória| isso já é uma riqueza| foi difícil? Foi| e'a gent' num aduicia não| eu não

(Ø1/R%gV+MCM **Ø lembro** qu'a gent' aduicia porque se dava u'a diarréia| ou uma gripe|  
tinha tudo ali no quintal . . .|

eu nem sei o que hoje essa doença| então . . .| aí tivero que

(Ø5/I&tV+MCM **Ø mudá**| pegaro um terreno que'a prefeitura doô| bem no pé da serra e. . .  
| onde ali plantava mandioca| batata doce| tinha o pé de ginipapo| pé de ingá

mays ele foi obrigado a vim pra cidade pra trabalhá| com os ricos| ond'ele trabalhava|

(P3pR#rD+MCM se matava| no açogue e| pra ganhá (r) um quilo de carne pra levá (r) pra gente| todos os dias| ele trabalhava em troca| e garimpava lá no ri

(Ø1/R#gD+MCM tinha um chifrinho assim| um pedacin de osso| sempre eu Ø lembro| de'u fica balançano| sempre tinha xibiu. . .| diamante maior| mays meu pai nunca teve dinheiro pra fazê u'a| u'a casa

arrumei esse trabalho aqui na prefeitura| porque eu sempre tive muita facilidade in|

(Ø1/R%iV+MCM Ø comunicá

(Ø5/I&tV+MCM Quando Ø mudamos pra cá. . . | lá in Três Rancho nunca namorei não| eu tinha quinze anos| minha mãe era tão brava| a gente vivia| um olhando o outro |gente vivia sobre o domínio da mãe| meu pai era muito passivo| ele deixava ela Ø educá| e dos irmãos| porque nós éramos bonitas

(Ø5/R&tV+MCM eu deveria ter Ø embrenhado no mato| enfrentado a onça| do que tê entrado lá|

(Ø1/R%gV+MCM não Ø lembrava . . . | minha vida sempre foi muito loca de| muita gente.

(Ø3/R%uD+MCM acho qu'ele Ø escondeu| qu'ele tava namorand| que tava namorando| no casamento| bem próximo dessa data qu'eles. . . |

(Ø5/C%pD+MCM Ø encontraram|

(Ø4pC%pV+MCM que nós hos encontramos, né? nós quatro

(Ø3/I&tD+MCM {{ele}} Ø mudô pra| Uruana| onde a mãe morava| com outro senhorzinho, né?

ele pediu pra entrá na Justiça| porque ele tava morando co'a mãe da filha dele agora|

(Ø3pI@hD+MCM uma menina qu'ele criô| Ø chama . . . |

(Ø3pI@hD+MCM como é que ela Ø chama?| Camila| uma menina incrível, sabe?

(Ø3pI%gD+MCM eu num pensava que ele pensava e Ø preocupava que tinha que pagá pensão|- meu filho . . . na época ele'ra jovem como você| que até agora ainda é| mantido pela mãe . . . |

(Ø1pR#rD+MCM Ø colocá(Ø) no lugar dele!| {{a mãe falando para o filho}}|

(Ø3pR#rD+MCM onde ele Ø situô(u)| conheceu uma mulher lá| de Araguari. . . |

(Ø5pC#pD+MCM num sei se era goiana| mays foi lá in Uruana| Ø casaram|

(Ø5pC#pD+MCM o Ø amasiaram| num sei| tiveram essa filha que deu pra ele a

(Ø3pR&tD+MCM oportunidade da paternidade| onde ele tenta Ø aproximá dos meninos

(Ø5pC&pD+MCM mays já Ø encontraram duas vezes in Goiânia| depois disso|

às vezes eu me acho até estúpida| com a educação deles| porque eu quero que eles

(Ø1/R%gV+MCM sejam. . . | aí eu Ø esqueço qu'eu fui jovem|

(P1pR&nV+MCM mays e deveria ter me colocado lá naquela idade qu'eu já passei|

(P6pD&nV+MCM mays a gente não consegue| se colocá| meu Deus? . . . |

(Ø1/R%gV+MCM eu escolhi Geografia| passei no primero| primero o quê? Ø esqueci|

(Ø1/R&rV+MCM já primera fase| depois eu fui pra Salvador| não Ø dediquei não consegui| na segunda fase devido a| o tempo de serviço| eu poderia optar es|

(Ø1/R%iV+MCM Ø aposentá| ou . . . continuá trabalho| porque tava na| tem a| a lei que ampara, né? eu tinha que meu salário

(Ø1/R%iV+MCM |trabalhando fora| ou . . . |Ø aposentando|

(Ø1/R%iV+MCM E melhorô| ond'eu tive que Ø **aposentá**| e com a aposentadoria| eu perdi a bolsa

porque essas dores qu'eu tenho | é. . . de artrose| artrite eu tem tempo de| tomá um  
(Ø1/R#tV+MCM analgésico| ou não tomar| deitar| parar de doer| eu Ø **levanto** pra fazê outra coisa. . . |

(Ø6/I&tV+MCM |quando eu era novinha| quando a gente Ø **mudô** pra cá| saiu aqueles| aquelas botinhas de isquei-te num é? | é esqueite

eu tinha um carocinho aqui| eu até fiz| no nariz| pra. . . | retirá| foi  
(Ø1/R%gV+MCM Ø **esqueci** rinoplastia qu'eu fiz

**;44 dados**

### **;Inf.1Ø - SMC-51A+MCA**

(P1pI@hV+MCA Óh! eu **me chamo** S M, nasci em Catalão| morei a vida toda aqui

(Ø1/R#rV+MCA Eu| eu resolvi Ø **casar** já com trinta e sete anos|

(P1pR&gV+MCA Eu acho que| eu não **me arrependo**, ele tá com nove anos, mas eu falo que ano que vem eu vou voltar e talvez eu atue na área da| sei lá vamos ver né

quando eu saio do meu lugar comum pra algo novo| também

(Ø1/R%gV+MCA eu Ø **esqueço** aquilo que deixei pra trás.

(Ø1/R#tV+MCA Tenho | Ø **levanto**| faço café da manhã e a| a faço tarefa com o M, a minha rotina agora é essa né?

(Ø1/R#tV+MCA eu vinha pra Catalão num ônibus| Ø **levantava** cinco horas da manhã e vinha estudar aqui| mas eu morei lá até| a quarta| na época| era naquela época a gente falava era quarto ano primário né?

(Ø5/R%pD+MCA É porque o meu avô tinha uma fazenda| os filhos foram Ø **casando** e morando nessa própria fazenda

(Ø4/I&tV+MCA |Foi dezessete anos praticamente| todos nós Ø **mudamos** ao mesmo tempo pra cidade porque a gente| nós viemos estudar

(P1pR#dV+MCA Tanto que| eu quando| eu| **me engravidei**| eu tava fazendo ali os exames pra

(Ø1pR#dV+MCA ver se| se tava tudo legal pra Ø **engravidar**| porque eu planejei isso, né?

(Ø1pR#dV+MCA Não Ø **engravidei** de| e aí eu fiz uma ultrassom

(Ø1/R#dV+MCA Eu Ø **engravidei** com quarenta anos e tive uma gravidez super tranquila que não é. . .

O meu irmão quebrou o braço uma vez| mays bem sentado| Ele foi



(Ø3/R#mV+MCA Ø levantar firmou no| no| um| tinha um sabugo| escorregou| ele quebrou assim óh!. . . |

(Ø3/D@aD+MCA então cê tem que Ø conformar com isso| se hoje eu tô muito melhor do que eu tava na infância| e eu sou feliz com o que eu tenho agora|

então não adianta| e pra ficar lá| sentado| do jeito que é| não pode

(Ø3/R#mD+MCA Ø levantar de cá| da cadeira| não pode interagir com o coleguinha| não tem éh! . . . intervalo| não pode brincar| é melhor ficar em casa|

olha o luto já passou: - até psicologia aceita um luto| no máximo dois anos| agora é vida

(Ø3/D%aA+MCA pra frente| nada vai trazê ela de volta| e ficar Ø lamentando e tomando tarja preta| não vai adiantar nada|

(Ø7/D%aA+MCA quanto mais rápido a gente Ø conformar com isso| melhor é pra gente que ficou vivo

É aí ela| ela fica é claro| mays não tá idoso e só ele não vai melhorando não| ele vai

(Ø3/D&fA+MCA piorando| o quadro é esse| tem que Ø conformar

(Ø3/D&aA+MCA Ø esquecê até as maldades que ele fez| esse tá só|

Quem| quem faz o bem| o bem que ele fez| fica| e sempre você vai

(Ø3/D&aA+MCA Ø lembrar dele com carinho| quem fez o mal quem foi maldoso não vai ser lembrado de nenhum momento

Boa| pela bondade. Agora cê pode escolher| aí um dos seus conhecido um que foi muito

(Ø3/D&aA+MCA ruim| se alguém Ø lembrá dele

(Ø3/D&aA+MCA Não Ø lembra

(Ø6/D&aA+MCA Graças a Deus| a gente Ø esquece da maldade

Olha| na verdade assim...até| na minha família| na família da minha mãe tem| tem casos

(Ø3/I#rD+MCA de| . . .é tem um| é Ø suicidou| o pai|

(Ø3pI#rD+MCA depois Ø suicidou o filho

(Ø3/I#rD+MCA E tem um| um tio deles também que Ø suicidou. Todos morreram de suicídios em momentos diferentes| mays foram, sabe?

(Ø1/I%gD+MCA Tem uma palavra que eles fala(m) que agora eu Ø esqueci como que funciona

;27 dados

### ;Inf.11 - CAGB- 58A+MCB

(Ø4/C#pV+MCB nós namorô um ano e nós Ø casou(amos)| e nós ficou nesse pedaço aqui já tem, trinta e um| trinta e três anos nós é casado

(Ø1/R#rV+MCB Uai, depois que eu Ø casei eu não trabaiei mais, acompanhava ele, ele trabaia de pedreiro, sempre nós ia pras roça, acampava nas roça| pescava demais { {risos} }



Mays e eu gosto de Catalão |assim uma| uma coisa que eu num assim num gosto muito é  
(P1pR&rV+MCB época de política eu num **me envolvo** muito com política assim não

(Ø1/R#Rv+MCB Trinta e três. Eu Ø **casei** dia vinte| dia doze de fevereiro de mil novecentos e oitenta e nove| Muita coisa, né

(Ø1/R%rV+MCB aí eu entrei em coma| fiquei dezesseis dias lá pra Ø **recuperar**|

(Ø1/R%rV+MCB eu Ø **recuperei**| aí hora que eu sai fiz tratamento com neuro seis mês| tomei fic| fiquei sequinha igual um graveto { {risos} }

Eu acho que na hora que eu peguei no hospital pela conta que eles faz| que o sintoma

(Ø3/R%rV-MCB Ø **manifesta** depois de dois dia| nós tinha ido no São Nicolau  
E aí chegando na Santa Casa| ele tava ruim demais| com água no pulmão| eles fez o exame dele de Covid| de sangue não tinha dado nada e aí| os parece que eles não

(Ø5/I&eV+MCB Ø **conformou**(Ø) pediu do contonete| o do contonete deu positivo

Aí a Ana ligava lá pra amiga dela que trabalhava lá| a Ana também tomou frente| eu só  
(Ø1/R#rV+MCB aqui fechada, né? | Porque eu Ø **isolei**| que eu dei também, né?

(Ø1/R%eV+MCB Aí eu fui Ø **conformando** e quando foi no quinto dia| a irmã Roseli falou “-  
C põe na mão de Deus irmã| Deus vai fazer o que for melhor pra ele”

(Ø1/R#m+VMCB e eu não dava conta de Ø **ajoelhar** pra orar não| não dava conta| eu orava deitado

(Ø1/R%eV+MCB E aí eu fui Ø **conformando**| aí eu parei de chorar, sabe?

eu já falei pra ele| eu não aguento a fraqueza que me deu que eu fico eu| tô fraca ainda|  
(Ø1/R#mV+MCB daquele no mercado me dá tremedeira| eu tenho que Ø **sentá**| respirá fundo

**;13 dados**

### **;Inf.12 - CC- 45HAB**

(Ø1/I&tV+HAB Moro aqui já desde que| eu nasci desde| não Ø **mudei** pra lugar nenhum| só

(Ø1/I&tV+HAB Ø **mudei** dum bairro para o outro

(Ø1/I&tV+HAB Não| só Ø **mudei** dum bairro pro outro que aconteceu com um fato entre a família e nós teve de

(Ø5/I&tV+HAB Ø **mudar** de uma bairro para o outro

(Ø5/I&tV+HAB aí nós teve de Ø **mudar** de um bairro para outro

Não foi bão os trem| era mais diferente| quase não tinha violência na época| cê podia sair

(Ø3/D&mV+HAB com os amigos| Ø **sentava** em alguma praça

(Ø3/D%tV+HAB Vai pro outro| pra todos lado| fica mais andando| Ø **movimentando** demais!

(Ø3/R#rD+HAB Ela Ø **machucou**?

(Ø1/R%gV+HAB Ah sim! | igual eu Ø **esqueço** né? assim não tenho muitas lembranças

(Ø1/R#rV+HAB Uai, eu Ø **divirto** | eu gosto de futebol | esses trem | vai pro campo | faz parte muito aí da liga | esses trem. . .

Que eles põe muito na cabeça por isso que dá muito suicídio no Brasil hoje em dia |

(Ø3/D&gD+HAB Ou | o cara Ø **preocupa** com o trem | chega fala: “- eu não tenho dinheiro pra aquilo eu não tenho um trem pra quilo”.

(Ø1/R%gV+HAB Eu vi | eu Ø **lembro** | Tinha até o | até no morrinho | ali eles colocou as luz das cor toda

; 12 dados

### ;Inf. 13 - AMGS - 54A+MCM

(Ø1/R#rV+MCM Aí depois que eu Ø **casei** | que eu saí de lá

(Ø1/R#rV+MCM É eu só saí de lá porque eu Ø **casei** né? Aí eu

(Ø1/R#rV+MCM Ø **casei** e

(Ø1/I&mV+MCM Ø **mudei** né? E eu continuei trabalhando

(Ø1/R#mV+MCM Ah! eu Ø **levanto** cedo | vou pro trabalho. . .

(Ø1/R#mV+MCM Éh! Ø **levanto** umas seis e pra ajeitar pra descer, né?

(Ø3/D\$bV+MCM Não | lá era | como Ø **diz** minha mãe | ia pro | eu que tinha que fazer comida, né?

(Ø1/R#rV+MCM Ø **Casei**

(Ø1/R#rV+MCM Ah! eu Ø **casei** | mays

(Ø1/R#rV+MCM Ø **separei**, né? | Não deu certo não!

(P1pR#rV+MCM Não | tem oito anos que eu **me separei**

(Ø1/R#mV+MCM então assim | Ø **levantava** cedo | se eu tinha que trabalhar |

(Ø1/R#mV+MCM eu | Ø **levantava** cinco horas da manhã pra estudar pra mim né?

e sabe que as pessoa antiga | achava que vinha pra cá a gente nova e ia

(Ø6/R&mV+MCM Ø **desviá** e acontecer qualquer coisa, né?

(P1pR#rV+MCM não tinha um pai | não tinha uma mãe | como é que ia eu ia **me sustentar** na escola?

Ah! não tem condição | não vou largá meu emprego | porque como é que vai (vou)

(P1pR#rV+MCM **me sustentá**?

É mais difícil | eu peguei e levei num | passei não | assim foi bem | bem não deu pra

(Ø1/I&rV+MCM mim (eu) Ø **classificar** |

(Ø1/I&rV+MCM igual eu Ø **classifiquei** |

(Ø1/I&rV+MCM Ø **classifiquei** | mays não foi igual a primeira

Não | eu se eu tivesse desde o início que eu comecei a trabalha | eu já tinha

(Ø1/R#iV+MCM Ø **aposentado** há muito tempo |

Agora não| por causa da minha idade mudou muito, né? E a minha idade que eu era pra  
(Ø1/R#iV+MCM Ø **aposentar** tem que ser com sessenta e dois anos. Sessenta e dois.

Éh! porque se eu tivesse é| trabalhado desde o início com a| com a carteira assinada| já  
(Ø1/R#iV+MCM tava| já **tinha** Ø **aposentado** há muito tempo

(Ø1/R#iV+MCM a mulher era aposentada e eu já **tinha** Ø **aposentado**, né?

(Ø3/R#iA+MCM Senão Ø **aposenta** mais| Aí agora se num| num| num se o cê num| num|  
num tive|

(P3pR#iA+MCM num tem como **se aposentar**

(Ø3/R#iA+MCM ou se não| ir pa u'a fazenda. . . | pa u'a roça. . . | que aí Ø **aposenta**

(Ø3/R#iA+MCM Rural aí Ø **aposenta**

(Ø3/R#iA+MCM Pra Ø **aposentar** né?

(Ø1/R&rV+MCM É oh!| a| a minha glicemia um pouco alta já| Se eu não Ø **cuidar** pode virá  
{ {diabetes} }

(Ø3/R&rA+MCM um diabete né?| sempre tem que Ø **cuidar**, né?

(P1pR&rD+MCM Que ele era especial| por isso que eu **me apeguei** demais com ele, sabe?

(Ø1/R&gD+MCM aí eu falei: “- não| é fazer assim| de quando que eu Ø **lembrá** dele| que vim  
aquela coisa ruim| aquela vontade de chorá

(Ø1/R&gD+MCM | Ø **alembrá** das coisa boa, né?

(Ø6/D%gD+MCM É porque a gente não Ø **esquece**| eles fala: “- ah a pessoa quando cê gosta  
daquela pessoa” | fala “ah! não! um ano, dois

(Ø6/D%gA+MCM ano| Ø **esquece**”|

(Ø6/D%gA+MCM Ø **esquece** não!

(Ø6/D%gA+MCM fica é cada vez pior porque cê| **cê vai** Ø **lembrando**|

essas lembranças vai sempre vai ter na memória da gente| nunca que’

(Ø7/D%gA+MCM a gente Ø **esquece**

(Ø1/R#rA+MCM Não| não| aí até Ø **casei** namorei muito tempo. . . mais já| já num| num  
queria tê o filho

(Ø1/R#rD+MCM (ela) Ø **Casou**|

(Ø1/R#rD+MCM aí, como ela Ø **casou** novinha| aí foi filho um ano| no outro já era assim| um  
em cima do outro

(Ø1/R#rA+MCM Porque se acontecesse alguma coisa ruim?| que Ø **engravidasse** os pai punha  
pra fora| Isso não aceitava dentro de casa| Os pais não aceitava não| eles punha pra fora

(Ø1/R%gV+MCM Aí eu Ø **lembro** o stop era caro né? aí e

(Ø1/R%gV+MCM eu Ø **lembro** que minha mãe| material de escola| esses trem assim. . . | ela  
não dava| não dava porque não tinha condição de dar né?

(Ø1/R&gD+MCM E não Ø **importava** também| Aí o que que eu fazia?

(Ø1/R#dV+MCM Aí o primeiro e quando fui| eu foi Ø **batizar**| eu não passei| Eu quase passei

Pouquinha coisa e minha mãe coitada ela não podia dar| eu que  
(P3pE%oV+MCM **se virava** assim. . . eu tinha o quê? Oito anos

(Ø1/R%gV+MCM Aí eu Ø **lembro** o stop era caro né? aí e eu

(Ø1/R%gV+MCM Ø **lembro** que minha mãe| material de escola esses trem assim| ela não dava. . .

**;49 dados**

**;Inf. 14 - CBM - 26HJB**

(Ø4pC%rD+HJB Éh! eu mays ela nois| Ø **dá** bem| ela é igual a vó| que as minha vó|  
(Ø4pC%rD+HJB morreu tudo né? Aí sobrou ela e|ela| nós **dá** (mos) certo

Aí a gente arruma umas coisas| e depois não dá certo| e fica só  
(Ø7/D%rV-HJB Ø **complicando**, né?

Não| mays não era igual hoje| Não era igual hoje| eu falo assim. . . | eu  
(Ø1/R&gD+HJB Ø **lembro** do meu pai falá, né?

(Ø1/R&gD+HJB é eu Ø **lembro** do meu pai falá| que nem| meu irmão| meu irmão comprô o lotinho dele| seiscentos reais na época

(Ø3/R%eA+HJB as pessoas não tá bem de vida| porque não sabe(m) Ø **controlá**| mays não era pra tá

(Ø3/R%eA+HJB muitas pessoa tá ruim de vida porque não sobe(m) Ø **controlá**  
(Ø3/R&gA+HJB antigamente os menino dava| eu não Ø **lembro** de menino com depressão na minha época|

(Ø1/R&gV+HJB vamos supor assim. . . | eu Ø **lembro** disso|

(Ø1/R%gV+HJB eu Ø **lembro** que tinha muita fartura

(Ø1/R&mV+HJB Aí eu Ø **deitei** lá em casa| lá na cama lá| aí na hora que eu acordei| tava cheio de sangue| aí tinha abrido| aí tava maior narquia

(Ø3pR&rD+HJB eu gostava muito do meu pai| Aí quando ele Ø **separou** da minha mãe eu tipo assim. . . | eu chorava::

(Ø3/C%pD+HJB aí nós| quando minha mãe Ø **separou** nós ficou lá| Aí eu fiquei com meu pai| aí eu num. . .

(Ø1/R%gV+HJB engraçado que quando eu fazia arte| eu nunca Ø **esqueço**| De vez em quando eu fazia uma arte perigosa tipo assim. . . | um trenzinho que nós ficava com medo deles briga

**P:** E é a neta dela?

(Ø3/R#rD+HJB |É| a menina já até Ø **casou** também

**;14 dados**

## ;Inf.15 - DEO-22MJM

Sempre foi em casa de irmão| uma parente| como nunca está  
 (P3pR&fV+MJM se importando muito com a gente, né?

(Ø3/R#rV+MJM Fica aí pra lá e pra cá| agora que eu Ø estabilizei depois que eu tive a neném

P: No aspecto geral você acha que hoje| sua vida está melhor do que foi na infância  
 (P3pR#oV-MJM Mil vezes| nem se compara| bem melhor agora

(Ø1/R%gV+MJM Hum! Ah! não ser a morte da minha mãe| nenhum pra Ø lembrar assim. . . |  
 nenhuma

Bom| aí com dez anos eu tive que ir dum dia pro outro| depois que eu perdi ela| tive que  
 (P3/R#dV+MJM Ø amadurecer| perder a infância|

(Ø3/R&rV+MJM algumas vezes já tentei ir atrás| mays sempre Ø nega a vê| a conversá

(P3pR%oA-MJM Nem se compara| eu acho que se perdesse um pai eu acho| não sei também|  
 que ele é vivo ainda| acho que um pai não dói tanto quanto a mãe

(Ø3/R%rV+MJM Eu era muito magrinha| desde quando eu Ø casei| tem um ano e meio que  
 a gente está junto| Eu engordei trinta quilos nesse um ano e meio

A alimentação bem saudável tipo assim. . . | longe de fritura| de doce| de refri| que tem  
 (Ø1pR%fV+MJM que eu me acabo quando posso {{ risos }}

(Ø1pR#mV+MJM Éh! Ø levantar bem mais cedo| que é o comum pra caminhar um pouquinho  
 ou senão ir caminhando do serviço pra cá| de cá pro serviço

Pra ver como eu tava bem quietinha pro desespero da minha mãe até hoje

(Ø1/R%gV+MJM eu Ø lembro um pouquinho só de'u gritando no hospital| dos ponto que  
 tava doendo

Dez anos acho que dos seis até os dez alguns relance tem não tem todos certinho| mays  
 (Ø1/R&gV+MJM nove dez anos. . . | Ø lembro bastante coisa que a gente fazia das brigas|  
 puxão de orelha

Apresentação| essas danças| essas coisas| apresentação de escola|

(Ø1/R%gV+MJM Ø lembro quando ela lia| essas coisas| eu achava bem| tenho muita lembrança  
 disso. . .

(Ø1/R&gV+MJM Dela assim eu Ø lembro algumas coisinhas que passou| agora |da voz dela  
 não| não sei| mais não consigo

(Ø1/R%gV+MJM Ø lembrar {risada}| não consigo ter essa.

eu acho que por ir trabalhando assim. . . | comecei a trabalhar|

(Ø1/R%bV+MJM Ø desenvolver mais como

(Ø1/R&rV+MJM Ø comunicar com as pessoas

(Ø3/R#mD+MJM acontece às vezes tá sentado na mesa com a pessoa|a pessoa Ø levantou| tá lá falando mal da pessoa| eu já olho assim tipo. . .

(P6pC%pD+MJM aí fui morar na |com ela| a gente nunca tinha se conhecido| mais ela foi e falou como ela também tinha uma vida difícil| queria me dar oportunidade

se ia algum| alguém que eu tivesse conhecendo| lá em casa eu tava chamando pra fazer  
(Ø1/R&rV+MJM alguma coisa| eu tava Ø insinuando

(Ø3/R#rD+MJM Não| custou Ø separar| { { se referindo à mãe } }

(Ø3/R#Rd+MJM acho que não Ø separou não tem nem três anos| continuou com eles porque tem outra filha fora do casamento com| com ele né?

Já tentei nove tentativas de suicídio| nove. . . e agora que eu não sei como eu consegui

(Ø1/I#rV+MJM Ø recuperar|

|antes pra mim eu fal| virava assim: “- eu quero morrer| eu quero morrer vou|

(Ø1pR#rV+MJM me matar| que isso vai

(Ø1pD%iV-MJM se acabar| esse trem vai acabar| tristeza”

;25 dados

### ;INF. 16 - FPR-5ØA+HCA:

Eu acho assim uma cidade que tem um dinamismo muito grande de crescimento| ela é

(Ø1/D#iA-HCA uma cidade assim. . . | até certo ponto tranquila hoje, né? De se morar|

(Ø1/I%rA+HCA E isso é mais fácil pra gente, né?| Porque assim| pelo menos eu Ø sinto bem com isso, né?

É assim. . . na condição naquela época eu| em noventa e seis| noventa e seis

(Ø1/R#rV+HCA eu Ø formei| eu fui pra lá em noventa e um

Porque eu terminei o ensino médio de oitenta e nove e eu fui morar junto com a Sandra,

(Ø1/R%rV+HCA né? Aí.. já fui Ø casando. Com dezoito, né?

(Ø3/D&aD+HCA E pra um curso como medicina pra | . . . pra você Ø dedicar| trabalhando| aquela coisa, né?

(Ø1pR&rD+HCA Que hoje ele só tá| se eu não me engano com três clínicas particulares na cidade| a minha tá no meio, as outras foram todas descredenciadas

É IPASGO acho que tem mais de dez anos que a gente| . . . nem

(Ø1/R&rV+HCA Ø descredencieei, eu só parei de atender. É muita burocracia pra pouca coisa

(P1pR#rV+HCA porque eu fui pedir voto, né?| Fui me apresentar e isso fez essa| eu fui debater sobre isso e perceber esse ponto, né?|

(Ø1/R&rV+HCA |Até porque pra eu Ø **candidatar** pra vereador a primeira coisa que vai fazer uma pós-graduação em gestão pública aqui na UFG na época...

(Ø3pD&rV+HCA a política não é só você Ø **candidatar** Não.

(Ø5pR&rD+HCA |Argumenta e no final eles Ø **decepciona**(m) mais do que eu| myas na verdade eles bem mais.

Lá na frente esse amigo meu foi e perdeu o partido| lá em Goiânia| nos bastidores aí

(Ø5/R&pD+HCA eles Ø **filiaram** e coligaram os dois partidos

(Ø3/R%rD+HCA Aí o que aconteceu? aí o nosso grupo Ø **dividiu** que ficou realmente pra candidatar

(P3eD&iD+HCA Hoje eu não sei a estatística| mays **fala-se** em torno de . . . vinte por cento dos votos conscientes| que a pessoa analisa realmente o candidato daqueles que votam, né?

(Ø3/R#rD+HCA Quando ele Ø **formou** ele foi pra lá. Ele é engenharia agrícola

**;15 dados**

### **;Inf. 17 - MHS–29HJM**

(Ø1/I&tV+HJM |Aí depois eu Ø **mudei** pra cidade| sempre morei aqui| cresci aqui é estudei aqui

(Ø5/R%rV+HJM Não é que eu| não é que nós| Ø **desfez** a pandemia separou nós né? e nós é cinco integrante

(P3pD%bD+HJM Né? aí passa fome. . . como **se diz**

Eu gosto de acordá mais cedo| sete| até oito no máximo eu já tô de pé sempre| meio que (Ø1/R&rV+HJM eu Ø **acostumei**, sabe?

|É dessa grossura óh! nada arrancava podia andá meio de ou| altas vezes pisava em um (Ø3/E%aD-HJM caco de vidro| o caco de vidro Ø **quebrava** e o peito| o trem não entrava no pé te juro era| era cascudo mesmo que é pé| pé de toddy mesmo| pé no chão

(Ø3/I&tD+HJM Sim| uai tem uma amiga minha de Ouvidor| que ela Ø **mudou** pra cá| ela é| ela tem quantos anos cê tem?

(Ø3/I&tD+HJM Ela ficou doida quando ela Ø **mudou** de Ouvidor

eu fui| criado em desatolar a vaca, sabe assim?| Tirá leite da vaca|

(Ø1/R&mV+HJM Ø **sentá** lá do lado do meu tio cinco horas da manhã| ele acordava|

(Ø1R&gV+HJM uma árvore lá:: era minha amiga desde infância| isso que eu Ø **esqueci** de falá| na minha infância| eu tinha uma amiga árvore {risos}

(Ø1/R&gD+HJM era um pau-brasil lindo| Ø **lembro** dele até hoje| grossão



Ah! eu vou te falá| tipo assim. . . eu vou te falá um. . .| óh!| eu  
 (Ø1/R&gV+HJM Ø esqueci de falá uma boa da nossa infância| que ela teve que| é tipo assim.

..

junta todo mundo da igreja da Pastoral Familiar| que  
 (Ø3/I@hD-HJM Ø chama um grupo de igreja aqui que  
 (Ø3/I@hD-HJM Ø chama Pastoral Familiar

(P5/R%rD-HJM aí assim. . . | eles pega coisa pra eles se ajuda(rem)

(Ø3/R&rD+HJM Ela tinha Ø separado o| a mãe dela  
 (Ø3/R&rD+HJM tinha Ø separado do pai dela  
 o outro menino que tava com nós também tinha dezesseis| eu era do meio e aí  
 (Ø1/R%gV+HJM eu Ø esqueci meu chinelo lá no tijolo| do lado da casa da muié

(Ø1/R#rV+HJM Ø Lâmiei tudo e te juro. . .

só tinha um caminho pra nós passá uma plantação de abacaxi| agora cê imagina como é  
 (Ø1/R%rV+HJM que eu passei lá descalço| Ø cortei todo|

aí ela meio que fica aqui| fica lá sabe?| Porque você sabe como é que é fia, né? É porque  
 (Ø3/R#rV+HJM ela Ø casou agora e fica. . .

(Ø1/R&rV+HJM aí hoje eu Ø alimento bem| eu como pouco eu não gosto de comer muito carboidrato

(P1pR&rV+HJM Eu vou te falar| eu me decepçiono muito| com as pessoa com o modo delas agir na sociedade pelo dinheiro| pela ambição|

o que destrói é o ser humano nessa Terra aqui e aí o ego dele é muito grande| então eu já  
 (Ø1/R&rV+HJM Ø acostumei com isso então eu num| num

(Ø1pR&rV+HJM Ø decepçiono mais porque ele não me|

(P3pD%bD+HJM como que se diz a palavra| eu não

(P1pR&gA+HJM me surpreendo mais o que ele faz de errado tendeu?

(Ø1/R&rV+HJM Ø decepçiono com isso| com maltrato o próximo| nem comigo não precisa ser não sabe?

(Ø1/R#iV+HJM Eu não gosto de ter patrão| então eu acho que eu não vou Ø aposentá | eu acho que eu vou fazer tipo meu vô| é aposentado não sei nem como que

(Ø3/R#iD+HJM ele Ø aposentou| o meu vô

(Ø3pR#iD+HJM Aí partir do documento né?| E é mais fácil de Ø aposentá né?

(Ø3/R#iD+HJM Eu acho que o meu| é cê falando capaz que meu vô Ø aposentou sim né?

(Ø3/D&rD+HJM Chega uma hora que cê vai Ø cansá

Esse negócio| esse jeito cai nessa água no Ribeirão Ouvidor que



(Ø3/I@hD-HJM Ø chama| aí cai tudo ali| aí por isso que eu  
 (Ø3/I&hA+HJM quero Ø mudá| daqui sabe?

**;34 dados**

**;Inf. 18: MMP- 6ØA+HCM:**

(Ø1/R#iV+HCM Não| eu parei de pagar INSS e aí não vou Ø aposentá

Não guardo muita lembrança| Aliás, nem gosto de  
 (Ø1/R&gV+HCM Ø lembrá| muito da minha infância, né?|

(Ø1/R#rV+HCM Eu tenho trinta e quatro anos de casado| Ø casei| com vinte e seis.

(Ø1/R#rV+HCM Éh! eu Ø casei| com vinte e seis.

(Ø1/R#mV+HCM eu| Ø levanto| por volta de seis, seis| seis e meia da manhã

(Ø3/D&aD+HCM Mays é cê vai. . . Ø decepcionando| demais!

mays hoje é|decepcionado assim. . . | é difícil cê apontá uma pessoa| falá e falá aquela pessoa|  
 cê confia naquela pessoa| você votaria nela, né? éh! a gente

(Ø7/D&aA+HCM Ø decepciona| muito com o ser humano| porque eu falo muito assim. . . que  
 a gente| às vezes você admira muito uma pessoa| até que passar a conhecê-la, né?

(Ø7/D&aA+HCM E:: a gente Ø decepciona| muito| igual eu falei

(Ø6/D&aA+HCM Ø decepciona| muito com o ser humano

(P1pR%rA+HCM de querer ajudá a pessoa e de me coloca(0) no lugar aqui da pessoa. sabe?

(Ø3pR&gA+HCM simplesmente vira as costas| Ø esquece| de tudo que'ocê fez

Tem| durante mais de vinte anos eu fui votariano depois por minha vontade mesmo

(Ø1/R&rV+HCM eu Ø desliguei| do grupo

**;12 dados**

**;Inf. 19 – FGR-3ØMAA**

(Ø1/R#mV+MAA Eu acordo umas seis e meia da manhã| Ø levanto| éh! tomo banho| organizo  
 as minhas coisas| é saio pra trabalhar|

(Ø1pR%rV+MAA me permito| ter um horário de almoço| de uma hora| uma hora e meia|

(Ø1p/R&rV+MAA Mas::|eu procuro Ø alimentar| bem| procuro cuidar bem da alimentação

(Ø1/I&rN+MAA Infância| já Ø **queimei** com ferro de passar roupa| a boca| o peito| a coxa

(P1pR@rA+MAA me **acho** uma pessoa leal| uma pessoa amiga, uma pessoa que gosta de cuidar do outro, do próximo

(P1pR&rV+MAA Eu acho que eu **me decepcionei** muito no mestrado {{risos}}

mays eu pago duas previdências privadas| da Caixa Econômica| tenho um seguro de vida|

(Ø1/R#rV+MAA caso eu Ø **machuque**|

Nossa! eu tô vivendo uma| uma situação, né?| Em que uma amiga perdeu o pai| ele

(Ø3/R#rN+MAA Ø **suicidou** domingo agora

**;08 dados**

**;Inf. 2Ø - LCR- 19HJM:**

(P1pI@hV+HJM É sou de Catalão| éh! **me chamo** L C R, tenho dezenove anos é e faço Letras

eu tô querendo trocar o curso porque eu acho que| eu não tô

(P1pR&rV+HJM **me adaptando**

(P1pR&rV+HJM eu não **me adaptei** entendeu?

**P:** Como é que foi a sua infância L?| Você poderia dizer que foi uma infância boa?

(P1pI&gV+HJM Foi boa| foi boa| tipo eu não **me lembro** de muita coisa

(Ø1/R%gV+HJM Mas eu não Ø **lembro** muito não {{risos}}| Mays acho que foi bom

(Ø1/R&rV+HJM aí eles deixaram eu com a minha vó| eu Ø **acostumei** lá| fiquei muito tempo.

(Ø1/R&rV+HJM Ø **desinteressei** porque não gosto de ir pra roça não

Mas não em alguns aspectos eu acho que o| a companhia só você mesma fica melhor| é

(P1pR&rA+HJM melhor se **se sobressai**| eu acho

(Ø1/R#rV+HJM Não Ø **formei** ainda| só fiz até o ensino médio| mas:: é pretendo que daqui uns quatro eu já finalizar quatro| cinco anos finalizar curso superior

(Ø1/R%g+HJM Tá lá em casa |eu Ø **esqueci**

Éh! ela vai não| casada| casada no papel não| mays tá tipo morando junto|

(Ø3/R#g+HJM mays vai Ø **casar** . . .

(P3pR#rD+HJM |se eu ficar dando espaço demais| aí a pessoa tem o direito **se abre**

(P3pR#gD+HJM **se sente** no direito de opinar né?

um fator bem responsável por isso é isso a família| acho que a gente tem que

(P3pD#aD+HJM **se comunicar** mais sabe

(P3pD&aD+HJM Eu| acho que::toda peessoa tinha que fazer:: tinha que **se consultar** no psicólogo, né?

**;15 dados**

**;Inf. 21 = LGNH-46HAM**

(P3pD%bD+HAM Isso| isso| Aí como **se diz**| eu fico muito é uns quatro dias| então eu tô direto na empresa, né?)

(Ø3/R&gV+HAM E Goiandira também e nós ficava nesse. . . eu Ø **lembro** muito de..de a gente da gente pegar o ônibus e ir e lá passa a linha de trem de ferro em Três Ranchos

(Ø1/R#iAV+HAM Pra quando Ø **aposentar**| ter alguma coisa| ter uma chácara| alguma coisa lá

Tem vinte| vai fazer vinte e dois anos| de casado| De casados| dois filhos, né?

(Ø1/R&gV+HAM | Ø **Esqueci** de falar . . .

(Ø1/I&fV+HAM Boa| Uma saúde boa| graças a Deus, viu| Bom| tem que Ø **queixar** de nada não

É..é um churrasco de vez em quando eu gosto de fazer alguma carne| alguma coisa assim| (P1pR&eV+HAM) pra **me divertir**| tomar uma ou duas cerveja

**;06 dados**

**;Inf. 22 - LMO-54A+HCB**

(P3pR&aV+HCB Tem que sabê **se virá**(Ø)| Aí já também já trabalhei com cachorro quente

**P:** Sabe qual é a diferença da sua geração com as gerações atuais, né? é isso!

(P3pR&oD+HCB **Se vira**! {{no sentido de que as gerações anteriores sabem se virar com alguma coisa}}

(Ø1/R#mN+HCB Quando eu comecei a trabalhar de leiteiro| foi oito anos| Ø **levantava**| saí daqui de Catalão três| quatro horas da manhã

(Ø3/D#rA+HCB E pra Ø **formá**(0) naquela época era só quem tinha dinheiro| quem ia estudar fora

(P3pR&Ao+HCB **Se virá**(0), sabe?

(P3pR&oA+HCB **Se virá**(0). . .

(Ø3/R&gD+HCB Quem Ø **lembra** do córgo do almoço?

Porque naquela época eles tomava água| os funcionário do frigorífico

(Ø5/R&mN+HCB Ø **sentava** lá na| nesse córrego lá| ali almoçava todo mundo

mays antes de tá esse preço horroroso aí ele já era muita verdura e peito de frango| **tem**  
(P3pR#rA+HCB que **se cuidá**(0).

(P3pE%rN+HCB Éh!| **vida** que **se segue**. Fila anda {{risos}}

A minha mulher trabalhou vinte e sete anos na mineração, era técnico em química|

(P3/R#iN+HCB Ø **aposentou** pegou o acerto de vinte e sete anos| emprestou pra uma mulher.  
Eu avisei, falei “não empresta esse dinheiro, ela tá quebrando. . .”

(Ø3/R#rN+HCB Eu tenho um tio. Eu não cheguei a conhecer não. **Ele suicidou** em

(Ø3/R#rN+HCB Anápolis. É o irmão da minha mãe...**suicidou**

**P:** e assim| então você é um cidadão que participa| mays não se envolve totalmente

(P1pR&rN+CHB Não| **me envolvo**| não

**;14 dados**

### **;Inf. 23 - LVPC – 21MJB**

(Ø1/R#rV+MJB Eu era casada| daí tem um mês que eu Ø **separei**| aí no momento eu tô morando com a minha mãe

**P:** ... é assim| da sua experiência de casamento| se fosse pra você aconselhar outra pessoa| como é que você diria?

(Ø5/R#rA+MJB pra não Ø **casar** {{risos}}

(Ø6/C#pV+MJB a gente já terminou| a gente já| já Ø **separou** uma vez| voltou e agora

(Ø6/C#pV+MJB Ø **separou** de novo| é cada pro seu lado. . .

(Ø3/C#rV+MJB Aí Ø **casou** ele| com ele ficou| com ele vinte e um anos| que é o meu padrasto

(Ø5/I&tV+MJB aí nós pegou e Ø **mudou** pra essa casa| aí depois disso ele nunca mais mexeu comigo

(Ø5/I&tV+MJB depois que nós Ø **mudou**| nunca mais mexeu comigo e minha mãe

(Ø5/I&tV+MJB Isso, aí::: minha mãe pegou e::: comprou a casa e nós Ø **mudou**

(Ø5/I&tV+MJB e depois que nós Ø **mudou** pra essa casa ele começava a maltratar nós| ele não gostava de nós

(Ø5pC%pN+MJB que quando eu saí lá fora mais minha mãe| os dois estava **se pegando** nos murro aí

e aí ela pegou e falou: “ - não você já está uma moça| você já tem sua casa| você

(Ø3pI&bN+MJB já tem seu trabalho| cê já pode muito bem **se virá**(Ø)”

(Ø5/C#pN+MJB deu uma casa pra cada um de nós e eles Ø **separou**(raram) o ano passado|

(Ø5/C#pN+MJB Ø separaram o ano passado e foi dito e certo|

(Ø3/R#rN+MJB Estão separados| Ele Ø casou| e minha mãe tá na dela {risos})

(P1pR#fV+MJB Aí eu sempre gosto de sair final de semana| me divertir

(Ø3/R#rN+MJB Éh! É igual a minha mãe| minha mãe Ø separou| minha mãe não para em Catalão final de semana

eu quero pensar mais em mim| quero porque eu sou um tipo de pessoa que eu

(P1pR&gA+MJB me preocupo muito com os outros

(Ø1/R&gA+MJB minha mãe sempre fala que isso aí é meu defeito| que eu Ø preocupo mais com os outros

(Ø6/R%rV+MJB Já| a gente Ø corta de vez em quando| mais é muito pouco

(Ø3/R%g+MJB Nunca vai Ø esquecer também| e é uma decepção pra| pela minha mãe| por ela ter ficado do lado dele eu penso pra mim que o L.| ele sempre foi o melhor que teve até hoje| porque ele é|

(Ø3pD%bD+MJB como se diz| ele é aquele que sempre esteve do lado de nós que é pobre| que sempre pensou no nosso lado

;21 dados

### ;Inf. 24 – MRG-53A+HCB

(Ø1/R#r+VHCB Aí é o seguinte| nossa vida foi assim| nós | eu Ø casei muito novo| a C. era mais madura do que eu| por isso que ela aguentou ficar comigo {risos}) eu bebia muito.

Tudo que eu fazia era pra droga| tudo| Tinha dia de manhã cedo que ela

(Ø3/R#mN+HCB Ø levantava pa coa o café| eu tinha vendido o bujão à noite

(Ø3/R&gD+HCB O R. não pode Ø acostumar a cair| você não anda mais nunca e não fala também mais não

(Ø1/R&dV+HCB tinha três anos que eu tava na igreja também| eu tinha Ø convertido.

(Ø1/R&mN+HCB Ele acabou de ler o testemunho e eu| Ø sentava na porta| Porque eu não aguentava muito barulheira lá atrás|

(Ø1/R&mV+HCB eu Ø levantei da cadeira de roda

e fui lá no altar e já falando| Eu costumo dizer que aquele culto não acabou até hoje

Esse senhor que adotei ele| ele morreu. . . de hemorragia[[ininteligível]]

(Ø3/R&gN+HCB cê Ø lembra? {{perguntou para a esposa}}

(Ø3/R&gN+HCB Ele chegou e Ø encostou num poste assim da área| um shortinho e uma camisetinha daquelas de manguinha curta assim

(Ø3/R&mN+HCB É| eu dou uma carona pro senhor até Catalão| ele jantou| Ø **sentou** num canto lá

(Ø1/R#mN+HCB Quando eu Ø **levantei** a área lá era uns trinta e dois metro de área assim| óh! com mesa e tudo que

(Ø1/R#mN+HCB eu Ø **levantei** cedo| que eu abri a porta eu olhei na área| minhas mesa| tudo arrumadinha

(Ø3/R&rN+HCB Ele veio pra Ø **despedir** de mim| passou um mês e pouquinho| morreu

(Ø1/R&rN+HCB deixava ele lá| tomava {{trecho ininteligível}} Ø **despedia** dele e vinha embora {{= eu me despedia dele}}

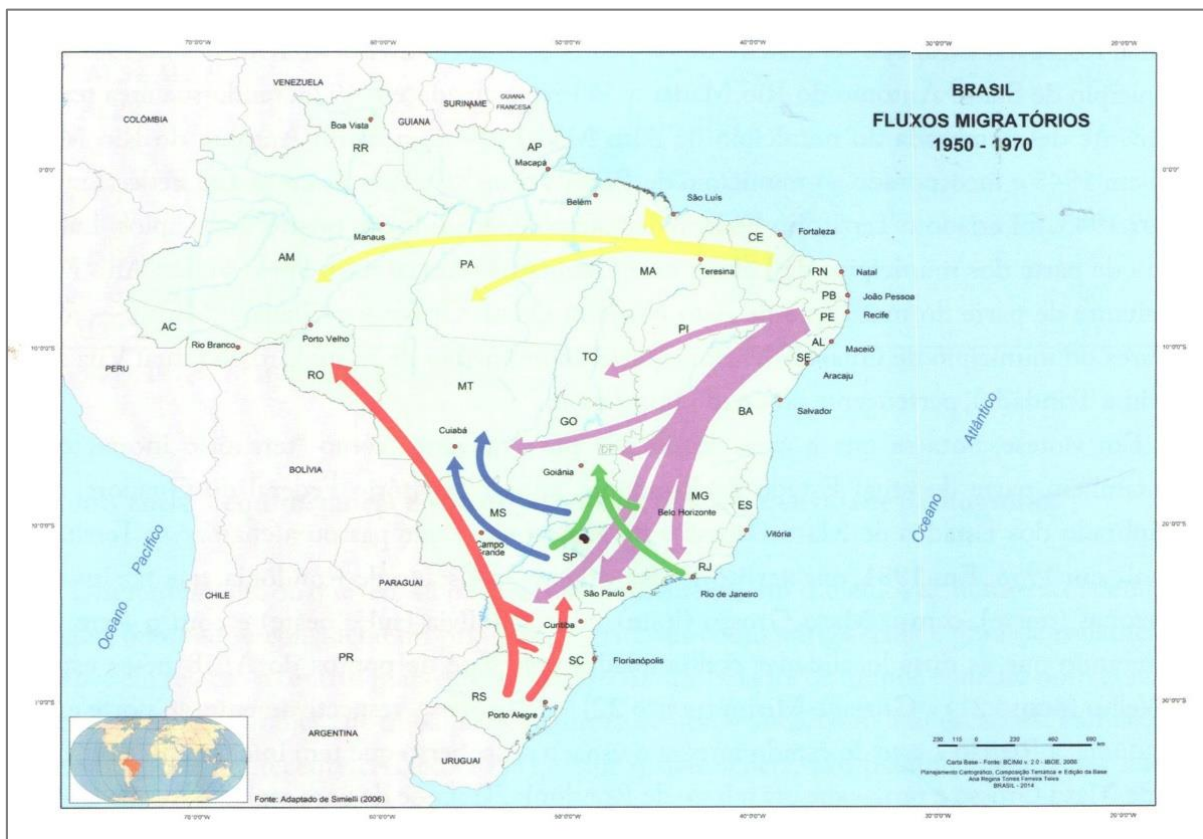
**;13 dados**

**;TOTAL: 528**

## ANEXOS

## ANEXO A:

Figura 1 – Principais fluxos migratórios no Brasil – 1950 a 1970



Fonte: Simielli (2006) – Adaptação de Ana Regina Teles (*apud* ISQUERDO; TELES, 2014, p. 50).



